



**Raphael Santos da Silva**

**Por dentro do Complexo Brexit: sentindo  
raça e classe nas imagens dominantes da  
Campanha do voto Leave**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Paula Orrico Sandrin

Rio de Janeiro  
Setembro de 2022



**Raphael Santos da Silva**

**Por dentro do Complexo Brexit:  
sentindo raça e classe nas imagens  
dominantes da Campanha do voto  
Leave**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Profa. Paula Orrico Sandrin**

Orientadora

Instituto de Relações Internacionais – PUC-RIO

**Prof. Paulo Henrique de Oliveira Chamon**

Instituto de Relações Internacionais – PUC-RIO

**Profa. Erica Simone de Almeida Resende**

Escola Superior de Guerra – ESG

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

## **Raphael Santos da Silva**

Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) em 2019. Seus interesses de pesquisas são o Brexit, o processo de integração da União Europeia, psicanálise, gênero, raça e afetos e emoções nas Relações Internacionais.

### Ficha Catalográfica

Silva, Raphael Santos da

Por dentro do Complexo Brexit : sentindo raça e classe nas imagens dominantes da Campanha do voto Leave / Raphael Santos da Silva ; orientadora: Paula Orrico Sandrin. – 2022.

189 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2022.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Brexit 3. Classismo. 4. Branquitude. 5. Racismo. 6. Apegos à nação. I. Sandrin, Paula Orrico. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD: 327

*Para minha avó Cléa Santos, que sempre acreditou e investiu em mim e nunca  
me deixou desistir.*

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Este trabalho, como fase final do Mestrado Acadêmico em Relações Internacionais, é resultado de um esforço coletivo de pessoas que batalharam por mim, que me dedicaram parte do seu tempo, que me deram suporte emocional e me assistiram na consolidação desse objetivo. Dedico-lhes, pois, esse espaço para oferecer os meus mais distinguidos votos de gratidão.

Em primeiro lugar, um agradecimento especial à minha família, por ter sempre acreditado no meu potencial, sobretudo à minha avó Cléa Silva, sem a qual nada disso seria possível, e a quem agradeço por todo o investimento e apoio na minha formação.

Em seguida, um profundo agradecimento a todos meus amigos, aos de longa data, aos que me acompanham quotidianamente, aos distantes fisicamente, mas sempre presentes e aos que ganhei durante o Mestrado. Merecem, assim, especial gratidão Mariana Camacho, Victor Bassi, Julia Rodrigues, Evelyn Penna e Renata Azeredo por estarem sempre disponíveis e dispostos a ler e escutar minhas teorias e análises e que me foram uma rede de apoio.

Agradeço, ainda, a todos da turma que entrou comigo em 2020 no Mestrado e às amigadas que construí durante esse percurso e pelas quais desenvolvi especiais carinho e apreço. Em especial, à Maria Thereza Dumas, com quem discuti as nossas respectivas pesquisas e compartilhei nossas vivências e experiências com o processo de fazer pós-graduação durante a pandemia.

Agradeço igualmente à PUC-RIO enquanto instituição pelo conhecimento adquirido durante esses dois difíceis anos de um mestrado realizado remotamente, tendo que seguir protocolos de distanciamento social perante as adversidades que a pandemia da Sars-Cov-2 nos apresentou. Em especial, um distinguido agradecimento à Prof. Paula Sandrin pela orientação no percurso que construiu esta Dissertação, pela sua dedicação e preocupação constantes com a excelência da pesquisa, pelo seu precioso tempo destinado a sanar todas as dúvidas surgidas no decorrer do processo investigativo. Ao Prof. Paulo Chamon pela leitura e valoração atentas do projeto de pesquisa e cujos comentários e reflexões muito me

ajudaram a enriquecer a escrita final desta Dissertação. À Prof. Erica Resende pela hora em ter aceitado o convite para compor a Banca desta Dissertação.

Agradeço também às minhas professoras da graduação no CEFET/RJ e orientadora no PIBIC, Prof. Úrsula Maruyama e Prof. Aline Trigo, que nutriram em mim a paixão que tenho pela área de pesquisa, pela oportunidade dos projetos de iniciação científica e pelos artigos e projetos posteriores.

Em suma, a todos Vocês, o meu mais distinguido e profundo agradecimento e reconhecimento, jamais conseguirei retribuir tudo isso que fizeram por mim.

## Resumo

SILVA, Raphael Santos da; SANDRIN, Paula Orrico (Orientadora). Por dentro do Complexo Brexit: sentindo raça e classe nas imagens dominantes da Campanha do voto Leave. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação busca compreender a mobilização, por parte de discursos a favor do Brexit, de imagens da cultura britânica, já carregadas de afetos, e as relações entre essas imagens, levando em consideração a categoria de raça. Tendo como aporte teórico os estudos sobre afetos e emoções nas Relações Internacionais e a recepção da psicanálise lacaniana nos estudos de política mundial, reflito sobre em que medida uma melancolia pós-colonial e um sentimento anti-imigração, ancorados no apego a determinadas versões da nação, atravessadas pela branquitude contribuíram para a decisão de parte da população de retirar o Reino Unido da União Europeia. Por meio da análise do discurso afetiva, examina-se a dimensão afetiva e simbólica dos discursos da Campanha do *Leave* no período de 2015 e 2016, ano do referendo. Reúnem-se, nessa análise, discursos de políticos apoiadores do Brexit e figuras e fotografias a fim de compreender mais atentamente o apelo emocional desses discursos e como essas emoções se associam a símbolos presentes no imaginário coletivo, por exemplo, a nação e o *National Health Service* (NHS). Argumenta-se que a Campanha do *Leave* conseguiu entender e canalizar melhor uma determinada atmosfera afetiva e teve um relevante papel político para direcionar emocionalmente segmentos da população que eram contrários à imigração. Espera-se a partir desta pesquisa contribuir para a área dos estudos de afetos e emoções em política mundial sobre o apelo emocional de discursos políticos e dos investimentos afetivos na nação além de apontar novas interpretações e investigações sobre o Brexit a partir de uma análise afetiva que leve em conta a persistência da categoria de raça.

### Palavras-chave:

Brexit, classismo, branquitude, racismo, apegos à nação.

## **Abstract**

SILVA, Raphael Santos da; SANDRIN, Paula Orrico (Advisor). Inside the Brexit Complex: feeling race and class in the dominant images of the vote Leave campaign. Master's Thesis – Institute of International Relations, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, 2022.

This master's thesis seeks to understand the mobilisation of images of British culture, which are already fraught with affections, in pro-Brexit discourses and the relations between these images, taking into account the category of race. Having as theoretical contribution the studies on affections and emotions in International Relations and the reception of Lacanian psychoanalysis in world politics studies, I reflect on the extent to which a postcolonial melancholy and an anti-immigration sentiment, anchored in the attachment to certain versions of the nation and crossed by whiteness, contributed to the decision of part of the population to withdraw the United Kingdom's from the European Union. Following an affective discourse analysis, I examine the affective and symbolic dimension of the Leave Campaign discourses in 2015 and 2016, the year of the referendum. I gather discourses made by Brexit-supporting politicians as well as pictures and photographs in order to more closely understand the emotional appeal of these discourses and how these emotions are associated with symbols present in the collective imaginary, for example, the nation and the National Health Service (NHS). I argue that the Leave Campaign played a relevant political role in emotionally directing segments of the population that were against immigration because this campaign was able to better understand and channel a particular affective atmosphere. I hope this research will contribute to the burgeoning field of affect and emotion studies in world politics regarding the emotional appeal of political discourses and affective investments in the nation, as well as point to new interpretations of Brexit through an affective analysis which takes into account the persistence of the category of race.

### **Keywords:**

Brexit, classism, whiteness, racism, attachments to the nation.

## Sumário

1. Introdução .....	12
2. O Complexo Brexit .....	26
2.1. Contextualizando o Brexit .....	27
2.2. Entendendo o perfil do voto <i>Leave</i> : um percurso pela literatura sobre o Brexit.....	31
2.3. Explicações dominantes sobre o Brexit: os ‘deixados para trás’ ...	38
2.3. Sentindo o ‘Complexo Brexit’: classe, raça e afetos. ....	45
2.4. Conclusão .....	66
3. A centralidade das emoções .....	68
3.1. Emoções, afetos e psicanálise nas Relações Internacionais.....	69
3.2. Discursos, investimentos afetivos e a representação do outro .....	79
3.3. Análise de Discurso Afetiva e estratégia de pesquisa .....	100
3.4. Conclusão .....	104
4. No turbilhão das emoções: sentindo a fantasia do Brexit.....	107
4.1. Projetando Medo: o voto <i>Remain</i> .....	107
4.2. Projetando Esperança: o voto <i>Leave</i> .....	116
4.3. Em busca do controle perdido .....	128
4.3.1. Nostalgia imperial.....	160
4.4. Conclusão .....	165
5. Considerações finais .....	168
6. Referências bibliográficas .....	177

## Lista de figuras

- Figura 1 – Comparação das regiões entre os votos *Leave* e *Remain*
- Figura 2 – Porcentagem de apoio ao voto *Leave*, nas principais regiões
- Figura 3 – Diferenças entre gerações no voto do Brexit
- Figura 4 – Recorte de classe no resultado do Brexit
- Figura 5 – O sul do Reino Unido também votou *Leave*
- Figura 6 – Recorte racial no voto do Brexit
- Figura 7 – Debate do Brexit na televisão ITV
- Figura 8 – O NHS enquanto signficante da Campanha do *Leave*
- Figura 9 – Print do filme ‘*Brexit : The Uncivil War*’
- Figura 10 – Print do filme ‘*Brexit: the uncivil war*’ 1h13min28
- Figura 11 – Cenário ideal da Campanha do *Leave* se os britânicos votassem para sair da EU
- Figura 12 – If we vote to stay in the EU
- Figura 13 – A Turquia tornar-se-á estado-membro da UE em pouco tempo
- Figura 14 – Representação dos imigrantes como imigrantes ilegais
- Figura 15 – Cartaz *Breaking Point*
- Figura 16 – Brexit: Dia da Independência, 23/06/2016

## **Abreviaturas e siglas**

EUA – Estados Unidos da América

NHS – *National Health Service*

UE – União Europeia

UKIP – *United Kingdom Independence Party*

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

BSE – Britain Strong in Europe

GO – Grassout Out

# 1 Introdução

Esta dissertação busca compreender a mobilização, por parte de discursos a favor do Brexit, de imagens da cultura britânica, já carregadas de afetos, e as relações entre essas imagens, levando em consideração a categoria de raça. Concomitantemente, analisa-se o apego de alguns segmentos da população britânica a imagens dominantes de povo britânico, socialmente construídas e reproduzidas, inclusive por discursos pró-Brexit.

A fim de entender o aspecto social e demográfico dessa construção é importante levar em consideração a categoria de raça a sua presença e influência nesse processo. Convém, além disso, considerar a ideia de classe. Contudo, ao contrário da categoria de raça, a noção de classe já se encontra explicitamente abordada nas explicações teóricas acerca do referendo do Brexit e nos discursos da campanha do voto *Leave*, uma vez que são diretamente evocados um sentimento antielitista, a construção polarizada da sociedade entre ‘nós’, o povo nacional, e ‘eles’, o outro antagonista que ameaça a vontade geral do povo e se coloca como um obstáculo ao povo britânico (MÜLLER, 2016). Especificamente, no caso do Brexit, diversos analistas, como Adam (2020), sublinham o ressentimento de ‘uma classe trabalhadora branca’ que não obteve os lucros prometidos pelo processo de globalização e se sentiu traída pela elite política tradicional.

Em virtude disso, esta pesquisa pretende também entender a articulação do conceito de classe trabalhadora branca na lógica dos discursos de apoio ao voto *Leave*. Busco, ainda, analisar a dimensão afetiva e simbólica desses discursos, que influenciam apegos à nação, certas formas de identificação e a construção da imagem dominante de povo britânico.

Tendo o processo de retirada do Reino Unido da União Europeia, comumente chamado de Brexit, como caso central desta pesquisa, pretendo ir além das explicações sobre o Brexit que se restringem a questões econômicas, financeiras e jurídico-institucionais. Dito de outro modo, a minha pesquisa problematiza e apresenta nuances de raça aos argumentos dominantes que explicam o fenômeno do Brexit como uma insatisfação com o processo de globalização econômica de uma parcela populacional deixada para trás, um

sentimento *anti-establishment* e uma manifestação do descontentamento com as leis comunitárias que ferem o princípio da supremacia do Parlamento e da Common Law, princípios caros para a cultura britânica. Argumentarei que o Brexit é, sim, em certa medida, resultado das décadas de primazia do neoliberalismo, em que houve significativas perdas materiais e simbólicas e consequências econômicas para grupos sociais, com a reconfiguração do trabalho e a desestruturação do Estado de bem-estar social. Ainda que minha pesquisa enfatize as perdas simbólicas do Brexit, eu não descarto as perdas materiais e penso que ambas se inter-relacionam.

Contudo, acredito que explicações sobre o Brexit negligenciam por vezes a força e influência das emoções e investimentos afetivos dos sujeitos em decisões políticas ao passo que reproduzem algumas premissas da filosofia racionalista que entende a identidade do sujeito como racional, transparente e coerente com as suas escolhas (MOUFFE, 2019). Sozinhas, elas são limitadas para compreender a dimensão simbólica e o apelo emocional que desempenha o discurso do Brexit, e determinada versão da nação e da imagem dominante de ‘povo britânico’ nesse mesmo discurso.

Logo, o apoio ao Brexit ganha força também a partir de importantes dimensões simbólicas e afetivas que merecem ser consideradas como, para citar um exemplo, o medo de uma potencial invasão por parte de determinados imigrantes que pedem demais da nação e contribuem pouco ou que não tem vínculos históricos, morais e familiares com ela. Esses são fatores que impulsionam os discursos pró-Brexit e que serão desenvolvidos ao longo desta pesquisa.

Ao basear-me no argumento de Stavrakakis (2007, p. 24) de que “[m]uitas vezes, os partidos populistas de direita são os únicos que tentam mobilizar paixões e construir formas coletivas de identificação”<sup>1</sup>, enfatizo a dimensão simbólica e afetiva dos discursos. Ao mesmo tempo, concordo com o pensamento de Mouffe (2019) de que a construção de identidades políticas requer sempre uma dimensão afetiva e, assim, um forte investimento libidinal, passível de ser orientado em diversas direções na promoção de uma vontade geral ou coletiva, conforme atesta

---

<sup>1</sup> No original, “[v]ery often, right-wing populist parties are the only ones that try to mobilise passions and to construct collective forms of identification” (STAVRAKAKIS, 2007, p. 24).

a psicanálise. Isso justifica a relevância de estudar emoções em análises de processos políticos contemporâneos e complexos.

Cabe frisar que, nesta pesquisa, eu entendo ‘afetos’ como sensações corporais não reflexivas que se situam num estado anterior ou posterior à consciência do sujeito (CLÉMENT; SANGAR, 2018) enquanto ‘emoções’ referem-se a experiências que têm componentes e implicações intersubjetivas e culturais, influenciando os processos de identificação de determinado sujeito ou grupo de sujeitos (AHMED, 2014). Emoções referem-se à identificação, ou melhor, representação dos afetos que passam a ser nomeados por meio das práticas linguísticas e dos significantes, termos linguísticos que tentam descrever esses afetos.

Metodologicamente, classifica-se a pesquisa como qualitativa e exploratória. O método utilizado é a análise de discurso afetiva, seguindo as etapas e critérios sugeridos por Koschut (2017, 2018a, 2018b). Acredito que esse método torna possível compreender a dimensão simbólica e afetiva das imagens construídas, que circulam entre grupos sociais, uma vez que é “através da sua inserção em práticas significativas discursivas-afetivas, envolvendo palavras, afetos e ações, que os agentes sociais adquirem formas de subjetividade” (MOUFFE, 2019, p. 115). Concordo com o posicionamento de Mouffe (2019) de que as “práticas discursivas” não se restringem à oralidade ou à escrita, mas comportam componentes linguísticos e afetivos que não podem ser dissociados. Por isso, que, nessas práticas discursivas, eu incluo a divulgação de imagens da campanha pró-Brexit e cenas do filme “Brexit: the Uncivil War” realizado em 2019 pela HBO.

Em paralelo, combino essa análise com a intertextualidade emocional (KOSCHUT, 2018a) e com a noção de construção de narrativas de Kleres (2011) e Ahmed (2014). Através dessa abordagem, torna-se possível analisar os discursos de modo mais profundo, uma vez que os discursos em apoio ao Brexit costumam assumir uma estrutura literária com elementos narrativos que, ao mesmo tempo, influenciam afetos e emoções e são guiados por eles como, por exemplo, a presença de heróis e de vilões, em que os sujeitos identificados como o povo britânico por excelência desempenham um papel de destaque, de protagonista nessa trama, enquanto a presença do outro, do vilão, é emocionalmente construída (*emotional othering*) como uma ameaça a ser combatida (AHMED, 2014).

Nesse viés, faz-se necessário compreender a importância das emoções, que dão o movimento à trama, para a composição dessa narrativa a fim de analisar o efeito político dos discursos em prol do Brexit. Logo, emoções como medo, amor, ansiedade, desgosto, dor e ódio circulam entre esses discursos e personagens à medida que são mobilizadas de diferentes formas e com distintos propósitos (AHMED, 2014); podemos refletir, portanto, de que modo amor, ódio, raiva e medo se mesclam politicamente nessa narrativa para sustentar a decisão de parte da população de retirar o Reino Unido da UE.

Os discursos selecionados para análise englobam tanto a dimensão verbal da linguagem, a partir dos discursos de políticos que defendem o Brexit e que foram importantes durante o período da Campanha do *Leave*, como Michael Gove<sup>2</sup> e, com maior destaque, Nigel Farage<sup>3</sup>, quanto a dimensão não verbal do discurso. Nessa última, enriqueço a análise com a coleta de imagens e fotografias a fim de compreender mais assertivamente o contexto do Brexit e a circulação, através dos significantes, de emoções entre diferentes registros discursivos, descrevendo determinada atmosfera afetiva e estudando a mobilização desses significantes, já saturados de afeto no imaginário coletivo (MANDELBAUM, 2020).

Com base nisso, eu busco entender em que medida uma melancolia pós-colonial e apego a símbolos nacionais, à nação como objeto de identificação priorizado e à branquitude contribuem para a decisão de parte da população de retirar o país da União Europeia.

Por significantes mestres, refiro-me, como veremos, a palavras, conceitos, termos privilegiados que se conectam a outras palavras e conceitos para ordenar e estruturar o campo do discurso (LACAN, 1985). Eles possibilitam a estabilidade temporária das identidades. Esses significantes são, em geral, explícitos já que tem essa função estruturante do sentido de um discurso; no entanto, conforme observo no caso do Brexit, branquitude e masculinidade são significantes mestres ocultos pelo fato de eles não são abertos e explicitamente evocados e defendidos nesses discursos populistas, mas a presença e influência deles podem ser

---

<sup>2</sup> Político do Partido Conservador e figura proeminente da campanha do *Leave*, que exercia, na época, o cargo de ministro da Justiça e Lorde Chanceler.

<sup>3</sup> Na época, líder político do UKIP (*United Kingdom Independence Party*). Eurocético, defensor da saída do Reino Unido da UE.

averiguadas por meio da análise de discurso afetiva e da contribuição da psicanálise lacaniana.

A minha hipótese é que os discursos proferidos em prol do Brexit tiveram um relevante papel político para direcionar emotivamente determinados segmentos da população, por exemplo, uma classe branca trabalhadora ressentida, que foi discursivamente construída pelos próprios discursos da Campanha do *Leave*. Dito de outro modo, a campanha a favor do voto *Leave*, antes do referendo de 2016, e os discursos pró-Brexit, em geral, conseguiram entender e canalizar melhor uma determinada atmosfera afetiva.

Diante disso, proponho-me a refletir sobre os seguintes problemas: por que esses discursos tiveram tanto apelo e ressonância em certos segmentos da população? Quem é interpelado por esse discurso, ou seja, quais os segmentos da população e grupos demográficos votaram a favor do Brexit? Quais emoções são mobilizadas nesse processo?

### **Justificativa e Relevância**

A motivação para esta Dissertação surge, primeiramente, de um interesse pessoal pelo tema, que fez parte, ainda que de modo perfunctório, do meu trabalho de conclusão de curso na graduação em 2018, no qual analisei o processo de integração da União Europeia. Em segundo lugar, surge de um incômodo com os discursos políticos em comemoração à vitória do voto *Leave* divulgados na imprensa britânica no cenário posterior ao referendo.

No dia 24 de junho de 2016, um dia após o referendo do Brexit, Nigel Farage defendeu aqueles que votaram pela retirada do Reino Unido da União Europeia como a vitória do “*real people*”, do verdadeiro e decente povo britânico: “atrevo-me a sonhar que o amanhecer está despontando num Reino Unido independente [...]. Esta será uma vitória para as pessoas reais, uma vitória para as pessoas comuns, uma vitória para as pessoas decentes”<sup>4</sup> (FARAGE, 2016).

Em contrapartida, quando se observa de perto o resultado percentual do referendo, apenas 51,9% votaram a favor da saída contra 48,1%, aqueles a favor

---

<sup>4</sup> No original, “I dare to dream that the dawn is breaking on an independent United Kingdom [...]. This will be a victory for real people, a victory for ordinary people, a victory for decent people”. FARAGE, Nigel. Let June 23 be the UK’s Independence Day. ITV NEWS, 24 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JOOm31Y0wAE> > Acesso em 05 set. 2022.

da permanência no bloco, o que evidencia, na realidade, uma votação apertada e uma polarização da sociedade britânica. Que ‘povo’ é esse a que Nigel Farage se refere, ou melhor, qual a construção discursiva de povo que é mobilizada por Farage e se encontra também presente na Campanha do *Leave*?

Além disso, o Reino Unido nunca deixou de ser uma nação soberana para alegar que o Brexit representava a sua independência da UE. Logo, eu queria entender o que estava implícito nesse pronunciamento de Farage, que está de fato relacionado com a Campanha do *Leave*.

Ao mesmo tempo, quando eu me voltava para as explicações sobre as condições de possibilidade da vitória do voto *Leave*, ainda em 2016, o argumento que rapidamente dominou a imprensa e, depois, a literatura era que o Brexit era o ressentimento de uma classe branca trabalhadora do norte da Inglaterra ‘deixada para trás’, pouco qualificada e pouco escolarizada, (GOODWIN; HEATH, 2016a, 2016b) por vezes tratada como perdedora da globalização.

Contudo, inquietava-me que, quando observávamos os discursos e slogans que se tornaram populares a favor do Brexit durante o período de campanha, encontrávamo-nos diante de mensagens incitando a retomar o controle, a libertar-se ou a tornar-se independente da UE, a buscar novamente uma grandeza e glória perdidas e, sobretudo, controlar a imigração a partir do recrudescimento da fronteira nacional do Reino Unido.

Por isso, tanto essa inquietação quanto a insatisfação com as explicações dominantes sobre o Brexit, que se baseavam sobremaneira em estatísticas, gráficos e dados econômicos foram emoções que me motivaram a trilhar o processo investigativo desta Dissertação. Havia, a meu ver, algo a mais nesses discursos, uma espécie de afetos e apegos a elementos nacionais, por exemplo, à fronteira britânica, por parte da população interpelada pelo termo ‘*real people*’ acima de Nigel Farage, que me provocava a mergulhar nesses discursos e tentar sentir e fazer sentido dessa atmosfera afetiva complexa.

Nesse viés, preocupo-me em compreender os motivos de o discurso pró-Brexit reverberar em alguns segmentos da população britânica de modo que isso conduziu ao apoio ao voto *Leave* mesmo quando havia análise e prospecções de experts mostrando evidências de um cenário econômico desfavorável e prejudicial a partir da retirada da União Europeia. Tendo em vista o cenário na época do referendo em 2016, Iandoli (2016, n.p) infere que era “quase um consenso entre

os especialistas de que, pelo menos no curto prazo, os britânicos passarão por uma recessão e o crescimento econômico será reduzido por alguns anos”, mas, a seu ver, a nostalgia e nacionalismo pesaram mais que a integração e o acesso ao mercado europeu.

Além disso, em março de 2016, o Tesouro Britânico tornou pública uma análise sobre os impactos econômicos imediatos nos dois anos posteriores à saída do Reino Unido da União Europeia. Os dados oficiais apontaram um cenário de retração econômica em que o Reino Unido ficaria mais pobre e os seus cidadãos veriam uma diminuição do seu poder de compra. Assim, haveria aumento no nível de desemprego, desvalorização da libra, redução do PIB em valores entre 3,6% e 6%, aumento da dívida pública. De modo geral,

[u]m voto para sair causaria um choque econômico imediato e profundo, criando instabilidade e incerteza que seriam agravadas pelas negociações complexas e interdependentes que se seguiriam. O efeito desse choque profundo seria empurrar o Reino Unido para a recessão e levar a um aumento acentuado do desemprego <sup>5</sup> (HM TREASURY, 2016, p. 5).

Isso contraria, pois, a ideia de racionalidade, de que os seres humanos fazem suas escolhas e tomam suas decisões baseando-se em estatísticas e dados econômicos a partir das informações disponíveis, optando pelo curso de ação que oferece mais vantagens perceptíveis, orientados por objetivos reflexivos e consistentes.

Nicholas Barr (2016), economista britânico e professor na *London School of Economics*, na época do referendo, escreveu uma carta aberta à BCC explicitando os motivos econômicos que o levaram a votar pela permanência na União Europeia. Barr (BARR, 2016, n.p.) defendia que “as trocas comerciais britânicas com a UE são muito maiores do que com qualquer outro ator internacional. As relações comerciais com a China crescem rapidamente, mas continua sendo muito pequena (2,9%). Em números redondos, aproximadamente 45% do comércio do Reino Unido são com a UE, 18% com os EUA e 7,3% com

---

<sup>5</sup> No original, “[a] vote to leave would cause an immediate and profound economic shock creating instability and uncertainty which would be compounded by the complex and interdependent negotiations that would follow. The effect of this profound shock would be to push the UK into recession and lead to a sharp rise in unemployment” (HM TREASURY, 2016, p. 5).

os BRICS”<sup>6</sup>; portanto, afastar-se da União seria automaticamente perder acesso a essas grandes e expressivas trocas comerciais.

Barr (2016) defendia, ainda, que “o argumento que o Reino Unido será capaz de negociar as trocas comerciais rapidamente **é implausível**”<sup>7</sup> (BARR, 2016, n.p., grifo nosso) uma vez que os Estados não membros da União, ao negociar com ela, favorecem-se de um numeroso mercado interno sem barreiras, logo, o Reino Unido obtém vantagens nessas relações comerciais. Em seguida, ele expõe, também, que “a UE é mais importante para o Reino Unido do que vice versa, então **nosso poder de barganha é limitado**”<sup>8</sup> (BARR, 2016, n.p., grifos nossos), o que reflete na sua terceira desmistificação que diz respeito aos gastos excessivos que a iniciativa integracionista traria ao Reino Unido, o qual, na verdade, se beneficia muito mais com os subsídios e os programas de incentivo fiscal e de desenvolvimento, nomeadamente das áreas mais rurais ou agrárias conforme se aproveitava Cornwall da PAC<sup>9</sup>.

Essas são apenas algumas ilustrações de especialistas com indicativos econômicos desfavoráveis para o cenário pós-Brexit. Pesa, ainda mais, se considerarmos que o voto para saída ganhou mesmo sem que houvesse sido apresentado um planejamento concreto acerca de como se desenrolaria o processo de retirada. Logo, as abordagens e perspectivas econômicas sozinhas não conseguem dar conta da dimensão emocional desses discursos, do seu apelo afetivo e da nação britânica como objeto de identificação priorizado (MANDELBAUM, 2016; SANDRIN, 2021).

Por isso, esta Dissertação parte das seguintes perguntas: Quais as condições de possibilidade para a prevalência do voto de saída da União Europeia quando especialistas apontavam um cenário pós-Brexit complicado e desfavorável para o Reino Unido? O que tornou possível o apoio ao voto de saída mesmo nesse cenário? Por que os discursos a favor do *Leave* tiveram tanto apelo emocional?

<sup>6</sup> No original, “British trade with the EU is much larger than with anyone else. Trade with China is growing more rapidly but is still very small (2.9%). In round numbers, about 45% of UK trade is with the EU, 18% with the USA and 7.3% with the BRICS” (BARR, 2016, n.p.).

<sup>7</sup> No original, “the argument that the UK will be able to negotiate good trade deals quickly is implausible” (BARR, 2016, n.p.).

O argumento que o Reino Unido será capaz de negociar as trocas comerciais rapidamente é implausível [TA].

<sup>8</sup> No original, “the EU is more important to the UK than vice versa, so our bargaining power is limited” (BARR, 2016, n.p.).

<sup>9</sup> Política Agrícola Comum da União Europeia.

Quais emoções foram mobilizadas nesse processo? Quais os principais significantes mobilizados pela Campanha do *Leave*?

Através da análise do discurso com contribuições da psicanálise lacaniana, busco enriquecer o debate existente em torno do processo do Brexit, a sua contextualização, suas condições de possibilidade e suas características. Ainda, ao mobilizarem-se conceitos psicanalíticos nesta pesquisa, é conferida à psicanálise um status político, cuja falta é muitas vezes considerada motivo de crítica.

O empenho de politizar conceitos desenvolvidos em princípio para a clínica pela teoria psicanalítica de Freud e Lacan vem-se mostrando profícua entre cientistas sociais (MANDELBAUM, 2020; ŽIŽEK, 2010; SOLOMON, 2015). Esse movimento tem como um de seus objetivos articular conceitos como fantasia, *jouissance*, falta, significantes-mestres – que serão abordados posteriormente – a fim de pensar analiticamente fenômenos sociais, políticos e coletivos da contemporaneidade.

Incluo esses autores no grupo que Stavrakakis costuma chamar de ‘*The Lacanian Left*’ (2020). Originalmente, Stavrakakis (2020) usou a expressão para referir-se a Slavoj Žižek, Alain Badiou, Ernesto Laclau, Cornelius Castoriádis, mas aqui estendo a expressão para autores mais contemporâneos e das Relações Internacionais, como Moran Mandelbaum e Ty Solomon. Vale mencionar que esse grupo é heterogêneo e cada analista tem a sua particularidade, seu modo de pensar, por vezes discordando entre si; no entanto, eles têm em comum o empenho de mobilizar a psicanálise lacaniana para criticar fenômenos políticos contemporâneos levando em consideração os investimentos afetivos e a dimensão socialmente construída das emoções.

Ademais, o conceito de raça como categoria analítica permanece ainda parcamente explorado pelas explicações dominantes do Brexit, como veremos no próximo capítulo. Dessa maneira, esta dissertação busca pensar nesses silêncios, baseando-se, mormente, no pensamento de Shilliam (2018) e Gilroy (2005). Ao mesmo tempo, a pesquisa busca contribuir para o florescente campo dos estudos de afetos e emoções em política mundial.

## **Estrutura e estratégia de pesquisa**

A presente Dissertação conta, para além desta Introdução, com três capítulos de desenvolvimento, seguidos das Considerações Finais. No segundo capítulo, intitulado “O Complexo Brexit” eu apresento e contextualizo o que entendo por Brexit. O Brexit não é somente marcado por fatores econômicos, mas há também questões culturais e afetivas; por isso, ao longo deste trabalho, penso cultura, política e economia de modo inter-relacionado, uma vez que uma decisão em uma esfera impacta as outras, além de que essas decisões já são imbuídas pela(s) outra(s) esfera(s) que constituem a sociedade (BROWN, 2020).

Analisando, ademais, o censo demográfico daqueles que votaram *Remain* e *Leave* e o comportamento eleitoral com base em gráficos que mostram as diferenças no voto entre regiões do Reino Unido e as diferenças de idade, classe social e raça. Construindo a demografia do resultado do Brexit, inicio um percurso pela literatura acerca das condições de possibilidade do Brexit. Busco entender como se construiu a perspectiva que se tornou dominante, na literatura, ou seja, a visão que defende que o Brexit foi o *backlash* (contra-ataque político) de uma classe trabalhadora branca contra a globalização econômica e o *establishment*, muitas vezes interpretados como os ‘perdedores’ do processo de globalização.

Em seguida, exponho as limitações e silêncios da perspectiva dominante por intermédio de perspectivas críticas que pensam nas imbricações de classe e raça como condições de possibilidade no Brexit. Simultaneamente, a partir de uma perspectiva afetiva sobre as condições de possibilidade do Brexit, saliento o papel das emoções para o resultado do referendo ao passo que proponho estabelecer uma ponte entre as diferentes perspectivas críticas dentro da literatura em questão, construindo o que veremos sob o termo de ‘Complexo Brexit’. Com isso, minha proposta é evidenciar, a partir das visões que desafiam a perspectiva dominante, na literatura, a complexidade dos fatores que influíram no resultado do Brexit, ocultados pela visão reducionista da perspectiva dominante.

O terceiro capítulo, intitulado “A centralidade das emoções”, corresponde ao enquadramento teórico-metodológico e à estratégia de pesquisa. Esta pesquisa classifica-se como qualitativa e exploratória e se baseia na coleta de dados secundários, sendo estas informações sobre porcentagem de votos, índice demográfico, descrição censitária do eleitorado, que podem ser acessados na imprensa, Lord Ashcroft Polls (2016), e também nos órgãos oficiais de estado como o Tesouro Nacional Britânico e o Banco da Inglaterra. Ademais, os

gráficos, números e dados em geral contidos no site ‘*Why Vote Leave*’, que reúne textos e imagens a favor da saída do Reino Unido da UE, o que chamo de Campanha do *Leave*, são um material importante para estudar e ilustrar o apoio ao Brexit.

O método a ser utilizado para analisar o material da Campanha do *Leave* é a análise de discurso afetiva<sup>10</sup>, doravante ADA, pois acredito, por meio da ADA, é possível ter acesso à dimensão simbólica e afetiva das imagens construídas, que são partilhadas entre determinados grupos sociais. Optei pelo termo “afetiva” na tradução para o português no lugar de “emocional” (*emotion*) porque acredito que, a meu ver, seria mais adequada para tratar da análise que engloba o contexto e o fluxo de emoções entre registros discursivos diferentes, uma vez que as emoções circulam através de discursos, tanto textos verbais como imagens, e uma palavra que nomeia e descreve emoções (*emotion words*) pode assumir diferentes significados consoante o contexto e a forma pela qual essas emoções são expressas. Assim, uma análise afetiva reforça o seu compromisso em compreender as condições de possibilidade dos discursos a favor do Brexit.

Por isso, eu defendo que os discursos apresentam uma relevante dimensão afetiva que não pode ser negligenciada quando da leitura de textos e da análise da linguagem verbal, como nos discursos de políticos apoiadores do Brexit, e não verbal, como na veiculação de imagens e fotografias que fomentaram a Campanha do *Leave*. Definindo esta análise como afetiva, parte-se do pressuposto de que os discursos desempenham um papel afetivo e incitam emoções ao mesmo tempo em que são influenciados por elas. Logo, busco levar em consideração o modo com o qual as emoções são expressas a fim de descrever e compreender determinada atmosfera afetiva. Nesse viés, esta análise preocupa-se em entender como sujeitos políticos falam sobre emoções, como articulam discursivamente categoriais emocionais quando tratam de fenômenos políticos e relações sociais e como também podem ser movidos politicamente por emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

Vale ressaltar que, ao longo desta pesquisa, a análise que farei ao redor dessa atmosfera afetiva não tem a pretensão de colocar-se como unívoca ou peremptória. No entanto, ela é resultado da minha interpretação sustentada pela

---

<sup>10</sup> Tradução livre do inglês para ‘*Emotion Discourse Analysis*’ (EDA), segundo Koschut (2017, 2018a).

revisão de literatura em torno do nacional-populismo do Brexit e sustentada pela contribuição da psicanálise lacaniana, da construção dominante de povo britânico, enquanto racializado como branco, e a sua relação com a nação enquanto objeto de identificação priorizado e, evidentemente, dos discursos coletados e selecionados por mim, à luz dos supracitados objetivos de pesquisa.

Convém dizer que não considero que discursos ou sujeitos tenham emoções no sentido de que estas possam ser possuídas, emoções não são objetos sob posse única e exclusiva de um sujeito ou de um texto; na verdade, as emoções estão em constante fluxo por meio dos significantes (AHMED, 2014). Nessas linhas de intensidade, os objetos circulam – e os afetos e sensações provocadas em relação ao objeto são temporariamente estabilizados sob termos linguísticos como, por exemplo, medo, ódio, amor, raiva, ansiedade entre outros, que funcionam como rótulos (AHMED, 2014). Não é incomum que tais objetos – muitas vezes tidos como causadores dessas emoções – já estejam saturados ou carregados de afeto, por isso reitero a importância de levar em consideração o contexto em que tais discursos se desenrolam.

Os discursos que selecionei correspondem à Campanha do *Leave* no segundo semestre de 2015 e primeiros semestres de 2016, ano do referendo, e envolve discursos das organizações *Vote Leave*, liderada por Dominic Cummings e Matthew Elliott, dois dos mais importantes estrategistas da Campanha, e *Leave.Eu*, liderada por Nigel Farage, tendo em vista o seu papel preponderante como importante incitador e direcionador de afetos. Os sites *Brexit Central* e *Why Vote Leave* condensam notícias e informações referentes ao Brexit com fotografias de campanha e, por isso, se tornaram importantes sites na internet para pesquisar os discursos para esta Dissertação.

Além disso, ao coletar o material empírico, percebi que a estratégia de campanha de Cummings era bem heterodoxa e inovadora. Cummings estava interessado nas pessoas que ainda não tinham se decidido quanto à permanência do Reino Unido no bloco europeu. Desse modo, Cummings recusou os métodos mais tradicionais como pôsteres, ligações por telefone, mala direta, panfletos, o que era estratégia de campanha do *Remain* (MATHIS, 2019). Sendo assim, por meio da tecnologia de comunicação, do uso de algoritmos em redes sociais – Facebook e Twitter, por exemplo – a fim de alcançar públicos específicos, que não eram alcançados através de campanhas tradicionais, Cummings e Elliott lideraram lado

a lado a Campanha do *Leave* (ADAM, 2020, p. 93-95). Cummings tinha em mente o papel político das emoções em seduzir e persuadir o eleitorado, a parte da população que não estava presente nas estatísticas e sondagens tradicionais do governo e das grandes agências.

Por isso, percebi que eu também teria que coletar outras formas de discursos que não se restringem às formas tradicionais de discurso escrito e oral, mas também a dimensão não verbal da linguagem. Resolvi, pois, trazer imagens e fotografias para o centro desta análise, inclusive assisti ao filme ‘*Brexit: the uncivil war*’ (2019) e selecionei duas cenas em específico a fim de compreender o contexto em que os discursos a favor do Brexit ganham força e o processo por meio do qual eles se tornam emocionalmente apelativos e eficientes.

Todos esses discursos políticos estão disponíveis na mídia e imprensa do Reino Unido e serão, portanto, delas retirados e traduzidos para o português no corpo do texto a fim de democratizar o acesso a esse conteúdo e de tornar fluida a leitura; em paralelo, as citações e trechos traduzidos estarão disponíveis no idioma original em nota de rodapé. Ainda, foi realizada a transcrição de discursos orais como no caso da entrevista de Nigel Farage para o programa Good Morning Britain do canal de televisão ITV (Independent Television) no dia 14 de março de 2016, disponível no Youtube. Quanto à Campanha do *Leave*, o material coletado contém imagens que contribuirão para a análise.

O quarto capítulo, intitulado “No turbilhão das emoções”, corresponde à parte empírica desta pesquisa, em que analiso os discursos e imagens da Campanha do *Leave*. Eu realizo uma análise do discurso afetiva sobre a Campanha do *Leave* com o objetivo de compreender o apelo afetivo dos discursos a favor da saída do Reino Unido da UE numa atmosfera afetiva complexa. A minha proposta é, de modo geral, analisar a Campanha do *Leave* enquanto uma narrativa em que se encontram a construção de uma determinada versão do povo britânico enquanto protagonista dessa trama e a construção da UE e dos imigrantes e refugiados racializados como não brancos enquanto antagonistas. Para analisar o desenvolvimento dessa trama, eu contextualizo o *referendum* do Brexit sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, expondo brevemente os seus principais aspectos e organizações envolvidas além de abordar os discursos em defesa da permanência do Reino Unido na UE.

Além disso, eu contextualizo o lado dos apoiadores do voto *Leave* e abordo a estratégia e retórica da Campanha. Descrever e entender o contexto nos possibilita compreender por que alguns discursos são mais efetivos e sedutores emocionalmente do que outros; nesse sentido, as emoções amplificam discursos políticos e influenciam a maneira por meio da qual os sujeitos se identificam com os objetos nacionais e, também, veem os outros e se relacionam com eles. Ao aprofundar a análise dos discursos e das figuras da Campanha do *Leave*, busco compreender o papel político das emoções mobilizadas por meio de significantes já carregados de afetos no imaginário coletivo do Reino Unido como o *National Health Service* (NHS), a fronteira ‘nacional’ e uma noção de povo ancorado na defesa da branquitude ainda que de modo velado através dos discursos.

Diante disso, espera-se com esta pesquisa contribuir para a área dos estudos de afetos e emoções em política mundial sobre a força emocional de discursos políticos e dos investimentos afetivos na nação além de apontar novas interpretações e investigações sobre o Brexit a partir de uma análise afetiva que ilumine a persistência da categoria de raça no discurso do Brexit.

## 2 O Complexo Brexit

No presente capítulo, empenho-me em apresentar e contextualizar o que entendo por Brexit. Traço, na primeira seção, uma breve descrição do cenário interno britânico em 2015 e 2016, tendo em vista que o referendo ocorreu no dia 23 de junho de 2016. Na segunda seção, exponho e analiso o censo demográfico daqueles que votaram *Remain* e *Leave* e o comportamento eleitoral com base em gráficos que mostram as diferenças no voto entre regiões do Reino Unido e as diferenças de idade, classe social e raça.

Construída a demografia do resultado do Brexit, inicio um percurso pela literatura que busca analisar as condições de possibilidade do Brexit. Construo a perspectiva que se tornou dominante, na literatura, que defende que o Brexit foi o *backlash* (contra-ataque político) de uma classe branca trabalhadora contra a globalização econômica e o *establishment*.

Na terceira seção, exponho as limitações e silêncios da perspectiva dominante por intermédio de perspectivas críticas que pensam nas imbricações de classe e raça como condições de possibilidade no Brexit. Concomitantemente, a partir de uma perspectiva afetiva sobre as condições de possibilidade do Brexit, saliento o papel das emoções para o resultado do referendo ao passo que proponho estabelecer uma ponte entre as diferentes perspectivas críticas dentro da literatura em questão, construindo o que chamo aqui de ‘Complexo Brexit’.

Em suma, a partir das visões que desafiam a perspectiva dominante, na literatura, busco mostrar a complexidade dos fatores que influenciaram o Brexit, ocultados pela visão simplista da perspectiva dominante. O Brexit não é somente marcado por fatores econômicos, mas há também questões culturais e afetivas; por isso, ao longo deste trabalho, penso cultura, política e economia de modo inter-relacionado, uma vez que uma decisão em uma esfera impacta as outras, além de que essas decisões já são imbuídas pela(s) outra(s) esfera(s) que constituem a sociedade (BROWN, 2020).

## 2.1. Contextualizando o Brexit

Em 2015, o primeiro-ministro britânico David Cameron apresentou ao Parlamento o *European Union Referendum Act 2015*, um instrumento político que formalizava e estabelecia as bases para a realização de um referendo em que o povo britânico seria consultado sobre a permanência do Reino Unido na UE, optando por permanecer no bloco ou retirar-se dele. O referendo ficaria popularmente conhecido no ano seguinte como Brexit.

A ideia de realizar um referendo nesses moldes começou como uma promessa de campanha política de David Cameron, em 2013, que dizia que caso o Partido Conservador ganhasse as eleições gerais de 2015, haveria um referendo em que o povo britânico teria sua voz para escolher se ficaria dentro ou fora da UE<sup>11</sup>. As datas para o referendo foram, todavia, sucessivamente postergadas e Cameron não tinha, a princípio, a pretensão de realmente retirar o Reino Unido da UE; a sua estratégia era apresentar o referendo aos cidadãos britânicos esperando que o resultado fosse favorável à permanência na UE de modo que isso representasse um fracasso para a ala extremista do seu partido, o Partido Conservador, e um enfraquecimento da influência de políticos eurocéticos como Boris Johnson e Nigel Farage, do UKIP. Em contrapartida, Cameron fortaleceria a sua própria posição política dentro do Partido Conservador e a presença e compromisso do Reino Unido com o projeto da UE (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Cameron surpreendeu-se com o resultado em junho de 2016 em que 51,9% votaram a favor da saída (*Leave*) contra 48,1%, aqueles a favor da permanência no bloco (*Remain*), o que evidenciava, na prática, uma polarização da sociedade. Contrário à retirada do Reino Unido do bloco europeu, o resultado do Brexit levou o primeiro-ministro a renunciar.

Diante desse acontecimento, o Brexit passou a ser tratado como o “o pior erro de cálculo” (*the great miscalculation*) do governo de Cameron. De acordo com Norris e Inglehart (2019), o plano do primeiro-ministro na época foi negligente quanto à percepção política popular, uma vez que Cameron não enxergou fora da bolha que existe, na sociedade britânica, entre os profissionais

---

<sup>11</sup>David Cameron promises in/out referendum on EU - BBC News . Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-politics-21148282>> Acesso em 12 dez. 2021.

pertencentes à classe média, acadêmicos e estudantes de universidade que contam com relativa mobilidade e que pensam sobre si mesmos como cosmopolitas ou multiculturais, e que dificulta a compreensão da situação das classes mais baixas e das classes trabalhadoras, projetando uma ideia de que todos os segmentos populacionais da nação beneficiam-se da globalização econômica, dos investimentos europeus e do acesso ao mercado comum europeu. Nessa perspectiva, a vitória do voto de saída da UE era vista como irracional e improvável, pois a saída traria prejuízos econômicos, produtivos e materiais para o Reino Unido.

Montado esse cenário, Cameron viu-se pressionado a pedir demissão após o resultado, deixando a liderança política para Theresa May, que teria como principal responsabilidade concretizar o processo do Brexit e encabeçar as negociações com a UE. Theresa May tinha como principal responsabilidade do seu governo assegurar que o Brexit se tornasse uma realidade. Em seu famoso slogan, “*Brexit means Brexit*”, May comprometia-se a concretizar o Brexit; no entanto, não definia, na prática, o que era o Brexit e como se daria o planejamento para o futuro do Reino Unido após a saída da UE nem como se desenrolariam as etapas das negociações. A praticidade e tautologia do slogan acabaram, primeiramente, por ratificar que não haveria um segundo referendo, o que na época era demandado por parte da população, entre os que votaram *Remain* e aqueles que eram vistos como arrependidos de terem votado *Leave*, e acabou, segundo, por simplificar problemas e assuntos mais complexos envolvendo o Brexit e as crises e questões sociopolíticas domésticas (SILVA, 2019).

A tautologia do pronunciamento de May denuncia, em suma, a simplificação dos atravessamentos emocionais e psicológicos, dos fatores políticos, econômicos, culturais e identitários que envolvem o processo de retirada do Reino Unido, do apoio de metade da população à saída. Tenta-se divulgar a ideia de que existe apenas uma vontade peremptória e homogênea do povo britânico, que é sair do bloco europeu e retomar a sua própria autonomia.

O Brexit evidenciou, simultaneamente, um Partido Conservador fraturado e um cenário de crise política interna, inclusive no Parlamento e no próprio sistema representativo britânico. De um lado, havia os políticos que defendiam um ‘*Soft/Moderate Brexit*’; doutro lado, aqueles que, como Boris Johnson, defendiam o ‘*Hard Brexit*’, isto é, o Reino Unido optaria por sair de todas as

instituições sancionadas pela UE (como o banco de investimento europeu) e sair do mercado único europeu, que permite a livre circulação de mercadorias e de mão de obra entre as fronteiras dos Estados-membros. O Brexit revela divisões não apenas dentro do Partido Conservador ou da elite política doméstica, mas também, conforme veremos ao analisar o voto *Leave*, entre as regiões do Reino Unido, entre, de um lado, a região metropolitana de Londres e, de outro lado, as regiões tradicionalmente industriais e rurais a exemplo de Sunderland e Cornwall<sup>12</sup>.

Entendo o Brexit, na presente pesquisa, não apenas como um problema do ramo da economia, das finanças e da administração pública, mas também como um problema imbricado em questões culturais, sociais e identitárias que dizem respeito à representação do povo britânico, da União Europeia e da noção de pertencimento, seja um apego a uma construção dominante de nação, enquanto um objeto de identificação priorizado, seja a um imaginário coletivo. É um fenômeno em que coexistem, além disso, atravessamentos emocionais como, por exemplo, a persistência de significantes já saturados de afeto no imaginário coletivo britânico, na construção dominante de povo, ressentimentos, sentimentos de perda do prestígio cultural. Proliferam, no Brexit, discursos que mobilizam politicamente emoções persistentes dessa atmosfera afetiva complexa e difusa: medo, ódio, amor, dor, ressentimento, ansiedade (MANDELBAUM, 2020, 2016; STEPHENS, 2019).

Ainda que formalizado pelo Referendo de 2016, o Brexit não é uma decisão estática, pontual e isolada tomada por nº 10 Downing Street ou por Westminster. O Brexit é, de fato, um processo em curso, explicado por análises que cruzam insatisfações históricas: o declínio de uma classe emergente que sofreu nas últimas décadas devido a políticas de austeridade econômica (DORLING, 2016; ANTONUCCI ET AL., 2017); uma geração de pessoas mais velhas saudosistas e nostálgicas pela grandeza e prestígios de um passado romantizado e supostamente roubado deles (FINLAY et al., 2018; MANDELBAUM, 2020); regiões industriais que se tonaram decadentes, cidades costeiras com trabalhadores descontentes com as elites tradicionais da política acusadas de negligenciar essas regiões, os chamados “*left behind places*” ou,

---

<sup>12</sup> Por vezes traduzido como Cornualha.

também, “*left out*”, os que não conseguiram competir com os avanços da globalização tecnológica e econômica (GOODWIN; HEAHT, 2016b).

Por ser um processo dinâmico, implica dizer que as interpretações sobre o Brexit são multifacetadas. Por ser um fenômeno complexo, ele atinge diversas áreas do cotidiano, uma vez que implica a reordenação da política e comportamento do dia a dia. Nesse sentido, Rogaly (2019) classifica o Brexit como um processo que existe no cotidiano e impacta diferentes camadas e setores da sociedade e, inclusive, a vida pública e privada das pessoas no seu dia a dia: migrantes racializados como negros, refugiados, estudantes estrangeiros, imigrantes da UE que precisam usar o serviço nacional de saúde para sua sobrevivência. No entanto, o modo como cada um desses grupos é impactado difere entre si assim como a resposta ou reação emocional a esses impactos, inclusive entre cada sujeito do mesmo grupo social.

Nessas linhas de força, o Brexit traz à tona discussões sobre o recrudescimento do nacionalismo inglês porque se apoiaria uma noção nativista e excludente de povo britânico e pertencimento sob o conceito de ‘*Englishness*’, uma forma de sentir-se representado e identificar-se (BHAMBRA, 2017; EMEJULU, 2016). Defende-se, inclusive, como veremos ao tratar da demografia do voto *Leave*, que o Brexit é mais um desejo prevalente entre ingleses em retirar-se da UE. Portanto, pode-se dizer que seria a expressão de um “*Englexit*”<sup>13</sup>, evidenciando as diferenças e desigualdades geográficas dentro da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte.

Além disso, salientam-se questões sobre representação política e soberania de um “povo” e do Parlamento enquanto instituição, envolvendo também autonomia e capacidade de autogestão sem a ingerência de instituições estrangeiras. Ademais, destacam-se questões sobre imigração, controle do fluxo de pessoas e securitização das fronteiras em um discurso político contrário à presença de imigrantes vistos como não merecedores de fazerem parte do corpo da nação.

Isso compõe o que eu, acompanhando alguns autores na literatura (DOWLING, 2021), chamarei de “*Brexit complex*” (o Complexo Brexit), ou seja,

---

<sup>13</sup> Neologismo formado pela aglutinação dos termos em inglês “*England*” (Inglaterra) e “*exit*” (sair; saída) a fim de denunciar a prevalência do voto *Leave* nas regiões inglesas e as assimetrias de poder político entre os países membros do Reino Unido.

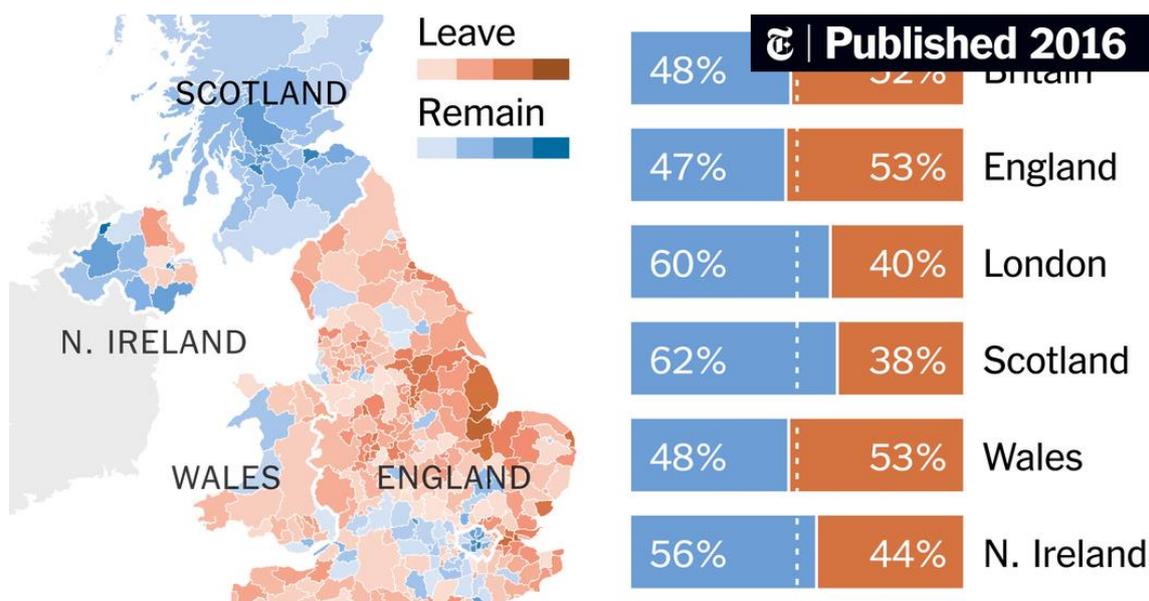
essa gama de insatisfações que compõe essa atmosfera afetiva complexa e difusa, que foi canalizada por discursos políticos como direcionamentos específicos, por exemplo, canalizada pelo discurso de apoio ao *Leave* para motivar segmentos da população a votarem em sair da UE.

## 2.2.

### **Entendendo o perfil do voto Leave: um percurso pela literatura sobre o Brexit**

Até agora abordei o contexto do referendo do Brexit, analisando o cenário interno britânico. Podemos levantar algumas perguntas capazes de orientar a discussão nesta segunda seção: de onde veio o voto *Leave*? Quais foram os grupos sociais que votaram a favor da saída? Quais regiões foram mais favoráveis à saída? Além disso, traço um passeio pela literatura que busca explicar o Brexit e a consolidação do voto *Leave* a fim de identificar as limitações da perspectiva dominante sobre o Brexit (GOODWIN, HEATH, 2016) e desfazer alguns mitos em torno da explicação que coloca a ‘classe branca trabalhadora’ deixada para trás como a principal responsável pelo Brexit.

O resultado do Referendo de 2016 evidenciou um Reino Unido bem fragmentado e com diferenças significativas entre regiões e grupos sociais. A Figura 1 aborda a percentagem de apoio ao Brexit, ou seja, a preferência pelo voto *Leave* com base na geografia do Reino Unido. Percebe-se, nesse cenário, uma polarização nas áreas em que houve maior apoio ao voto *Leave* com as West Midlands (59.2%), North East (58 per cent), Yorkshire and the Humber (57,7%) e Eastern England (56.5%). Por outro lado, Londres (40%) foi a área onde o voto *Leave* teve menos apoio na Inglaterra e, em todas as regiões da Escócia, houve preferência da população por permanecer na União Europeia, contrastando com o restante do Reino Unido.



**Figura 1:** Comparação das regiões entre os votos Leave e Remain. Fonte: Adaptado de Aisch, Pearce e Russel (2016).

O resultado do Referendo revela, pois, a polarização do país, dividindo o cenário entre as regiões onde o voto *Leave* foi vencedor e as áreas em que houve preferência pelo voto *Remain* (Figura 1). No primeiro caso, prevalecem o País de Gales e as comunidades, majoritariamente inglesas, em contínuo declínio e desvantagem econômicas; essas zonas pós-industriais são comumente tratadas pelo que entendemos de *'left out places'* ou os deixados para trás no processo de globalização. O perfil do eleitorado do voto *Leave* nessas regiões é marcado por eleitores brancos, trabalhadores menos escolarizados com poder aquisitivo menor e de diferentes faixas etárias com incidência maior de mais velhos de acordo com Johnston, Manley e Jones (2018). No segundo caso, todavia, destacam-se região metropolitana de Londres, marcada por uma atmosfera cosmopolita e uma economia informatizada, especulativa e baseada nos serviços, a maior parte da Irlanda do Norte e a totalidade dos territórios da Escócia, que historicamente busca resistir à influência inglesa; nessas áreas, o apoio ao voto *Leave* foi comparativamente menor (Figura 1).

	Brexit %
North East	58.0%
North West	53.7%
West Midlands	59.2%
London	40.1%
Yorkshire & the Humber	57.7%
Eastern Counties	56.5%
Scotland	38.0%
Northern Ireland	44.3%
Wales	51.7%

**Figura 2:** Porcentagem de apoio ao voto Leave, nas principais regiões. Fonte: Adaptado de Aisch, Pearce e Russel (2016).

Os dados acima levam muitos teóricos a criticar inclusive o termo ‘Brexit’; primeiro por ser um neologismo parco e reducionista, no sentido de que “diminui” questões complexas, apresentando a retirada do Reino Unido da UE como uma solução rápida e fácil para problemas políticos internos difíceis (ROBERTS, 2020); segundo, porque o termo mascara as assimetrias – históricas – entre as regiões e países que compõem o Reino Unido, uma vez que, quando analisados os dados do referendo e o perfil dos eleitores, concluímos que a vitória do voto *Leave* foi muito mais uma preferência nacional inglesa (Figura 2) do que uma manifestação uníssona britânica – como o termo ‘Brexit’ faz parecer (BHAMBRA, 2017). Em suma,

o resultado foi um país ‘profundamente dividido não apenas por linhas sociais, mas também por linhas geográficas’ [...] em áreas com altos níveis de imigração vinda da UE, enquanto os residentes mais velhos, de baixa renda e desempregados expressaram um declínio em seus níveis de satisfação com a vida, os mais jovens, mais qualificados e moradores com maior renda das mesmas áreas relataram um aumento<sup>14</sup>(JOHNSTON; MANLEY; JONES, 2018, p. 163).

<sup>14</sup> No original, “the result was a country ‘deeply divided along not only social but also geographical lines’ [...] in areas with high levels of immigration from EU sources, whereas older, low-income and unemployed residents expressed a decline in their life satisfaction levels, younger, better-qualified and higher-income residents of the same areas reported an increase” (JOHNSTON; MANLEY; JONES, 2018, p. 163).

Na literatura que trata de analisar os fatores móbeis para o voto *Leave*, notam-se frequentemente duas clivagens principais no eleitorado: primeiro, entre aqueles sem ou com baixa escolaridade e qualificação e aqueles mais bem profissionalmente qualificados; segundo, entre as gerações mais novas e as mais velhas (DORLING, 2016). Entretanto, mesmo as diferenças entre regiões não são tão simples assim quanto figuram no gráfico (Figura 1), tendo em vista que mesmo dentro de cada cidade há expressivas diferenças entre bairros, o grau de escolaridade de cada localidade, a média de renda dos habitantes entre outros fatores.

Para traçar a demografia do voto *Leave*, além da questão da geografia do voto, como vimos a diferença entre regiões (Figuras 1 e 2), também foram levadas em consideração características como classe, raça e idade. Ademais, quanto à participação de partidos políticos no cenário do Brexit, Becker et al. (2017, p. 605) salientam a desempenho do UKIP na campanha, argumentando que o sucesso do partido de Nigel Farage, na época, se deveu à coadunação de um sentimento contrário às instituições da UE e com um sentimento anti-imigração no geral. Paralelamente, Alabrese et al. (2019, p. 133) acrescentam que o “comportamento dos eleitores também tem demonstrado estar fortemente associado ao ceticismo individual em relação às instituições (por exemplo, o euroceticismo) ou à intolerância contra os estrangeiros”<sup>15</sup>.

Além das diferenças dos votos entre as regiões do Reino Unido, tentativas iniciais de mapear o resultado do Brexit foram feitas por Ashcroft (2016). Ao traçar a demografia do resultado da votação, Ashcroft (2016) identificou que o perfil típico do eleitorado que apoiou o voto *Leave* era principalmente branco, classe média e residente do sul do Reino Unido.

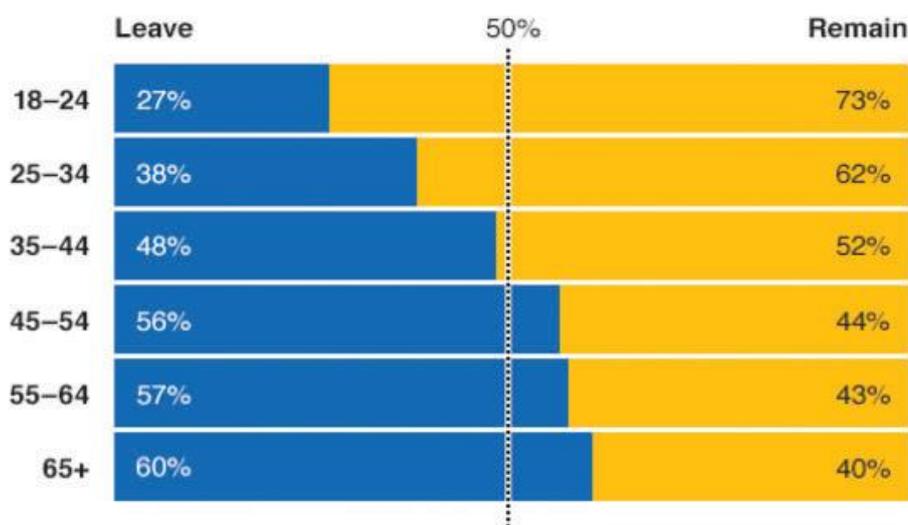
Simultaneamente, Ashcroft (2016) salientou uma diferença geracional presente no cenário do Brexit. Quanto mais velhos os eleitores, mais provável era a chance de que tivessem votado em deixar a UE, uma vez que quase três quartos (73%) dos jovens de 18 a 24 anos votaram em permanecer na UE, número que diminuía para menos de dois terços (62%) entre os eleitores de 25 a 34 anos. A maioria das pessoas com mais de 45 anos de idade votou em retirar o Reino Unido

---

<sup>15</sup> No original, “[v]oters’ behavior has also been shown to be strongly associated with individual scepticism towards institutions (e.g. Euroscepticism) or intolerance against foreigners” (ALABRESE ET AL., 2019, p. 133).

da UE, aumentando para 60% das pessoas com 65 ou mais anos de idade. Em síntese, nota-se uma ruptura geracional significativa entre os jovens adultos, os de meia-idade e os idosos; em comparação com as gerações mais velhas, a identidade política da maioria dos jovens parece ser significativamente mais aberta à participação do Reino Unido na EU (Figura 3).

### How different age groups voted

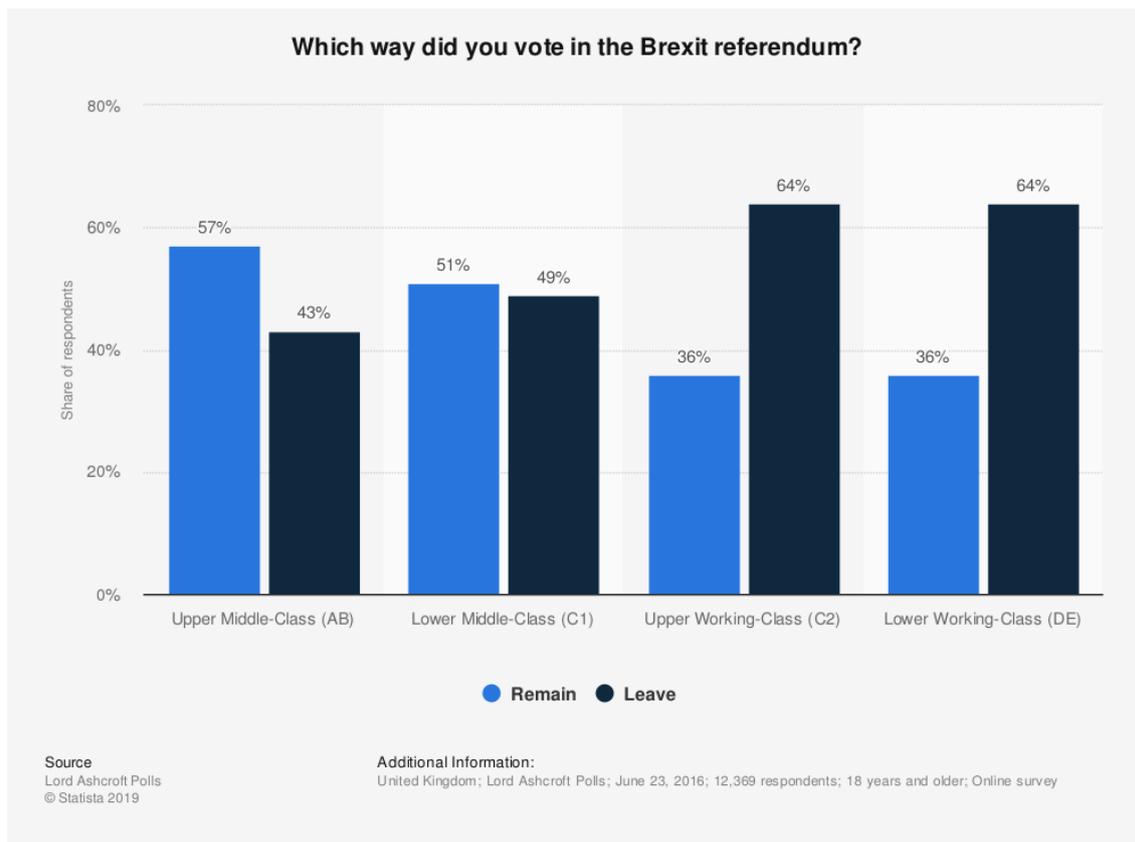


BBC

**Figura 3:** Diferenças entre gerações no voto do Brexit. Fonte: Lord Ashcroft Polls (2016), reproduzido pela BBC.

Com base nesses dados, Finlay et al. (2018, p.16-18) apontam que o comparecimento às urnas entre faixas etárias mais jovens foi menor, tendo pouco debate público ou campanha em torno da inclusão de mais jovens no referendo de 2016

Um terceiro ponto do que trato aqui por ‘demografia do Brexit’ é o resultado do referendo consoante a classe social. O grupo social AB (“a classe média alta”, de modo geral, composta por profissionais, gestores e executivos) foi o único grupo social entre os quais a maioria votou em permanecer (57%). O grupo C1 dividiu-se de maneira bastante equilibrada, sendo 51% favoráveis à permanência e 49% favoráveis à saída. Por fim, quase dois terços dos grupos (64%) C2 (“classe trabalhadora alta”) e DE (“classe trabalhadora baixa”) votaram em deixar a UE contrastando com 36% que votaram em ficar na UE (Figura 4).



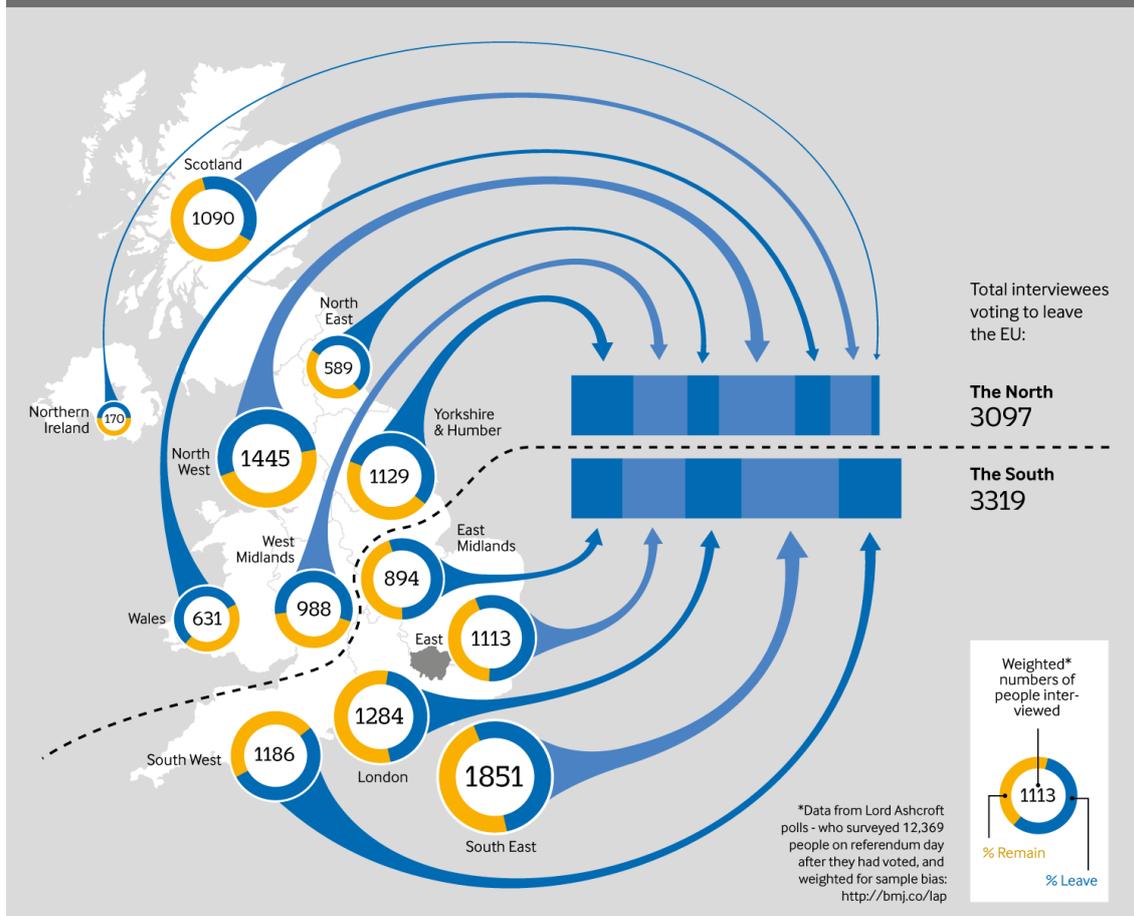
**Figura 4:** Recorte de classe no resultado do Brexit. Fonte: Lord Ashcroft Polls (2016), reproduzido pela Statista.

No entanto, atentando para números absolutos, por intermédio do mesmo esquema de seis classes com os mesmos dados da Figura 4 – ainda que alargue a proporção daqueles que podem ser atribuídos à classe média – Dorling (2016) revela que 52% dos votos a favor do Brexit vieram de pessoas que vivem no sul da Inglaterra e 59% de pessoas que fazem parte da classe média; em contrapartida, a contribuição total das duas classes sociais mais baixas, em termos absolutos, para o voto *Leave* foi de apenas 24%.

Colocando a Figura 4 que expõe o percentual do voto *Leave* e *Remain* de cada classe social ao lado da Figura 5, que também foi baseada nos dados coletados por Ashcroft (2016) e que apresenta, em números absolutos, o resultado dos eleitores do voto *Leave* e do *Remain* localizados em cada região do Reino Unido conseguimos visualizar melhor o argumento de Dorling (2016).

## The South votes out, too

While most media reports have focussed on the North of England, The higher population of the South actually cast more votes for leave than the North of England, Scotland, Wales and Northern Ireland combined.



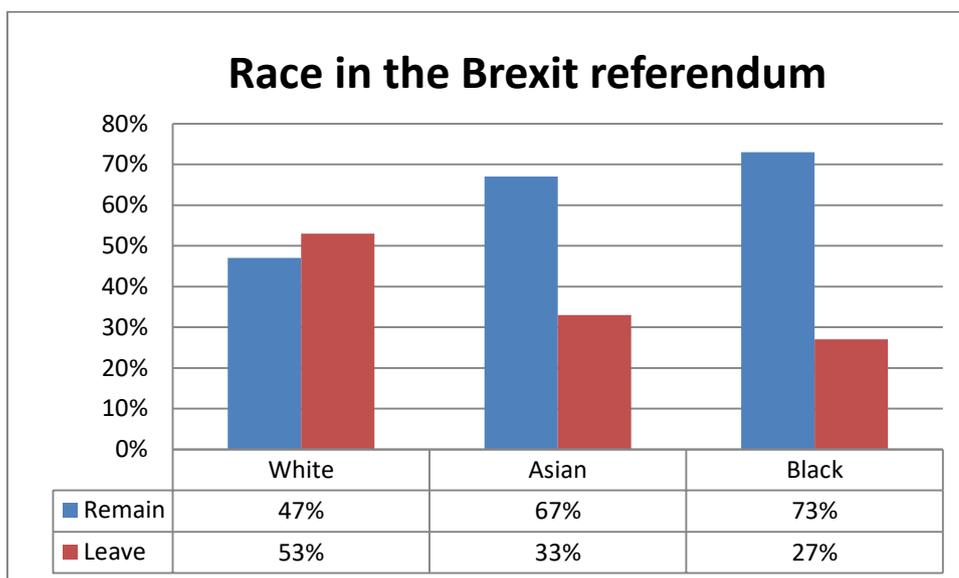
**Figura 5:** O sul do Reino Unido também votou *Leave*. Fonte: BMJ, 2016.

Devido à diferença no comparecimento às urnas e à dimensão da população, a maioria das pessoas que votou *Leave* vive no sul da Inglaterra. Ademais, de todos aqueles que votaram a favor do *Leave*, 59% pertenciam à classe média (A, B, ou C1). O voto das duas classes sociais mais baixas (DE) constituiu apenas 24% do voto *Leave*.

Sendo assim, os eleitores pertencentes à classe média foram cruciais para o resultado final, já que a classe média constituía dois terços de todos aqueles que votaram (DORLING, 2016).

Finalmente, outro ponto fundamental da demografia do voto é o recorte racial do Brexit. Entre os eleitores brancos, 53% votaram em deixar a UE enquanto 47% votaram a favor de permanecer da UE. Entre os que se identificaram como asiáticos, dois terços (67%) votaram em permanecer contra 37% que votaram em sair. Entre os eleitores negros, quase três quartos (73%)

votaram em permanecer na UE em contraste com apenas 27% que votaram em sair (Figura 6).



**Figura 6:** Recorte racial no voto do Brexit. Fonte: adaptado de Lord Aschcroft Polls (2016).

Diante da demografia do Brexit traçada acima, a qual levou em consideração a região geográfica, a idade, a classe social e o recorte racial do resultado, percebemos que o peso decisivo para a vitória do voto *Leave* proveio da classe média, mais abastada, branca, residente no sul do Reino Unido (DORLING, 2016). A população do sul, mais numerosa, teve um peso maior na saída do Reino Unido do que o norte da Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte juntos (Figura 5). No entanto, grande parte das reportagens da imprensa e dos estudos dominantes sobre as condições de possibilidade do voto *Leave* na academia focam nas classes trabalhadoras das regiões do Norte da Inglaterra conforme abordarei doravante.

### 2.3.

#### **Explicações dominantes sobre o Brexit: os ‘deixados para trás’**

Contrastando com os dados dos gráficos apresentados acima, a perspectiva que se tornou dominante, na literatura, para elucidar o resultado do Brexit defendia que a vitória do voto *Leave* teria sido a manifestação de uma classe branca trabalhadora, também considerada pelo termo ‘*economic have nots*’

(INGLEHART; NORRIS, 2016), habitante de regiões do Reino Unido deixadas para trás no processo de globalização, ou seja, regiões que se concentrariam no norte da Inglaterra. Por isso, é importante entender como esse pensamento se constitui e por que continua, ainda assim, tendo bastante espaço e relevância dentro da literatura.

Colantone e Stanig (2018, p. 201) defendem que o principal fator para o resultado do Brexit foram os efeitos da globalização. “O efeito é impulsionado pela deslocação determinada pela globalização, na ausência de uma compensação efetiva dos seus perdedores”<sup>16</sup>. A robotização, o aumento da competitividade no mercado de trabalho, a migração de indústrias nacionais britânicas para países onde a mão de obra era mais barata e as leis trabalhistas mais flexíveis que deixaram essa classe trabalhadora branca desempregada ou com trabalhos precários teriam motivado a reação contrária dos ‘deixados para trás’, dos perdedores, às forças globalizantes.

Seguindo a mesma perspectiva, Pettifor (2016, p. 127) argumenta que

o voto 'Brexit' é apenas a mais recente manifestação de insatisfação popular com o ideal utópico de mercados autónomos fora do alcance da democracia reguladora. O Brexit representou o esforço coletivo, (em minha opinião) muitas vezes mal orientado, daqueles "deixados para trás" no Reino Unido para se protegerem da natureza predatória do fundamentalismo do mercado<sup>17</sup>.

Nesse argumento, as consequências desestabilizadoras de décadas de crises econômicas e da agenda da globalização desencadearam movimentos nacionalistas e protecionistas compensatórios, que seria o caso a decisão do Brexit. Logo, o resultado do Brexit representa uma insatisfação popular, uma forma de autoproteção social contra os mercados que se autorregulam no comércio e trabalho, uma reação à visão política que defende que os livres

<sup>16</sup> No original, “[w]e claim that the effect is driven by the displacement determined by globalization in the absence of effective compensation of its losers” (COLANTONE; STANIG, 2018, p. 201).

<sup>17</sup> No original, “the ‘Brexit’ vote is but the latest manifestation of popular dissatisfaction with the utopian ideal of autonomous markets beyond the reach of regulatory democracy. Brexit represented the collective, if (to my mind) often misguided, efforts of those ‘left behind’ in Britain to protect themselves from the predatory nature of market fundamentalism” (PETTIFOR, 2016, p. 127).

mercados trariam mais prosperidade e equidade e resolveriam todos os problemas que afetam a sociedade.

Coyle (2016) segue o mesmo raciocínio ao argumentar que o resultado do Brexit é um caso ilustrativo de que o voto *Leave* foi menos um voto especificamente contrário à UE e mais uma reação contrária aos impactos das forças globalizantes, uma vez que

[a]s proporções de votos a favor do *Leave* foram mais elevadas nas *Midlands* – ou Terras Médias – e ao Norte de Inglaterra, onde a desindustrialização foi mais forte e onde a renda média ficou estagnada. Londres, a única cidade verdadeiramente global do Reino Unido, registou um crescimento e uma elevada percentagem de eleitores do *Remain*<sup>18</sup> (COYLE, 2016, p. 23).

Nesse cenário, a globalização acentuou desigualdades econômicas entre as regiões geográficas do Reino Unido e as classes sociais. A vitória do voto *Leave* representou, pois, a frustração de milhões de britânicos com a sua falta de agência em se tratando do padrão de vida e das possibilidades futuras de melhor a sua condição. “A maioria das famílias no Reino Unido não viu crescimento real da renda desde pelo menos 2005 com pessoas jovens e menos escolarizadas não tendo esperança de estar em melhor condição do que seus pais”<sup>19</sup> (COYLE, 2016, p.23); concomitantemente, a precarização das condições de trabalho se manifestou no alto desemprego dos jovens e nos contratos de zero hora por exemplo.

O voto *Leave* demonstraria a falha da política econômica britânica nos últimos anos, que aumentou a concentração de renda na região metropolitana Londres enquanto outras áreas do Reino Unido tornaram-se gradativamente mais empobrecida, sofrendo mais com as medidas de austeridades adotadas durante as crises econômicas e a desindustrialização desde a década da década de 1980, que pressionou principalmente os mais pobres e os menos escolarizados.

---

<sup>18</sup> No original, “[t]he proportions voting for Leave were higher in the Midlands and North of England, where deindustrialization struck hardest and where average incomes have stagnated. London, the UK’s only truly global city, saw growth and a high share of Remain voters” (COYLE, 2016, p. 23.).

<sup>19</sup> No original, “[a] majority of households in these countries have seen no real income growth since at least 2005, with young and less well-educated people having no hope of being better off than their parents” (COYLE, 2016, p. 23).

Percebe-se, de acordo com Coyle (2016), que a globalização, em se tratando de progresso e desenvolvimento, beneficia somente as cidades globais que, no caso do Reino Unido, é apenas Londres, o que acaba refletindo no perfil do voto diferença do voto: na região de Londres “a maioria votou *Remain*”<sup>20</sup>; em contrapartida, “[e]m cidades menores, cidades satélites e áreas rurais, a maioria votou *Leave*”<sup>21</sup> (COYLE, 2016, p. 25). Contudo, quando observamos os gráficos acima (Figuras 1 e 2), o pensamento de Coyle (2016) se mostra, na prática, restrito ao cenário da Inglaterra e do País de Gales, visto que na Escócia e na Irlanda do Norte houve preferência pelo voto *Remain*. Logo, o fator da globalização e, conseqüentemente, da concentração de renda e investimentos financeiros estrangeiros em Londres é insuficiente, sozinho, para explicar a vitória voto *Leave*.

Similarmente, Goodwin e Heath (2016b) alegam que a condição de possibilidade do Brexit foi a pobreza, a falta de oportunidade nos mercados de trabalho e o baixo nível de escolaridade da classe trabalhadora branca. Acrescentam que, ressentida, a classe trabalhadora dessas cidades pós-industriais teria votado no *Leave* por conta do descontentamento com o *establishment* – a ordem política estabelecida – e, desse modo, com a elite política tradicional, pela qual a classe trabalhadora não se sentia representada no Parlamento na capital (GOODWIN; HEATH, 2016b). A consolidação do Brexit seria uma demonstração da crise representativa e democrática nas instituições políticas britânicas.

Para Goodwin e Heath (2016b) dois fatores relacionados levaram ao resultado do *Leave*: o aumento do apoio ao UKIP por pessoas menos escolarizadas, ao longo dos anos anteriores ao referendo de 2016, em paralelo com a escalada do euroceticismo na sociedade britânica. O resultado do Brexit, então, “ampliou as divisões de classe dentro do Reino Unido, que já eram evidentes em anos anteriores e que foram cultivadas ativamente por partidos como o UKIP”<sup>22</sup> (GOODWIN; HEATH, 2016b, p. 330). Nessa visão, o apoio ao

---

<sup>20</sup> No original, “a majority voted Remain”<sup>20</sup>(COYLE, 2016, p. 25).

<sup>21</sup> No original, “[i]n smaller cities, satellite towns and rural areas, a majority voted *Leave*”<sup>21</sup>(COYLE, 2016, p. 25).

<sup>22</sup> No original, “the 2016 referendum result magnified class divisions within Britain that were already evident in earlier years, and which parties like UKIP had been actively cultivating” (GOODWIN; HEATH, 2016b, p. 330).

partido de extrema-direita foi mais significativo nas áreas geográficas que apoiaram mais significativamente o Brexit, os *'left out places'*.

Goodwin e Heath (2016a) destacam, ainda, os três fatores mais relevantes para a preferência pelo voto *Leave*. Em primeiro lugar, a baixa renda e a pobreza. Como já discuti acima, faz parte do argumento de que o apoio ao *Leave* é maior entre os grupos mais marginalizados na sociedade britânica e no mercado de trabalho. Em seguida, o grau de escolaridade da população seria inversamente proporcional ao apoio ao Brexit; em outras palavras, quanto menor o nível de escolaridade maior a tendência de apoiar o voto *Leave*. Por fim, o lugar onde as pessoas vivem importa para o apoio Brexit porque os deixados para trás “encaram um golpe duplo”<sup>23</sup>. Se por um lado, “são marginalizados devido à sua falta de competências e qualificações educacionais”; por outro, “essa desvantagem está então a ser enraizada pela falta de oportunidades dentro das suas áreas locais, o que os impede de ultrapassarem a sua própria desvantagem” (GOODWIN; HEATH, 2016a, n.p.)<sup>24</sup>.

Com base nisso, considero quatro pontos importantes da análise de Goodwin e Heath (2016a, 2016b). Primeiro, o reconhecimento de que a tese do *left behind* é incapaz de elucidar todo o Brexit embora, para Goodwin e Heath (2016b, p. 331), seja a explicação fundamental.

Segundo, o reconhecimento de que o voto *Leave* teve mais apoio entre a parcela branca da população do Reino Unido; “lugares com grandes populações não brancas tendem a ser um pouco menos propensos a votar *Leave* [...]. Dos vinte lugares com a maior população não branca, dezessete estavam em Londres, e quinze votaram *Remain*”<sup>25</sup> (GOODWIN; HEATH, 2016b, p. 329). Não obstante tal constatação, Goodwin e Heath (2016b) não abordam essa questão com diligência nem nos oferecem uma explicação, tratam como se fosse autoevidente essa relação. Em suma, eles acabam apontando que o apoio ao voto *Leave* foi maior entre brancos da classe trabalhadora, mas, ao mesmo tempo, negligenciam

<sup>23</sup> No original “those who were the most likely to support Brexit face a ‘double whammy’” (GOODWIN; HEATH, 2016a, n.p.).

<sup>24</sup> No original, “[w]hile they are being marginalised because of their lack of skills and educational qualifications this disadvantage is then being entrenched by a lack of opportunities within their local areas to get ahead and overcome their own disadvantage” (GOODWIN; HEATH, 2016a, n.p.).

<sup>25</sup> No original, “[p]laces with large nonwhite populations tended to be somewhat less likely to vote *Leave* [...]. Of the twenty places with the largest non-white population, seventeen were in London, and fifteen voted to *Remain*” (GOODWIN; HEATH, 2016, p. 329).

o fato de que minorias étnicas não votaram *Leave* em números significativos apesar de elas mesmas constituírem uma grande proporção da classe trabalhadora (BHAMBRA, 2017). Retomo essa crítica na próxima seção.

Terceiro, a identificação de que houve uma tendência entre os cidadãos e áreas do Reino Unido que mais apoiavam o UKIP e um maior comparecimento às urnas no dia do referendo, 23 de junho de 2016. Por fim, a observação de que a chegada cada vez maior de imigrantes e o apelo de figuras políticas, como Nigel Farage do UKIP na época, tiveram grande influência para a decisão do Brexit, principalmente por terem sido fatores que motivaram a parcela da população contrária à imigração e à permanência do Reino Unido na UE a ir às urnas.

Em paralelo, Clarke, Goodwin e Whitley (2017, p. 173) defendem, baseado em dados coletados no período de 12 anos anteriores ao referendo, que o UKIP soube aproveitar-se da falta de confiança no modo como os partidos tradicionais tinham lidado com a economia e a imigração. Além disso, o papel da campanha do UKIP e do Nigel Farage influenciou os eleitores no tocante à percepção dos riscos econômicos do Brexit.

A análise de Clarke, Goodwin e Whitley (2017, p. 173) sugere, em geral, que fortes sentimentos dos "deixados para trás" foram associados a poucas preocupações no que diz respeito aos riscos econômicos de sair da UE, uma vez que as pessoas 'deixadas para trás', por se encontrarem em uma situação socioeconômica tão negativa, sentiam, possivelmente, que não tinham mais nada a perder. Isso explica, em parte, o apoio ao voto *Leave* – porque essas pessoas já não se viam representados pelos políticos tradicionais que não cumpriam as promessas de recuperar a situação socioeconômica das suas regiões: “os sentimentos de ser economicamente marginalizado ou ser “deixado para trás” também foram importantes, trabalhando indiretamente para minimizar a probabilidade de que as pessoas vissem o Brexit como um risco”<sup>26</sup> (*ibidem*, p. 173).

Aqui percebemos que os autores nos dão indícios de que as emoções tiveram influência na decisão do Brexit, desde a campanha. Entretanto, eles não indicam quais emoções teriam sido mais relevantes, não nos mostram de que

---

<sup>26</sup> No original, “[f]eelings of being economically marginalized or ‘left behind’ were also important, working indirectly to minimize the likelihood that people would see Brexit as a risk” (CLARKE, GOODWIN; WHITLEY, 2017, p. 173).

modo essas emoções foram importantes nem como foram mobilizadas nem a identificação de segmentos da população com essas emoções. É possível que um motivo dessa limitação seja o método quantitativo escolhido pelos autores, que, baseado em estatísticas e na correlação das variáveis do voto, não consegue compreender o apelo afetivo presente no Brexit, ou melhor, nos discursos do Brexit.

De modo geral, a vitória do voto *Leave* mostra-se, por um lado, como um descontentamento com a agenda política desde a década de 1980 marcada pela progressiva e ligeira *marketização* da economia, robotização dos setores de produção nas fábricas, substituindo a mão de obra pouco qualificada, da integração regional, da alta fluidez e mobilidade de capital, de pessoas e serviços a nível internacional. É uma fratura no consenso neoliberal enquanto pensamento hegemônico na sociedade ocidental contemporânea (NAGEL, 2018). Por outro lado, a vitória do *Leave* pretende passar a mensagem internacional de que o Reino Unido é mais poderoso que a Europa continental, sem que precise dela para a sua suficiência e sugere, subjacentemente, que ele não precisa das políticas de Bruxelas para aumentar o crescimento e progresso nacionais (INGLEHART; NORRIS, 2016).

Resumidamente, vimos, ao longo desta seção, que na literatura preocupada em explicar as condições de possibilidade do Brexit e, logo, a preferência pelo voto *Leave*, o referendo do Brexit tem sido comumente retratado como uma reação à globalização, ao *establishment* e à forma tradicional de se fazer política. Ademais, essa perspectiva, que se tornou dominante na literatura, defende que os eleitores favoráveis à saída eram segmentos (brancos) marginalizados da população britânica em termos de poder econômico, formação educacional e qualificação profissional (GOODWIN; HEATH, 2016b) – os chamados ‘deixados para trás’, mencionados também como os ‘*economic have nots*’ (HOBOLT, 2016; INGLEHART; NORRIS, 2016). Nessa perspectiva, o referendo teria sido uma maneira de desanuviar insatisfações e descontentamentos coletivos contra a UE e a globalização, responsável por criar os “deixados para trás” como consequência dos processos de automatização, do “choque induzido pela globalização” para os setores transformadores, dividindo a sociedade do Reino Unido entre ‘perdedores’, os que apoiaram o voto *Leave*, e ‘ganhadores’, os que apoiaram o voto *Remain* (COLANTONE; STANIG, 2018). Em suma, foram principalmente

as consequências econômicas cumulativas dessas políticas que tornaram possível o Brexit (MCKENZIE, 2017).

Ao analisar a perspectiva dominante, observamos que alguns problemas foram negligenciados, o que acabou por reproduzir uma perspectiva demasiadamente simplificada das condições de possibilidade do Brexit. Para citar, por ora, alguns desses problemas, a perspectiva dominante não nos responde o que quer dizer ‘sentir-se deixado para trás’ no Reino Unido nem quais conceitos e emoções são mobilizados para construir essa percepção particular? Além disso, esse processo de identificar-se como ‘deixado para trás’ se desenrola de modo unívoco para todos que fazem parte da classe trabalhadora? Tendo em mente essas perguntas, continuo, na próxima seção, o percurso pela literatura com o intento de trazer perspectivas críticas à visão dominante do ‘*left behind*’, que lançam novos olhares para o Brexit.

#### 2.4.

#### **Sentindo o ‘Complexo Brexit’: classe, raça e afetos**

Até agora eu tratei de construir a visão dominante sobre as condições de possibilidade do Brexit. Ao apontar alguns problemas que essa visão não se preocupa em abordar, tivemos indícios de que essa perspectiva se restringe a fatores econômicos de insatisfação com a globalização. Por isso, pretendo, ao longo das próximas páginas, tornar esse cenário mais complexo, trazendo visões críticas e contrárias à perspectiva dominante, que salientam outras nuances até então negligenciadas ou parcamente abordadas, como raça e afetos.

Ao identificar essas limitações, observo, primeiramente, o problema da homogeneização, isto é, de tratar sujeitos ou grupos sociais como monolíticos. Ao traçar uma distinção do resultado do Brexit entre ‘perdedores’, todos que votaram *Leave*, e ‘vencedores’, todos que votaram *Remain* (COLANTONE; STANIG, 2018). Se nos basearmos nessa lógica, as minorias étnicas e os imigrantes, que compõem a classe trabalhadora e vivem tanto nas regiões vistas como deixadas para trás quanto em áreas menos valorizadas da cidade de Londres, são vistos como parte dos ‘vencedores’ da globalização, já que votaram em permanecer na UE. No entanto, esses foram os grupos que mais sofreram com os impactos das

políticas de austeridade no Reino Unido, com base no estudo da Fundação Joseph Rowntree em 2015:

a maior parte dos grupos étnicos teve piores resultados durante a recessão devido a um maior número de não emprego, menos horas trabalhadas, menores rendimentos do mercado de trabalho, menores taxas de trabalho autônomo, menores rendimentos do trabalho autônomo, menores rendimentos de investimento e maiores custos de habitação <sup>27</sup> (FISHER; NANDI, 2015, n.p.).

Em Goodwin e Heath (2016b) percebemos que esse problema também se reproduz. Ao tratar a classe branca trabalhadora como homogênea, nos deixa com a impressão de que o seu ressentimento, a sua insatisfação e a sua resposta à globalização e ao *establishment* ocorreu de forma unificada. Em suma, é um rótulo que apazigua conflitos internos e complexos, e por vezes opostos, dentre desses grandes grupos, que na prática são mais heterogêneos do que o modo como são retratados por essa parte da literatura.

Um segundo problema da perspectiva dominante é a preponderância da classe enquanto categoria analítica na literatura sobre o Brexit. Ainda que essa perspectiva identifique a influência de outros fatores no resultado do Brexit, a questão da classe acaba sendo bem mais marcante em detrimento de outros fatores dentro das análises dominantes (COLANTONE; STANIG, 2018; MCKENZIE, 2017). Em paralelo, predomina a noção da classe trabalhadora como principal responsável pelo Brexit por sempre mais pobre, menos escolarizada e menos qualificada. No entanto, se pobreza, baixa escolaridade e falta de qualificação profissional foram alegadamente fatores fundamentais, como explicar, então, a ressonância do voto *Leave* nas classes médias residentes do sul da Inglaterra que, conforme vimos nas figuras da seção anterior, foram decisivas para a vitória do voto *Leave*?

Similarmente, um terceiro problema é que a perspectiva dominante oferece à classe trabalhadora um protagonismo exacerbado na tomada de decisões

---

<sup>27</sup> No original, “most ethnic groups fared worse during the recession because of higher non-employment, fewer hours worked, lower labour-market earnings, lower self-employment rates, lower self-employment earnings, lower investment income and higher housing costs” (FISHER; NANDI, 2015, n.p.).

políticas no Reino Unido quando, na verdade, historicamente essa classe contou com pouca autonomia em decisões políticas, e foi por vezes instrumentalizada por membros da elite política conforme defende Shilliam (2018, p. 6). Portanto, passam incólumes à crítica, na perspectiva dominante, a atuação e a responsabilidade da classe média e da elite política na articulação do Brexit.

Um quarto problema, que se coaduna com aquele da homogeneização, refere-se à racialização da classe trabalhadora como branca. Ao construir a classe trabalhadora como branca, negligencia-se a presença de minorias étnicas, de imigrantes, dos sujeitos que não se enquadram nas características da branquitude e também dos trabalhadores brancos que preferiram o voto *Remain*. De acordo com Bhambra (2017, p. S216), a categoria dos ‘deixados para trás’, entendidas em termos de desvantagem socioeconômica, comporta proporções significativas da população negra e minorias étnicas, apesar de ignoradas na perspectiva dominante; “ademais, essas populações são mais suscetíveis a sofrer os efeitos de austeridade e a ter piores resultados na saúde, educação e emprego do que as populações brancas”<sup>28</sup>.

Sendo assim, por que mesmo com esses dados a perspectiva dominante continua responsabilizando a classe trabalhadora branca pela vitória do voto *Leave*? Ao levantar esse questionamento, não quero dizer que muitas pessoas da classe trabalhadora branca não votaram *Leave*; todavia, o que proponho é apontar a importância de abordar outros segmentos da população que, em argumentos mais plausíveis, teriam contribuído para o resultado do referendo e que, não obstante, se encontra ausente nas análises dominantes do Brexit.

Com isso, identifico que há outros fatores relevantes que elucidam a condição de possibilidade do Brexit e que foram negligenciados pela perspectiva dominante. Para citar alguns, o papel da elite econômica, da elite política e da mídia que, para Campos (2016, p. 35) são “os principais culpados pelo Brexit”<sup>29</sup> e a articulação da categoria ‘classe branca trabalhadora’ enquanto um instrumento de dominação da elite política ao longo da história do Reino Unido (SHILLIAM, 2018, p. 6).

---

<sup>28</sup> No original, “[a]dditionally, these populations are more likely to suffer the effects of austerity and to have worse outcomes in health, education, and employment than white populations (BHAMBRA, 2017, p. S216).

<sup>29</sup> No original, “[t]he three main culprits for Brexit, in my opinion, are political elites, economic elites, and the media” (CAMPOS, 2016, p. 36).

Um quinto problema refere-se à falta de maior atenção aos atravessamentos emocionais presentes no discurso do Brexit, dos fatores que conduziram emocionalmente segmentos da população a defenderem a saída da UE. Hobolt (2016, p. 1260) descreve o perfil do eleitor do voto *Leave* como ‘deixado para trás’ que tem raiva da globalização e dos políticos tradicionais; o mesmo tempo, Mckenzie (2017) diz que o Brexit foi a expressão do descontentamento e da raiva da classe trabalhadora branca que se sentia politicamente invisível e viram no voto *Leave* uma tentativa de mudança para a sua condição. Nessa lógica, emoções como ressentimento, insatisfação e raiva são todas como autoevidente sem que haja uma análise mais conscienciosa que demonstre a influência dessas emoções e quais os significados atribuídos a cada uma delas. Além disso, a dimensão racializada dos discursos atrelada ao poder emocional que os discursos tiveram em canalizar coletivamente emoções – como medo, amor, ódio –, é, por vezes, pouco explorada (STEPHENS, 2019) assim como o papel das imagens e símbolos nacionais e o papel da nação como objeto de identificação priorizado através dos discursos de apoio ao Brexit (MANDELBAUM, 2021, 2020).

Pontuadas as limitações da perspectiva dominante, proponho pensar a partir desses silêncios com o intento de identificar mais fatores que tornaram possível a vitória do voto *Leave* e, assim, analisar a atmosfera afetiva conturbada do que chamo de ‘Complexo Brexit’.

Criticando a visão dominante de que o Brexit foi a resposta unificada da classe trabalhadora descontente, Antonucci et al. (2017, p. 225) demonstram que o perfil do eleitorado do Brexit é bem mais heterogêneo do que o retratado na visão dominante e inclui eleitores com alta escolaridade e com empregos de ‘classe média’. Nesse sentido, o voto *Leave* resultou menos daqueles que foram ‘deixados para trás’ em termos de escolaridade, capacidade profissional e renda, e estaria mais associado aos níveis intermediários de educação, em particular se há a presença de uma posição econômica em declínio.

Antonucci et al. (2017) defendem que o voto *Leave* veio com mais força de uma classe intermediária, a qual representa uma importante parcela da população britânica que não tem sido muito abordada pela literatura e que comporta aqueles cidadãos que costumavam ocupar, outrora, um status mais elevado que a classe trabalhadora e que conquistaram uma renda maior ao longo

dos anos no Reino Unido, mas que, após décadas de políticas econômicas neoliberais de austeridade, assistiram ao declínio do seu poder de compra e do seu status na sociedade. Ainda, Antonucci et al. (2017, p. 212, grifo nosso) argumentam “que o Brexit é mais bem explicado como o mal-estar social das classes intermédias, que vivenciaram uma situação financeira em declínio nos últimos anos – chamadas ‘*squeezed middle*’”<sup>30</sup>.

Em vez de representar os ‘deixados para trás’, o Brexit foi a voz desta classe intermédia “espremida” que se encontra numa posição financeira em declínio. Se por um lado Antonucci et al. (2017, p. 225) não encontraram associação entre o voto *Leave* e a autoidentificação com a classe trabalhadora; por outro, apontaram uma associação entre o voto *Leave* e a identificação com a classe média.

O argumento de que ‘*the squeezed middle*’ foi mais expressiva para a vitória do voto *Leave* no referendo contribuiu, de fato, para iluminar novas questões referentes ao modo como as políticas de desigualdade influenciaram o voto, uma vez que revela que o Brexit é a manifestação de um mal-estar social amplamente sentido, que afeta diferentes segmentos da população do Reino Unido (ANTONUCCI ET AL., 2017, p. 225).

Ao defender que o voto *Leave* não foi, proporcionalmente, mais popular entre os menos qualificados, mas, pelo contrário, entre os indivíduos com níveis intermediários e altos de escolaridade (ANTONUCCI ET AL., 2017), essa visão apresenta-se como uma crítica e uma alternativa à tese dominante do ‘*left behind*’ de Goodwin e Heath (2016b), Pettifor (2016), Coyle (2016). Entretanto, a tese de Antonucci et al. (2017) continua restrita à categoria analítica de classe(s) e apresenta, pelo menos, três pontos problemáticos.

Primeiro, assim como observamos na tese de Goodwin e Heath (2016b) sobre o voto *Leave*, esse argumento negligencia as imbricações de classe e raça. Segundo, negligencia-se a ressonância ou o poder afetivo e emocional que os discursos em favor do Brexit tiveram em determinados segmentos da população.

Terceiro, de acordo com Norris e Inglehart (2019, p. 370), esse argumento dificulta a compreensão da influência de fatores para além de somente

---

<sup>30</sup> No original, “we argue that Brexit is best explained as the social malaise of intermediate classes, which have experienced a declining financial position in the last years – the so called ‘*squeezed middle*’” (ANTONUCCI ET AL., 2017, p.212).

econômicos no voto do Brexit, como a atuação de fatores culturais, por exemplo, a crescente insatisfação com a classe política tradicional em Westminster, a questão da ansiedade em torno do fluxo de imigrantes e da crise dos refugiados na UE. O argumento dificulta também o entendimento acerca da maneira que fatores econômicos e culturais, se associam, uma vez que as perdas materiais e “a privação econômica catalisaram o ressentimento em torno dos imigrantes e a rejeição das fronteiras abertas”<sup>31</sup> (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 370).

Por isso, ao desenvolver a tese sobre as condições de possibilidade do Brexit apenas nos termos da desigualdade (*inequality*), o alcance da análise limita-se a entender diferenças materiais de classe e renda; destarte, ela não comporta a noção de *discrimination*, em que muitas vezes a questão da raça é pensada (SHILLIAM, 2018). Percebe-se, pois, a dificuldade dessa tese em compreender as desigualdades racializadas no Brexit, uma vez que não aborda como a questão do declínio social e financeiro dessa classe média empobrecida está, também, relacionada ao fato de essa classe aproximar-se da condição socioeconômica de muitas camadas historicamente racializadas como negras, imigrantes, pobres não merecedores (SHILLIAM, 2018).

Em suma, a perspectiva crítica desenvolvida por Antonucci et al. (2017) negligencia a questão racial nas diferenças de classe e, logo, a imbricação entre classe e raça. Se por um lado Antonucci et al. (2017) logram em analisar cuidadosamente a questão de conflitos e desigualdades de classes no Brexit; por outro lado, são limitados para abordar raça como categoria analítica no Brexit e evidenciar as imbricações entre raça e classe que são articuladas pelo discurso que apoia o voto Leave.

Desse modo, uma investigação sobre o Brexit que aborde raça enquanto categoria analítica precisa dialogar nos termos tanto da desigualdade como da discriminação e nas imbricações desses conceitos. Identificada essa lacuna Shilliam (2018) e Bhabra (2017) contribuem para o enriquecimento da literatura em questão a partir de uma abordagem historicista das condições de possibilidade do Brexit através do prisma da raça para compreender a formação das classes ao longo dos séculos no Reino Unido.

---

<sup>31</sup> No texto original: “[E]conomic deprivation catalyzed resentment about immigrants and the rejection of open borders” (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 370).

Shilliam (2018) busca, no seu livro “*Race and the Underserving Poor*”, compreender a ascensão da categoria da ‘classe trabalhadora branca’ articulada pelas elites políticas ao longo da história do Reino Unido. Shilliam (2018) coloca o debate sobre a ‘classe trabalhadora branca’ dentro do contexto histórico mais amplo do Império Britânico e traça uma genealogia da racialização dos trabalhadores, divididos entre ‘merecedores ou dignos’ (*deserving poor*) e ‘não merecedores ou indignos’ (*undeserving poor*).

Ao localizar o debate em torno da classe branca trabalhadora do Brexit em um contexto mais amplo da história do Império Britânico, Shilliam (2018) pretende desenvolver uma compreensão particular da classe que é, também e sempre, uma compreensão da raça, ou seja, “uma lógica da classe como raça”<sup>32</sup>. Uma ligeira digressão sobre a história do Reino Unido e a ascensão, queda e o retorno da ‘classe trabalhadora branca’ se faz aqui necessária para a fim de que compreendamos a crítica de Shilliam (2018).

A distinção entre pobres merecedores e não merecedores formaliza-se com o advento das *Poor Laws*<sup>33</sup> (Leis dos Pobres), a qual perdurou até o século XX, e que é um fator importante para compreender a emergência de estruturas de classe, das condições de trabalho e do Estado de Bem-estar Social no Reino Unido. Além das *Poor Laws*, a escravidão e abolição desse sistema no Caribe durante os anos de colonização foram importantes para estruturar a divisão entre pobres dignos e indignos porque introduzem a noção de ‘*blackening*’ e de racialização na formação da sociedade britânica.

Ao mobilizar o conceito de ‘*blackening*’, Shilliam (2018, p. 10-13) argumenta que as características atribuídas aos pobres indignos das *Poor Laws* são as que também passaram a ser atribuídas às populações escravizadas no âmbito dos discursos abolicionistas: dependência, “ociosidade, licenciosidade e

<sup>32</sup> No original, “it is the logic of class as race” (SHILLIAM, 2018, p. 163).

<sup>33</sup> A ‘Lei dos Pobres’ foi um sistema compulsório de assistência aos pobres instituído na Inglaterra, na Idade Média, durante o reinado de Elizabeth I. Embora o papel desempenhado pela assistência aos pobres tenha sido significativamente modificado por documentos posteriores como o *Poor Law Amendment Act* de 1834 e a adoção de vários programas de seguro social no início do século XX, a Lei dos Pobres continuou a ajudar os pobres até que foi substituída pelo estado de bem-estar em 1948. Por quase três séculos, a Lei dos Pobres constituiu um espécie de Estado de Bem-estar em miniatura, assistindo idosos, viúvas, crianças, doentes, deficientes e desempregados e subempregados (EH.NET Encyclopedia, 2010). Para mais informações a respeito dessa Lei e de suas mudanças ao longo da história do Reino Unido, consultar: <https://web.archive.org/web/20100105105148/http://eh.net/encyclopedia/article/boyer.poor.laws.england>. Acesso em 08 set. 2022.

má educação parental”<sup>34</sup>. Em contrapartida, os pobres merecedores reuniam características positivas e valorizadas dentro das hierarquias patriarcais e paternalistas: liberdade, diligência e laços à terra que assegurariam a reprodução do *English genus*. A noção de ‘*English genus*’ estaria, basicamente, ligada à construção dominante nacionalista de ‘*Englishness*’, ou seja, o conjunto de hábitos, crenças, comportamentos, características que retratam em conjunto a imagem do cidadão britânico ideal e por excelência, o qual faz parte do povo “verdadeiro” ou originário, ou melhor, da imagem dominante de povo britânico (SHILLIAM, 2018, p. 149-50).

Por conseguinte, os pobres indignos, ao serem associados a características vistas como perniciosas, eram cada vez mais “enegrecidos” (*blackened*) e entendidos nem como brancos nem como ingleses, sendo, pois, uma ameaça à ordem social, o que aqui se refere tanto à nação como ao Império Britânico. As vicissitudes do discurso moralizante dos dignos e indignos salientam as complexidades da relação entre classe e raça, ou melhor, classe como raça. Além disso, demonstra que há deslizamentos nos discursos percebidos nos processos de racialização e de *blackening* (enegrecimento); logo, as categorias de raça não são fixas.

Para Shilliam (2018, p. 4), a racialização diz respeito “à maneira pela qual atributos e hierarquias racistas vêm determinar o significado cotidiano e a valorização do senso comum de uma entidade ou fenômeno”<sup>35</sup>. Em paralelo, a branquitude atua como práticas discursivas e normas ubíquas que regem as relações sociais, marcam corpos e constituem identidades. Não é uma categoria estática, mas processos dinâmicos que permitem deslocamentos discursivos que fazem os sujeitos serem classificados em vários níveis de raças e características que estabelecem a branquitude como nível superior e dominante.

Há, ainda, a presença de ‘nuances de branquitude’ (“*shades of whiteness*”) (BOTTERILL; BURRELL, 2018, p. 21) através das quais os aspectos relacionados à identidade do sujeito garante que alguns grupos sejam considerados mais brancos que outros. Por exemplo, “representados através de práticas discursivas na mídia, na política, na opinião pública, muitos grupos de

<sup>34</sup> No original, “idleness, licentiousness, poor parenting” (SHILLIAM, 2018, p. 11).

<sup>35</sup> No original, “the way in which racist attributes and hierarchies come to determine the everyday meaning and common sense valuation of an entity or phenomenon” (SHILLIAM, 2018, p. 4).

imigrantes na Europa contemporânea são colocados como ‘não tão brancos’<sup>36</sup> (BOTTERILL; BURRELL, 2018, p. 21) ou como não brancos o suficiente.

Em Shilliam (2018), vemos que isso também ocorre quando ele defende que as características que compõem os ‘merecedores’ são vistas como brancas e as que compõem os ‘não merecedores’ são vistas como negras. Por isso, um trabalhador branco não merecedor por ter características supostamente ligadas ao ócio, à dependência, à anarquia vai passar por um processo de enegrecimento. Esse fenômeno evidencia como existem flexibilidade e deslocamento nessas classificações raciais, que se desenrolam por meio das práticas discursivas.

Na segunda metade do século XIX, após a abolição da escravatura, “sob ostensiva evidência de que os negros livres não podiam abandonar a sua essência escrava, a família anglo-saxã separou-se de uma aglomeração de subalternos coloniais não brancos”<sup>37</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 55). Muitos pobres ingleses, brancos vistos como merecedores, foram, na mesma época, nessa “família”, tendo mais importância política e social e acesso a melhores condições de trabalho.

Na época vitoriana, a eugenia surgiu como uma ciência que respaldava as distinções entre merecedores e não merecedores, já que, ao colocar que as características raciais brancas eram mais evoluídas, respaldou as distinções raciais entre os anglo-saxões britânicos e aqueles que vinham das colônias do Caribe; essas distinções que ditavam quem tinha acesso a formas de segurança social. Isso, também, contribuiu para melhorar a condição dos ingleses brancos pobres não merecedores que eram frequentemente racializados como negros, uma espécie de “resíduo”<sup>38</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 55).

Shilliam (2018, p. 55) nos lembra de que esse ‘resíduo vitoriano’ vai perdurar até o estabelecimento do Estado de Bem-estar social, quando o *National Assistance Act* de 1948 revogou formalmente as *Poor Laws* e pôs fim às distinções moralizantes entre os pobres merecedores e os pobres não merecedores de segurança e assistência social. No entanto, o Estado de Bem-estar social

<sup>36</sup> No original, “many immigrant groups in Europe are positioned as ‘not quite white’ through a range of discursive practices in public, media and politics” (BOTTERILL; BURRELL, 2018, p. 21).

<sup>37</sup> No original, “under the professed weight of evidence that free Blacks could not cast off their slave essence, the Anglo- Saxon family separated itself from an agglomeration of non- white colonial subalterns” (SHILLIAM, 2018, p. 55).

<sup>38</sup> No original, “*residuum*” (SHILLIAM, 2018, p. 55). O resíduo não era uma população vinda das colônias, mas se filiava à família anglo-saxônica, mas de modo negativa, visto como degenerativo das qualidades do povo branco britânico.

“também foi concebido em relação ao império e em distinção com o desenvolvimento colonial”<sup>39</sup> e, na prática, essas distinções prevaleceram na estruturação das condições de trabalho durante todo o compacto nacional.

A partir de 1948, a provisão universal – teoricamente – de bem-estar fazia parte de um compacto nacional entre o Estado, o empresariado e o mercado do trabalho. Shilliam (2018, p. 82) defende que “esse compacto não era simplesmente nacional, mas racializado como tal”<sup>40</sup>, o que contribuiu para formar a classe trabalhadora branca do Brexit. Durante esse período, o Reino Unido assistiu a uma grande imigração da população negra e asiática vinda das ex-colônias que formaram a *Commonwealth* como esforço de reaquecer o desenvolvimento do país após a Segunda Guerra.

A chegada dessa leva de imigrantes tornou-se, porém, um problema porque eles eram associados a características de pobres não merecedores, causadores de desordem, insegurança e anarquia. Sem acesso às mesmas condições de bem-estar social, que teoricamente seriam universais, essa população vai amiúde sendo marginalizada no mercado de trabalho, sendo subjugadas a precárias condições de emprego e salário para garantir a sua subsistência. Diante disso, Shilliam (2018, p. 81-2) defende que as políticas de classe foram racializadas na sociedade britânica mesmo durante o período do Estado de Bem-estar social.

A distinção entre merecedores e não merecedores tornou-se reconstituída principalmente como uma barra de cores informal que percorreu toda a sociedade, especialmente através do trabalho e do bem-estar. Foi essa barra informal que possibilitou materialmente que a "classe trabalhadora branca" ganhasse força como eleitorado<sup>41</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 92).

Na prática, o relativo privilégio do trabalho branco tinha sido estabelecido por intermédio de ‘barreiras informais de cor’, que muitas vezes operavam no

<sup>39</sup> No original, “It [the welfare state], too, was conceived in relation to empire and in distinction to colonial development” (SHILLIAM, 2018, p. 55).

<sup>40</sup> No original, “this compact was not simply national but racialized as such” (SHILLIAM, 2018, p. 82).

<sup>41</sup> No original, “The deserving/ undeserving distinction became reconstituted principally as an informal colour bar that ran the length of society, and especially through work and welfare. It was this informal bar that materially enabled the “white working class” to gain traction as a constituency” (SHILLIAM, 2018, p. 92).

mercado de trabalho e no bem-estar por meio da discriminação na concessão de habitação, uma vez que a população de recém-imigrantes das ex-colônias era vista como menos cuidadosa para manter as moradias. Isso garantiu, pois, a exclusão dos negros e asiáticos de certas profissões e benefícios, aumentando as desigualdades sociais entre os grupos.

De acordo com Shilliam (2018, p. 81), as políticas e a retórica de partidos de esquerda (*Labour*), de direita (*Conservative*) e os sindicatos contribuíram novamente para a racialização entre os pobres não merecedores e os pobres merecedores. Os três construíram, juntos, a ‘classe trabalhadora branca’ enquanto um instrumento político e eleitoral viável, que “se definiu não na oposição entre o trabalho inglês emancipado e o seu resíduo, mas sim na oposição entre os brancos merecedores e os imigrantes negros e asiáticos não merecedores da *Commonwealth*”<sup>42</sup>.

A partir de 1979, com a eleição de Margaret Thatcher como primeira-ministra, inicia-se, no Reino Unido, um pacote de medidas políticas neoliberais que desmantelou o compacto nacional da década de 1940, revogou os benefícios do Estado de bem-estar social, diminui a atuação dos sindicatos. Para Thatcher, o compacto nacional era pernicioso para o desenvolvimento do Reino Unido por contribuir para características tidas como indignas ou não merecedoras na população, tornava os cidadãos preguiçosos e ociosos; por outro lado, era o mercado que semeava as características dignas na população, a prudência, a liberdade e a diligência (SHILLIAM, 2018, p. 119).

O processo de desindustrialização no Reino Unido foi acentuado pelas políticas de Thatcher, quem não se preocupava com as condições de trabalho da classe branca trabalhadora. Contudo, como

o compacto beneficiou desproporcionalmente os trabalhadores brancos por meio de suas barras de cores informais, o thatcherismo teve o efeito de introduzir uma trajetória de nivelamento para baixo das condições de trabalho entre trabalhadores racializados como brancos, negros e asiáticos<sup>43</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 119).

<sup>42</sup> No original, “[t]his constituency defined itself not in the opposition between enfranchised English labour and its residuum, but rather in the opposition between deserving whites and undeserving Black and Asian Commonwealth immigrants” (SHILLIAM, 2018, p. 81).

<sup>43</sup> No original, “the compact disproportionately advantaged white male workers through its informal colour bars, Thatcherism had the effect of introducing a downwardly levelling trajectory

Consequentemente, as medidas neoliberais desde a década de 1980 assistiram à emergência de uma ‘*white underclass*’, uma vez que os salários e perspectivas dos trabalhadores brancos foram pressionados para baixo e pioraram gradativamente, assumindo aspectos semelhantes aqueles dos trabalhadores negros e asiáticos. Esse fenômeno contribuiu para que essa ‘*white underclass*’ se sentisse vítima desse processo (SHILLIAM, 2018).

Traçado todo esse percurso histórico, chegamos diretamente ao referendo do Brexit de 2016 e a situação da classe trabalhadora deixada para trás, alegadamente vista como branca e inglesa, quer de modo implícito, quer de modo explícito, que teria votado *Leave* devido aos efeitos negativos da globalização econômica segundo a perspectiva dominante sobre o Brexit. Contudo, as evidências mostram que o apoio de eleitores da classe média foi bem mais significativo para o Brexit (ANTONUCCI ET AL., 2017). Sendo assim, como podemos compreender esse dilema?

Ainda baseado na perspectiva de Shilliam (2018, p. 154), que critica a visão dominante, a resposta é que “a “classe trabalhadora branca” nunca foi um eleitorado autônomo e independente, mas, pelo menos em boa parte, um artefato de dominação política”<sup>44</sup>. Em vez disso, esse eleitorado foi frequentemente (re-)produzido como membros “merecedores” ou dignos da sociedade do Reino Unido que devem ser protegidos pela política anti-imigração como uma estratégia de dominação das elites políticas. O foco aqui é, pois, menos sobre quem a “classe trabalhadora branca” pode realmente ser e o que ela pode pensar sobre a imigração e a UE e mais sobre como classe tem sido articulada no debate político pelas elites.

Além da questão das perdas econômicas, o sentimento de ser ‘deixado para trás’ relaciona-se com a diminuição dos benefícios de que a branquitude outrora dispunha. O sentimento anti-imigração não pode ser considerado somente como uma reação aos efeitos da globalização ou das medidas neoliberais das últimas décadas, como a desindustrialização e a precarização das condições de trabalho,

---

for working conditions between labourers racialized as white, Black and Asian” (SHILLIAM, 2018, p. 119).

<sup>44</sup> No original, “the “white working class” has never been a self- authored constituency but, at least in good part, an artefact of political domination” (SHILLIAM, 2018, p. 154).

mas também como um anelo de reaver os benefícios, garantias e seguranças racializados do passado, como na época do compacto nacional por exemplo.

Por isso, Shilliam (2018, p. 163) defende que aqueles que podem ser considerados parte da “classe trabalhadora branca” teriam votado menos por um interesse trabalhista de classe do que por uma melancolia racializada na tentativa de resgatar os benefícios simbólicos de que essa classe gozava ao terem a sensação de pertencer à branquitude e às suas promessas:

o voto *Leave* não pode ser considerado uma escolha racional feita por uma classe trabalhadora, se por racional queremos dizer uma análise de custo-benefício prospectiva. Exceto que o cálculo não foi feito por interesse pessoal ou "de classe". Em vez disso, foi um nacionalismo racializado melancólico que em grande parte levou o voto do Brexit. Em vez de uma irracionalidade, eu diria que é a lógica da classe como raça<sup>45</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 163).

Isso nos oferece, então, pistas sobre a importância de abordar o papel dos afetos e emoções nos discursos do Brexit.

Diante dessa longa discussão, percebemos que a ‘classe trabalhadora branca’ beneficiou-se do compacto nacional racializado, sendo o principal eleitorado na sociedade britânica. Entretanto, a partir da década de 1980 com a adoção de uma agenda neoliberal por Margaret Thatcher, observamos o desmantelamento do Estado de bem-estar social e, desse modo, dos benefícios concedidos à ‘classe trabalhadora branca’. Por isso, Shilliam (2018, p. 156) argumenta que é a partir do desmantelamento do compacto nacional que devemos entender o ressentimento dos ‘deixados para trás’ feito em nome de uma ‘classe trabalhadora branca’ contemporânea ao Brexit. Nas suas palavras,

é mais historicamente preciso colocar o sentimento de ser "deixado para trás" dentro de uma defesa do compacto nacional que, em um período, concedeu aos trabalhadores brancos uma posição institucionalmente vantajosa, com alguns ainda hoje desfrutando do

---

<sup>45</sup> No original, “[t]he vote to leave cannot be considered a rational choice made by a working class, if by rational we mean a forward-looking cost-benefit analysis. Except that the calculation was not made on personal or “class” interest. Rather, it was a melancholic racialized nationalism that in large part carried the Brexit vote [...] Instead of an irrationality, I would argue it is the logic of class as race” (SHILLIAM, 2018, p. 163).

legado dos seus benefícios, por exemplo, pensões profissionais [...]. Dito de outra forma, os contemporâneos "deixados para trás" não são brancos por acaso; a diminuição dos benefícios que a branquitude uma vez lhes proporcionou é o que os faz sentir deixados para trás<sup>46</sup> (SHILLIAM, 2018, p. 156).

Portanto, a crítica construída por Shilliam (2018, p. 156) refere-se à persistência desse imaginário da 'classe trabalhadora branca' apesar de a classe trabalhadora do Reino Unido não ser homogeneamente branca e que, embora todos os trabalhadores sofram com as políticas de austeridades, os mais prejudicados são, de fato, os negros e as minorias étnicas. Isso deve ser entendido como uma (re-)produção da ótica racializada que distingue os pobres entre mercedores e não mercedores, ancorada numa lógica de classe como raça.

Em síntese, a distribuição de vulnerabilidade social se deu historicamente de modo desigual entre os trabalhadores racializados brancos e os racializados negros. A vulnerabilidade social para Shilliam (2018) está intimamente atrelada à classe como raça. Portanto, as oportunidades destinadas a trabalhadores brancos e negros já não eram as mesmas e tampouco os benefícios materiais e simbólicos das décadas do Estado de Bem-estar Social no Reino Unido contemplaram todos eles igualmente; na prática, prevaleceu uma série de restrições informais baseadas nas barreiras de cor.

Shilliam (2018, p. 156) lembra-nos, portanto, de que "os "deixados para trás" de hoje em dia não são brancos por acaso; a diminuição dos benefícios que a branquitude outrora lhes proporcionava é o que os faz sentir "deixados para trás". Por conseguinte, essa divisão do trabalho racializada favoreceu o fortalecimento e prestígio da branquitude de modo institucionalizado, embora informalmente. Com isso não estou dizendo que foram todos os trabalhadores brancos que conseguiram boas condições de trabalho, mas que trabalhadores brancos foram beneficiados por essa divisão racial histórica do trabalho no que tange ao acesso a cargos mais

---

<sup>46</sup> No original, "it is more historically accurate to place the sentiment of being "left behind" within a defence of the national compact that at one point granted white workers an institutionally advantaged position, with some still today enjoying its legacy benefits, for example, occupational pensions [...]. To put it another way, the contemporary "left behind" are not incidentally white; the diminution of the benefits that whiteness once afforded is what makes them feel left behind" (SHILLIAM, 2018, p. 156).

bem remunerados e com maior garantia de estabilidade quando comparado às demais etnias.

Anteriormente, ao construir a visão dominante sobre o Brexit, levantei um questionamento: por que, mesmo com os dados que indicam que o apoio ao *Leave* foi mais decisivo entre a classe média e que o perfil dos que votaram *Leave* era bem heterogêneo, a classe trabalhadora branca continua sendo vista como a responsável pela vitória do voto *Leave*?

Aproveitando a discussão de Shilliam (2018) e que já percebemos como a questão da raça adentra a literatura e se imbrica com classe, ofereço uma resposta a essa pergunta. Bhambra (2017) e Emejulu (2016) denunciam que isso ocorre devido ao que elas tratam, respectivamente, de por ‘*methodological whiteness*’ e ‘*the hideous whiteness of Brexit*’.

Uma resposta possível, sugerida por Bhambra (2017), seria a tentativa de desviar a consideração de raça nas motivações do voto *Leave*. Bhambra (2017) argumenta que se o voto *Leave* tivesse tido mais apoio entre a classe trabalhadora do que entre a classe média, então o racismo implícito nessa reação poderia ser possivelmente suavizado pelo pensamento econômico, defendendo ideias de que eles não são propriamente racistas, apenas estão preocupados com o seus empregos, as condições do trabalho, o salário para garantir sua subsistência. Em contrapartida, se reconhecemos que, na verdade, o apoio mais decisivo ao Brexit veio da classe média branca, então seria menos razoável desviar a atenção sobre a presença da raça no Brexit e, logo, seria necessária uma análise mais conscienciosa sobre raça na literatura dominante.

Além disso, Bhambra (2017) pontua que o voto a favor do Brexit não foi apenas sobre a permanência e o status de imigrantes da UE no Reino Unido, nem sobre a relação do Reino Unido com a UE, foi também sobre a questão da legitimidade do pertencimento à nação daqueles sujeitos que são diferentes da branquitude. A persistência da responsabilização da classe trabalhadora branca, a resistência de considerar raça como um fator importante na literatura que explica as condições de possibilidade do Brexit e a relutância em aceitar o racismo presente no voto *Leave* e no discurso do Brexit compõem o que Bhambra (2017) chama de ‘*methodological whitness*’ (‘branquitude metodológica’) dentro dessa literatura dominante.

A ‘branquitude metodológica’, de acordo com Bhambra (2017), é um modo de fazer conhecimento sobre o mundo que falha deliberadamente em reconhecer o papel desempenhado pela raça na estruturação desse mundo e nos fundamentos que alicerçam e legitima o conhecimento. Nesse viés, a branquitude não é nitidamente apontada como dominante, mas é naturalmente vista como o padrão universal que orienta a sociedade, as relações sociais, a construção dos saberes.

Como consequência, a ‘branquitude metodológica’ é responsável por

discutir os ‘deixados para trás’ simplesmente em termos de classe trabalhadora branca e racionalizar o seu voto pelo Brexit [...] em termos de sua posição econômica; confunde-se posição socioeconômica com identidade racializada enquanto se afirma falar apenas sobre classe e repudiar a política de identidade<sup>47</sup> (BHAMBRA, 2017, p. S217).

Essa crítica se coaduna com um problema que apontei anteriormente sobre a perspectiva dominante que é tratar a questão de classe, no Brexit, apenas nos termos de *inequality* (desigualdade) enquanto raça é comumente tratada nos termos de *discrimination* (discriminação). Ao negligenciar as imbricações entre classe e raça, a perspectiva dominante sobre o Brexit interpreta ineptamente o processo histórico – racializado – que construiu as noções de classe no Reino Unido, conforme abordei em Shilliam a partir da lógica de classe como raça (2018).

Seguindo a mesma opinião de Bhambra (2017), Emejulu (2016) identifica que uma estratégia implícita da retórica da Campanha do voto *Leave* foi a representação do Reino Unido e, mais especificamente, da *Englishness* como branca com o intuito de reivindicar uma vitimização particular para a branquitude, que acabou salientando as desigualdades econômicas sem, no entanto, questionar e criticar o pacote medidas neoliberais. Emejulu (2016, n.p.) aponta como exemplo disso a ideia central nos discursos a favor do Brexit relacionada à presença dos imigrantes, uma vez que eles construíam a ‘classe trabalhadora’,

---

<sup>47</sup> No original, “[a]s such, to discuss the ‘left behind’ simply in terms of the white working class, and to rationalize their vote for Brexit [...] in terms of their economic position, is to conflate socio-economic position with racialized identity while claiming to speak only about class and to repudiate identity politics” (BHAMBRA, 2017, p. S217).

interpelada como branca, como uma classe que “estava sofrendo o fardo da imigração em massa, o que transformou a cultura dos seus bairros e colocou uma pressão indevida sobre os serviços públicos” como o caso do NHS.

É com base nisso que Emejulu (2016) denuncia que a articulação (discursiva) da branquitude, no Brexit, consegue, ao mesmo tempo, operar como vítima e inocente. Nessa narrativa, a classe trabalhadora branca estaria ameaçada por imigrantes e mantida refém no seu próprio país. Essa construção da branquitude como vítima, além de dificultar deliberadamente a produção de análises que expliquem as próprias crises internas, impossibilita a articulação de críticas à condição de “vítima”, uma vez que a própria crítica reforçaria a condição alegada de vítima. Portanto, Emejulu (2016, n.p.) sintetiza que “vemos a branquitude operando como vítima – a classe trabalhadora branca está sendo mantida refém em seu próprio país por imigrantes. Qualquer crítica a essa vitimização reforça ainda mais o status de vítima por meio de fulminações de que o crítico é o ‘verdadeiro racista’”<sup>48</sup>.

Esse argumento explicita o processo por meio do qual a branquitude consegue colocar-se ao mesmo tempo como vítima e inocente no Brexit e consegue responsabilizar e culpar tanto os imigrantes racializados como negros quanto a UE pelo mosaico de crises domésticas além de construir discursiva e violentamente os dois como aliados para ver a nação fracassar.

Shilliam (2018, p. 163) nos ofereceu, embora perfunctoriamente, pistas da importância das emoções ao defender que o voto *Leave* foi motivado mais por um “nacionalismo melancólico racializado”. Seguindo esse caminho, Mandelbaum (2020) explora com a melancolia racializada apontada por Shilliam (2018) e como se desenvolveu através dos discursos de apoio ao voto *Leave*.

A crítica de Mandelbaum (2020) à visão dominante refere-se à predominância de fatores econômicos e, sobretudo, pelo fato de ter-se ignorado o apelo afetivo dos discursos nacionalistas do Brexit. A novidade da perspectiva de Mandelbaum (2016, 2020) é, sem dúvida, trazer uma interpretação sobre o Brexit a partir da psicanálise lacaniana, que enriquece a literatura.

---

<sup>48</sup> No original, “we see whiteness operating as victim—the white working class is being held hostage in their own country by migrants. Any critique of this victimhood further re-enforces a victim status through fulminations that the critic is ‘the real racist’” (EMEJULU, 2016, n.p.).

Mandelbaum defende (2020, p. 452-3) que questões econômicas e cálculos racionais de custo-benefício não tiveram papel importante no debate que levou à vitória do voto *Leave* no referendo. O seu argumento central é que a principal condição de possibilidade do Brexit foi o discurso em apoio ao *Leave* que invocou um retorno à grandeza, a uma “era de ouro” nacional e civilizacional, perdida do poder britânico que tornava a UE e a imigração obstáculos no caminho para a reconquista dessa época de ouro.

Enfatizando o papel políticos dos afetos e emoções a fim de analisar o papel que desempenham em decisões como as do referendo, Mandelbaum (2020) evidencia que a campanha a favor do voto de saída do Reino Unido estabeleceu-se com base em uma projeção e prospecção que não necessariamente se apoiavam em uma base factual sólida. Dito de outro modo, a campanha não se baseou em um projeto político que explicasse detalhadamente as etapas do desenrolar do processo do Brexit, como ele se consolidaria, quais os custos e ônus envolvidos nessa operação, quem seria o político ou o grupo de políticos responsável pelas negociações com a UE entre outros. O que a Campanha do *Leave* fez foi guiar uma insatisfação coletiva em direção à UE e aos imigrantes, que eram culpados por serem vistos como obstáculos à captura da *jouissance* roubada, o que resultava na “mudança demográfica e perda do *Britishness* (i.e. perda da Branquitude)”<sup>49</sup> (MANDELBAUM, 2020, p. 464); imigrantes que, nos termos do Shilliam (2018) podem ser entendidos como racializados como negros.

Mandelbaum (2016, 2020) propõe, pois, elucidar o Brexit a partir de um prisma que leva em conta a(s) política(s) de subjetividade no Brexit e a representação do povo nacional a partir de uma abordagem influenciada pela psicanálise lacaniana. Para isso, ele mobilizada três conceitos lacanianos, “que teriam, na narrativa do Brexit, levado a uma interpelação afetiva e efetiva: fantasia, *jouissance* e perda”<sup>50</sup> – e o papel que o ‘desejo’ desempenha nesses três conceitos.

Primeiro, a fantasia relaciona-se ao processo do sujeito de identificar e apegar-se a significantes, isto é, a categorias exteriores a ele para fazer conhecimento sobre si mesmo e a sua identidade no mundo; diz respeito à

<sup>49</sup> No original, “demographic change and loss of Britishness (i.e. loss of Whiteness)” (MANDELBAUM, 2020, p. 464).

<sup>50</sup> No original, “in the Brexit narrative which lead to na effective and affective interpellation: fantasy, *jouissance* and loss” (MANDELBAUM, 2020, p. 471).

estrutura por meio da qual o sujeito compreende a realidade e entende o mundo ao seu redor de modo a formar conhecimento tanto sobre esse mundo quanto sobre si mesmo (LACAN, 1985). Segundo Mandelbaum (2020, p. 471), no Brexit, a fantasia “é uma utopia fracassada, capaz de produzir e manter a subjetividade nacional-populista à distância, suspensa entre o futuro do fechamento e aquilo que está em seu caminho, o imigrante e a UE”<sup>51</sup>.

Segundo, a *jouissance* (gozo) refere-se “ao gozo corporal parcial que foi invocado várias vezes antes do referendo do Brexit (e depois)”<sup>52</sup> (MANDELBAUM, 2020, p. 471). Esse conceito é central para compreender as operações da fantasia e da interpelação, pois envolve o poder afetivo do discurso nacionalista do Brexit. Junto com a fantasia implica a narrativa do Brexit da promessa de completude do sujeito ao mesmo tempo que torna o ‘outro’, determinado objeto ou sujeito, a causa do seu fracasso, do seu insucesso em alcançar a completude prometida.

Terceiro, a noção de perda refere-se à lacuna na estrutura do discurso do Brexit. A promessa da fantasia e a reconquista da *jouissance* roubada requer uma narrativa de perda que prometa recuperar o gozo. A perda opera, portanto, no discurso do Brexit de modo retroativo, ou seja, “ela é produzida pela promessa fantasmática de recapturar o gozo e fechar a (in)existência ontológica do sujeito”<sup>53</sup> (MANDELBAUM, 2020, p. 471).

A narrativa do Brexit envolve, pois, a construção do ‘outro’ como alguém ou alguma coisa passível de ser culpada pela perda do poder e *jouissance* nacional britânica. Uma vez removido ou superado esse ‘outro’, o Reino Unido teria restaurada a sua grandeza perdida. Esse processo particular de construir o ‘outro’ de modo a ser identífico como um obstáculo parece comportar todas as mazelas, crises e o que há de errado na sociedade britânica. O discurso do Brexit notadamente articula o ‘outro’ tanto dentro da sociedade, o imigrante, como fora dela, a UE. Como Mandelbaum (2020, p. 472) coloca

---

<sup>51</sup> No original, “[t]he Brexit fantasy [...] is a failure-based utopia that is able to produce and keep the nationalpopulist subjectivity at bay, suspended between the futurity of closure and that which is in its way, the immigrant and the EU”.

<sup>52</sup> No original, “the partial bodily enjoyment that was invoked time and time again in the lead up to the Brexit referendum (and afterwards)” (MANDELBAUM, 2020, p. 471).

<sup>53</sup> No original, “It [loss] is produced through the fantasmatic promise to recapture enjoyment and close the ontological (in)existence of the national-populist subject” (MANDELBAUM, 2020, p. 471).

é o outro que ‘nos’ impede de recuperar o ‘nosso’ gozo perdido e de celebrar a ‘nossa’ grandeza nacional. É o outro que rouba ‘os nossos’ empregos e explora o ‘nosso’ sistema de benefícios. Por agora, é Bruxelas que “roubou a nossa democracia” ou aumentou a imigração que ‘impulsiona a nossa política de habitação, a procura do NHS e os lugares nas escolas’<sup>54</sup>.

Nessa interpretação, a vitória do Voto *Leave* representaria uma tentativa de satisfazer os desejos por essa identidade coletiva e conquistar o prazer e privilégio de ser britânico e os benefícios simbólicos supostamente perdidos ou roubados por esses ‘outros’, antagonistas imaginados que impedem que a completude se concretize. Essa conquista contribuiria para um – suposto – sentimento de completude, equilíbrio e segurança para povo britânico (MANDELBAUM, 2020). Em suma, de acordo com Mandelbaum (2020), o discurso do Brexit foi politicamente afetivo e efetivo porque serviu como um local de investimentos libidinais e um lugar estável de identificação para determinada audiência, em que foi prometida a recaptura da *jouissance* roubada desse ‘self’, tida como completude da identidade do sujeito.

Mandelbaum (2016, 2020), ainda que aborde e reconheça a dimensão emocional e o poder afetivo dos discursos, tangencia a identificação das emoções no Brexit, por exemplo, como a política do medo e ódio ao imigrante racializado como negro, a política do amor à nação e como essas emoções se articulam, justapõem e se sobressaem através dos discursos.

Dito de outro modo, a sua preocupação não é identificar quais emoções estiveram presentes no Brexit nem de modo elas foram articuladas por meio dos discursos. Sua abordagem dos discursos como emocionalmente apelativos e efetivos baseia-se, como vimos, nas ideias lacanianas de fantasia, *jouissance* e perda associadas à construção do ‘outro’ como obstáculo para o gozo e satisfação completas dos sujeitos interpelados por esses mesmos discursos.

Nesse contexto, faz-se necessário compreender a importância das emoções, que dão movimento a essa trama, para a composição dessa narrativa a

<sup>54</sup> No original, “[i]t is the other that prevents ‘us’ from recouping ‘our’ lost enjoyment and celebrate ‘our’ national grandeur. It is the other who steals ‘our’ jobs and exploits ‘our’ benefit system. For now, it is Brussels who ‘stole our democracy’ or increased immigration which is ‘... driving our housing policy, NHS demand and school places’” (MANDELBAUM, 2020, p. 472).

fim de analisar o efeito político dos discursos em prol do Brexit. Emoções como medo, amor, ansiedade, desgosto, dor e ódio circulam entre esses discursos e personagens à medida que são mobilizadas de diferentes formas e com distintos propósitos. Amor, ódio, raiva e medo se mesclam politicamente nessa narrativa e dão apoio ao Brexit. Uma possibilidade para compreender esse fluxo de emoções é uma análise afetiva dos discursos do Brexit, conforme abordo no próximo capítulo.

Por fim, um ponto importante sobre a crítica de Mandelbaum (2020), que merece ser destacado, diz respeito ao tom xenófobo e racista dos discursos apoiadores do *Leave*. Ao analisar os discursos que apoiaram o voto *Leave* durante a campanha, Mandelbaum (2020) defende que quanto mais o tom desses discursos foi se tornando contrários à imigração, retratando os imigrantes como um problema, uma ameaça, provocadores de insegurança e caos, mais apelo afetivo ganharam e mais efetivo foram para a vitória do voto *Leave*.

O argumento de Mandelbaum (2020, p. 466) é que a campanha ofereceu aos apoiadores do voto *Leave* um modo de “*whitewash* (encobrir) e denegar os seus sentimentos racistas”<sup>55</sup>, uma vez que

os eleitores do Brexit poderiam assim criticar a campanha *Leave.EU* e o seu tom racista, ao mesmo tempo que defendiam o Brexit por motivos presumivelmente neutros e jurídico-econômicos, ou seja, invocando o significante vazio de “nós” e “nosso” para legitimar uma ruptura com a UE a fim de controlar as “nossas” fronteiras fazer “nossas” próprias leis e acordos marcantes com os “nossos” aliados<sup>56</sup>

Essa é uma forma de negação (*Verleugnung*) que operou durante todo o discurso, mas que só ganhou força mesmo já no final da campanha perto da data do referendo como uma tentativa de motivar emocionalmente as pessoas a irem às urnas votar *Leave*. Essa forma de negação no Brexit não se manifestou apenas pela rejeição daqueles discursos do Brexit que eram mais acusados de serem racistas. Na verdade, a negação (*Verleugnung*) operou de modo contraditório

<sup>55</sup> No original, “whitewash and disavow their racist sentiments” (MANDELBAUM, 2020, p. 466).

<sup>56</sup> No original, “Brexit voters could thus criticise the *Leave.EU* campaign and its racist tone, whilst at the same time argue for Brexit on presumably neutral and legal-economic grounds, that is, invoking the empty signifier of ‘us’ and ‘our’ so as to legitimate a break from the EU in order to control ‘our’ borders make ‘our’ own laws and striking deals with ‘our’ allies” (MANDELBAUM, 2020, p. 466).

durante toda a campanha e “operava por meio de uma discussão clara e aberta dos sentimentos racistas/xenófobos do Brexit enquanto os negava ao mesmo tempo”<sup>57</sup> (MANDELABUAM, 2020, p. 466).

Para Mandelbaum (2020, p. 466), o caso “a típico de negação encontrava-se, portanto, nos dizeres ‘Eu sei muito bem que o Brexit pode ter insinuações racistas, mas mesmo assim eu o apoio porque quero controle sobre as nossas fronteiras’”<sup>58</sup>; desse modo, um eleitor do *Leave* reconhece que a campanha do Brexit tem nuances racistas, mas esse eleitor estaria votando apenas com fins econômicos, porque ele quer seu emprego de volta, quer que a nação volte a ser próspera e a ter o controle sobre as suas finanças. Aliás, essa separação entre classe e raça também se faz presente, de certo modo, entre os teóricos na literatura que analisa o Brexit como vimos quando eu defendi que a perspectiva dominante tratava a classe nos termos da desigualdade (*inequality*) econômica e raça nos termos da *discrimination* (discriminação) e que, assim, supõem que as esferas classe e economia, de um lado, e raça e identidade, de outro, podem ser compreendidas isoladamente (BHAMBRA, 2017).

## 2.5. Conclusão

Ao longo deste capítulo, analisei as condições de possibilidade do Brexit. Tracei um percurso pela literatura a fim de observar quais eram explicações dominantes para a vitória do voto *Leave*. Mostrei que na perspectiva dominante o referendo teria sido uma maneira de desanuviar insatisfações e descontentamentos coletivos contra a UE e a globalização, responsáveis por criar os “deixados para trás” como consequência dos processos de automatização, do “choque induzido pela globalização”, dividindo a sociedade do Reino Unido entre ‘perdedores’, os que apoiaram o voto *Leave*, e ‘ganhadores’, os que apoiaram o voto *Remain* (COLANTONE; STANIG, 2018). Nesse cenário, o Brexit teria sido a manifestação de uma ‘classe branca trabalhadora deixada para trás’ proveniente

<sup>57</sup> No original, “[the disavowal] operated by clearly and openly discussing Brexit’s racist/xenophobic sentiments whilst denying it at the same time” (MANDELABUAM, 2020, p. 466).

<sup>58</sup> No original, “[t]he typical disavowal was therefore along the lines of ‘I know very well that Brexit may have racist undertones, but nonetheless I support it because I want control over our borders’” (MANDELABUAM, 2020, p. 466).

das regiões do norte da Inglaterra que sofreram os fortes impactos econômicos da desindustrialização (GOODWIN; HEATH, 2016b; MCKENZIE, 2017).

Essa foi a explicação inicial desenvolvida em 2016 logo após o resultado do referendo que ocorreu em 23 de junho do mesmo ano para entender esse fenômeno que não era esperado em muitas das sondagens das agências tradicionais de pesquisa.

Identifiquei as limitações da visão dominante à medida que trouxe perspectivas críticas que tornavam essas análises bem mais complexas, porque, realmente, o Brexit não foi motivado por um único fator em específico.

O primeiro desafio à perspectiva dominante foi o fato de as evidências mostrarem que, na prática, o apoio mais significativo ao voto *Leave* teria vindo de uma classe média em declínio econômico (ANTONUCCI ET AL., 2017). Contudo, ainda que essa perspectiva tenha contribuído para problematizar a homogeneidade e a centralidade da classe trabalhadora na literatura dominante, essa nova visão ainda reproduzia os mesmos termos econômicos da ‘classe social’, continuava com a predominância dessa única categoria analítica.

Por isso, a fim de entender o silêncio da categoria de ‘raça’ no Brexit e sua imbricação com classe, trouxe o pensamento de Emejulu (2016), Bhambra (2017) e Shilliam (2018). A partir de uma análise diligente de Shilliam (2018, p. 154), observou-se que a ‘classe trabalhadora branca’ nunca foi um eleitorado autônomo e independente, mas sim, um artefato articulado pela elite política ao longo da história do Reino Unido, que construiu esse eleitorado como membros “merecedores” ou dignos da sociedade do Reino Unido que devem ser protegidos pela política anti-imigração como uma estratégia de dominação das elites políticas.

No próximo capítulo, busco construir o arcabouço teórico sobre afetos e emoções nas Relações Internacionais com o objetivo de desenvolver uma análise afetiva dos discursos que apoiaram o Brexit durante a campanha em 2016. Isso implica dizer que eu levo em consideração a influência das emoções em processos políticos como o Brexit. Em paralelo, dialogo com a literatura crítica sobre as condições de possibilidade do Brexit que abordam a questão da raça e, também, o papel dos afetos e emoções nos discursos, construindo pontes entre os teóricos e diversificando as interpretações sobre essa atmosfera afetiva que chamo de o ‘Complexo Brexit’.

### 3 A centralidade das emoções

No capítulo anterior, vimos que o argumento dominante acerca das condições de possibilidade do Brexit já garante uma importância às emoções ao defender o ressentimento de uma classe branca trabalhadora deixada para trás. No entanto, a noção de ressentimento nesse contexto não chega a ser escrutinada nem problematizada e acaba sendo tratada como algo definido *a priori*, que seria sentido e representado do mesmo modo pela população. Ainda, esse argumento oculta a participação de outras emoções, especificamente no Brexit.

Além disso, os opositores ao voto *Leave* encaravam a decisão de retirada do país da UE como irracional e, portanto, incompatível com o povo britânico. Nessa crítica, as emoções também estão presentes, ainda que de forma mais subliminar, ao opor a ideia de razão à emoção e, desse modo, se opor à força das emoções na vida social. Um ser civilizado guiado pela razão deve deixar de lado suas emoções e saber a relação custo-benefício das suas escolhas.

No presente capítulo, busco aprofundar a discussão iniciada em páginas anteriores sobre a noção de melancolia pós-colonial do Gilroy (2005) e o que anteriormente tratei por complexo Brexit, termo que reflete a complexidade da atmosfera afetiva do país naquele contexto. Para tanto, preocupo-me neste capítulo em teorizar e definir emoções, afetos e apegos ou investimentos afetivos, justificando por que devemos estudar emoções em análises políticas e de que modo as emoções adentram o debate da disciplina das Relações Internacionais. Aqui, eu proponho elucidar o papel das emoções no Complexo Brexit e a sua articulação por meio do discurso. Além disso, acredito que analisando emoções é possível entender os apegos afetivos que ocorrem no contexto britânico do Brexit, apegos a símbolos nacionais, apego a uma determinada versão da nação, apego a uma determinada versão de povo britânico, de *Englishness*.

Paralelamente, exploro a contribuição da psicanálise lacaniana com os conceitos de falta, *jouissance*, fantasia e cadeias de significantes com o intento de pensar nos discursos enquanto espaços em que se efetuam investimentos afetivos. Por fim, discorro sobre o método a ser utilizado na presente dissertação, a Análise de Discurso Afetiva (KOSCHUT, 2018a) e descrevo a estratégia de pesquisa.

### 3.1. Emoções, afetos e psicanálise nas Relações Internacionais

Estudos que se debruçam sobre a presença das emoções em fenômenos políticos não são totalmente inéditos na área das ciências humanas. No entanto, a relevância das emoções e o papel que desempenham em discursos e manifestações populares para compreender ações políticas permaneceram parcamente explorada ao longo do tempo nas Relações Internacionais.

Os teóricos que serviram como fundamento das teorias *mainstream* das Relações Internacionais, como o realismo e o liberalismo, abordavam de quando em vez a questão das emoções humanas na vida política. Desde Tucídides com “A Guerra do Peloponeso”, medo e raiva são elementos constantes na vida política. Pensadores antigos e clássicos costumavam tratar o que chamamos comumente hoje de emoções sob o termo ‘paixões’ (referência).

Em Maquiavel (2014 [1532]), o medo também se mostra um fator recorrente. Tendo em vista a aleivosia da natureza humana e a predisposição natural do homem à desconfiança e à traição, Maquiavel (2014 [1532]) defendia que o Príncipe, logo, o soberano, devia procurar ser mais temido do que amado em situações de instabilidades e crises políticas, pois é através do medo, desse temor ao soberano, que o respeito ao soberano e à unidade política do Estado estarão garantidos em tempos de conflitos ou guerras. O medo pode ser visto, então, como um instrumento político para governar.

Em “O Leviatã”, Hobbes (1998 [1651]) defendia que as ‘paixões’ davam movimento às ações e à vida humana e que, no corpo humano, são chamadas de ‘afecções da mente’, que seriam respostas fisiológicas próprias da lógica de funcionamento de todos os corpos naturais, que garantem a mudança e adaptabilidade na vida humana. Embora Hobbes (1998 [1651]) tenha dito que as paixões e as ações que derivam dessas paixões não são perversas em si mesmas, a visão das emoções como possivelmente negativas e perniciosas à vida política permaneceu, tendo em vista que o estado de natureza hobbesiano era o lugar da “guerra de todos contra todos”, ou seja, um espaço caótico, sem leis, em que imperam, pois, a incerteza, a insegurança, a desconfiança e, sobretudo, o medo ubíquo. Além disso, nessa perspectiva, as ‘paixões’ seriam naturais ao corpo homem, universais e autoevidente.

Para Kant (1974 [1781]), quem também segue essa visão negativa sobre as ‘paixões’, existe uma oposição nítida entre razão e emoção, valorizando a primeira em preterimento da segunda. Nesse viés, Kant (1974) defende que o ser humano é guiado por imperativos categóricos e imperativos hipotéticos. O primeiro está relacionado ao pragmatismo, racionalidade, objetividade e impessoalidade. O segundo, por sua vez, diz respeito à subjetividade e às ‘paixões’, que confundem e ludibriam o juízo, a capacidade e julgar o outro e o discernimento do sujeito para tomar decisões, sendo, pois, fontes pouco confiáveis.

Se por um lado, o estado de natureza é assolado pela volatilidade abrasadora das ‘paixões’; por outro lado, a sociedade civilizada é aquela em que essas paixões são submetidas ao controle da razão, codificadas em leis, normas, instituições. A predominância dessa visão negativa das emoções dificulta a possibilidade de pensar em afetos e emoções de modo positivo e construtivo como, por exemplo, a criação de redes de apoio e o advento de movimentos transnacionais de auxílio a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Edinger (2020), ao analisar a centralidade do ‘medo’ nas teorias realistas de RI, defende que essa emoção sempre esteve presente nos estudos teóricos da disciplina, embora fosse considerado autoevidente, universal e tomado como algo dado, com um significado fixo e já pré-estabelecido; desse modo, a experiência e o significado do medo e a relação com o medo eram iguais para todos independente das diferenças do contexto histórico e cultural de cada povo: haveria o medo constante da guerra, o medo da invasão ao território nacional, o medo da desestabilidade do sistema internacional e do equilíbrio de poder. A diplomacia funcionava, nesse cenário, como uma maneira de encarar e bem administrar essa coletânea de medos.

Os liberais, por sua vez, defendiam a cooperação entre atores internacionais e ideias de fraternidade, solidariedade e interdependência, baseadas em um sentimento de respeito e confiança mútuos (COSTA, 2021, p. 50). Mais uma vez sem problematizações mais profundas sobre esses sentimentos de fraternidade e solidariedade, de novo vistas como universais e homogêneos.

Os marxistas, de forma geral, também negligenciaram o estudo das emoções, uma vez que deram grande ênfase às condições estruturais da guerra e da paz, ao imperialismo e às relações de dependência entre capitalismo e

subdesenvolvimento sem explorar, contudo, as dimensões afetivas dessas questões, por exemplo, os nacionalismos do chamado Terceiro Mundo (DE SERNACLENS, 2016, p. 170) e a relação afetiva e a identificação das ex-colônias com suas antigas metrópoles e com o sistema internacional capitalista que se lucrava do atraso e da exploração das ex-colônias, resultando em vários traumas e complexos, por exemplo, o de inferioridade.

Os construtivistas, inicialmente, baseavam-se na noção de ‘orgulho’ para compreender a formação da identidade do sujeito; no entanto, as questões de como as emoções interferem na construção tanto da realidade quanto da identidade através dos discursos só vieram a ser exploradas décadas depois (COSTA, 2021, p. 50) A temática das normas, das redes transnacionais de *advocacy* e da difusão internacional de normas acabou dominando essa corrente das Relações Internacionais.

Percebemos, pois, que desde os primeiros debates na disciplina de RI as emoções sempre estiveram presentes, mas seguiram pouco exploradas e incólumes à problematização. Neta Crawford (2000) lembra que emoções foram institucionalizadas em estruturas e processos políticos a nível internacional por organizações multilaterais, sejam governamentais, sejam não governamentais, que dependem do apego a normas comuns e à confiança no funcionamento da instituição e na responsabilidade dos seus membros – a noção de um respeito e cooperação.

A partir da aproximação da área de análise de política externa e a psicologia política, em meados da década de 1970, as emoções ganham maior escopo e protagonismo nos debates de RI (FERREIRA, 2010). Entretanto, esses estudos concentravam-se em compreender ações e comportamentos individuais de estadistas ou líderes políticos abordando em que medida fatores psicológicos influenciavam os processos e procedimentos de tomadas de decisões políticas a nível internacional.

Esses estudos foram demasiadamente influenciados pela revolução behaviorista. As pesquisas acabavam reproduzindo paradigmas deterministas e racionalistas, cujos resultados buscavam distanciar os indivíduos em posição de liderança das influências das emoções, encaradas de forma negativa e perniciosa para o julgamento humano e, logo, para o bom funcionamento dos processos políticos e burocráticos. Ainda que tenha havido o reconhecimento que fatores

emocionais e psicológicos influenciam essas tomadas decisão, os behavioristas encaravam esses fatores de forma negativa como algo que deveria ser superado nas tomadas de decisões, reproduzindo a superioridade da razão. Baseavam-se, ademais, no pressuposto leviano de que a identidade do sujeito é linear, alijada de incoerências e vicissitudes (HUTCHISON; BLEIKER, 2014).

Análises mais diligentes que tratassem da complexidade e polissemia das emoções e que levassem em consideração a particularidade dos contextos históricos, sociais e culturais permaneceram silenciosas por longas décadas nas teorias de Relações Internacionais. A década de 1980 foi marcada pela ausência dos estudos dos afetos e emoções nas Relações Internacionais quando os debates recebiam as discussões sobre identidade, questões culturais e o papel das ideias, crenças e interesses, da construção da realidade através da linguagem e do discurso (FERREIRA, 2010, p. 67).

O final do século XX marca, porém, uma mudança radical nos estudos de afetos e emoções no que tange à compreensão de fenômenos políticos nas relações internacionais a partir também das novas abordagens e métodos recebidos pelas RI na década anterior. Os estudos no final do século passado e início do século XXI foram marcados majoritariamente pelo empenho em elucidar por que estudar emoções politicamente e justificar por que elas importam (HUTCHISON; BLEIKER, 2014). Nesse sentido, essa mudança foi tão significativa que é recorrente que se diga que houve um ‘giro afetivo ou emocional’ na disciplina e abriu o caminho para pensarmos em uma possível definição para afetos e a emoções enquanto conceitos analíticos.

Jonathan Mercer (2010) e Neta Crawford (2000) são recorrentemente lembrados por suas contribuições seminais para o estudo das emoções na nossa disciplina. Mercer (2010) problematiza a primazia da razão nas teorias positivas que dominaram os debates e o campo científico das RI. Além de apontarem a ubiquidade das emoções nas teorias de RI e de denunciarem a falta de problematização e análise para as emoções, uma terceira contribuição relevante desses teóricos é a mudança no modo como entendemos a razão e a racionalidade. Buscaram romper com a dicotomia leviana e arbitrária que opunha razão à emoção. Nessa visão binária, o ser humano deveria guiar-se pela racionalidade, custo-benefício, a ideia da escolha racional. A razão seria objetiva e por isso valorizada no campo científico porque ela garantiria assertividade, impessoalidade

e conquista de uma verdade neutra; por outro lado, a emoção seria excessivamente subjetiva e volátil e, por isso, pouco confiável.

Resumidamente, a crítica desses autores denuncia que

as relações internacionais [...] têm seu desenvolvimento marcado pela prevalência de uma concepção biológico-determinista das emoções – subjacente ao pensamento de realistas e liberais desde meados do século XX – que toma as emoções como estados fisiológicos do organismo humano interpretados como distintos dos estados cognitivos e opostos à razão (FERREIRA, 2010, p. 43).

Em outras palavras, essa perspectiva determinista e reducionista sobre as emoções repercute a visão de que as emoções não são produzidas na mente, o que deixa fora do controle dos sujeitos e desassociadas da cognição, tendo, pois, que se submeterem sempre ao controle e vigilância da razão. Ademais, nessa perspectiva, as emoções são retratadas apenas como subjetivas e individuais, alijadas de influência do contexto cultural e histórico de cada sociedade, afastada de atravessamentos econômicos e materiais.

Tomando como exemplo o argumento dominante sobre vitória do voto *Leave*, aquele que defende como fator central ‘o ressentimento de uma classe branca trabalhadora’ deixada para trás, percebemos que, mesmo nesse argumento, as emoções já estão presentes de forma coletiva e atravessa e é atravessada por questões materiais e históricas. Primeiro, o ressentimento é tratado como uma emoção coletiva, de uma classe, embora o seu significado seja homogeneizado. Segundo, ter sido ‘deixada para trás’ no processo de globalização se refere à perda de competitividade, de oportunidades de emprego, de renda, de poder de compra; logo, esse ressentimento é, também, atravessado por perdas materiais que devem ser levadas em consideração quando escrutinizamos o papel político das emoções.

Estudos de afetos e emoções que criticam essa visão dominante de razão na ciência e na política demonstram que as emoções fazem parte inclusive da vida do sujeito racional e também daquilo que ele acredita, confia e defende, das suas próprias crenças (MERCER, 2010). Portanto, a polarização entre razão e emoção seria arbitrária e incoerente.

Além da crítica a essa dualidade artificial, os teóricos da ‘virada afetiva ou emocional’ (*emotion turn*) contribuíram para que pudéssemos pensar nas emoções

enquanto categorias analíticas. Clément e Sangar (2018, p. 5-6) alegam que, nos estudos de afetos e emoções, dois debates teóricos têm-se mostrado frequentes. O primeiro refere-se à diferenciação entre os conceitos analíticos de afetos e emoções. O segundo refere-se aos processos através dos quais as emoções adquirem um caráter coletivo e político.

A conceptualização de emoções e afetos não é consensual, e nem pretende ser unívoca, entre os pesquisadores da área. Os dois conceitos são geralmente definidos de modo contrastante. Afetos e emoções como conceitos analíticos são particularmente complicados, uma vez que as definições desses conceitos são contestadas entre pesquisadores e, às vezes, particularmente confusas.

O conceito de afetos é inspirado especialmente nas ideias de Spinoza no século XVII e, sobretudo, de Deleuze e Guattari no século XX. Ferreira (2010) nos lembra de que Deleuze e Guattari buscavam pensar em outras formas de abordar os afetos para além da centralidade dos discursos e da linguagem verbal; assim, trazem a ideia de ritmo, dança, movimento corporal, sons e elementos sensoriais no geral. Os afetos consistem na capacidade e possibilidade do corpo de realizar mudanças, por isso os afetos dão movimento à vida humana em todas as suas esferas (VAN RYTHOVEN; SUCHAROV, 2019, p. 5).

Em contrapartida, diz-se que uma emoção se refere à “experiência subjetiva de alguma mudança fisiológica difusa”<sup>59</sup> (MERCER, 2014, p. 516) e tem componentes intersubjetivo e cultural (CRAWFORD, 2000, p. 125). Uma das maneiras de estudar emoções é através da identidade, uma vez que a “a identificação requer um sentimento de apego”<sup>60</sup> (MERCER, 2014, p. 516) a um grupo, de modo geral, e que o caráter social das emoções está ligado à sua “importância intrínseca a um ator em relação a uma entidade” política<sup>61</sup> (MERCER, 2014, p. 516).

Na perspectiva de alguns pesquisadores a distinção entre emoções e afetos não é tão considerada e costumam ser trabalhadas como sinônimos, uma vez que esses pesquisadores defendem que não é possível dissociar esses dois termos, estão imbricados e, mesmo emoções que são sentidas como internas aos

<sup>59</sup> No original, “[a]n emotion is a subjective experience of some diffuse physiological change” (MERCER, 2014, p. 516).

<sup>60</sup> No original, “identification requires a feeling of attachment” (MERCER, 2014, p. 516).

<sup>61</sup> No original, “intrinsic importance to an actor in some relationship with an entity” (MERCER, 2014, p. 516).

indivíduos são produzidas a partir de contatos sociais e têm significados atrelados a elas que são social e culturalmente construídos, remetendo, portanto, a uma coletividade, ao pertencimento a uma sociedade (ROSS, 2006; AHMED, 2014).

Alguns autores, ainda, acrescentam a essa distinção, a noção de *feeling* (sentimento). Esse conceito se refere às experiências pessoais ou individuais dos sujeitos diante dos afetos, seriam as suas emoções relatadas de modo subjetivo, por exemplo, o que uma pessoa entende por medo na sua vida cotidiana, como o medo influencia na sua vivência e existência (RYTHOVEN; SUCHAROV, 2019).

As demarcações entre as definições afeto e emoções de um lado e emoção e sentimentos do outro lado parecem, portanto, bastante porosas. Crawford (2000) definiu, inicialmente, as emoções de forma mais integrativa como “os estados internos que os indivíduos descrevem para os outros como sentimentos, e esses sentimentos podem estar associados a estados e mudanças biológicas, cognitivas e comportamentais”<sup>62</sup> (CRAWFORD, 2000, p. 125), levando em conta as três dimensões. Paralelamente, Hutchison e Bleiker (2014, p. 502) destacam que “[a]feto e emoções podem ser vistos como intrinsecamente relacionados, pois os estados afetivos são fatores subconscientes que podem enquadrar e influenciar nossas avaliações emocionais mais conscientes do mundo social”<sup>63</sup>. Não obstante essa discussão conceitual, Clément e Sangar (2018, p. 5) alegam que o termo ‘emoção’ (*emotion*) tem sido recorrentemente mobilizado como um termo guarda-chuva nos estudos de política mundial, comportando também a noção de afetos.

Além da discussão teórica acerca dos conceitos de afetos e emoções, o segundo debate teórico supracitado é importante para esta pesquisa porque lida com questões referentes ao papel político que emoções desempenham, ou seja, a maneira através da qual averiguamos a influência das emoções em fenômenos sociopolíticos como, no caso específico desta pesquisa, no apoio ao voto *Leave* no referendo do Brexit. Assim, refletimos sobre problemas como de que modo podemos teorizar emoções? Como abordar emoções, que podem ser vistas como individuais e subjetivas, de maneira coletiva com impactos em movimentos ou

---

<sup>62</sup> No original, “[e]motions are the *inner states* that individuals *describe to others as feelings*, and those feelings may be *associated with biological, cognitive, and behavioral states and changes*”(CRAWFORD, 2000, p. 125, grifo do autor).

<sup>63</sup> No original, “[a]ffect and emotions can be seen as intrinsically linked, for affective states are subconscious factors that can frame and influence our more conscious emotional evaluations of the social world” (HUTCHISON; BLEIKER, 2014, p. 502).

manifestações políticas? Dito de outro modo, como emoções privadas tornam-se públicas e coletivas?

Pensando nessas perguntas, a questão da representação, segundo Hutchison e Bleiker (2014, p. 505-6) é fulcral no entendimento dos processos que ligam as emoções individuais às coletivas e, assim, nos processos que tornam as emoções políticas e coletivas. Isso se dá porque

as representações são, de certo modo, tudo o que temos quando se trata de entender emoções [...]. Uma pessoa nunca pode realmente saber como outra pessoa se sente. Tudo o que se pode entender é a maneira por meio da qual as emoções são expressas e comunicadas, podendo ser através de toque, gestos, falas, sons ou imagens<sup>64</sup>.

A linguagem e o discurso configuram o modo como conseguimos perceber o significado das emoções. As construções discursivas permitem entender a expressão das emoções e permitem que identifiquemos como elas dialogam com diferentes grupos da sociedade; como Solomon (2012) diz os discursos não apenas expressam emoções, mas também mobilizam, produzem, captam, direcionam emoções. Assim, Hutchison e Bleiker (2014) identifica uma relação entre emoções e discurso. O discurso não se limita, nessa perspectiva, ao registro escrito, uma vez que ela também considera imagens e gestos como forma de expressão possível para as emoções. Além disso, o contexto em que tais discursos são produzidos também importa, pois é nele que as emoções constroem seus sentidos e significados, por isso que estes são suscetíveis a mudanças, não são fixos nem estáticos. Uma análise desses discursos nos permite, então, compreender a coletividade das emoções e se torna um relevante elemento na investigação científica.

Retomando a discussão sobre a definição de afetos e emoções, entendo ‘afetos’, ao longo desta pesquisa, como sensações corporais não reflexivas que se situam em um estado anterior ou posterior à consciência do sujeito. São, a partir de uma leitura lacaniana, “um potencial amorfo que permanece fora do discurso,

---

<sup>64</sup> No original: “representations are, in some sense, all we have when it comes to understanding emotions [...]. One person can never really know how another person feels. All one can understand is the manner in which emotions are expressed and communicated; whether this is done through touch, gestures, speech, sounds, or images” (HUTCHISON; BLEIKER, 2014, p. 505-6).

que é difícil de articular, mas que, no entanto, tem efeitos dentro do discurso”<sup>65</sup> (SOLOMON, 2012, p. 908), mas que se tornam reconhecíveis a partir do momento em que se traduzem em termos que descrevem emoções ou palavras que nomeiam emoções. Não é possível capturar por completo os afetos ou dada atmosfera afetiva pelo fato de que existem partes que fogem à submissão ao discurso, localizam-se fora do domínio discursivo.

Enquanto isso, ‘emoções’ referem-se a experiências que têm componentes e implicações intersubjetivas e culturais, influenciando os processos de identificação de determinado sujeito ou grupo de sujeitos (AHMED, 2014). Emoções remetem ao processo cognitivo de identificação dos afetos que passam a ser nomeados por termos linguísticos que tentam descrever esses afetos. Baseado nessa discussão, a partir do momento em que emoções deixam de ser tratadas apenas como subjetivas, individuais, intrínsecas ao ser humano, a nossa análise passa a centrar-se no cenário social e cultural no qual as emoções carregam significados coletivos, influenciando nos modos de representação e identificação dos sujeitos com os grupos e os símbolos nacionais.

As definições de afeto e emoções não precisam ser, contudo, excludentes ou contrapostas, mas são inter-relacionadas. Lacan (2007, p. 144) salienta a relação entre afeto e emoção, uma vez que a emoção seria uma tentativa de rotular determinado afeto, esse algo difuso e amorfo em constante deslocamento, cujo significado só passa a existir “uma vez que um **nome** lhe foi anexado no discurso (...). Nomear retroativamente significa – atribui significado a – a condição que foi sentida”<sup>66</sup>; no entanto, “esse **nome** é provável para a descrição que capta inteiramente a condição que foi experimentada”<sup>67</sup> (SOLOMON, 2015, p. 45, grifo nosso). Logo, o sujeito consegue apenas falar sobre os afetos à medida que os inscreve em uma lógica discursiva, ainda que incompleta e temporária.

Ao aceitarmos essa relação entre afetos e emoções, começamos a vislumbrar os discursos como espaços libidinais de investimentos afetivos efetuados por sujeitos ou por uma audiência. Ao tratar os discursos como espaços em que se realizam investimentos afetivos, é possível inferir que os discursos

<sup>65</sup> No original, “an amorphous potential that remains outside of discourse, which is difficult to articulate but nevertheless has effects within discourse” (SOLOMON, 2012, p. 908).

<sup>66</sup> No original, “once a name was attached to it within discourse (...). Naming retroactively signifies – attaches signification to – the condition that was felt” (SOLOMON, 2015, p. 45).

<sup>67</sup> No original, “this name is likely to description that entirely captures the condition that was experienced” (SOLOMON, 2015, p. 45).

políticos, sobretudo na retórica populista de extrema direita, podem servir como uma forma de apontar soluções para problemas presentes e construir um futuro alegadamente seguro e estável (YOUNG-BRUEHL, 1996).

Discursos políticos também podem servir como refúgio, esse lugar que se coloca como garantidor da segurança, estabilidade e ordem ao mesmo tempo que buscam justiça e indenização por processos que tiram os sujeitos da sua – suposta – paz cotidiana e os levam a sentir medo e insegurança como no caso dos discursos pós-11 de setembro do presidente George Bush em relação aos países ditos do eixo do mal, na ‘Guerra ao Terror’ (SOLOMON, 2012, 2015).

Esses são apenas alguns exemplos da dimensão afetiva dos discursos. O que se faz comum a todos esses exemplos é, em primeiro lugar, a persistência das emoções, que circulam nesses registros discursivos através dos objetos ou dos significantes que são mobilizados. Segundo, a ideia de fantasia enquanto narrativa – ponto ao qual retorno na seção seguinte.

Os discursos variam, portanto, quanto às suas respostas e apelos emocionais de acordo com o contexto social e cultural em que estão situados e a audiência com a qual dialogam. As emoções influem no modo como nós percebemos esses fenômenos políticos e na nossa resposta coletiva a eles, por exemplo, a ansiedade e o medo ubíquo diante da presença de imigrantes que, supostamente, ameaçam a segurança doméstica e da incerteza das crises (YOUNG-BRUEHL, 1996; KINNVALL, 2018) ou o amor à pátria que se associa ao ódio àqueles (aos outros) que seriam, supostamente, os responsáveis pela crise e decadência da nação (MANDELBAUM, 2020).

Convém dizer que os discursos são somáticos, ou seja, eles podem descrever e representar várias emoções ao mesmo tempo, uma vez que os sujeitos sentem medo, ódio, amor, tristeza, alegria; destarte, dificilmente um discurso vai representar linearmente uma única emoção, mas pode comportar essa tensão emocional. Ao chamar os discursos de ‘somáticos’ quero dizer que um mesmo discurso pode, ainda, mobilizar diferentes emoções que variam de acordo com a audiência e os sujeitos interpelados por esse mesmo discurso. Isso se deve à relação entre emoções e afetos que discutimos acima.

Como podemos notar, as emoções seriam formas de representação dos afetos; elas resultam e circulam por meio de um emaranhado de significantes. Os afetos, por serem extradiscursivos, constituem “os elementos móveis que

vinculam as pessoas à sua identificação para além dos efeitos puramente linguísticos” (SOLOMON, 2012, p. 916), mas que são distintos dos discursos ainda que sempre sejam ‘moldados e influenciados’ por eles. Através dos discursos, os afetos são identificados como “significantes emocionalmente carregados”<sup>68</sup> (*ibidem*, p. 916) ou saturados, malgrado o seu significado temporário e incompleto. Na próxima seção, exploro o conceito de significantes.

Isto posto, percebo a possibilidade de construir pontes entre os estudos de emoções em Relações Internacionais, no que diz respeito à identificação das emoções e o papel político que desempenham, e a psicanálise lacaniana no que diz respeito à identificação e à subjetividade nos termos da fantasia e da *jouissance* roubada – contempladas na seção seguinte. Essas pontes apontam a direção que a minha pesquisa se empenha em seguir.

Tendo o discurso uma posição fulcral nos estudos do papel das emoções, reflito, na próxima seção, sobre o discurso como um espaço de investimentos afetivos, abordando de que modo a mobilização de conceitos lacanianos nos ajuda a estudar afetos e emoções em fenômenos políticos, sobretudo quando envolve questões de representação e de pertencimento a um determinado grupo, por exemplo, a construção dominante de povo nacional por excelência. Concomitantemente, exploro os conceitos lacanianos de fantasia, *jouissance*, significantes, traçando a sua relação com a análise do discurso da presente pesquisa.

### **3.2. Discursos, investimentos afetivos e a representação do outro**

Na seção anterior, eu desenvolvi a discussão acerca da centralidade do discurso nos estudos de afetos e emoções, refletindo também em modos de definir afetos e emoções e justificando o estudo de emoções na disciplina das Relações Internacionais, sobretudo em análises de fenômenos políticos internacionais. Na presente seção, por sua vez, eu me centro no papel dos discursos enquanto espaços de investimentos afetivos e a sua relação com os conceitos da psicanálise

---

<sup>68</sup>No original: “it is the moving element that binds people to their identifications beyond purely linguistic effects. This affective dimension, which is distinct from discourse yet is always shaped by and circuited through discourse” (SOLOMON, 2012, p. 916).

lacaniana, que nos ajuda a compreender questões de identificação do sujeito e da representação do outro.

Ao definir afetos e emoções, observamos que os discursos são limitados para apreender a totalidade dos afetos. Em termos lacanianos, podemos dizer que os afetos, então, pululam a ordem do Real. Para entender melhor essa relação entre afeto, emoção, representação e discurso, uma breve digressão sobre os três registros da subjetividade é necessária. De acordo com Lacan (1985), esses registros são a ordem do Real, do Imaginário e do Simbólico. Desse modo podemos entender o papel do discurso e por que estudar emoções por meio deles.

O Imaginário é uma série de imagens do mundo exterior ao sujeito, é o “registro de representações e imagens subjetivas em que a autoimagem de um indivíduo se baseia”<sup>69</sup> (SOLOMON, 2015, p. 30). Os indivíduos se apropriam de imagens exteriores a eles como suas próprias para que se possam reconhecer socialmente, tornando-se sujeitos.

O Simbólico é inicialmente estranho e exterior ao sujeito, tendo em vista que a linguagem, a estrutura linguística, já está estabelecida antes do encontro do sujeito com ele. A própria ordem do Simbólico constitui, nesse sentido, a Alteridade do sujeito. É comum se utilizar o termo Outro para referir-se a essa ordem de modo geral. O Outro – diferente do ‘outro’ com letra inicial minúscula – diz respeito à coletividade, como sociedade, cultura, grupos maiores em que o sujeito está inserido, em que se compartilham elementos sociais como normas, regras, imagens e símbolos nacionais, e através do qual se desenvolvem os processos de identificação (SAFATLE, 2020, p. 43-9).

O Real é aquela ordem que foge ou resiste à simbolização ou à representação; em outras palavras, é tudo aquilo que escapa ao discurso. Como vimos na seção anterior, os afetos ocupam a ordem do Real porque estão fora do discurso enquanto as emoções ocupam a ordem do Simbólico, já que são as representações ou descrições dos afetos através do registro discursivo (SAFATLE, 2020). Esses domínios não devem ser entendidos separadamente, visto que os três operam concomitantemente no sujeito e nos discursos e um influencia o outro, são inter-relacionados.

---

<sup>69</sup> No original, “register of subjective images and representations on which one’s self-image is based” (SOLOMON, 2015, p. 30).

Por meio da análise do discurso como principal escolha metodológica, Solomon (2015) analisa a interação entre discurso, afetos e emoções e desejo a fim de compreender o apelo afetivo maior de alguns discursos políticos em comparação a outros. Os discursos políticos que são mais exitosos nesse sentido, aqueles que conseguem canalizar ou direcionar melhor emoções em uma atmosfera afetiva complexa e conturbada, acabam construindo a realidade e as respostas e ações políticas para o fenômeno que tratam. À guisa de ilustração, Solomon (2015) busca responder ao seguinte problema: por que uns discursos são emocionalmente mais efetivos do que outros? Como compreender o apelo afetivo de alguns discursos? A sua pesquisa usa como material empírico os discursos da chamada ‘Guerra ao Terror’ nas horas e dias subsequentes ao ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 na cidade de Nova York.

Uma das profícuas contribuições de Solomon (2012, 2015), e que será aproveitada também pela presente pesquisa, é a mobilização da psicanálise lacaniana para responder os problemas supracitados, para analisar esses discursos e para analisar a atmosfera afetiva complexa após o incidente do 11 de setembro.

Ao mobilizar a psicanálise lacaniana na sua abordagem, Solomon (2012) evidencia que os afetos não podem ser completamente submetidos à linguagem nem totalmente capturados pelos discursos; na verdade, os afetos extrapolam os próprios discursos, têm uma dimensão extra-discursiva, como uma espécie de ‘fora do discurso’, podendo ocupar a ordem do Real. Solomon (2012) estabelece uma relação entre afetos e discurso que propõe a análise e descrição de determinada atmosfera afetiva a partir de um processo de traduzir esses afetos para o discurso por meio do que Solomon (2012) chama de “representações discursivas de emoções específicas”<sup>70</sup>, enfatizando a relação entre o discurso e a identificação emocional.

Essa relação salientada por Solomon (2012) é fulcral para análise de discurso afetiva, que será feita na presente pesquisa. Esse método, como veremos na próxima seção, preocupa-se com os elementos e estruturas simbólicos, uma vez que o discurso serve como um espaço em que se efetuam investimentos afetivos, mas essas representações simbólicas são incompletas e insatisfatórias, estabilizadas apenas temporariamente.

---

<sup>70</sup> No original, “discursive representations of specific emotions”.

Assim, é possível compreender uma atmosfera afetiva complexa por meio da análise dos discursos que transportam significantes já saturados de afetos em determinado imaginário social. Esses significantes podem ser congregados a outros ‘significantes emocionais’ (*emotional signifiers*) (SOLOMON, 2012), como os termos linguísticos que identificam, que nomeiam emoções, por exemplo, medo, raiva, amor, ressentimento, ódio, melancolia.

Nesse sentido, significantes são objetos de identificação do(s) sujeito(s) que operam na ordem do Simbólico. Os significantes não têm essência pré-definida nem peremptória, estão constantemente deslizando conforme os deslocamentos discursivos e afetivos. Por isso, essa instabilidade oferece intermináveis processos de identificação que influem na formação de cadeias de significantes. Os significantes podem ser discursivamente hierarquizados e alguns deles podem ainda ser utilizados como significantes mestres.

Os significantes mestres, por sua vez, são aqueles que buscam estabilizar esses processos de identificação, ou seja, estabilizar a cadeia de significantes. Eles postulam uma falsa harmonia e um sentido de completude para o sujeito, o qual, na verdade, nunca pode ser alcançado. Os significantes mestres são termos aos quais o sujeito se apegam para garantir a identificação de si mesmo e de si em relação aos outros. São, por exemplo, termos como britânico, inglês, cristão, branco, mãe, pai, filho(a), estudante entre outros. Cabe frisar que os significantes mestres variam de acordo com os contextos e não são os mesmos em todos os lugares e em todas as épocas.

Os sujeitos precisam, então, apegar-se a essas categorias exteriores para fazer sentido de sua existência social e poder ter reconhecimento. Por isso, o sujeito, na visão de Lacan, nunca é autônomo, mas é sempre dependente das imagens do(s) outro(s) na construção do seu ‘*self*’, implicando que a crença sempre precede o autoentendimento do sujeito e sempre ocorre através da relação com o ‘outro’ (EBERLE, 2017).

Acredito, então, que o discurso é um espaço em que se executam investimentos afetivos por parte de uma audiência (sujeitos). Essa audiência, por sua vez, efetua esse depósito afetivo ao identificar-se com símbolos coletivos ou nacionais em uma ideia de pertencimento, dando sentido à forma com a qual esses sujeitos se posicionam no mundo. Logo, o discurso, de acordo com Lacan (1985),

opera nessa fratura constitutiva entre o Real e o Simbólico, estabelecendo um vão entre representação e representado.

Resumidamente, nesses processos de identificação com significantes, os sujeitos efetuam investimentos afetivos nesses discursos. Para os fins da minha pesquisa, eu sublinho três características desse processo: a constituição e representação do sujeito pela linguagem, o desejo por estabilidade e segurança e a promessa de realização e de completude da falta ontológica – ponto que abordo adiante nesta seção.

O processo de identificação do sujeito com significantes ocorre, também, a partir de outro conceito central para Lacan, a noção de fantasia. Embora desenvolvidos inicialmente para a clínica, os conceitos da psicanálise lacaniana podem ser mobilizados para análises sociopolíticas. Solomon (2015, p. 24) evidencia que a profundidade da teoria lacaniana não se restringe apenas a indivíduos e às clínicas fechadas onde os sujeitos são analisados, mas ela fornece alicerces para análises políticas complexas contemporâneas, que envolvem o modo “por meio do qual as pessoas se relacionam com processos simbólicos mais amplos, a nível coletivo”<sup>71</sup>.

Assim, o empenho de politizar conceitos desenvolvidos em princípio para a clínica pela teoria psicanalítica de Freud e Lacan vem-se mostrando profícua entre cientistas sociais, sobretudo no que diz respeito ao estudo da nação como objeto de identificação priorizado, do apego a símbolos nacionais que povoam determinado imaginário social, da subjetividade e do pertencimento (MANDELBAUM, 2016, 2020; ŽIŽEK, 2010; SOLOMON, 2012, 2015; HOOK, 2017; KINNVALL, 2018). Esse movimento tem como um de seus objetivos articular conceitos lacanianos como fantasia, *jouissance*, representação, falta, significantes a fim de abordar analiticamente fenômenos sociais, políticos e coletivos da contemporaneidade.

Incluo esses autores no grupo que Stavrakakis (2020) costuma chamar de ‘*The Lacanian Left*’. Originalmente, Stavrakakis (2020) usou essa expressão para referir-se a Slavoj Žižek, Alain Badiou, Ernesto Laclau, Cornelius Castoriádis, mas aqui estendo a expressão para autores mais contemporâneos das RI, como Moran Mandelbaum e Ty Solomon, cujas teorias fazem parte do arcabouço

---

<sup>71</sup> No original, “how people relate to broader collective-level symbolic processes” (SOLOMON, 2015, p. 24).

teórico-metodológico da minha pesquisa. Vale mencionar que esse grupo é heterogêneo e cada analista tem a sua particularidade, seu modo de pensar, por vezes discordando entre si; no entanto, eles têm em comum o empenho de mobilizar a psicanálise lacaniana para criticar fenômenos políticos levando em consideração os investimentos afetivos e a dimensão socialmente construída das emoções através do discurso.

A noção de fantasia<sup>72</sup> relaciona-se ao processo do sujeito de identificar e apegar-se a significantes, a categorias exteriores a ele para fazer conhecimento sobre si mesmo e a sua identidade no mundo. A fantasia, segundo Lacan (1985), diz respeito à estrutura por meio da qual o sujeito compreende a realidade e entende o mundo ao seu redor de modo a formar conhecimento tanto sobre esse mundo quanto sobre si mesmo. Assim, a fantasia é a lente através da qual o sujeito enxerga o mundo, os acontecimentos.

Cabe sublinhar que a fantasia não deve ser entendida como algo irreal ou uma inverdade, ela não se opõe à realidade, mas se encontra ao lado dela e se empenha na organização da realidade para o sujeito. A fantasia intermédia, então, a entrada do indivíduo na ordem do Simbólico por meio da submissão desse indivíduo à linguagem e ao discurso, tornando-se, pois, sujeito (SAFATLE, 2020).

Em virtude dessa definição, a fantasia está relacionada com o processo de subjetivação ou formação do sujeito. Na teoria lacaniana, o sujeito é formado a partir da *falta*, uma vez que a submissão ao discurso e, assim, a entrada na ordem do Simbólico não se dão de maneira plena, completa, total nem fechada em si mesma (SAFATLE, 2020).

Cabe frisar que essa falta ou ausência de essência, de significados estáveis, é tanto do sujeito quanto do Simbólico: o sujeito recorre ao Simbólico na esperança de estabilizar o seu processo de identificação, mas o Simbólico também é faltante, os significados dos objetos de identificação nunca se estabilizam, estão sempre deslizando, porque esses próprios objetos de identificação que circulam no Simbólico são vazios.

---

<sup>72</sup> Nesta pesquisa, optei pelo termo ‘fantasia’, mas é frequente também o uso do termo ‘fantasma’ em português. Ambos os termos fantasia e fantasma são possíveis traduções para o conceito de Lacan em francês *fantasme*. Para se referir ao adjetivo de fantasia, uso o termo fantasmático(a) como mais adiante em “narrativas fantasmáticas”.

Portanto, a fantasia marca a divisão do sujeito e marca o significado da sua existência social, ainda que incompleta e contingente. A fantasia marca, para Lacan, a entrada do sujeito na ordem do simbólico, que se dá por meio da linguagem, da sua submissão ao discurso. A fantasia consiste nas histórias que contamos a nós mesmos, seja a nível individual, seja a nível coletivo, por exemplo, as histórias sobre a nossa família, os nossos antepassados, ou sobre a construção da nação em que vivemos e da qual fazemos parte. Essas histórias estão repletas do desejo de preencher a falta ontológica do sujeito e do Simbólico, presente no processo de subjetivação do indivíduo e aspiram à tentativa de dar significado ao que resiste à representação ou simbolização, isto é, aquilo que se situa na ordem do Real (EBERLE, 2017).

Essas histórias, na tentativa de preenchimento da falta ontológica, levam a *fantasias de completude* ao mesmo tempo que a realidade só consegue adquirir certa coerência, tornar-se inteligível e ter um significado enquanto objeto de identificação a partir da fantasia. O desejo de identificação é direcionado ou canalizado a certos objetos de identificação, por exemplo, a nação. Esses objetos tornam-se, portanto, significantes mestres, que buscam, como vimos, garantir e estabilizar o (re)conhecimento da identidade do sujeito.

Ao se tornarem atores sociais, os sujeitos constituem-se em torno de um vazio que marca a perda primordial; uma falta de essência ou fundamento que ancoraria a sua identidade para além do jogo instável e 'estrangeiro' dos significantes, que não pode esgotar os aspectos corpóreos e afetivos da subjetividade (EBERLE, 2017, p. 4)<sup>73</sup>.

O apego a esses significantes, por sua vez, não se dá de modo voluntário. Está longe de ser uma escolha autônoma do sujeito em relação a qual objeto vai apegar-se. Esse apego, porém, se condiciona de modo a garantir a necessidade ontológica de estabilidade postulada por abordagens lacanianas (KINNVALL, 2018).

---

<sup>73</sup> No original, “[i]n becoming social actors, subjects constitute themselves around a void that marks the primordial loss; a lack of essence or foundation that would anchor their identity beyond the ultimately unstable and ‘foreign’ play of signifiers, which cannot exhaust the corporeal and affective aspects of subjectivity” (EBERLE, 2017, p. 4).

Embora os apegos sejam temporários, suscetíveis a mudanças, o ato de desapegar desses significantes também não é um processo fácil ou simples para o sujeito, uma vez que esses significantes fornecem o entendimento do sujeito sobre a sua identidade e alicerçam a identificação do seu lugar na sociedade, no mundo.

Ao lado da ideia de fantasia, outro conceito que nos ajuda a compreender por que alguns objetos de identificação ou significantes são priorizados e mais emocionalmente apelativos que outros em certos discursos é a noção de *jouissance*. *Jouissance*<sup>74</sup>, por vezes traduzido em português como gozo, é uma sensação de prazer tão carregada que chega a causar ao mesmo tempo desprazer (SAFATLE, 2020).

Caracteriza-se pela presença de uma satisfação autoerótica, que gera prazer e reconforto ao sujeito, mas que também é acompanhada de vergonha e culpa. O seu caráter excessivo ou excedente pode ser socialmente entendido e transmitido como falta e como roubo – a castração do gozo – o qual fora prometido pela identificação com o objeto, mas cuja satisfação não consegue ser plena nem ser alcançada. Ao mesmo tempo que se produzem prazeres, ela também causa repugnância e ojeriza (ŽIŽEK, 2010, p. 99).

Assim, é recorrente que nas análises de fenômenos políticos alguns teóricos tratem a fantasia como narrativa e a *jouissance* como “o roubo do gozo”. Aqui trago uma tradução para o termo “*jouissance as a theft*” (HOOK, 2017; MANDELBAUM, 2020), a *jouissance* como algo prazeroso roubado do sujeito, quem acaba culpando o outro por este ter afastado o sujeito da sua possibilidade de conquistar a satisfação esperada da *jouissance*. A existência do outro é, pois, retratada enquanto um obstáculo à conquista da *jouissance* pelo sujeito (*self*) no discurso.

A construção do outro como um sujeito do ‘roubo’ da *jouissance* requer que esse ‘outro’ seja retratado também como um obstáculo a ser superado. Simultaneamente, essa específica construção do outro implica o pressuposto que a *jouissance* – a satisfação e o gozo – era, supostamente, sentida pelos sujeitos anteriormente, estava sob a sua posse, em um momento do passado em que o ‘outro’ não existia para perturbar o prazer do sujeito. Esse processo de construção

---

<sup>74</sup> Nesta pesquisa, optei por manter o termo em francês por considerar de difícil tradução, já que está para além de gozo e prazer, uma espécie de prazer excedente que não mais é possível quantificar e que também é causa de dor e sofrimento, ou seja, desprazer.

baseia-se em narrativas de bodes expiatórios inimigos da satisfação do sujeito (*self*) e discursos que culpam o outro pelo fracasso em alcançar a satisfação da *jouissance* outrora sentida, ainda que essa satisfação nunca tenha existido (HOOK, 2017).

Nesse viés, certos discursos políticos conseguem orientar esse prazer excessivo e, também, frustrado, ao determinar quais objetos simbólicos ou significantes serão articulados enquanto espaço onde se desenrolam investimentos afetivos e quais sujeitos, outros, serão responsabilizados pelo suposto roubo dos benefícios simbólicos, emoções ou gozos que foram prometidos aos sujeitos (*self*) que ressoam com esses mesmos discursos (HOOK, 2017). Essa construção do outro, culpado pelo roubo da *jouissance* através desses discursos, associa o outro a significantes suplementares carregados de valência negativa de modo a estabelecer uma equivalência entre eles, por exemplo, esse outro pode ser, discursivamente, associado ao migrante, ao refugiado, ao terrorista, ao estuprador, ao molestador de crianças, ao ladrão, à invasão, violação, inundação – há um escorregar metonímico<sup>75</sup> (Ahmed, 2014): a imigração, no contexto britânico, é muitas vezes retratada como uma forma de estupro, violação, invasão e abuso ao corpo da nação e das mulheres que simbolizam a nação.

Tomando o exemplo que citei acima, o da nação como objeto de identificação priorizado em discursos políticos nacional-populistas, quando o caráter fraturado e contingente do sujeito se torna mais evidente, os significantes privilegiados, saturados de afetos, associados a uma determinada versão da nação, evocam uma solução ou resposta discursiva às crises enfrentadas ao prometer restabelecer a segurança, ordem e estabilidade. Isso ocorre especialmente em momentos de crise e instabilidades sociais e políticas – a eclosão de guerras ou conflitos étnicos, crise humanitária, crise de refugiados – e por meio de narrativas e discurso de bodes expiatórios, inimigos da nação (MANDELBUAM 2020; KINNVALL, 2018).

Nesse sentido, Mandelbaum (2020) confere uma dimensão política a esse conceito (fantasia). Para Mandelbaum (2020), a fantasia constitui os mitos nacionais e coletivos, os símbolos do Estado-nação, que fornecem a estabilização da cadeia de significantes no discurso nativista do que seria o povo ideal britânico.

---

<sup>75</sup> Metonímia é uma figura de linguagem que consiste em empregar um termo no lugar de outro.

Assim, a fantasia se associa à ideia de *jouissance*, que está para além do princípio do prazer.

Estabelecidas as definições de fantasia e de *jouissance*, torna-se possível abordar politicamente a fantasia como narrativas, histórias nacionais e coletivas. Mandelbaum (2020) mobiliza em sua análise ambos os conceitos ao analisar o cenário do referendo do Brexit em 2016 a fim de descrever o que chama de ‘a fantasia do Brexit’ (*the Brexit fantasy*). Para entender essa ‘fantasia do Brexit’ abordada por Mandelbaum (2020), urge retomar o ponto da nação como um objeto de identificação priorizada e, assim, como determinados discursos políticos constroem a imagem da nação congregada a outros significantes como branquitude e masculinidade, por exemplo. O pensamento de Mandelbaum (2020) levanta pistas para o desenvolvimento da nossa análise afetiva sobre a Campanha Leave do Brexit conforme veremos adiante; por isso, retomarei esse ponto no próximo capítulo da presente dissertação. O que nos interessa, neste exato momento, é de que modo a nação é construída enquanto objeto de identificação priorizada que precisa ser protegida e que é, através dos discursos, colocada deliberadamente sob constante ataque e insegurança.

Conforme abordamos acima, a fantasia assente nesses tipos de discursos não se refere apenas a uma terra imaginada de uma vida boa que deve ser perseguida pelo sujeito como o sentido da sua existência social. A fantasia comporta também uma imagem ideal dos sujeitos desses discursos, que constrói o *self* como um sujeito com um propósito de vida, um significado, ou seja, a fantasia confere sentido e propósito à identidade do sujeito.

À guisa de ilustração, slogans, em manifestações populares, como “*I want my country back*” (FARAGE, 2016, n.p.) ou “*I want my home to be homely*” (HAGE, 2000, p. 70) fazem parte da fantasia que inclui uma imagem ideal da nação construída como um espaço doméstico a ser alcançado e preservado e do qual o sujeito é merecedor. Logo, essa fantasia implica, inclusive, na premissa implícita de ‘se eu sou um sujeito que mereço fazer parte da nação e ela é o meu lar, eu mereço uma nação que seja acolhedora (*homely*) como outrora fora para os meus pais e avós, para os meus antepassados’.

É diante disso que se pode inferir que a fantasia nacional não é algo que os sujeitos possuem, mas um espaço em que eles habitam e um espaço do qual fazem parte. No contexto do exemplo acima, a fantasia nacional-populista é o espaço que

os sujeitos, interpelados por esses discursos, habitam ou a lente através da qual enxergam a si e ao mundo em que estão inseridos, enquanto cidadãos privilegiados e merecedores da nação que atuam para protegê-la da iminente ameaça do ‘outro’ (HAGE, 2000, p. 70-75).

Através desses discursos e do seu apelo emocional, as fantasias tornam-se nacionais ou coletivas a partir do momento que as pessoas, ou melhor, a audiência contemplada e interpelada por esses discursos, buscando concretizar essa representação idealizada da nação como esse espaço de segurança resguardado a esses sujeitos, passam a ser o povo ideal ou por excelência desse Estado-nação (HAGE, 2000, p. 70-75).

Relacionando fantasia e a identificação com a nação por parte do sujeito, Žižek (1993) estuda conflitos étnicos e nacional-chauvinistas no Leste Europeu. Da análise de Žižek (1993), aproveito, nesta pesquisa, o seu empenho em compreender a relação afetiva entre os chauvinistas e a sua nação, o espaço doméstico (*national home*), que se pauta na ideia da ‘Nação-Coisa’ (*Nation-Thing*), a Nação como Coisa. Em termos lacanianos, a Nação pode ser entendida como a Coisa (*das Ding*) especialmente porque ela é algo a mais, muito mais que simplesmente ‘os aparatos que compõem um específico modo de viver, uma cidadania’. Esse ‘algo a mais’ da nação, do espaço doméstico, se constitui como aquilo que dá a sensação de plenitude e vivacidade à nossa vida, o que seria, na definição lacaniana, a ‘Coisa’ (LACAN, 1985).

Por conseguinte, Žižek (1993) defende que o que está em tensão em conflitos étnicos ou, no nosso caso, em discursos nacionalistas nativistas, é justamente o desejo de possuir, ou reivindicar a posse sobre a nação ou espaço nacional, colocando o sujeito dessa posse como cidadão representante legítimo da nação, excluindo os demais, que não estão de acordo com as supostas características nacionais e, portanto, não são merecedores desse “lar acolhedor”. Nesse viés, os discursos nacional-populistas retratam um constante medo da iminência do roubo da nação por parte do ‘outro’ – medo de que essa Coisa, a nação como objeto que completa a vida do sujeito, será usurpada dele, levada para bem longe dele. “É levando esse argumento ao seu fim lógico e imputando ao espaço doméstico a consistência ontológica da Coisa”, a partir da aplicação política da perspectiva psicanalítica de Lacan, que “uma mudança radical na

concepção tanto do espaço doméstico quanto do outro dentro dele é introduzida”<sup>76</sup> (HAGE, 2000, p. 72).

Para Lacan (1982), a Coisa tem o status de objeto e, simultaneamente, causa do desejo do sujeito. Um objeto que é causa e é, também, causador do desejo. Em outras palavras, é aquilo que é desejado (o objeto do desejo) ao mesmo tempo que é produtor do desejo, causa do sujeito existir enquanto sujeito desejante. Isso se deve ao fato da tentativa do sujeito de superar ou preencher a sua falta constitutiva, como discutimos antes. O sujeito passa a existir como desejante em relação à Coisa ou, no caso do nosso exemplo, à Nação, construída de modo a satisfazer o seu próprio desejo.

Como Žižek (1993, p. 6) nos explica:

o estágio de fantasia não é uma cena em que o nosso desejo é realizado, totalmente satisfeito, mas, ao contrário, uma cena que realiza, estágios, o desejo como tal. O ponto fundamental da psicanálise é que o desejo não é algo dado antecipadamente, mas algo que tem que ser construído - e é precisamente o papel da fantasia dar as coordenadas do desejo do sujeito, especificar seu objeto, para localizar a posição que o sujeito assume nele. É somente através da fantasia que o sujeito se constitui como desejante<sup>77</sup>.

Por um lado, a Coisa não pode ser completamente satisfatória, não pode preencher a falta ontológica do sujeito, porque ela mesma é faltante, ausente de essência, produzida por cadeias de significantes que estão sempre deslizando. Por outro lado, a fim de que o sujeito continue a existir socialmente, é necessário que ele continue tentando alcançar a Coisa como se fosse possível alcançá-la. Logo, a Coisa, para que seja uma Coisa, tem tanto para fazer com que o sujeito tente alcançá-la e ainda tem que ser inatingível (HAGE, 2000, p. 72).

<sup>76</sup> No original, “It is by taking this argument to its logical end and imputing on the national home the ontological consistency of the Thing [...] that a radical change in the conception of both the national home and the other within it is introduced” (HAGE, 2000, p. 72).

<sup>77</sup> No original, “the fantasy stage is not a scene in which our desire is fulfilled, fully satisfied, but on the contrary, a scene that realizes, stages, the desire as such. The fundamental point of psychoanalysis is that desire is not something given in advance, but something that has to be constructed – and it is precisely the role of fantasy to give the coordinates of the subject’s desire, to specify its object, to locate the position the subject assumes in it. It is only through fantasy that the subject is constituted as desiring” (ŽIŽEK, 1993, p. 6).

É, pois, em meio a tal contexto que a função do outro se revela fundamental para a construção e manutenção da fantasia nacional nesses discursos. Para que a fantasia da nação (como um lar acolhedor para seus habitantes merecedores, por exemplo) seja sustentada, é preciso que haja uma explicação para a sua falha em acontecer. Eis, portanto, a função da "alteridade" dentro do imaginário nacional construído pela fantasia nacional-populista. Em vez de perturbar um espaço doméstico harmônico e livre de disputas que não existe e não pode realmente existir, o "outro" é o que permite aos interpelados por esses discursos acreditar na possibilidade de que tal espaço possa ser passível de se concretizar; ajuda-os a evitar ter que enfrentar o núcleo traumático do Real, em termos lacanianos, construindo o outro como o obstáculo que oclui o caminho em direção à realização do sujeito (*self*) (HAGE, 2000, p. 74).

Esses discursos partem da crença que existia *a priori* um território nacional ou um espaço doméstico que foi supostamente perturbado por esses 'outros' e seguem o princípio de que é possível recuperá-lo, embora seja um espaço que nunca tenha de fato existido; pelo menos, não para todos, uma vez que, como vimos na discussão de Shilliam (2018) no capítulo anterior, aquela 'era de ouro' do Estado de Bem-estar Social do pós-guerra, do pacto entre Estado-Empresariado-Trabalhadores organizados, que garantia pleno emprego, não era compartilhada por todos como, por exemplo, os racializados como negros, os pobres não merecedores, que sofriam com a divisão informal e implícita das barreiras de cor no mercado de trabalho no Reino Unido.

Nas palavras de Žižek (1991, p. 203-4) ante a dimensão afetiva da construção discursiva do 'outro' na fantasia nacional,

[o] que ocultamos ao imputar ao outro o roubo do gozo é o fato traumático de que nunca possuímos o que supostamente nos foi roubado; a falta ("castração") é originária, o gozo constitui-se como "roubado" ou, para citar a formulação precisa de Hegel de sua Ciência da Lógica, "só vem a ser por ser deixado para trás".<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> No original, [w]hat we conceal by imputing to the other the theft of enjoyment is the traumatic fact that we never possessed what was allegedly stolen from us; the lack ("castration") is originary, enjoyment constitutes itself as "stolen", or, to quote Hegel's precise formulation from his Science of Logic, it "only comes to be by being left behind" (ŽIŽEK, 1991, p. 203-4).

Em síntese, é a partir dessa perspectiva lacaniana que a nação, enquanto objeto de identificação priorizada do sujeito, pode ser entendida como objeto e causa do desejo do sujeito. A fantasia nacional, nesse sentido, funciona como uma narrativa que promete recuperar o seu país como fora supostamente no passado, criando um espaço seguro em que esses sujeitos possam gozar. Operando por meio do discurso, essa fantasia nacional constrói a nação como um “espaço de completudo”<sup>79</sup>(HAGE, 2000, p. 74) – um espaço que promete a completude do sujeito – que precisa ser protegido das ameaças externas, do ‘outro’, e precisa ser resgatado.

Ademais, a relação da luta da narrativa nacional-populista para controlar o ambiente social ou o espaço nacional – para conferir significado à vida do sujeito – evidencia a dimensão afetiva dos discursos nacional-populistas. Esses discursos têm uma carga afetiva muito alta por conseguirem canalizar emoções que prometem resgatar a nação perdida, recuperar a *jouissance* roubada, superar o ‘outro’ construído como sujeito responsável do roubo da *jouissance*. São exitosos, em última instância, na sua promessa de preencher a falta ontológica do sujeito, garantindo-lhe estabilidade, ordem e segurança no espaço da nação reservado e construído para os sujeitos interpelados por esses discursos.

Percebemos, pois, que a construção da nação dessa forma requer que o outro seja retratado como ameaça, obstáculo à *jouissance*. Em sociedades ocidentais que tiveram a experiência de um passado imperial como o Reino Unido e a França, são recorrentes fantasias em relação à grandeza do império e às conquistas e feitos históricos coloniais com o intento de preencher a perda percebida no presente. Diante disso, o passado histórico da nação é romantizado e lembrado com orgulho, soberba e altivez. Enquanto isso, no presente, os sujeitos que se identificam com essa construção específica da nação veem-se mergulhados em uma tristeza não enlutada por não mais gozarem dos prazeres de pertencer àquela nação e àquele tempo – ambos idealizados. Podemos chamar essa tristeza não enlutada de melancolia pós-colonial conforme atesta Gilroy (2005).

Tendo como pano de fundo da sua análise o Reino Unido, Gilroy (2005) sugere que a atitude contenciosa da nação diante da sua população de imigrantes e o seu desejo de reconstruir um passado homogêneo imaginário é uma espécie de

---

<sup>79</sup> No original, “space of fulfillment” (HAGE, 2000, p. 74).

melancolia pós-colonial. Nesse cenário, as aparentes certezas da raça são usadas para acalmar as ansiedades em torno da alegada perda da identidade nacional.

A melancolia é uma forma de tristeza que está relacionada à perda de algo estimado para o sujeito. Ao contrário do luto, que também envolve a questão da perda, a melancolia traz consigo o sentimento de impotência, de fracasso, de inutilidade. Por isso, podemos dizer que a melancolia é uma espécie de tristeza não enlutada, que gera sentimento tanto de culpa por ter perdido aquele objeto, fonte de prazer e satisfação, quanto de negação, uma vez que o sujeito não aceita tal perda (GILROY, 2005).

O argumento de Gilroy (2005) é que o Reino Unido está hodiernamente sofrendo de uma condição de melancolia resultante da negação do seu passado colonial violento. Em vez de transferir a culpa para o corpo de um soberano caído, são os corpos dos imigrantes britânicos racializados como negros que são alvos das ansiedades relacionadas ao passado e história imperiais da nação. De acordo com o Gilroy (2005, p. 110), a identidade melancólica do Reino Unido atualmente é construída

em oposição à presença intrusiva dos estranhos que, presos dentro da nossa lógica local perversa de raça, nação, e absolutismo étnico não só representam o império desaparecido, mas também refere a consciência à dor não reconhecida de sua perda e a inquietante vergonha de sua gestão sangrenta<sup>80</sup>.

Relacionando o pensamento de Gilroy (2005) com o vocabulário da psicanálise lacaniana, a melancolia pós-colonial influi em fantasias nacionais sobre um passado grandioso e prazeroso, que foi perdido e distanciado do sujeito. Nesse viés, essas fantasias evocam imagens de uma nação romantizada livre da imigração, mas também intocada pelas forças da globalização como da influência de organizações internacionais como a ONU ou a UE.

Com base nisso, os discursos nacional-populistas julgam o outro, imigrante racializado como negro, oposto à construção do povo dominante, culpado por macular e contaminar a nação e os símbolos nacionais. Por isso, esses

---

<sup>80</sup> No original, “in opposition to the intrusive presence of the incoming strangers who, trapped inside our perverse local logic of race, nation, and ethnic absolutism not only represent the vanished empire but also refer consciousness to the unacknowledged pain of its loss and the unsettling shame of its bloody management” (GILROY, 2005, p. 101).

discursos assumem um tom masculinista que evoca frequentemente significantes como guerra, invasão, inimigos externos, e branco porque os inimigos externos são os imigrantes racializados como negros cuja presença no território nacional ocasionaria a perda da identidade nacional, que é racializada como branca. Nesse sentido, Gilroy (2005, p. 15) pontua que, no caso britânico, esses discursos

estão relacionados a uma repetição obsessiva de temas-chave – invasão, guerra, contaminação, perda de identidade – e a mistura resultante sugere que um humor ansioso e melancólico tornou-se parte da infraestrutura cultural do lugar, uma contrapartida ontológica imóvel para as muralhas que definem a nação das falésias brancas de Dover.<sup>81</sup>

Por vezes subjacente na melancolia pós-colonial, encontra-se a crença de que os sujeitos podem habitar e pertencer a apenas uma nação, ter apenas uma pátria, uma religião, uma língua materna e assim fazem parte de apenas uma raça, uma orientação sexual e uma identidade de gênero. Essa crença defende, portanto, que a identidade do sujeito é linear e coerente; logo, passível de ter a sua falta ontológica preenchida (GILROY, 2005).

A melancolia pós-colonial, que se faz evidente nesses discursos políticos comporta o desejo de recapturar o passado perdido, romantizado como um lugar seguro e ideal, o qual os sujeitos alegam ter um dia possuído. Esses discursos buscam, então, construir uma unidade nacional, homogênea e monolítica, coerente, linear e fixa, mobilizando significantes que fujam à contradição e à ambiguidade, as quais são comuns à constituição da identidade do sujeito.

Mandelbaum (2020) acrescenta que, no que concerne a fantasia dos discursos nacional-populistas e contrários à imigração, são estabelecidas apenas duas prospecções maniqueístas: ou o sujeito (re-)captura o objeto e a *jouissance* perdidos e portanto estará em segurança, completando, finalmente, a falta na sua identidade ou o sujeito falha na sua reconquista desse objeto, ficando condenado à sua perda definitiva e à ansiedade de nunca mais reaver o objeto. No nosso caso, o objeto perdido é o passado romantizado.

---

<sup>81</sup> No original, “[these arguments] are tied to an obsessive repetition of key themes—invasion, war, contamination, loss of identity—and the resulting mixture suggests that an anxious, melancholic mood has become part of the cultural infrastructure of the place, an immovable ontological counterpart to the nation-defining ramparts of the white cliffs of Dover” (GILROY, 2005, p. 15).

Essas narrativas, a fim de se sustentarem, dependem, como discutimos, da construção do ‘outro’. O ‘outro’ responsável pelo roubo da *jouissance* são aqueles supostamente não afeitos aos hábitos, costumes e tradições nacionais do *self*. São retratados de modo a estarem sempre em contraste, ou em divergência, com o que seria o ideal da nação e a imagem dominante do povo dessa nação, no caso britânico, por exemplo, branca, cristã, racional entre outros significantes.

Além disso, para manter o imigrante racializado como negro<sup>82</sup> sempre na posição do ‘outro’ no discurso é necessário entender o papel e influência das emoções, uma vez que se associam esse ‘outro’ significantes emocionais. Emoções como medo, amor, ansiedade, desgosto, dor e ódio circulam por meio de significantes e sujeitos à medida que são mobilizadas de diferentes formas e com distintos propósitos. Amor, ódio, raiva e medo se mesclam politicamente em narrativas que legitimam fenômenos políticos como o Brexit.

Ao estudar movimentos supremacistas brancos e intolerantes de extrema-direita, Ahmed (2014) salienta a articulação da política do ódio combinada com a política do amor. O ódio é uma emoção intensa e poderosa que comporta sentimentos de antagonismo deliberados contra alguma coisa ou alguma pessoa específica. “O ódio é econômico; circula entre significantes nas relações de diferença e deslocamento”<sup>83</sup> (AHMED, 2014, p. 44). É uma emoção orientada a algo, a alguém ou a um grupo de indivíduos de forma geral. No caso britânico, vimos que um dos grupos a quem a política de ódio é direcionada são os imigrantes e refugiados que são, na sua maioria, racializados como negros. A partir dessas narrativas, eles são retratados como potencialmente perigosos que não apenas ameaçam roubar as oportunidades de emprego, mas também buscam tomar o lugar do sujeito:

[t]ais is narrativas funcionam ao gerar um sujeito que está ameaçado por outros imaginados cuja proximidade ameaça não só tirar algo do sujeito (empregos, segurança, riqueza), mas tomar o lugar do sujeito.

---

<sup>82</sup> Discuto a questão do imigrante racializado como negro na revisão de leitura sobre as condições de possibilidade do Brexit feita no capítulo anterior quando abordo a teoria de Shilliam (2018).

<sup>83</sup> No original, “[h]ate is economic; it circulates between signifiers in relationships of difference and displacement” (AHMED, 2014, p. 44).

A presença desse outro é imaginada como uma ameaça ao objeto de amor<sup>84</sup> (AHMED, 2014, p. 45).

Assim, se por um lado os imigrantes são retratados como uma ameaça à nação, o ódio destinado a eles também serve, por outro lado, para caracterizar os sujeitos da nação, os protagonistas nessa narrativa, como indivíduos feridos e machucados, que agem em legítima defesa. Essas narrativas sugerem, pois, que esses imigrantes estão “roubando” da/a nação, objeto de amor e de identificação dos protagonistas, implicando a sua decadência e perda de progresso e influência a nível internacional.

Diante disso, esses sujeitos não veem alternativas senão proteger a nação, sentindo um dever moral, emocional e afetivo. Imbuídos nesses deveres, a narrativa assume um tom de legítima defesa e o ódio acima descrito alinha-se ao amor à nação como forma de preservar a história, identidade e herança nacionais daqueles que não são dignos dela e que a maculam e lhe causam mal.

Como os discursos são somáticos, as emoções – ódio, medo, amor e ressentimento – estabelecem juntas a narrativa entre heróis e vilões, protagonistas e antagonistas dessas fantasias nacional-populistas. Nesse viés, Ahmed (2014) traça duas colocações que se complementam. Primeiro, ela aproxima o medo e ódio direcionados ao(s) outro(s) ao amor direcionado ao *self* e à nação; nessa lógica, é possível inferir que por o sujeito amar a si mesmo, aos seus conterrâneos e à nação, ele precisa temer e odiar aqueles que supostamente prejudicam o bem-estar e a felicidade da nação.

Segundo, essa narrativa privilegia os significantes da branquitude e da masculinidade, já que a nação, enquanto objeto de identificação priorizada, é idealizada através desses significantes. Assim, essa preocupação, essa forma de amor e esse medo mascaram o racismo presente nos seus discursos e legitimam os seus atos em defesa da nação para combater o inimigo. O ódio e a raiva presentes nesses sujeitos homens racializados brancos não seriam, dentro dessa narrativa, descabidas; buscam reconquistar ordem e estabilidade, independência, autonomia e firmeza, aproximando-se de características socialmente tidas como masculinas.

---

<sup>84</sup> No original, “such narratives work by generating a subject that is endangered by imagined others whose proximity threatens not only to take something away from the subject (jobs, security, wealth), but to take the place of the subject. The presence of this other is imagined as a threat to the object of love” (AHMED, 2014, p. 45).

Podemos perceber, a partir da discussão sobre melancolia pós-colonial e o papel das emoções nesses discursos, que existe, nesses discursos política, uma fantasia da nação como branca. Desse modo, a narrativa que constrói essa forma específica de identificação com a nação envolve um processo emocional de construção do imigrante (o outro), que é atravessado pelo processo de racialização (GILROY, 2005; SHILLIAM, 2018).

Baseado nessa percepção da melancolia pós-colonial e da fantasia enquanto narrativa que promete resgatar e assegurar o “nacional”, podemos entender, especificamente no exemplo do caso britânico, essa identificação com a nação por meio do que Shilliam (2018) chama da defesa do ‘*English genus*’. Ao analisar o ‘*English genus*’, Shilliam (2018, p. 149-50) evidencia que raça e gênero, branquitude e masculinidade, operam lado a lado nesse processo de construção nacional nativista e excludente, daqueles que representariam os sujeitos ideais da nação.

A noção de ‘*English genus*’ estaria, basicamente, ligada à construção dominante nacionalista de ‘*Englishness*’, ou seja, o conjunto de hábitos, crenças, comportamentos, características – ou ainda, pondo em termos lacanianos, de significantes – que retratam em conjunto a imagem do cidadão britânico ideal e por excelência, o qual faz parte do povo “verdadeiro” ou originário, ou melhor, da imagem dominante de povo britânico (SHILLIAM, 2018, p. 149-50).

Tendo a questão de raça como categoria central da sua análise, Shilliam (2018) investiga o passado colonial e escravocrata do império britânico. Para Shilliam (2018), a abolição da escravatura foi impulsionada pelas colônias britânicas enquanto os abolicionistas brancos no Reino Unido encontravam-se particularmente apreensivos com o “escurecimento” do ‘*English genus*’, articulando formas de evitar que isso ocorresse e de preservar a pureza e a clareza da identidade nacional. Consideravam que a escravidão não havia permitido o desenvolvimento de uma ética de trabalho adequada e de qualidades respeitadas de laboriosidade, prudência, patriarcado e racionalidade.

A abolição no Reino Unido, de acordo com Shilliam, nunca foi precipuamente sobre justiça racial ou igualdade. A condição de um escravo não permitia que ele desenvolvesse as virtudes supracitadas, associadas ao ‘*English genus*’ pelo simples fato de que não tinham esse gene em seu corpo ou as

características dignas valorizadas do povo britânico: “a prudência, liberdade e diligência” (SHILLIAM, 2018, p. 119)”.

A manutenção do ‘*English genus*’ na sociedade britânica se deu também através da conservação da estrutura patriarcal por meio dos matrimônios e da reprodução da família tradicional, que valorizavam as características nacionais associadas à superioridade branca. Assim, é possível identificar um atravessamento também de gênero na (re)produção do ‘*English genus*’.

Desse modo, percebemos que a preocupação em macular, ou melhor, ‘enegrecer’ as características tidas como desejáveis no povo britânico, esteve presente, mesmo que de modo implícito, durante diferentes governos políticos no Reino Unido. Mais recentemente, no contexto da Campanha para o voto de Saída da UE antes do referendo, a presença do outro imigrante racializado como negro ameaça essa preocupação com o ‘*English genus*’ e discursos nacional-populistas nativistas clamam para que o sujeito defenda a nação dessa ameaça e perigo.

Traduzindo a noção de Shilliam (2018) para o vocabulário da psicanálise de Lacan, é possível argumentar que a construção do ‘*English genus*’, *Englishness*, faz parte de uma fantasia nacional de completude para o sujeito, uma narrativa fantasmática que constrói a nação como branca e masculina, ou seja, assente nos significantes de branquitude e masculinidade. Esses significantes já se encontram saturados de afeto no imaginário coletivo que sustenta a construção do ‘*English genus*’. Diante desse imaginário coletivo, o *English genus* associa-se à ordem do Simbólico, ou seja, ele desempenha o papel do Outro para os sujeitos nacionais interpelados pelos discursos nacional-populistas.

O ‘*English genus*’ oferece, pois, a esse sujeito a possibilidade de estabilizar a sua identidade e o significado da sua existência social, uma vez que carrega as promessas de completude, plenitude, estabilidade e encerramento do interminável deslize das cadeias de significantes que produzem objetos idealizados, mas escorregadios, ausentes de sentido fixo. No entanto, é uma faca de dois gumes fantasmática já que, por um lado, baseia-se em uma utopia de completude; por outro, torna evidente a falha em fechar ou estabilizar peremptoriamente a identidade do sujeito (Mandelbaum 2020).

Relacionando as discussões de Shilliam (2018) com Gilroy (2005), O ‘*English genus*’ associa-se emocionalmente a uma espécie de ressentimento muito mais específica que aquela do argumento dominante das condições de

possibilidade do voto Leave, que discutimos no capítulo anterior. Associa-se a um ressentimento do homem branco destronado da sua condição de sujeito político por excelência (BROWN, 2020).

Como o “ressentimento produz um afeto que é mais forte do que a dor sentida; produz um culpado responsável por infligir dor; e um local de vingança para deslocar a dor”<sup>85</sup> (SANDRIN, 2020, p. 7), a política do ressentimento manifesta-se nos indivíduos ou grupos sociais que tinham mais prestígio, influência e visibilidade em épocas passadas e que, na atual conjuntura, se sentem em declínio e vitimizados, sobretudo quando há a emergência de novas subjetividades políticas conquistando espaço e direitos e ganhando voz. Ao mesmo tempo, a perda dos privilégios da masculinidade branca se transforma em repulsa, ira e ódio tanto contra as forças globais, como no caso britânico, a UE, quanto contra a inclusão dos imigrantes que não reproduzem aquelas características dignas do povo britânico racializadas como brancas (SHILLIAM, 2018); nessa lógica, a inclusão desses sujeitos na sociedade nacional resultaria, supostamente, na perda da identidade britânica. Assim, o ressentimento guia essa masculinidade branca a procurar responsáveis e culpados pela situação na qual se encontram a fim de que possam expurgar essa dor e humilhação do destronamento.

Em suma, diante da ideia de melancolia pós-colonial e as ilustrações da nação como objeto de identificação priorizado, presente sobretudo na ‘fantasia do Brexit’ (MANDELBAUM, 2020) e na construção nacionalista e nativista do ‘*English genus*’, identificamos a ressentimento do homem branco destronado e a sua tentativa de (re)conquista da *jouissance* supostamente roubada. Desse modo, começamos a acreditar que a construção do ‘*English genus*’ pode ser considerada como uma fantasia da nação como branca e masculina. Observamos que os discursos nacional-populistas, ao se basearem nesse tipo de fantasia nacional dependente da racialização do outro como refugiado ou imigrante negros, quem é objeto de constante medo para o sujeito.

---

<sup>85</sup> No original, “resentment produces an affect which is stronger than the pain felt; produces a guilty party responsible for inflicting pain; and a site of revenge to dislocate pain” (SANDRIN, 2020, p. 7).

### 3.3. Análise de Discurso Afetiva e estratégia de pesquisa

Metodologicamente, a presente pesquisa classifica-se como qualitativa, uma vez que retrata um nível de realidade que não pode mensurado nem metrificado, em que se trabalham dados intersubjetivos, emoções, valores, opiniões, símbolos, imagens socialmente construídas e reproduzidas (LAKATOS; MARCONI, 2003). Quanto aos objetivos, enquadra-se como pesquisa exploratória por proporcionar maior familiaridade com o tema e por aprofundar a contribuição analítica através da teoria e conceitos psicanalíticos (GIL, 2012).

Esta pesquisa baseia-se, ainda, como vimos no capítulo anterior sobre a demografia do Brexit, na coleta de dados secundários, sendo estas informações sobre porcentagem de votos, índice demográfico, descrição censitária do eleitorado, que podem ser acessados na imprensa, nas agências responsáveis e também nos órgãos oficiais de estado como o Tesouro Nacional Britânico e o Banco da Inglaterra. Ademais, os gráficos, números e dados em geral contidos no site ‘*Why Vote Leave*’, que reúne textos e imagens a favor da saída do Reino Unido da UE, o que chamo de Campanha do *Leave*, são um material importante para estudar e ilustrar o apoio ao Brexit.

Paralelamente, fiz uma revisão da literatura que se comprometeu a descrever e a elucidar a conjuntura do Brexit enquanto um fenômeno nacional-populista, tendo como base a presença da branquitude e masculinidade enquanto significantes mestres nesse fenômeno. Desse modo, conseguimos compreender concomitantemente o cenário maior em que o Brexit se insere – como uma resposta à crise do neoliberalismo no Ocidente enquanto modelo político-econômico dominante – e a mobilização das categorias de raça e gênero nos discursos que sustentam o Brexit.

O método a ser utilizado para analisar o material da Campanha do *Leave* é a análise de discurso afetiva<sup>86</sup>, doravante ADA, pois acredito, por meio da ADA, é possível ter acesso à dimensão simbólica e afetiva das imagens construídas, que são partilhadas entre grupos sociais. Optei pelo termo “afetiva” na tradução para o português no lugar de “emocional” (*emotion*) porque acredito que, a meu ver, seria mais adequada para tratar da análise que engloba o contexto e o fluxo de

<sup>86</sup> Tradução livre do inglês para ‘*Emotion Discourse Analysis*’ (EDA), segundo Koschut (2017, 2018a).

emoções entre registros discursivos diferentes, uma vez que as emoções circulam através de discursos, tanto textos verbais como imagens, e uma palavra que nomeia e descreve emoções (*emotion words*) pode assumir diferentes significados consoante o contexto e a forma pela qual essas emoções são expressas. Assim, uma análise afetiva reforça o seu compromisso em compreender as condições de possibilidade dos discursos pró-Brexit.

Como a linguagem não é neutra, faz-se necessário levar em consideração o contexto social e histórico em que determinado discurso é produzido e considerar as seguintes perguntas durante a análise: quem fala? Para quem e com quem se fala? Para que grupo social se dirige? Em que grupo social essas ideias tem mais apelo? De que modo esse grupo social também contribui para a produção e reprodução desses discursos e das ideias neles contidas?

Por meio deste método, aborda-se a dimensão afetiva dos discursos, os quais operam, segundo Lacan (1985), através de deslocamentos e de metonímias e metáforas, o que será considerado e analisado nesse processo. A ADA nos possibilita, também, analisar aquilo que não foi dito, os não ditos do discurso, mas que está presente, operando subjacentemente na lógica discursiva. É recorrente, conforme veremos, que nesse lugar dos não ditos dos discursos haja a alusão a várias emoções e a significantes já saturados de afeto que povoam o imaginário coletivo de determinada sociedade (AHMED, 2014; KLERES, 2011; KOSCHUT, 2017, 2018b).

Ao escolher a análise de discurso afetiva como método, eu defendo que os discursos apresentam uma relevante dimensão afetiva que não pode ser negligenciada quando da leitura de textos e da análise da linguagem verbal, como nos discursos de políticos apoiadores do Brexit, e não verbal, como na veiculação de imagens e fotografias que fomentaram a ‘Campanha do *Leave*. Ao definir esta análise como afetiva, parto do pressuposto de que os discursos desempenham um papel afetivo e incitam emoções ao mesmo tempo em que são influenciados por elas. Logo, busco levar em consideração o modo com o qual as emoções são expressas a fim de descrever e compreender determinada atmosfera afetiva. Nesse viés, esta análise preocupa-se em entender como sujeitos políticos falam sobre emoções, como articulam discursivamente categoriais emocionais quando tratam de fenômenos políticos e relações sociais e como também podem ser movidos politicamente por emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

Cabe frisar que, ao longo desta pesquisa, a análise que farei ao redor dessa atmosfera afetiva não tem a pretensão de colocar-se como unívoca ou peremptória. No entanto, ela é resultado da minha interpretação sustentada pela revisão de literatura em torno do nacional-populismo do Brexit e sustentada pela contribuição da psicanálise lacaniana, da construção dominante de povo britânico, enquanto racializado como branco, e a sua relação com a nação enquanto objeto de identificação priorizado e, evidentemente, dos discursos coletados e selecionados por mim, à luz dos supracitados objetivos dessa pesquisa.

Acresce salientar que não considero que discursos ou sujeitos tenham emoções no sentido de que estas possam ser possuídas, emoções não são objetos sob posse única e exclusivamente de um sujeito ou de um texto; na verdade, as emoções estão em constante fluxo por meio dos significantes (AHMED, 2014). Nessas linhas de intensidade, os objetos circulam – e os afetos e sensações provocadas em relação ao objeto são temporariamente estabilizados sob termos linguísticos como, por exemplo, medo, ódio, amor, raiva, ansiedade entre outros, que funcionam como rótulos (*ibidem*). Não é incomum que tais objetos – muitas vezes tidos como causadores dessas emoções – já estejam saturados ou carregados de afeto, por isso reitero a importância de levar em consideração o contexto em que tais discursos se desenrolam.

Como consequência, descrever e entender o contexto nos possibilita compreender por que alguns discursos são mais efetivos e sedutores emocionalmente do que outros. Nesse sentido, as emoções amplificam discursos políticos e influenciam a maneira por meio da qual os sujeitos se identificam com os objetos nacionais e, também, veem os outros e se relacionam com eles. Em síntese, uma “análise do discurso baseada na emoção gera *insights* importantes no que diz respeito à compreensão da identidade, poder e status, pois revela como as emoções são capazes de fazer julgamentos moralmente informados sobre o *Self* e os Outros”<sup>87</sup> (KOSCHUT, 2018b, p. 516).

Com o intento de construir a minha análise, seguirei os três critérios apontados por Koschut (2018a, p. 280) que orientam a ADA: (1) a seleção de textos apropriados em conformidade com os objetivos da pesquisa; (2) o

---

<sup>87</sup> No original, “emotion-based discourse analysis generates important insights with respect to understanding identity, power and status because it reveals how emotions are capable of making morally informed judgements about Self and Others” (KOSCHUT, 2018b, p. 516).

mapeamento das emoções expressas nos textos selecionados; (3) a identificação e interpretação das emoções junto com a contextualização dos efeitos políticos dessas emoções, o que Koschut costuma chamar de “efeitos de emocionalização dos textos” (“*emotionalization effects of texts*”).

Os discursos que selecionei correspondem à Campanha do *Leave* no segundo semestre de 2015 e primeiros semestres de 2016, ano do referendo, e envolve discursos das organizações *Vote Leave*, liderada por Dominic Cummings e Matthew Elliott, dois dos mais importantes estrategistas da Campanha, e *Leave.Eu*, liderada por Nigel Farage, tendo em vista o seu papel preponderante como importante incitador e direcionador de afetos. Os sites *Brexit Central* e *Why Vote Leave* condensam notícias e informações referentes ao Brexit com fotografias de campanha e, por isso, se tornaram importantes sites na internet para pesquisar os discursos para esta Dissertação.

Todos esses discursos políticos estão disponíveis na mídia e imprensa do Reino Unido e serão, portanto, delas retirados e traduzidos para o português no corpo do texto a fim de democratizar o acesso a esse conteúdo e de tornar fluida a leitura; em paralelo, as citações e trechos traduzidos estarão disponíveis no idioma original em nota de rodapé. Ainda, foi realizada a transcrição de discursos orais como no caso da entrevista de Nigel Farage para o programa *Good Morning Britain* do canal de televisão ITV (Independent Television) no dia 14 de março de 2016, disponível no Youtube. Quanto à Campanha do *Leave*, o material coletado contém imagens que contribuirão para a análise, desenvolvida no próximo capítulo.

Em segundo lugar, ao mapear as emoções que circulam por meio de textos e assim da dimensão verbal e não verbal da linguagem, pretende-se identificar os termos linguísticos que diretamente aludem a diferentes emoções (*emotion terms*). Em tais termos, nota-se a relação explícita que se estabelece entre a sensação ou sentimento emocional e a palavra que o nomeia (*emotion words*) podendo esta ser um substantivo, adjetivo ou verbo correspondente.

Paralelamente, é necessário entender os seus sentidos e significações e também abordar os significantes que contêm apelos emocionais conotativos (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990). Ao falar de afetos e emoções, abordamos um nível bastante figurativo da linguagem; por isso, levarei em consideração o papel

dos tropos linguístico, isto é, das figuras de linguagem, pensamento e palavra na construção discursiva em apoio ao Brexit.

Para atender ao terceiro critério, que diz respeito à interpretação e contextualização das emoções, combino duas estratégias indicadas por Koschut (2018a, p. 281). Primeiro, a intertextualidade emocional, que é “*a clever way to conduct an EDA is thus to combine different textual genres to get a more comprehensive picture of and better access to the emotions involved*”. Segundo, a construção de narrativas.

Através da intertextualidade emocional, combinam-se diferentes gêneros textuais e se pode averiguar a forma por meio da qual as emoções dialogam e circulam entre registros distintos, pois dificilmente uma emoção será expressa em um único texto assim como um único texto raramente é capaz de expressar apenas uma emoção. De acordo com Koschut (2017, p. 4), a “intertextualidade emocional refere-se ao modo através do qual as expressões emocionais são citadas, apropriadas ou criticadas dentro do mesmo texto e em relação a outros textos. As emoções raramente residem em um único texto ou são únicos nas suas expressões”<sup>88</sup>. Portanto, a intertextualidade torna possível analisar a ressonância dos discursos em determinada audiência ao mesmo tempo que salienta o apelo estético da veiculação de fotografias e o efeito político das emoções.

Quando se analisam imagens, há que se atear, também, às questões de ângulo em que fotografias são tiradas, de iluminação, da ordem e disposição dos elementos em uma imagem, que são deliberadamente escolhidas com base em atingir um maior apelo emocional estético além de demonstrar quais elementos devem ser enfatizados, capturando visualmente a nossa atenção.

### **3.4. Conclusão**

Resumidamente, dediquei-me neste capítulo ao arcabouço teórico e aos procedimentos metodológicos da minha pesquisa, a qual se classifica como qualitativa e exploratória. Quanto ao método, escolhi a análise de discurso afetiva

---

<sup>88</sup> No original, “[e]motional intertextuality refers to the way emotional expressions are quoted, appropriated, or criticized within and against other texts. Emotions rarely reside in a single text or are unique in their expression” (KOSCHUT, 2017, p. 4).

(ADA), que será conduzida na observância dos três critérios listados por Koschut (2017, 2018a), isto é, a seleção de textos, o mapeamento das emoções e a interpretação e contextualização dessas emoções.

Dessa maneira, a análise preocupa-se com as emoções enquanto construtos sociais e com o seu aspecto intersubjetivo. Tendo em vista que emoções dificilmente residem em apenas um tipo ou gênero de texto, sigo duas estratégias sugeridas por Koschut (2017, 2018a): a intertextualidade emocional, uma vez que reúno imagens para analisar a influência das emoções na dimensão não verbal do discurso e o apelo emocional das imagens na construção da imagem dominante de povo, assomada às narrativas.

Durante a análise dos textos selecionados, abordo tanto a microestrutura quanto a macroestrutura dos textos. O primeiro caso diz respeito ao ordenamento das frases e orações, da carga emocional das figuras de linguagem, dos significantes mobilizados e das emoções que são articuladas no interior de cada discurso, quanto à macroestrutura dos discursos. Quanto à macroestrutura textual, analiso a relação entre os diferentes registros discursivos, o modo por meio do qual as emoções circulam entre eles e se conectam no contexto mais amplo (KOSCHUT, 2017, 2018a). Ao tratar da construção de narrativa' (AHMED, 2014; KLERES, 2011) pretendo analisar mais profundamente o imaginário em que os discursos do Brexit se constroem ao perceber semelhanças desses discursos com a estrutura de narrativas literárias.

Além disso, enriqueço essa abordagem com as contribuições da psicanálise (LACAN, 1985; MANDELBAUM, 2020) quanto à noção de fantasia e à construção emocional do 'outro' (*emotional othering*) como um obstáculo para a conquista da *jouissance* supostamente roubada. Em suma vimos que a fantasia lacaniana, de acordo com Stravrakakis (1999, p. 46),

[é] uma construção que estimula, que provoca o desejo, exatamente porque promete cobrir a falta no Outro, a falta criada pela perda da *jouissance*. [...] [A] fantasia oferece a promessa de um encontro com essa preciosa *jouissance*, um encontro com esse fantasiado como cobertura da carência no Outro e, conseqüentemente, como preenchimento da carência no sujeito.

No capítulo seguinte, eu analiso os discursos e imagens da Campanha do *Leave* e realizo a análise do discurso afetiva propriamente dita sobre a Campanha do *Leave* com o objetivo de compreender o apelo afetivo dos discursos a favor da saída do Reino Unido da UE numa atmosfera afetiva complexa. Além disso, eu contextualizo o lado dos apoiadores do voto *Leave* e abordo a estratégia e retórica da Campanha. Descrever e entender o contexto nos possibilita compreender por que alguns discursos são mais efetivos e sedutores emocionalmente do que outros; nesse sentido, as emoções amplificam discursos políticos e influenciam a maneira por meio da qual os sujeitos se identificam com os objetos nacionais e, também, veem os outros e se relacionam com eles.

## 4

### No turbilhão das emoções: sentindo a fantasia do Brexit

No presente capítulo, eu realizo uma análise do discurso afetiva sobre a Campanha do *Leave* com o objetivo de compreender o apelo afetivo dos discursos a favor da saída do Reino Unido da UE numa atmosfera afetiva complexa. A minha proposta é, de modo geral, analisar a Campanha do *Leave* enquanto uma narrativa em que se encontram a construção de uma determinada versão do povo britânico enquanto protagonista dessa trama e a construção da UE e dos imigrantes e refugiados racializados como não brancos enquanto antagonistas.

Para analisar o desenvolvimento dessa trama, estrutura-se o capítulo em três seções seguidas da conclusão. Na primeira seção deste capítulo, eu contextualizo o *referendum* do Brexit sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, expondo brevemente os seus principais aspectos e organizações envolvidas além de abordar os discursos em defesa da permanência do Reino Unido na UE. Na segunda seção, eu contextualizo o lado dos apoiadores do voto *Leave* e abordo a estratégia e retórica da Campanha. A terceira seção aprofunda a análise dos discursos e das figuras da Campanha do *Leave*, compreendendo o papel político dessas emoções mobilizadas por meio de cadeias de significantes já carregadas de afetos no imaginário coletivo do Reino Unido como o NHS, a fronteira ‘nacional’ e uma noção de povo ancorado na defesa da branquitude ainda que de modo velado através dos discursos.

#### 4.1.

##### Projetando Medo: o voto Remain

Ao longo desta seção, eu abordo as características dos discursos em defesa da permanência do Reino Unido na UE, identificando os principais significantes que são mobilizados e as emoções que circulam por meio destes, sobretudo o medo. Embora a minha análise do discurso tenha como enfoque os discursos do voto *Leave*, faz-se igualmente necessário compreender os discursos e aspectos do lado do *Remain*, uma vez que os discursos em apoio ao *Leave* se constituem, também, a partir da relação que estabelecem com o outro lado, o *Remain*, tendo em vista o cenário polarizado do debate do Brexit.

O Ato do Referendo de 2015 do Parlamento foi o instrumento jurídico que lançou as bases legais para um “*consultative referendum*”<sup>89</sup> no Reino Unido e em Gibraltar, que teria que acontecer até o ano de 2017 (GREEN, 2016). Juridicamente, a votação e a consulta sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia são entendidas como um plebiscito, uma vez que houve uma consulta ao povo com anterioridade a ato legislativo, ou seja, coube ao povo do Reino Unido e Gibraltar aprovar ou negar, por meio do voto, a permanência do Estado na UE antes de haver uma lei ou um projeto de lei constituído pelo governo. A propósito, plebiscitos não são comuns ao longo da história do Reino Unido.

O Ato também estabeleceu o calendário do início da Campanha até o dia da votação nas urnas. Oficialmente, o período de campanha começaria no dia 15 de abril de 2016 e iria até 23 de junho de 2016, durando, ao todo, dez semanas. Haveria, no entanto, um período de paralização de quatro semanas na Campanha que correspondia ao período das pré-eleições no Reino Unido. Durante esse momento, todo o governo e os órgãos estatais estavam proibidos de comentar ou veicular informações relacionadas ao *referendum* (GREEN, 2016) Sendo assim, os discursos da Campanha do *Leave* selecionados para análise ao longo deste capítulo estão compreendidos nesse período de 15 de abril até 23 de junho de 2016 e, também, nos dias após a vitória do voto *Leave* como o discurso de Nigel Farage que retrata a vitória do *Leave* como o dia de celebrar a independência do Reino Unido.

De acordo com o disposto nesse Ato do Parlamento de 2015, organizações teriam que ser estabelecidas para guiar o debate sobre a permanência ou a saída do bloco europeu e teriam por objetivo informar a opinião pública e ajudar o eleitorado a formar a sua visão política. Ao lado daqueles que apoiavam a permanência no bloco<sup>90</sup>, sobressaiu-se a organização *Britain Strong in Europe*<sup>91</sup> (*BSE*), (criada em 12 de outubro de 2015), que, ao ser escolhida como representante oficial do grupo *Remain*, passou a receber subsídios do governo para realização da própria sua campanha e ter espaço na imprensa. O principal

---

<sup>89</sup> Em inglês, a palavra *referendum* é usada tanto para referir-se a referendo quanto a plebiscito. Um referendo consultivo, ao traduzir livremente a expressão, seria o equivalente a um plebiscito em português.

<sup>90</sup> Popularmente chamados, em inglês, de *Remainers*.

<sup>91</sup> “Reino Unido mais forte na Europa”, em tradução livre.

rosto político foi o então primeiro-ministro David Cameron. O Partido dos Trabalhadores acabou decidindo não participar da organização, que foi vista por eles como um grupo demasiado *Tory* (conservador) e, por isso, dois meses depois, os Trabalhadores fundaram a organização “*Labour In for Britan*”. Essa cisão acabou enfraquecendo ambos os partidos e, sobretudo, a campanha em apoio à permanência (*Remain*). No entanto, como veremos, essa não foi a única fraqueza (ADAM, 2020, p. 86-87).

Apesar disso, o grupo *Remain* manteve-se confiante, sobretudo em função de suas sondagens, que previam a vitória do voto de permanência. Acreditava-se que dificilmente a maioria da população votaria por uma alternativa à UE sem que houvesse um planejamento prévio, bem desenhado e racional. Os políticos do *Remain* acabaram naturalizando a posição do Reino Unido enquanto estado-membro na UE como positiva para toda a população britânica, como se todos sentissem os benefícios econômicos do livre comércio, por exemplo. Ademais, acreditavam que, ainda que houvesse a sensação de crises dentro da UE e no Reino Unido, qualquer alternativa seria desastrosa para a nação (ADAM, 2020).

Os próprios políticos do *Remain* não conseguiram fazer uma campanha em que fossem expostos os benefícios materiais e simbólicos de pertencer à UE, em que fosse construída uma narrativa positiva sobre a conciliação entre uma identidade europeia e uma identidade britânica. Isso era inclusive um desafio hercúleo, pois teriam que desfazer a imagem já estigmatizada de Bruxelas e das instituições europeístas, cujos políticos foram muitas vezes retratados como “os burocratas sem face de Bruxelas” (HAWKINGS, 2018) que negligenciavam os interesses do Reino Unido. Imagem essa que, inclusive, era reproduzida pelo governo de situação de Cameron mesmo antes da campanha.

Diante disso, a estratégia adotada pela *Britain Strong in Europe* e, logo, por David Cameron, foi prospectar um cenário negativo e turbulento em caso de BREXIT, com grandes recessões, inflação e crises econômicas, aumento do desemprego, falta de produtos nos mercados, aumento dos preços dos alimentos e do combustível, diminuição do poder de compra da população em geral e desvalorização da libra esterlina (ÖZLEM; NADEAU; BÉLANGER, 2020). A desvalorização da libra não se limitava à questão econômica, mas também buscava tocar no próprio sentimento nacionalista de cidadãos britânicos, uma vez que a libra representa um símbolo da nacionalidade, de tradição, de costume e

singularidade do Reino Unido e da Coroa, sobretudo, pela sua contraposição ao euro com o status de moeda única do bloco europeu.

Sendo assim, a estratégia de Cameron, em vez de apontar os aspectos positivos de permanecer dentro da União Europeia, baseou-se na prospecção do medo. A Campanha *Remain* construiu um cenário futuro a fim de suscitar desconforto e terror na população de modo que ela não votasse a favor da saída da UE e tampouco optasse por qualquer alternativa, senão a de permanecer dentro do bloco europeu, que mesmo que percebido como marcado por crises e problemas, seria melhor do que qualquer outro cenário.

Foi por essa razão que a Campanha *Remain* foi taxada pejorativamente de ‘*Project Fear*’ pelos políticos da Campanha do *Leave*. Essa alcunha se popularizou no dia a dia e nas mídias e redes sociais. Como resposta à estratégia do *Remain*, a Campanha do *Leave* construiu um cenário futuro positivo e cheio de energia, alegando que a Campanha do *Remain* estava ameaçando e acovardando a população britânica, tirando a sua força nacional, desmerecendo a resiliência histórica de um povo que construiu um império nos quatro cantos do mundo, que lutou e sobreviveu a duas grandes guerras enquanto a Europa continental estava em escombros (ADAM, 2020). Retomo esses pontos na seção seguinte, quando analiso a Campanha do *Leave*.

Outra fraqueza foi a linguagem adotada pela Campanha *Remain*. Em primeiro lugar, os argumentos favoráveis à permanência eram prolixos, difíceis, opacos, envoltos em jargões econômicos, baseados em modelos estatísticos, gráficos, números e porcentagens. Consequentemente, a linguagem acabou soando arrogante e elitista para a grande parte da população. Isso foi causa de ressentimento para um grande número de pessoas, uma vez que dava a impressão de que os mais ricos e mais escolarizados estavam ensinando aos mais pobres e menos escolarizados de que modo agir e votar, sugerindo que eles eram ignorantes. Dava, ainda, a impressão de intimidação e não de persuasão. Isso foi, por conseguinte, fortemente ressentido, gerando um esgotamento popular frente aos avisos alarmantes e catastróficos da Campanha do *Remain* que foi emocionalmente canalizado pela Campanha do *Leave* (ADAM, 2020).

Em segundo lugar, a linguagem retratava os políticos e apoiadores da *Campanha do Leave* como chauvinistas lunáticos, que fugiam à razão, colocando como certa a vitória do *Remain*, como única possibilidade. O grupo *Remain* não

conseguiu perceber que o resultado do Brexit veio do apelo afetivo da Campanha do *Leave*, do modo como as insatisfações foram mais bem canalizadas discursivamente (MANDELBAUM, 2020) e fracassou na sua retórica por não conseguir compreender os sentimentos, os desejos, as insatisfações diárias de parte da população britânica e por usar uma linguagem muito distante e impassível que não dialogava com a linguagem da vida cotidiana do povo, não oferecia capacidade de identificação popular.

Na perspectiva da Campanha do *Remain*, as emoções não foram consideradas um fator importante para a votação e seus apoiadores defendiam que o eleitorado britânico se pautaria em argumentos e cálculos racionais (GESTEL, 2016). Destaco dois momentos do Brexit que ilustram bem esses aspectos da Campanha do *Remain*.

Em primeiro lugar, durante uma palestra realizada em Newcastle, o professor Anand Menon, membro do *think tank* ‘UK in a Changing Europe’, participando da campanha a favor do voto *Remain*, e, até então, conselheiro especial da comissão da Câmara dos Lordes para a UE, argumentava que uma possível vitória do voto de saída da UE traria prejuízos para o PIB em recuperação quando foi interrompido por uma senhora na audiência que disse em alto e bom som que aquele era o PIB dele, e dos especialistas, e não “o nosso PIB”<sup>92</sup>, ou seja, que não era o PIB do cotidiano dela e das famílias do seu convívio social.

A anedota do professor Menon nos permite notar dois aspectos importantes da atmosfera afetiva do BREXIT. Primeiro, a percepção e o sentimento de muitas pessoas, como a senhora de Newcastle, de que os especialistas e as classes governantes não falavam por elas – não apenas que não tinham os seus interesses em mente, mas também não sabiam como essas pessoas viviam no dia a dia. Segundo, o fato de que uma estatística nacional como o PIB é composta por experiências divergentes e particulares de diferentes segmentos da população (SANDBU, 2020, p. 140).

Parte dos britânicos manifestava sua insatisfação por não sentir os efeitos dessa economia em recuperação da qual falavam políticos e especialistas. Portanto, o que o resultado do Brexit representa é “que não existe algo como uma

---

<sup>92</sup> No original, “[a] two percent drop in the United Kingdom’s GDP [gross domestic product], I said, would dwarf any savings the country would generate from curtailing its contribution to the EU budget. ‘That’s your bloody GDP,’ came the shouted response, ‘not ours’” (MENON, 2016, n.p.).

economia homogênea – mas uma série de economias regionais com perspectivas bastante distintas”<sup>93</sup> (CHAKRABORTTY, 2017, n.p.).

Na sua resposta indignada ao professor, a senhora em Newcastle refletiu uma insatisfação social bem mais ampla e não um caso isolado. Quanto às estatísticas, o Reino Unido observava de fato uma recuperação econômica; em contrapartida, essa recuperação se concentrava na região de Londres e do sudeste do Reino Unido – e até mesmo nessas regiões a recuperação não foi sentida por todos.

Em segundo lugar, outro momento de destaque foi a entrevista na televisão de Michael Gove, político do Partido Conservador e figura proeminente da campanha do *Leave*, que exercia, na época, o cargo de ministro da Justiça e Lorde Chanceler. Sintonizado com essa atmosfera de insatisfação, Michael Gove (2016, n.p.) afirmou, na entrevista, que “o povo desse país já está farto de experts de organizações com acrônimos dizendo que eles sabem o que é melhor mesmo estando consistentemente errados”<sup>94</sup>. As recomendações dos *experts* para o povo acabavam soando prepotentes e arrogantes, em um tom apadrinhador, revelando o vazio latente entre esses dois grupos.

Como mostrarei posteriormente, políticos como Nigel Farage e Boris Johnson defenderam, na Campanha do *Leave*, que o voto de retirada do Reino Unido da UE representava uma reação ou uma resposta à política tradicional e uma reação à linguagem tecnocrata dos especialistas que dominou a maneira de fazer política no Parlamento e também na UE. Seria, então, a expressão desse ressentimento com a incompreensão e desinteresse com a vida cotidiana das pessoas afetadas pelas crises econômicas em regiões como Port Talbot, cidade mineradora no País de Gales, ou Cornuália, que se viam gradativamente empobrecidas e que estavam exaustas de ouvir discursos políticos que faziam promessas não cumpridas de recuperação econômica e social. Na prática, essa recuperação ficava concentrada em áreas geográficas mais abastadas, mais privilegiadas, que recebiam e atraíam mais investimentos, como a região metropolitana de Londres (CHAKRABORTTY, 2017). Essas promessas políticas

<sup>93</sup> No original, No original, “there is no such thing as an economy – but a series of regional economies with vastly different prospects” (CHAKRABORTTY, 2017, n.p.).

<sup>94</sup> No original, “I think the people of this country have had enough of experts with organizations with acronyms saying that they know what is best and getting it consistently wrong” (GOVE, 2016, n.p.).

de recuperação socioeconômica acabaram soando vazias para a população dessas regiões, influenciando em ressentimentos e frustrações. Se, por um lado, havia sentimentos de gradativa perda material, havia, por outro lado, sentimentos de significativa perda simbólica, que também se expressava nos exemplos acima, o da senhora incógnita em relação ao PIB, e o do Michael Gove em relação aos experts e ao *establishment*.

Além do ressentimento de parte de uma classe trabalhadora habitante de regiões industriais que não sentia os efeitos da recuperação do PIB, também pode ser identificado o ressentimento de uma classe média que viu seu poder de compra diminuir ao longo dos anos – que viu uma perda do seu padrão de vida e cujo estilo de vida foi ficando cada vez mais oneroso de manter, o que Antonucci, Horvath e Krouwel (2017) chamam de “*squeezed middle class*”, conforme abordei na revisão de literatura sobre as condições de possibilidade do voto *Leave*, no capítulo dois da presente pesquisa. Além disso, parte dessa classe também experimentou perdas simbólicas, como a sensação de perda de espaço e visibilidade na sociedade para novos sujeitos políticos que vinham conquistando direitos e reconhecimento, que antes lhes eram negados, e que começaram a transitar por espaços que outrora não lhes era permitido ocupar.

Essas perdas simbólicas podem ser interpretadas, como veremos, à luz de uma construção dominante do povo britânico racializada, como pertencente à branquitude, que vai ser mobilizada pela Campanha do *Leave*. Sendo assim, a perda material sofrida pela população refletiria a percepção de perda dos benefícios históricos de pertencer à branquitude (EMEJULU, 2016; SHILLIAM, 2018). Retomo esse ponto mais adiante com a análise de imagens da Campanha do *Leave*.

Essas perdas foram, em conjunto, captadas pelo discurso da Campanha do *Leave*, que canaliza esses ressentimentos. Em síntese, identifiquei três ressentimentos interrelacionados – de parte de uma classe trabalhadora branca, construída discursivamente pela Campanha do *Leave*, de parte da “*squeezed middle class*” (ANTONUCCI; HORVATH; KROUWEL, 2017) e da linguagem utilizada pela Campanha do *Remain*.

O que os dois exemplos acima, a manifestação eloquente da senhora idosa quanto ao PIB e a entrevista na televisão do político Michael Gove, nos permitem perceber é a saturação de parcela da população britânica com a postura da

Campanha do *Remain* de inculcar nas mentes dos britânicos o medo de que o voto de saída significasse declínio, miséria, pobreza – sem levar em consideração que muitos já viviam na pobreza ou no declínio econômico. Além disso, a repetição de mensagens negativas em tom imperativo “*Don’t vote Leave!*” sem que houvesse a preocupação em explicar por que as pessoas deveriam votar *Remain* soava menos como uma tentativa de persuasão política do que como uma forma de intimidação e autoritarismo.

Além de distante do cotidiano da população, outro aspecto relevante da linguagem adotada pelos apoiadores da permanência do Reino Unido no bloco foi a inconsistência. Se, por um lado, políticos da Campanha do *Remain*, como David Cameron, defendiam que a retirada do Estado da UE traria consequências econômicas desastrosas e perdas incalculáveis e inenarráveis, por outro lado, a própria campanha a favor do *Remain* se punha a metrificar e a calcular essas perdas por meio de gráficos, modelos econômicos de medição do PIB, estatísticas e afins (ADAM, 2020). Em suma, “havia uma inconsistência entre advertir contra saltar no desconhecido e, depois, fingir saber exatamente as consequências desse salto até a segunda casa decimal”<sup>95</sup> (ADAM, 2020, p. 92). Esses dados, inclusive, foram reunidos e divulgados em panfletos de longas e exaustivas páginas deixados nas caixas de correspondência de casas britânicas como a estratégia fracassada da campanha de permanência.

A Campanha do *Leave* explorou a percepção de uma linguagem elitista adotada pela Campanha do *Remain* e se colocou como o sustentáculo das pessoas comuns, colocando-se como a voz dos perdedores, dos mais fracos, porta-voz dos interesses e necessidades do precariado, juntos, na luta contra o *establishment*. A Campanha do *Leave* logrou, ainda, em responder ao debate com a Campanha do *Remain* mobilizando cadeias de significantes carregados emocionalmente, como a defesa do NHS e das fronteiras da nação. Discorro mais cuidadosamente sobre esses aspectos e significantes ao longo das próximas seções.

Se a Campanha do *Remain* prospectava um cenário catastrófico para suscitar medo nos britânicos e assim evitar o voto pela saída do projeto europeu de integração, a Campanha do *Leave*, por outro lado, vai desenvolver uma

---

<sup>95</sup> No original, “[t]here was an inconsistency between warning against taking a leap into the unknown and then pretending to know the exact consequences of such a leap down to the second decimal point” (ADAM, 2020, p. 92).

narrativa que retrata o povo britânico como forte, resiliente e determinado, evocando símbolos do passado glorificado da nação, como a vitória na Primeira e Segunda Guerras, com o objetivo de prospectar esperança. Nessa narrativa, mesmo que o futuro do Reino Unido após a saída da UE viesse a ser árduo, isso não tinha que ser motivo de ansiedade nem de medo, pois o povo britânico estaria no comando das suas próprias vidas e saberia muito bem o que fazer e como enfrentar e superar as iminentes adversidades, baseado na experiência histórica da nação. Logo, seriam dificuldades passageiras e que valeriam a pena, tendo em vista o êxito da nação.

Se a Campanha do *Remain* utilizou uma linguagem distante com muitos números, dados e porcentagens em um tom que soava arrogante para parte da população, a Campanha do *Leave*, por sua vez, logrou em adotar uma linguagem do dia a dia, que persuadisse e seduzisse através de apelo emocional, da identificação afetiva de parcela da população que via as suas insatisfações serem levadas em consideração. A própria postura dos políticos envolvidos nesse debate dual destaca a contraposição entre o lado dos *Remainers* e *Leavers*.



**Figura 7:** Debate do Brexit na televisão ITV. Fonte: HUTTON, 2016.

O cenário foi-se revelando menos favorável para o grupo *Remain*, sobretudo a partir do momento em que David Cameron aceitou participar de uma entrevista na rede de televisão *Independent Television* (ITV) na terça-feira 7 de junho de 2016 logo após uma entrevista concedida por Nigel Farage (Figura 7).

Isso deixou a impressão de que Farage estava no mesmo nível de Cameron e que Farage era o porta-voz da Campanha do *Leave*, ainda que houvesse outras organizações a favor do *Leave* e que a sua não fora eleita a oficial, como vamos ver a seguir.

Enquanto Cameron alertou que o Brexit significaria “menos investimentos e menos empregos”, Farage tratou de questionar o primeiro-ministro na época sobre o crescente fluxo de imigrantes e a pressão que isso resultava sobre os serviços públicos (HUTTON, 2016, n.p.). Além disso, ao contrário da linguagem adotada pela Campanha do *Remain*, Farage, na entrevista da Figura 7, adotou um tom bem mais informal, usando gírias e expressões coloquiais. A Campanha do *Leave* construiu uma narrativa que se colocava como a voz das pessoas comuns, como se falasse na mesma linguagem cotidiana do povo, ou melhor, da própria construção dominante de povo que a Campanha do *Leave* reproduzia através do discurso. Farage também fez isso ao colocar-se como porta-voz dessa construção de povo britânico (“*I want what is best for Britain*”) a partir da tentativa de aproximação com o povo e de afastamento da elite política tradicional, do *establishment*, o qual é aqui representado como uma aliança de interesses entre Cameron e a UE, sintetizado na frase, já traduzida, “eu quero o que é melhor para a UE” (Figura 7). Isso ressoa com a postura de Michael Gove em sua entrevista no exemplo abordado anteriormente. Essa retórica discursiva de distanciamento da elite política foi uma estratégia comum aos políticos da Campanha do *Leave*, posicionando-se, por meio dos discursos, próximos do povo, lado a lado da população.

#### **4.2. Projetando Esperança: o voto Leave**

A fotografia de Nigel Farage em frente ao pôster do debate do Brexit (Figura 7) foi marcante para o lado dos apoiadores do *Leave* porque deu credibilidade à Campanha além de posicioná-la ao mesmo nível do lado do *Remain*, que tinha apoio do partido de situação na época. O cenário doméstico logo se polarizou entre *Leavers* e *Remainers*. O debate não se centrava em ideologias políticas, mas em uma escolha dual: ou você era a favor de permanecer

na UE ou de retirar-se. Nesse cenário, o grupo de apoiadores do *Leave* continha políticos de diferentes partidos ou espectros políticos.

Se, conforme observado na seção anterior, a organização *Britain Strong in Europe* começou sofreu com a retirada da participação dos Trabalhadores, que julgavam a organização demasiado *Tory* (Conservadora), as três organizações fundadas para disputar o status de campanha oficial do *Leave* contaram com participações de diferentes políticos, mas que tinham em comum o desejo de retirar o Reino Unido da UE e a vontade de reconquistar a suposta autonomia e independência roubadas por anos de presença no bloco europeu.

A *Grassroot Out*, ou simplesmente GO, de menor influência entre as três organizações, foi uma organização de políticos e apoiadores de diferentes ideologias e espectros políticos, mas que se aproximaram com um objetivo em comum “tirar o Reino Unido da União Europeia”<sup>96</sup>. A GO buscava “unir pessoas de todos os partidos políticos e, também, de nenhum, em uma campanha comum efetiva contra a UE e para ganhar o *referendum*, de porta em porta, de voto em voto”<sup>97</sup> (2016, n.p.). Em vez de lançar uma campanha própria, a estratégia da GO era divulgar e aproximar distintas campanhas do *Leave* existentes, reunindo-as em um só local e realizando campanhas e encontros com apoiados ao redor do país. Ademais, Nigel Farage, presidente do UKIP na época, liderou a organização *Leave.EU*, a que continha os discursos mais abertamente anti-imigração e xenófobos.

No entanto, a organização eleita como oficial para a campanha do Brexit foi a *Vote Leave*, fundada em 2015 por Dominic Cummings e Matthew Elliott, e que passou a receber o subsídio do governo no valor de 600 mil de libras. A *Vote Leave* começou com uma vantagem estratégica, uma vez que Dominic Cummings e Matthew Elliott já tinham bastante experiência acumulada e adquirida com campanhas e manifestações anteriores. Cummings encabeçou a campanha ‘*Britain for Sterling*’ contrária à adoção do euro como moeda única e em defesa da libra em 1999. Elliott, por sua vez, foi importante figura nos movimentos ‘*Taxpayers Alliance*’ e ‘*Business for Britain*’ contra as políticas econômicas da UE (MATHIS, 2019).

<sup>96</sup> No original, “to get the United Kingdom out of the European Union” (2016, n.p.).

<sup>97</sup> No original, “[w]e are an organisation that unites people from all political parties, and none, into one effective anti-EU ground campaign, which is working towards winning the referendum, door by door, vote by vote” (2016, n.p.).

A estratégia de Cummings para a Campanha do *Leave* consistia em recusar alianças e coalizações, como com o partido UKIP do Nigel Farage. Cummings estava interessado, na verdade, nos indecisos, nas pessoas que ainda não tinham se decidido quanto à permanência do Reino Unido no bloco europeu. Desse modo, Cummings recusou os métodos mais tradicionais como pôsteres, ligações por telefone, mala direta, panfletos, o que era estratégia de campanha do *Remain* (MATHIS, 2019). Sendo assim, por meio da tecnologia de comunicação, do uso de algoritmos em redes sociais – Facebook e Twitter, por exemplo – a fim de alcançar públicos específicos, que não eram alcançados através de campanhas tradicionais, Cummings e Elliott lideraram lado a lado a Campanha do *Leave* (ADAM, 2020, p. 93-95).

Cummings tinha em mente o papel político das emoções em seduzir e persuadir o eleitorado, a parte da população que não estava presente nas estatísticas e sondagens tradicionais do governo e das grandes agências. Pode-se dizer que o seu objetivo era derrubar o sistema político tradicional britânico, travando uma luta contra o *establishment* (NEW, 2019). Através de *data science*, Cummings reuniu uma grande quantidade de dados empíricos sobre as preferências e lealdade política das pessoas e compreendeu a importância de propaganda personalizada como, por exemplo, por meio de pop-ups em redes sociais mostrando o conteúdo mais relevante para cada usuário baseado no seu perfil na plataforma (NEW, 2019).

Esse foi um dos métodos inovadores de Cummings na Campanha do *Leave* com o objetivo de atrair a atenção popular para o voto *Leave*, utilizando mensagens emotivas e imagens com forte apelo emocional. Assim, a linguagem da Campanha do *Leave*, ao contrário do *Remain*, não buscou elaborar argumentos complexos, mas propagar frases de efeito e slogans curtos como “*Take back control!*” e “*Put Britain first*”, evocando ressentimentos e desejos e simplificando problemas políticos complexos fornecendo soluções rápidas (NEW, 2019).

Na presente análise, eu considero a Campanha do *Leave* como um todo sem fazer diferenciações entre a campanha específica de uma organização ou de outra, seja a de Farage, seja a de Cummings e Elliott porque, primeiramente, o próprio cenário do debate já estava polarizado entre *Remainers* e *Leavers*. Em segundo lugar, porque para a vida cotidiana dos eleitores e apoiadores, em geral, até mesmo nas mídias e tabloides britânicos, pouco importava essa distinção: a

impressão era que a Campanha do *Leave* era uma única campanha. Em terceiro lugar, essas organizações não criticavam uma às outras como fazia o campo do *Remain*. Em quarto lugar, os mesmos significantes mobilizados circulam nessa atmosfera em comum através dos discursos de cada campanha. Ainda que a *Vote Leave* tenha sido eleita como organização oficial, não se pode negligenciar o papel e a importância de Nigel Farage na divulgação e no apoio ao voto *Leave*. Em suma, quando eu utilizo o termo Campanha do *Leave*, refiro-me a esse conjunto de discursos, que estão contemplados nesta análise de discurso afetiva, que constroem a fantasia do Brexit.

Na seção anterior, percebemos que o ‘*Project Fear*’ de Cameron centrou-se em mensagens negativas restritas a métricas macroeconômicas baseadas em uma linguagem impassível e distante, que não conseguia ter apelo para grande parte da população e que repetia as consequências trágicas de sair da UE. A Campanha do *Leave*, em contrapartida, partia do pressuposto que as emoções influenciam a tomada de decisões, uma vez que o julgamento e comportamento das pessoas são afetados por atravessamentos emocionais, e que determinados significantes podem ressoar mais no imaginário coletivo do que argumentos que se colocam como racionais (COLE, 2016). “Como consequência, talvez seja por isso que os apoiadores do *Leave* parecessem mais motivados do que os do *Remain* visto que as regiões do país que votaram *Remain* tiveram a menor participação eleitoral”<sup>98</sup>, segundo Cole (2016, n.p.)

Além disso, o ‘*Project Fear*’ foi reforçado por ameaças feitas tanto do lado do *Remain* quanto internacionalmente, como aquelas feitas por Barack Obama, o presidente dos EUA na época, e pela OCDE, que alegavam que a saída do Reino Unido da UE resultaria em um isolamento do Reino Unido e dificuldade de negociar com outras nações. Isso foi ressentido no dia a dia da população mais como uma ameaça do que um argumento plausível do *Remain*, o que resultou, possivelmente, em raiva e indignação: ‘quem eles pensavam que eram para poder coibir o voto, que é uma manifestação democrática e popular?’ (COLE, 2016). Mais uma vez isso foi interpretado pela Campanha do *Leave* como um ataque à liberdade e um cerceamento da autonomia do povo britânico.

---

<sup>98</sup> No original, “[p]erhaps as a consequence of this *Leavers* appeared more motivated than *Remain* supporters because those parts of the country that voted *Remain* had the lowest turnout” (COLE, 2016, n.p.).

No capítulo anterior, eu propus que pensássemos na possibilidade de analisar o discurso da Campanha do *Leave* enquanto uma narrativa. Sendo assim, é necessário abordar os elementos que compõem uma narrativa como as personagens envolvidas nessa trama, tanto a construção do protagonista quanto a do antagonista, a trama em si - a interpretação do fluxo dos acontecimentos em torno do Brexit, do fluxo narrativo -, ou seja, a presença de desafios e obstáculos que aparecem como problemas a serem enfrentados pelo protagonista e que, depois de superados, trazem recompensas à personagem principal e a narrativa tem o seu desfecho feliz. A trama, em questão, é o que chamo, nos termos de Lacan (1985), de ‘a fantasia do Brexit’ – título do presente capítulo.

Nesse viés, a estratégia da Campanha do *Leave* consistia, basicamente, na construção de uma narrativa positiva, que passasse uma mensagem de confiança, força, autonomia e esperança para o povo britânico. Analisar a construção de narrativa da Campanha é importante devido à carga emocional dos significantes mobilizados, que já eram saturados de afeto no imaginário coletivo britânico. À guisa de ilustração, há a defesa da fronteira do Reino Unido contra a chegada descontrolada de imigrantes – exemplo que analiso mais adiante – e, também, a defesa do NHS.

Nesse momento, o NHS é um bom caso ilustrativo porque o próprio Serviço de Saúde Nacional do Reino Unido tornou-se um significante na Campanha do *Leave* capaz de canalizar diferentes insatisfações e de influir em uma resposta afetiva para defesa desse símbolo nacional. A Campanha do *Leave* alegava que o Reino Unido estava transferindo £350 milhões de libras cada semana para a UE (Figura 8). Subjacente a essa mensagem, havia a ideia de que esse dinheiro, proveniente dos impostos dos cidadãos britânicos, estava sendo desperdiçado pelos burocratas corruptos de Bruxelas em projetos europeus que não tinham sentido para o Reino Unido e que não beneficiavam a sua população.

De acordo com a Campanha do *Leave*, esse dinheiro poderia ser mais bem investido na saúde pública para tratar idosos e pacientes com câncer do Reino Unido e, aqui, a Campanha culpava a UE por negligenciar o bem-estar dos britânicos, colocando as suas vidas em risco e em sofrimento e responsabilizava a elite política tradicional do país que defendia a permanência na UE (Figura 8). Concomitantemente, a Campanha fazia um apelo para transformar essa situação, alegando que o motor da mudança repousava nas próprias mãos do povo

britânico: votar pela saída da UE. Por isso, a Campanha do *Leave* passava uma mensagem de encorajamento, reivindicando uma autonomia sobre as próprias vidas que era negligenciada na Campanha do *Remain*.



**Figura 8:** O NHS enquanto significante da Campanha do *Leave*. Fonte: VOTE LEAVE, 2016 *apud* NEW, 2019.

De acordo com New (2019), por meio da manipulação do algoritmo das redes sociais, pessoas mais velhas eram o público-alvo da imagem em questão e recebiam *pop-us* ou anúncios com essa imagem da Campanha do *Leave*. “Se eles [os internautas] clicassem nos anúncios, passariam a receber uma horda de contínuos anúncios sobre o mesmo tópico, reforçando o ponto de vista”<sup>99</sup> (NEW, 2019, n.p.).

A narrativa da Campanha do *Leave* coloca o povo britânico como protagonista. Assim, a Campanha traz um símbolo nacional, que se tornou um significante saturado de afeto nesses discursos, que tem um lugar especial no imaginário coletivo britânico, o NHS. Em seguida, a Campanha aponta uma crise que prejudica a vida e a saúde dos britânicos, expondo-os à vulnerabilidade e à insegurança: o NHS está tendo 350 milhões de libras desviadas semanalmente pela UE, prejudicando o bom funcionamento do serviço. Construído o problema, a

<sup>99</sup> No original, “[i]f they clicked on the relevant advert, they would then receive a horde of continuous adverts around the same topic, reinforcing this point of view” (NEW, 2019, n.p.).

Figura 8 adverte como essa quantia de libras poderia ser mais bem utilizada. A solução apontada é sair da UE para que o povo britânico possa ter controle sobre o seu próprio dinheiro e possa investir no seu próprio sistema de saúde sem ingerência de organizações estrangeiras.

Baseado, ainda, no apelo emocional e visual da Campanha do *Leave*, o filme “*Brexit: the Uncivil War*” da HBO, realizado em 2019, ilustra bem a estratégia de Cummings e o cenário dessa Campanha, capaz de captar insatisfações populares e dando um sentido, um rumo para elas. Por isso, analiso duas cenas do filme. Trazer cenas do filme nos ajuda a entender a construção da Campanha do *Leave* no que diz respeito à sua capacidade de capturar a complexa atmosfera afetiva da época e seu apelo. Cummings adotou procedimentos como grupos focais em bares, restaurantes e lugares informais onde as pessoas se encontravam com outras no dia a dia a fim de listar tópicos mais importantes para os britânicos e informações sobre o que os fazia rejeitar a UE.

Cummings deduziu que as duas preocupações mais citadas e propagadas pela população entrevistada tinham a ver com a potencial integração da Turquia no bloco europeu e os medos ligados a isso – o aumento no número de imigrantes, diminuição da percepção de segurança – e com a perda do *controle*, uma impressão mais geral e um tópico mais amplo.

Assim, Cummings cunhou a frase curta que se tornou marca do *Brexit* e que pretendia condensar essa pleora de insatisfações e que retrata esse fluxo emocional difuso da Campanha: ‘*Take back control*’ - slogan que escrutinizo na próxima seção. Esse slogan foi propagado nas redes sociais, em pôsteres nas ruas, no famoso ônibus vermelho da Campanha que circulava pelas ruas de Londres, em entrevistas e discursos de políticos apoiadores do *Leave*. A Campanha do *Leave* buscou, principalmente, construir um cenário positivo, cheio de energia e empoderamento para o povo britânico, uma vez que implica a noção de que o Reino Unido tinha controle no passado e tem os recursos próprios para resgatar esse controle (MATHIS, 2019).

Como retratado nas cenas do filme, isso foi, com efeito, observado na Campanha do *Leave*, cheia de promessas positivas para o futuro e de mudança, com solução para as crises presentes, resgatando o prestígio roubado da nação por inúmeras frentes. Esse era o caso da Campanha do *Leave* fazendo várias

promessas para o futuro enquanto flertava com o resgate de um passado romantizado perdido.



**Figura 9:** Print do filme '*Brexit : The Uncivil War*'. Fonte: PARKER, 2019.

O filme '*Brexit, the uncivil war*' retrata essa característica da Campanha através da representação de Dominic Cummings, interpretado pelo ator Benedict Cumberbatch. Como vemos na imagem, Cummings (Cumberbatch) encontra-se em frente ao ônibus vermelho da Campanha do *Leave*. Outros políticos, como Boris Johnson, também tiraram foto em frente ao ônibus *double-decker* vermelho que se tornou um símbolo da Campanha do *Leave* (Figura 9).

O ônibus estampava, ainda, a promessa de gastar 350 milhões de libras no NHS em vez de enviá-lo para a UE (Figura 9). Essa informação gerou bastante controvérsia, justamente pela falta de veracidade; contudo, o que nos interessa não é atestar a veracidade de cada informação nos discursos da Campanha, mas sim o apelo emocional desses discursos com a mobilização desses significantes.

Assim como a Campanha real, a imagem extraída do filme representa um líder entusiasmado de braços abertos para o público e para as possibilidades futuras. A sua postura indica simpatia, abertura e boa vontade (Figura 9). A sua postura indica confiança e poder: o queixo inclinado para cima, a postura ereta e enérgica.

O ônibus que estampava uma mensagem de esperança ilustra que a estratégia da Campanha *Leave* não consistia em convencer os britânicos por meio de argumentos lógicos ou racionais, mas persuadi-los a partir do entusiasmo, da

construção de uma atmosfera positiva, enérgica e melhor do que o momento presente. De acordo com a Campanha do *Leave*, era necessário que as pessoas se sentissem motivadas para ir às urnas, exercendo seu poder de mudar as coisas para melhor.

Em outro momento do filme *'Brexit: the uncivil war'*, há uma cena em particular (Figura 10) que sintetiza ressentimentos que identifiquei na seção anterior quando narrei a manifestação indignada de uma senhora de Newcastle a um professor que falava em recuperação do PIB e o cansaço do povo britânico em relação a especialistas que lhes diziam o que fazer e pensar, expressos na entrevista de Michael Gove.



**Figura 10:** Print do filme *Brexit: the uncivil war* 1h13min28. Fonte: PARKER, 2019.

Na cena em questão, um dos membros de um grupo focal liderado por Cummings, uma mulher por volta de cinquenta anos, que vive no interior e está cansada da sua vida, interrompe uma discussão e rebenta em lágrimas: "Estou farta de me sentir como se nada fosse, como se não tivesse nada! Como se eu não soubesse nada. Como se eu não fosse nada. Estou farta disso!"<sup>100</sup>. Ela aparenta ser uma mulher de classe trabalhadora britânica, vestindo uma camisa desgastada. O seu problema não é autoevidente, tampouco óbvio. O que ela expressa é um sentimento geral de cansaço, de insignificância e impotência, de não poder fazer nada para mudar a sua situação. Ela sente-se como 'nada' e protesta para ser

<sup>100</sup> No original, "I'm sick of feeling like nothing, like I have nothing! Like I know nothing. Like I am nothing. I'm sick of it!".

levada em consideração. Essa cena representa um sentimento bastante generalizado e difuso na sociedade britânica naquele contexto: de que as coisas não estão seguindo um rumo satisfatório, de que o sofrimento de grande parcela da população não está sendo ouvido.

Se, por um lado, a Campanha do *Leave* trouxe novas abordagens para tocar e comover as pessoas, dando uma importância para elas e passando a mensagem que são capazes de mudança; por outro lado, a narrativa Campanha pautou-se na canalização do ressentimento, medo, raiva e insatisfações das pessoas a partir da construção discursiva de um inimigo comum. Logo, um aspecto que se observa no discurso da Campanha, que já está presente no título do filme (*'the uncivil war'*), é a propagação de um tom belicoso da Campanha do *Leave*, como se houvesse uma guerra constante contra várias ameaças ao povo britânico. A nação torna-se, portanto, esse território violentado e emasculado, que se torna vulnerável por conta da UE e da elite política que se alia a ela, constantemente invadido por imigrantes e refugiados que buscam beneficiar-se da bondade e abertura do povo britânico.

Dois pontos importantes foram, no entanto, negligenciados pelo filme. Primeiro, o desrespeito do direito à privacidade das pessoas e o uso indiscriminado de *fake news* como estratégia de persuasão. Segundo, a dimensão racializada dos discursos, ainda que implícita, da Campanha, deixando de abordar, por exemplo, como a construção da imagem da Turquia e a representação negativa dos imigrantes países de maioria islâmica foram eficientes no apelo afetivo do discurso da Campanha do *Leave*.

Em síntese, a estratégia da Campanha do *Leave* buscou incutir noções de energia, poder, mudança e, sobretudo, controle e autonomia. Para tanto, desenvolveram uma retórica de 'nós' contra 'eles', heróis e vilões respectivamente, de modo que todos os sujeitos que não se enquadravam nessa construção nativista de 'nós' faziam parte dos antagonistas.

If we vote to leave the EU

*Click to find out*

**We will be able to save  
£350 million a week**

We can spend our money on our priorities like the NHS, schools, and housing.



**We'll be in charge of  
our own borders**

In a world with so many new threats, it's safer to control our own borders and decide for ourselves who can come into this country, not be overruled by EU judges.



**We can control immigration**

and have a fairer system which welcomes people to the UK based on the skills they have, not the passport they hold.



**We'll be free to trade  
with the whole world**

The EU stops us signing our own trade deals with key allies like Australia or New Zealand, and growing economies like India, China or Brazil. We'll be free to seize new opportunities which means more jobs.



**We can make  
our own laws**

Our laws should be made by people we can elect and kick out – that's more democratic.



**Vote Leave, take back control**

**Figura 11:** Cenário ideal da Campanha do *Leave* se os britânicos votassem para sair da EU. Fonte: VOTE LEAVE, 2016.

Na figura 11, vemos a construção de um cenário ideal após a retirada do Reino Unido da União Europeia, que constrói a narrativa da Campanha. No final da imagem, apresenta-se uma figura com a bandeira do Reino Unido ao fundo e várias mãos levantadas de pessoas de diferentes raças em primeiro plano. Devido

às diferentes cores da pele e à sua posição direcionada para cima, a imagem fornece uma sensação de diversidade, de alegria, de comemoração. A mensagem ao lado da figura caminha no mesmo sentido, defendendo que estar fora da UE permitiria ao país fazer as suas próprias leis, mas também ser mais democrático.

Em contrapartida, aqui a Campanha do *Leave* lida com uma contradição. Se por um lado, representa-se a nação aberta à diferença e tolerante quanto à diversidade; por outro lado, há o medo constante de imigrantes turcos, sírios, islâmicos, racializados como negros. Convém sublinhar que a onda de imigrantes que analiso no material da Campanha do *Leave* não é a mesma abordada por Shilliam (2018), já que se trata, sobretudo, de imigrantes ‘marrons’ vindos da Turquia e de países próximos, do Oriente Médio e do norte da África, principalmente de países mais pobres de maioria islâmica, retomo esse ponto com mais detalhes na seção seguinte. Além disso, a celebração da diversidade vai de encontro às duas segundas imagens na mesma Figura 11, que dizem que as fronteiras e a imigração vão ser controladas pelos britânicos; logo, a nação é aberta ao outro, ao diferente, mas, ao que indica, com a imposição de certas limitações.

Em paralelo, a figura com o passaporte, em primeiro plano, evidencia um símbolo saudosista e nostálgico, a volta do passaporte azul do Reino Unido em contraposição ao passaporte bordô da União Europeia, que está acompanhado com uma foto, ao fundo, de um lugar paradisíaco no Reino Unido, calmo, tranquilo e pacífico contrastando com a mensagem ao lado indicando perigo (“em um mundo com muitas ameaças”).

Na narrativa da Campanha, a construção da nação como esse espaço tranquilo e seguro, ou melhor, que volta ser seguro como supostamente costumava ser no passado, advém do fato de o fluxo migratório ser uma questão que suscita preocupação em algumas pessoas no Reino Unido, sobretudo na época da Campanha em que atos terroristas na Europa circulavam na mídia. Dois eventos internacionais merecem destaque por seu apelo afetivo: a crise de refugiados de 2015 e atentados em países-membros da UE, especialmente o ataque ao Charlie Hebdo em Paris, também em 2015, que contribuiu para a representação dos islâmicos como terroristas em potencial.

Contudo, embora a Campanha do *Leave* aponte esse perigo e ameaça, ela também traz a solução para esses problemas que seria, naturalmente, sair da UE e

retomar o controle das fronteiras. Nessa narrativa, o povo britânico tem o potencial para livrar-se dessa situação de descontrole, pode salvar-se e agir contra essas ameaças; insinua-se que ao votar *Leave* os britânicos estarão seguros porque essa é implicitamente a melhor escolha, que trará mais benefícios. Novamente com a mensagem implícita: “não tema porque nós estamos, ou podemos estar, no controle!”.

“Ao usar símbolos comuns aos britânicos, a Campanha do *Leave* fomentou um nacionalismo contra a UE. O uso de símbolos aqui é um modo de fomentar a narrativa de ‘nós [o protagonista, o povo britânico] contra eles’”, os antagonistas, todos os demais retratados como inimigos do povo (MATHIS, 2019, p. 25-26).<sup>101</sup> Em síntese, a Campanha do *Leave* buscou construir uma narrativa que passasse uma ideia positiva de esperança, de um futuro melhor fora da UE, o que contrastava com a retórica do voto *Remain*, que se baseava no medo e na ameaça a partir da construção de um futuro trágico fora da UE.

### 4.3. Em busca do controle perdido

O objetivo da Campanha do *Leave*, conforme vimos com Dominic Cummings, era passar uma mensagem positiva de superação e de esperança para o povo britânico, mobilizando significantes carregados de afeto no imaginário coletivo. Entretanto, a Campanha do *Leave* também favoreceu uma atmosfera de insegurança e ansiedade social, uma vez que contribuiu para que manifestações, atos e discursos abertamente preconceituosos ganhassem força por encontrar um contexto propício à violência. Um exemplo disso é o assassinato da política progressista Jo Cox por Thomas Mair, um apoiador radical de direita do Brexit, que ocorreu no dia 16 de junho de 2016, na semana anterior ao *referendum*, e que foi seguido de protestos e manifestações xenófobas anti-imigração após o resultado do Brexit (BBC, 2016b).

Nesta seção, já analisadas as estratégias da Campanha do *Remain* e da Campanha do *Leave*, a relação estabelecida entre esses dois lados e o contexto

---

<sup>101</sup> No original, “‘they used symbols of Britain to push the nationalist feeling more against the EU’ and [...] it was influencing ‘in a nationalistic way! Using such symbols is a way of instilling an ‘us against them’ feeling’” (MATHIS, 2019, p. 25-26).

desse debate, eu me concentro na análise do material da Campanha do *Leave* no que diz respeito principalmente à questão da imigração e como a construção do outro racializado como negro contribui para o apelo à branquitude do povo nacional, que constrói a nação como um estado constante de guerra, ameaçada por invasões de inimigos externos.

Dois momentos são importantes durante a análise afetiva da Campanha nesta seção. Primeiro, a articulação de sentimentos anti-imigração por meio dos discursos e como o racismo reproduz-se de modo velado por meio das contradições, das negações e dos silêncios e, segundo, a reprodução de uma ‘nostalgia imperial’ ancorada na *Commonwealth*, atravessada implicitamente por uma melancolia racializada.

A representação, pela Campanha do *Leave*, do Reino Unido em relação à UE e às decisões políticas do bloco foi recorrentemente marcada por uma lógica antagônica que estabelecia perdedores contra vencedores, na qual o Reino Unido acabaria sendo relegado ao primeiro grupo e a UE, ao segundo. Essa postura de desconfiança e relutância diante dos acordos e políticas comuns contribui para fomentar a ideia de traição ao povo britânico e descaso com os seus interesses, já que todo compromisso da UE será retratado como uma ameaça (TROI TIÑO; KERIKMÄE; CHOCHIA, 2018). A cooperação foi, portanto, retratada pela Campanha como subordinação da nação aos interesses estrangeiros.

Essa lógica antagônica estimulou a raiva e a intolerância, uma vez que definia esse ‘outro’, a UE, como inimigo, aquele que não se encontra em congruência com os valores e ideias defendidas pela construção dominante do ‘self britânico’ e que passa a ser encarado como uma ameaça à própria existência desse ‘self’ e do seu bem-estar. Tal representação é aproveitada pela Campanha do *Leave* a fim de elaborar uma retórica eurocética contra a ordem estabelecida, que responsabilizava Bruxelas e as instituições europeístas pelo mosaico de crises do Reino Unido.

Em paralelo, articulam-se discursos que prometem encabeçar uma agenda política que coloque os interesses da nação em primeiro lugar; tornaram-se populares e símbolos da Campanha do *Leave*, slogans inflamados e carregados de emoção como “[put] Britain first”, “Take back control!”, “We/I want our/my country back”, “Make Britain great again!”. Esses slogans lograram condensar

importantes insatisfações populares e souberam dar coletivamente um rumo para essas frustrações.

Vimos na figura 11, em que se constrói um cenário idealizado e recompensador para o futuro do Reino Unido apartado da UE, uma figura que retrata um povo multiétnico e multicultural independente capaz de fazer as suas próprias leis sem ingerência de organizações estrangeiras. Essa determinada versão do povo nacional na Campanha do *Leave* baseia-se em representar o self, o povo britânico, sempre de modo positivo dotado de qualidades como ‘hospitalidade, tolerância, equidade, democracia’, abertura à imigração, ao outro, ao diferente. O ‘self’ nacional é, ainda, representado como o lado mais democrático e civilizado em contraste com todos os ‘outros’, o que confere a ideia de excepcionalidade ao povo britânico: “[n]ós temos sido o país mais tolerante na Europa em se tratando de imigração, em parte por causa dos nossos laços e história com a *Commonwealth*”<sup>102</sup> (FARAGE, 2016, 00min28); “[a]cima de tudo, tornar-nos-íamos de novo uma democracia independente, com uma perspectiva genuinamente global em não uma pequena perspectiva europeia. Nós prosperaríamos, seríamos livres e estaríamos de pé. É disse que se trata esse referendo” (LAWSON, 2016, n.p.)<sup>103</sup>.

Além disso, o povo britânico já teria internamente as próprias características para o seu sucesso e progresso de modo independente. O voto *Leave* era representado de modo recompensador: “na verdade é bem simples: você deseja que sejamos uma nação autônoma, independente e democrática ou parte de uma União Europeia maior e mais ampla?”<sup>104</sup> (FARAGE, 2016 apud BBC, 2016a, n.p.).

A partir da Figura 11 vemos que a Campanha do *Leave* oferece um futuro utópico de poupar o dinheiro que vai para a UE e começar a investi-lo nos serviços públicos como o NHS, escolas e moradia. Ademais, a fantasia da soberania britânica, do controle sobre as fronteiras e dos gastos públicos é

<sup>102</sup> No original, “[w]e have been the most tolerant country in Europe when it comes to immigration partly because of our Commonwealth links and history” (FARAGE, 2016, transcrito de 00h00min28 até 00h00min34).

<sup>103</sup> No original, “[a]bove all, we would become once again a self-governing democracy, with a genuinely global rather than a little European perspective. We would prosper, we would be free, and we would stand tall. That is what this referendum is all about” (LAWSON, 2016, n.p.).

<sup>104</sup> No original, “[i]t's actually rather simple: do you wish us to be a self-governing, independent, democratic nation or part of a bigger, broader, European Union?” (FARAGE, 2016 apud BBC, 2016a, n.p.).

representada na Campanha por significantes já saturados de afeto no imaginário coletivo como o NHS, o status de ilha do Reino Unido, o passaporte azul e a bandeira britânica em contraposição à da UE.

O obstáculo à conquista desse cenário futuro harmonioso e pacífico foi representando pela UE e pelos imigrantes. Aqui a questão da imigração, no Brexit, coloca-nos diante de uma contradição presente na Campanha do *Leave*, que precisa ser explorada com cuidado. De um lado, vimos que o povo nacional é retratado de modo democrático e plural, aberto à diferença do outro e, inclusive, acolhedor desse, já que supostamente comporia o povo nacional. Corrobora com essa construção os próprios discursos do UKIP e do Nigel Farage:

[o] povo britânico aceita imigrantes e está entre as pessoas mais acolhedoras e tolerantes do mundo. As políticas do UKIP reconhecem a nova abertura em nosso mundo e os **benefícios positivos que a imigração controlada** trouxe e pode continuar trazendo para a nossa nação<sup>105</sup> (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 13, grifos nossos).

De acordo com a Campanha, o problema estaria aparentemente não na imigração, mas na falta de controle e de fiscalização sobre essa imigração, o que seria, portanto, culpa exclusivamente da UE, que estaria impedindo o controle nacional. Por isso, temos a impressão, na lógica da Campanha, de que a UE estaria se aproveitando da abertura e do acolhimento do Reino Unido: “[a] UE está falhando, a UE está morrendo [...]. Eu espero que este [o Brexit] seja o primeiro passo em direção a uma Europa de Estados soberanos”<sup>106</sup> (FARAGE, 2016 apud REUTERS, 2016, n.p.).

Em se tratando da imigração e questões étnicas, a figura 11 e o discurso do UKIP tendem a apresentar aspectos positivos da representação do ‘self’. Por outro lado, a UE, posicionada como o ‘outro’ desse discurso, é representada de modo negativo, sobretudo quando apontados os reveses de permanecer no bloco europeu (Figura 12).

<sup>105</sup> No original, “[t]he British people accept immigrants and are among the most welcoming and tolerant people in the world. UKIP’s policies recognise the new openness in our world and the positive benefits controlled immigration has brought and can continue to bring to our nation” (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 13).

<sup>106</sup> No original, “[t]he EU is failing, the EU is dying [...]. I hope this [Brexit] is the first step towards a Europe of sovereign nation states,” (FARAGE, 2016 apud REUTERS, 2016, n.p.).

No período inicial da Campanha do *Leave*, a preocupação inclinava-se à economia e ao NHS e à autonomia para fazer as próprias leis sem ingerência da UE. Contudo, a preocupação com a imigração foi tornando-se central nos discursos ao ponto que a própria imigração tornou-se culpada pela crise econômica e pela saturação do NHS.

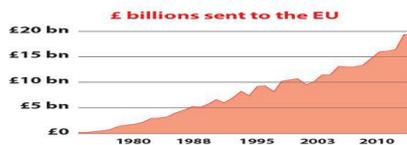
### If we vote to stay in the EU

Click to find out

#### The EU is expanding



#### The EU will cost us more and more



#### The EU already costs us £350 million a week

— enough to build a new NHS hospital every week. We get less than half of this back, and have no say over how it's spent.

#### Immigration will continue to be out of control

Nearly 2 million people came to the UK from the EU over the last ten years. Imagine what it will be like in future decades when new, poorer countries join.



#### We'll have to keep bailing out the €

The countries that use the Euro already have a built-in majority, meaning they can always outvote us. You will be paying the bill for the Euro's failure.

#### The European Court will still be in charge of our laws

It already overrules us on everything from how much tax we pay, to who we can let in and out of the country, and on what terms.



 Vote Leave, take back control

Figura 12: If we vote to stay in the EU. Fonte: Vote Leave, 2016.

Se, por um lado, na Figura 11, fomos apresentados a um cenário positivo em que o povo britânico desfrutaria das recompensas de sair da UE e superariam as adversidades trazidas pelos antagonistas, uma forma de conquistar a *jouissance* roubada por esses ‘outros’. Por outro lado, na Figura 12 intitulada “*If we vote to stay the EU*”, estamos diante dos obstáculos postos no caminho do povo britânico para alcançar a conquista dessa *jouissance* (Figura 12). Nesse sentido, se os britânicos votassem pela permanência na UE, segundo a Campanha, eles teriam que continuar lidando com os empecilhos à sua *jouissance*, que, além dos imigrantes e da UE, são também a perda da soberania, do controle sobre as fronteiras e os gastos orçamentários, da autonomia de decidirem as suas próprias leis.

Percebe-se que, segundo a Campanha do *Leave*, a relação do Reino Unido com a EU é onerosa e abusiva. A permanência no bloco resultaria no aumento da chegada de imigrantes ao país, uma vez que o bloco se estenderia para países mais pobres a leste como a Turquia, Macedônia, Albânia, Sérvia e Montenegro. Esses países poderiam ainda ser porta de entrada para imigrantes da região onde se situam que, por ser um delicado palco de conflitos, leva muitas pessoas a buscarem refúgio no exterior.

Na ‘construção emocional do outro’ (*emotional othering*), dois personagens, interpretados como antagonistas nessa narrativa do *Leave*, ganham destaque: os refugiados e imigrantes racializados como negros que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social, cuja presença no território nacional é repudiada e vista como ameaçadora, e a União Europeia (UE), como um todo, enquanto instituição, representante da elite e do *establishment*. A culpa pela situação em que se encontra o protagonista dessa narrativa, a responsabilidade por ele estar nesse papel de vítima injustiçada, vem sempre de fora, dos antagonistas, vêm da ameaça dos imigrantes não brancos que tentam a todo custo beneficiar-se da abertura e compaixão da nação britânica; vêm da UE que também ter-se-ia beneficiado da nação britânica e traiu essa união ao impor políticas comuns que reduziram a autonomia e a capacidade do Reino Unido de criar suas próprias leis e administrar seus próprios recursos financeiros; vêm das elites domésticas que se alinham a essas instituições europeístas e internacionais negligenciando, ou relegando para segundo plano, os interesses e necessidades da sua própria nação –

representando, pois, o *establishment* – nutrindo um sentimento de traição política perante o povo (BROWN, 2019).

A representação positiva do povo britânico enquanto o povo mais tolerante da UE (FARAGE, 2016) e “a melhor raça do mundo”<sup>107</sup> (VOTE LEAVE, 2016 apud ADAM, 2018) depende da representação negativa do ‘outro’, tanto da UE como dos imigrantes. Colocados lado a lado, a UE enquanto instituição e os imigrantes são obstáculos para alcançar a fantasia do cenário ideal proposto na figura 11. Por isso, é doravante necessário analisar como a questão da imigração torna-se complexa e contraditória dentro da lógica da Campanha principalmente por meio de flutuações nos discursos.

Embora hajam proliferado diversas opiniões quanto à permanência do Reino Unido que se baseavam na vontade de reaver o controle nacional sobre as políticas internas sem que houvesse interferência das instituições da UE, os protestos a favor do Brexit foram logo dominados por um tom tóxico, xenófobo e racista, baseado em uma representação negativa dos imigrantes, contribuindo para a construção de um cenário discursivo de ‘pânico moral’ (COHEN, 2002) e ansiedade:

[d]esde os primeiros cartazes e *outdoors* escritos “*Go Home*”, previamente instalados em Londres, a instar os imigrantes não documentados a deixarem o Reino Unido, até ao cartaz do UKIP incentivando a sair da UE [...], ao apresentar uma fila de corpos não brancos [...] era evidente que raça e imigração eram inextricáveis ao debate do Brexit<sup>108</sup> (FINLAY et al., 2018, p. 15-16).

A perda de autonomia passou a ser associada também à imigração, não tendo, supostamente, autonomia para controlar as suas leis e fazer a segurança das próprias fronteiras do Reino Unido, o povo britânico assistia à vinda descontrolada de imigrantes e refugiados.

A questão da imigração, fundamental na Campanha do Leave, foi contraditória. Inicialmente, vimos que havia a representação positiva do ‘self’

<sup>107</sup> No original, “the finest race in the world”<sup>107</sup> (VOTE LEAVE, 2016 apud ADAM, 2018).

<sup>108</sup> No original, “[f]rom early ‘Go Home’ billboard vans previously trialled in London to urge ‘undocumented immigrants’ to leave the UK, to UKIP’s poster for leaving the EU [...], featuring a queue of mostly non-white bodies [...] it was evident that race and immigration were thoroughly intertwined in the debate” (FINLAY et al., 2018, p. 15-16).

britânico como tolerante, inclusivo e aberto aos imigrantes, tendo em vista a Figura 11 que retratava o povo nacional como multiétnico e harmônico. Contudo, desde o começo, a Campanha se preocupava com o aumento da imigração e passou a entender isso como um problema, baseando-se em números sobre a quantidade de imigrantes que chegavam da UE, que trazia um tratamento aparentemente neutro quanto à etnia e ao país origem desses imigrantes:

[m]ais de um quarto de milhão de pessoas vieram da UE para o Reino Unido nos 12 meses até setembro de 2015 – o equivalente a uma cidade do tamanho de Plymouth ou Newcastle em um ano. Se essa proporção continuar por uma década, haverá mais de dois milhões de pessoas a mais (VOTE LEAVE, 2016, n.p.)<sup>109</sup>.

Embora os números acima divulgados pela organização *Vote Leave* sejam contestáveis<sup>110</sup>, nesse primeiro momento, a atenção principal era com a economia, com as oportunidades de emprego e com os custos que os imigrantes supostamente representavam para os serviços públicos, o que justificaria, na narrativa da Campanha, a necessidade de controlar as fronteiras e o fluxo migratório.

Representados como prejuízo para a economia e uma ameaça ao bem-estar nacional, Farage (2015) defendia uma política de restrição dos imigrantes baseada no modelo meritocrático que achava bem-sucedido de outro país da *Commonwealth*, a Austrália: “[i]ntroduzir um sistema baseado em pontos ao estilo australiano para gerenciar o número e as competências das pessoas que entram no país, tratando **todos os cidadãos do mundo de forma justa e igualitária como um país acolhedor** voltado para o exterior”<sup>111</sup> (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11, grifos nossos).

Além da retomada do controle das fronteiras, defendia-se a política de restrição de cinco anos para os benefícios da migração: “colocar uma moratória de

<sup>109</sup> No original, “[m]ore than a quarter of a million people came to the UK from the EU in the 12 months to September 2015 – the equivalent of a city the size of Plymouth or Newcastle in a year. If this rate continues for a decade, there will be more than two million extra people” (VOTE LEAVE, 2016, n.p.)

<sup>110</sup> Para mais informações sobre as informações falsas usadas na Campanha do *Leave*: <https://fullfact.org/europe/vote-leave-facts-leaflet-migration/>. Acesso em 22 ago. 2022.

<sup>111</sup> No original, “[i]ntroduce an Australian-style points based system to manage the number and skills of people coming into the country, treating all citizens of the world on a fair and equal basis as a welcoming, outward-looking country” (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11).

cinco anos na imigração para trabalhadores não qualificados, o que permitirá que os desempregados que já vivem aqui [no Reino Unido] encontrem trabalho e aqueles que já trabalham vejam o crescimento salarial”<sup>112</sup> (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11). Com isso, buscava-se também acabar com o acesso gratuito de novos imigrantes ao NHS até que eles tivessem contribuído com impostos por pelo menos cinco anos além da exigência de todos os novos imigrantes terem o seu próprio seguro de saúde. Isso se baseava na ideia de que a maioria dos imigrantes que chegaram Reino Unido desde 2004 não trouxeram benefícios para a sociedade e abusaram dos serviços públicos (FARAGE, 2015). O controle da imigração e a imposição dessas restrições eram impossíveis enquanto um estado-membro da UE de acordo com a Campanha do *Leave*.

No modelo defendido acima, a questão da racialização dos imigrantes não aparece explicitamente, a imigração poderia ser controlada com base nas competências e qualificações dos imigrantes. Em contrapartida, a discussão de Shilliam (2018), no capítulo dois desta dissertação, mostrou-nos que essas características e qualidades foram historicamente racializadas dentro do imaginário coletivo britânico. Concomitantemente, se, por um lado, no discurso acima é defendida a ideia de que “todas as pessoas do mundo vão ser tratadas de forma justa e igualitária”; por outro lado, a própria Campanha do *Leave* contradiz essa representação a partir do recrudescimento dos sentimentos anti-imigração associado à representação de imigrantes vindos de países de maioria islâmica, como a Turquia, Albânia, Síria entre outros como pobres, perigosos, preguiçosos, desqualificados a fim de construir essa atmosfera social de insegurança, medo e ansiedade (Figuras 12 e 13). Diante disso, percebemos que não há esse sistema igualitário de controle da imigração que a Campanha defende, já que o seu próprio discurso estabelece uma distinção no modo como os imigrantes são representados.

Ademais, em outro momento, o discurso assume uma postura de negação do racismo, “a [i]migração não é sobre raça; é sobre espaço”<sup>113</sup> (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11), buscando justificar a necessidade de controle da imigração por meio de outros indicadores, nacionalidade, capacitação profissional

<sup>112</sup> No original, “[p]ut a five-year moratorium on immigration for unskilled workers, which will enable the unemployed already living here to find work and those already working to see wage growth” (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11).

<sup>113</sup> No original, “[i]mmigration is not about race; it is about space” (UKIP MANIFESTO, 2015, p. 11).

e sobretudo fatores econômicos, o que dá a impressão de neutralidade da Campanha quanto à questão da raça.

Semelhante atitude é reproduzida por demais apoiadores do voto *Leave* como Michael Gove, que defendia políticas de restrição tendo como alvo os islâmicos, e o Arcebispo da Cantuária Justin Welby (2016), que defendia que “preocupar-se com imigração não é ser racista” e que é um fator prudente de ansiedade. Ainda, Nigel Farage foi acusado diversas vezes de incitar propaganda racista e xenófoba com a divulgação do cartaz ‘Breaking Point’ (figura 15, abaixo) na Campanha do *Leave*; Farage, por sua vez, nunca afirmou nem negou abertamente o racismo, mas contornou essa situação de outros modos por meio do discurso, conforme veremos mais adiante, como uma estratégia de afastar-se da questão da raça presente na imigração e de rebater as acusações de que a *Campanha* do *Leave* trazia um tom racista e xenófobo. Começamos, então, a perceber que a questão da raça é bem velada na Campanha do *Leave*, operando por intermédio de deslocamentos discursivos que ora negam a presença do racismo no tom da Campanha, ora evitam mencionar raça no discurso.

Em paralelo, os imigrantes também foram representados como uma ameaça à cultura e à identidade nacional britânica, aqui foram alvos as minorias étnicas e os imigrantes vindo do leste europeu – e, com maior ênfase nas imagens e discursos da Campanha, os islâmicos racializados como não brancos:

[h]á um problema especial com algumas das pessoas que vieram aqui e que são da religião muçulmana que **não querem se tornar parte de nossa cultura**. Portanto, não há experiência anterior, em nossa história, de um grupo de imigrante que vem para o Reino Unido, que **fundamente quer mudar quem somos** e o que somos<sup>114</sup> (FARAGE, 2015 apud MASON, 2015, n.p., grifos nossos).

Notamos, mais uma vez, uma incongruência no modelo de controle da imigração defendido pela Campanha como justo e igualitário. Propagava-se a ideia de que esses imigrantes supostamente não queriam assimilar-se à cultura britânica ao manterem no dia a dia as suas próprias tradições, continuavam, por

<sup>114</sup> No original, “[t]here is an especial problem with some of the people who’ve come here and who are of the Muslim religion who don’t want to become part of our culture. So there is no previous experience, in our history, of a migrant group that comes to Britain, that fundamentally wants to change who we are and what we are” (FARAGE, 2015 apud MASON, 2015, n.p.).

exemplo, a comunicar-se no respectivo idioma materno com outros imigrantes falantes do mesmo idioma. Isso pode ser observado no seguinte discurso de Farage (2015 *apud* CNN, 2015, grifos nossos) em Torquay, cidade situada às margens do Canal da Mancha:

[e]m dezenas de nossas cidades e cidades mercantis, **este país** em um curto espaço de tempo **tornou-se francamente irreconhecível** [...] [s]eja pelo impacto nas escolas e hospitais locais, seja pelo fato de que **em muitas partes da Inglaterra você não ouve mais o inglês falado**. Este não é o tipo de comunidade que queremos deixar aos nossos filhos e netos <sup>115</sup>.

Em outro momento, Farage também alegou sentir um mal-estar ao andar nos trens de Londres porque quase não se ouvia mais o inglês no dia a dia, como se ele estivesse tornando-se o estrangeiro em seu próprio país.

Portanto, é possível perceber que a Campanha do *Leave* acredita que a abertura do Reino Unido à política de imigração da UE levou a um influxo de sujeitos vistos como indesejáveis, uma vez que teriam prejudicado a alegada coesão da sociedade e criado divisões dentro desta: “encontramo-nos, em benefício do livre comércio, tendo que aceitar a livre circulação ilimitada de pessoas”<sup>116</sup> (FARAGE, 2015 *apud* CNN, 2015, n.p.).

Nesses excertos, notamos uma nítida preocupação com a perda da identidade nacional e o temor que isso causava na tradição e cultura do povo britânico. Contudo, por meio desta análise do discurso afetiva e com base na revisão de literatura sobre as condições de possibilidade do Brexit, é possível compreender que, implicitamente, esses discursos trazem a ideia de que a chegada em massa desses sujeitos indesejáveis contribui para a proliferação de características tidas como negativas e indignas para a sociedade britânica: “dependência, ociosidade, licenciosidade e má educação” Shilliam (2018, p. 11), uma vez que essas características foram historicamente racializadas como negras

<sup>115</sup> No original “[i]n scores of our cities and market towns, this country in a short space of time has frankly become unrecognisable [...] [w]hether it is the impact on local schools and hospitals, whether it is the fact in many parts of England you don't hear English spoken any more. This is not the kind of community we want to leave to our children and grandchildren” (FARAGE, 2015 *apud* CNN, 2015).

<sup>116</sup> No original, “[w] find ourselves, for the benefit of traiff-free trade, having to accept unlimited free movement of people” (FARAGE, 2015 *apud* CNN, 2015, n.p.).

no Reino Unido. A defesa do Brexit não passaria incólume à valoração, ainda que implícita, das características racializadas como brancas ou como negras, sendo aquela mais valorizada e que precisava ser então mais defendida, já que estaria sendo simbolicamente ameaçada por causa da imigração em massa e fora de controle.

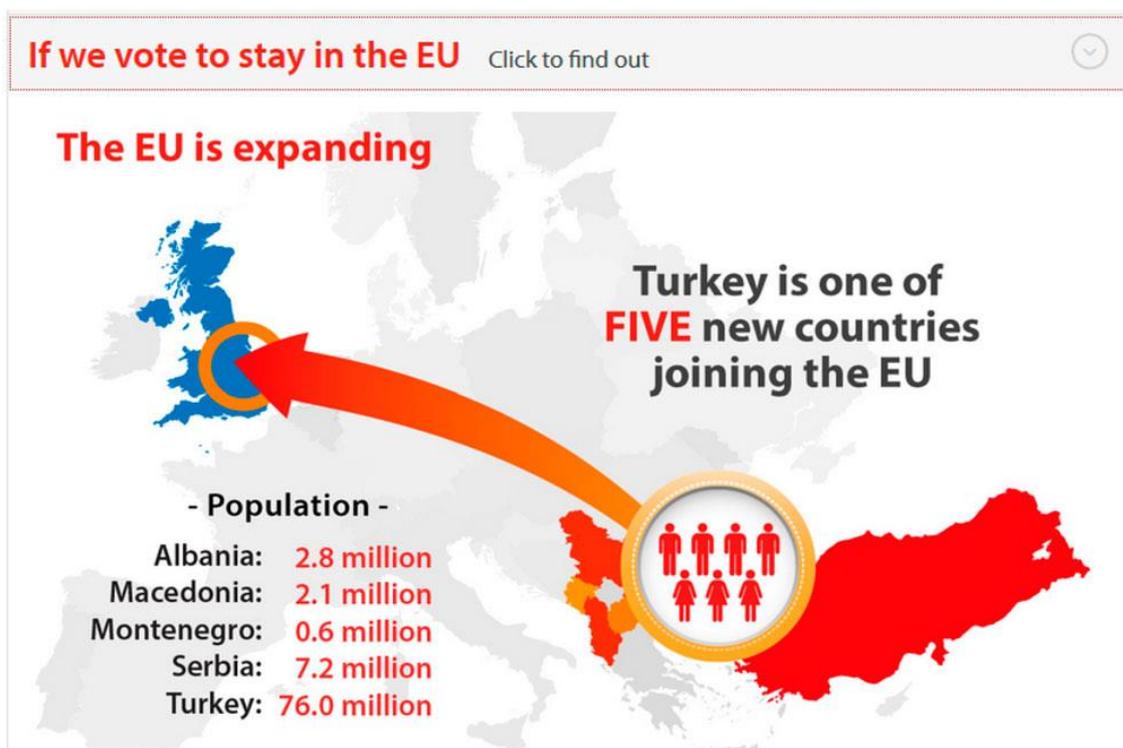
Por isso, far-se-ia necessário o controle desses sujeitos que chegam à nação. Vimos um pouco antes que a proposta política de Farage e do UKIP, durante a Campanha do *Leave*, era estabelecer um sistema de controle da imigração baseado na igualdade, justiça e meritocracia. Contudo, se, ao longo da história do Reino Unido, a imigração foi marcada por essa distinção racial implícita entre ‘pobres merecedores’ e ‘pobres não merecedores’ é possível compreender que, na construção discursiva do cenário da Campanha, a defesa dessas políticas de controle também já estaria implícita e socialmente racializada (SHILLIAM 2018).

Vale ressaltar que Shilliam (2018) trata em sua obra sobre duas ondas de imigração ao longo da história do Reino Unido, uma vinda do Caribe e da América Central e outra vinda das antigas colônias com o fim da Segunda Guerra Mundial na década de 1940 (SHILLIAM, 2018). Contudo, a onda de imigrantes que analiso no material da Campanha do *Leave* não é a mesma abordada por Shilliam (2018), já que se trata, sobretudo, de imigrantes ‘marrons’ vindos da Turquia e de países próximos, do Oriente Médio e do norte da África, principalmente de países mais pobres de maioria islâmica, mesmo assim a representação dos imigrantes que vemos nas figuras e nos discursos racializados como negros também é associada às características que já foram racializadas como negras no imaginário coletivo britânico coadunadas, no caso da Campanha, com o significante terroristas e islâmicos.

Em suma, nos discursos acima há de modo nítido a questão da nacionalidade, mas também, de modo velado, a questão da raça por intermédio da associação da nacionalidade dos sujeitos a aspectos ou características tidas como menos dignos ou negativos, que seriam racializados como negros. Percebemos, pois, que existe certa hierarquização da chegada dos imigrantes que metrifca os sujeitos a partir das características de um modelo de branquitude nacional ancorado no “*self-made man*” e “*the finest race in the world*” (ADAM, 2020, p. 95) e “a prudência, liberdade e diligência” (SHILLIAM, 2018, p. 119). Esse é um

dos fatores que, a meu ver, começam a nos oferecer indícios da defesa da branquitude nacional, que, não obstante implícita, estrutura a lógica discursiva da Campanha do *Leave* na busca do controle perdido.

Além da questão econômica e da ameaça à identidade e aos costumes nacionais, a estratégia de persuasão da Campanha baseou-se em falácias sobre a segurança pública; por exemplo, a principal delas, divulgada no site da organização *Vote Leave* e veiculada nas mídias entre os apoiadores do *Leave*, entre abril de 2016 até a data do referendo, era que a UE estava secretamente planejando conceder a milhões de cidadãos turcos acesso livre à Europa, sem que fosse necessária a apresentação de visto e que, logo, a Turquia tornar-se-ia iminentemente estado-membro do bloco europeu (Figura 13).



**Figura 13:** A Turquia tornar-se-á estado-membro da UE em pouco tempo. Fonte: VOTE LEAVE, 2016.

Em paralelo, duas semanas antes do referendo, Lord Green, membro da Câmara dos Lordes, apoiador do voto *Leave* e na qualidade de presidente do *think tank* Migration Watch divulgou um “aviso final” que

100.000 imigrantes turcos chegarão ao Reino Unido anualmente assim que o país tornar-se membro da UE [...]. Este relatório é um alerta final. Se permanecermos na UE, nada poderá impedir um rápido aumento contínuo da nossa população. Isso mudaria nosso país para sempre contra a vontade de uma grande maioria dos nossos concidadãos<sup>117</sup> (LORD GREEN, 2016 apud HAWKES, 2016, n.p.).

Esse discurso sugere que permanecer na UE seria uma escolha bastante arriscada, uma vez que o Reino Unido passaria a ser supostamente alvo de massa de imigrantes. Essa escalada do ‘pânico moral’ e do medo sobre a possibilidade de mais imigrantes baseou-se na relação entre as representações distintas de livre circulação de pessoas dentro da UE e as representações de imigração ilegal, estratégia também adotada na Campanha pelo polêmico cartaz do UKIP divulgado uma semana antes do referendo, o qual merece destaque e será analisado mais adiante.

A fotografia abaixo ilustra bem a construção emocional dos antagonistas dessa narrativa e a crença de que os imigrantes racializados como não brancos e a UE ter-se-iam, supostamente, aliado para se aproveitar da nação britânica. Na figura 14, destaca-se em vermelho o título alarmante “a imigração continuará fora de controle” se “votarmos para permanecer na EU” e podemos ver imigrantes islâmicos, tendo em vista as suas vestimentas, tentando desesperadamente atravessar uma fronteira fortificada com arames farpados com o intento de, supostamente, entrar no Reino Unido.

---

<sup>117</sup> No original, “100,000 Turkish migrants will be coming to the UK every year once the country becomes a full EU member [...]. This report is a final wake-up call. If we remain in the EU there will be nothing to stop a continuing rapid increase in our population. This would change our country forever against the wishes of a very large majority of our fellow citizens (LORD GREEN, 2016 apud HAWKES, 2016, n.p.).

## Immigration will continue to be out of control

Nearly 2 million people came to the UK from the EU over the last ten years. Imagine what it will be like in future decades when new, poorer countries join.



**Figura 14:** Representação dos imigrantes como imigrantes ilegais. Fonte: VOTE LEAVE, 2016.

A representação dos imigrantes como imigrantes ilegais (Figura 14), responsáveis pela insegurança doméstica por serem supostamente terroristas em potencial, propensos à criminalidade, ao roubo e à violência física, inclusive ao estupro das mulheres britânicas pesa, especialmente, sobre os turcos e os islâmicos, em geral, racializados como negros e sobre os refugiados. De acordo Jane Collins, do UKIP e deputada do Parlamento Europeu pela circunscrição de Yorkshire e Humber, postou no Twitter durante a Campanha do *Leave* em 5 de junho de 2016: “homens muçulmanos vêm realizando ataques sexuais no Reino Unido há mais de 20 anos e essa ameaça continua com a migração vinda de países muçulmanos”<sup>118</sup> (COLLINS, 2016, n.p.).

O ‘pânico moral’ sobre os imigrantes também foi construído por meio de cenários discursivos periclitantes que enfatizavam a ameaça de ataques terroristas e a vulnerabilidade das fronteiras com o apelo emocional dos discursos proporcionado por questões ligadas à ordem e segurança pública que defenderam o voto *Leave* como a solução para impedir a entrada de criminosos no Reino Unido: “[a]s mulheres britânicas poderiam estar em risco de violência sexual por parte dos imigrantes se o Reino Unido votar em permanecer na União Europeia”<sup>119</sup> (FARAGE, 2016 apud ELGOT; MASON, 2016, n.p.).

Isso nos dá a impressão de que apenas os homens imigrantes islâmicos são responsáveis por crimes e abuso sexual, por exemplo, assédio e estupro. Vemos,

<sup>118</sup> No original, “[m]uslim men have been carrying out sex attacks in the UK for over 20 years and that threat continues with migration from Muslim countries” (COLLINS, 2016, n.p.).

<sup>119</sup> No original, “[b]ritish women could be at risk of sexual assaults from immigrants if Britain voted to remain in the European Union”<sup>119</sup> (FARAGE, 2016 apud ELGOT; MASON, 2016).

pois, que existe a distinção entre imigrantes vindos da UE e imigrantes de fora da UE e da *Commonwealth* vindo de países de maioria islâmica, que representariam a categoria mais perigosa e indesejada de sujeitos, menos digna e merecedora e, logo, mais racializada como negra.

Ambos os discursos foram feitos duas semanas antes do referendo do Brexit, quando o sentimento anti-imigração recrudescia na Campanha do *Leave* como um apelo emocional para incitar o medo e a insegurança na população e a motivá-la a ir às urnas votar *Leave*. Resumidamente, durante a Campanha do *Leave*, os imigrantes passaram a ser alvo dos discursos e representados negativamente em pelo menos quatro pontos: quanto à economia, acusados de roubarem as oportunidades no mercado de trabalho e de serem onerosos para os cofres públicos, já que contribuiriam menos; quanto ao bem-estar nacional, já que ameaçavam a qualidade dos serviços públicos; quanto à segurança pública do UK, já que teriam uma propensão ao terrorismo e à perpetração de crimes; como uma ameaça simbólica às normas, cultura e identidade nacionais já que contribuiriam para nutrir características indignas, racializadas como negras, na sociedade britânica.

A questão da abertura das fronteiras e da imigração em massa já não era mais simplesmente uma questão de problemas sociais e do impacto nas oportunidades dos trabalhadores britânicos, estava a tornar-se, segundo a Campanha, rapidamente uma questão de segurança pública: “[n]ós somos impotentes para impedir que suspeitos de terrorismo cheguem ao Reino Unido por causa da legislação da UE”<sup>120</sup> (GOVE, 2016 apud DOMINICZAK; MCCANN 2016, n.p.).

Tornou-se, pois, corriqueira a associação dos ataques terroristas e o aumento da criminalidade a nível doméstico com o fluxo migratório. Após o ataque de Bruxelas, Farage responsabilizou as regras de imigração da UE como a principal causa do medo e insegurança na Europa, alegando que "as regras de fronteira da UE" tinham levado à "livre circulação de terroristas, de bandos criminosos e de Kalashnikovs"<sup>121,122</sup> (FARAGE, 2016 apud BBC, 2016). Percebe-

---

<sup>120</sup> No original, “[w]e are powerless to stop terror suspects coming to the UK because of EU rules” (GOVE, 2016 apud DOMINICZAK; MCCANN 2016, n.p.).

<sup>121</sup> AK-47, tipo de fuzil de assalto originariamente soviético (GUNDERMAN, 2019).

se, pois, que tal representação negativa dos imigrantes, inclusive como uma ameaça simbólica às normas e cultura britânicas, contrasta com a própria representação positiva do ‘self’ britânico como o povo mais aberto e tolerante ao ‘outro’ do mundo. Por meio dessa lógica dicotômica da Campanha de ‘nós’ *versus* ‘eles’, os políticos engajam-se em um discurso racista e xenófobo sem torná-lo explícito ainda que de quando em vez seja necessária a negação explícita do racismo.

Outro exemplo do recrudescimento do sentimento anti-imigração é o cartaz “*Breaking Point: a UE falhou com nós todos*” do UKIP (Figura 15). Essa fotografia merece destaque, em primeiro lugar, pela polêmica que gerou na época e as diversas denúncias pelo tom xenófobo, racista e *fearmongering*<sup>123</sup> e pela semelhança com a propaganda nazista de Hitler na forma por meio da qual os refugiados são representados e, em segundo lugar, porque considero ponto central para compreendermos mais inconsistências e contradições da Campanha do *Leave* e de que modo podemos abordar a questão da racialização nesses discursos. O ‘pânico moral’ ancorado na construção negativa dos imigrantes enquanto ameaças e perigos a serem controlados e vigiados a todo tempo desconstrói a alegada harmonia multiétnica por meio da qual o povo britânico foi retratado nos termos da própria Campanha.

---

<sup>122</sup> BBC News. “Nigel Farage Defends Linking Brussels Attacks and EU Migration Rules”, 23 mar. 2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/uk-politics-35879670> > Acesso em 19 ago. 2022.

<sup>123</sup> Por vezes traduzido como ‘alarmismo’, é uma forma de manipulação que causa medo usando rumores exagerados de perigo iminente.



Figura 15: Cartaz *Breaking Point*. Fonte: VOTE LEAVE, 2016.

O cartaz acima foi divulgado em Londres no dia 6 de junho de 2016, uma semana antes do referendo. Nele, podemos ver uma leva de imigrantes, especificamente refugiados, majoritariamente não brancos com a única pessoa proeminentemente branca na fotografia ocultada pela caixa de texto no lado inferior direito. Ainda que a Campanha tenha usado essa fotografia alegando que estariam dentro da UE e para entrar iminentemente no Reino Unido, as imagens dos imigrantes não se referem à fronteira do Reino Unido (Figuras 14 e 15), mas as fotografias foram tiradas na região dos Bálcãs, na fronteira entre a Croácia e a Sérvia (STEWART, 2016).

A fotografia em questão associava-se discursivamente a outros significantes, já saturados de afetos no imaginário coletivo britânico, formando uma cadeia de discursiva entre termos “homens imigrantes islâmicos”, “*floods of refugees*”<sup>124</sup> e “*swarm of migrants*”<sup>125</sup>, este último utilizado pelo então Primeiro Ministro David Cameron no contexto da crise migratória de 2015, que vem imbuídos de uma carga emocional negativa, que influi em sentimentos de desgosto, medo, insegurança em imaginar o contingente de uma população vista como indesejada adentrando o espaço sacralizado do território nacional, buscando beneficiar-se da abertura e acolhimento do povo britânico. Isso serve para

<sup>124</sup> “inundações de refugiados”, em tradução livre.

<sup>125</sup> “exame de imigrantes”, em tradução livre.

construir a imagem da nação enquanto um espaço a ser protegido e preservado, um espaço em constante ameaça devido ao seu *status* singular e elevado dentre as outras nações do mundo. A nação é, então, personificada e passa a ser descrita como um corpo vulnerável que é violentado por essa “inundação” e “enxame” de refugiados, o qual, por suscitar ojeriza, precisa ser eliminado, através do controle, para garantir a segurança da nação (Figura 15).

Aliam-se, na lógica da Campanha do *Leave*, a UE e os refugiados. Por isso, até mesmo a noção eurocética presente no discurso da Campanha do *Leave* dialoga com uma construção racializada que coloca a UE como aliada dos refugiados e imigrantes racializados como negros e facilitadora da sua circulação pelos países do continente europeu. A Campanha estabelece uma relação entre a política migratória da UE e o aumento nos casos de terrorismo e insegurança na Europa. Desse modo, opor-se a Bruxelas não é opor-se apenas ao projeto de integração europeu e retomar a soberania como modo de autogovernar-se sem a interferência dos burocratas e tecnocratas europeístas, mas é opor-se também – e inclusive – a essas levas de imigrantes, de elementos indesejados visto como terroristas, perigosos e ameaçadores, inimigos da identidade britânica e da ordem e segurança domésticas (SHILLIAM, 2018):

[a] maioria dos que estão chegando são imigrantes econômicos. Além disso, vemos, como avisei anteriormente, evidências de que o ISIS [o Estado Islâmico] está agora usando essa rota para colocar seus jihadistas em solo europeu... Devemos ser loucos para correr esse risco com a coesão de nossas sociedades<sup>126</sup> (FARAGE, 2015 *apud* BBC, 2015).

A entrevista abaixo foi ao ar no dia 14 de março de 2016 no programa de televisão ‘*Good Morning Britain*’. Está disponível no *YouTube* e foi transcrita nesta pesquisa. O excerto selecionado sintetiza assuntos corriqueiros na Campanha do *Leave* e vai ajudar-nos refletir sobre a contradição presente na

<sup>126</sup> No original, “[t]he majority that are coming are economic migrants. In addition, we see, as I warned earlier, evidence that Isis are now using this route to put their jihadists on European soil.....We must be mad to take this risk with the cohesion of our societies” (FARAGE, 2015 *apud* BBC, 2015).

Figura 11, no modo como a Campanha representa o self britânico em oposição ao ‘outro’ imigrante:

Piers Morgan: você sente quando o Arcebispo da Cantuária diz que não é racista se preocupar com a imigração, você sente que de repente você se tornou quase aceitável?

Nigel Farage: bem, tendo em vista todo o abuso que eu venho enfrentando ao longo dos anos por ousar falar disso [imigração]. Sim, veja, as coisas mudaram, sabe. Acho que temos sido o país mais tolerante da Europa quando se trata de imigração, em parte por causa dos nossos vínculos e história com a *Commonwealth*, mas quando você pensa que de 1950 a 2000 cerca de 30 mil pessoas por ano vieram para o Reino Unido, agora é um sobre um terço de um milhão por ano e é disso que se trata o debate. É sobre como podemos controlar os números que chegam? E a minha grande preocupação com a Turquia é que há uma cúpula na quinta-feira, o Sr. Cameron estará lá, e estamos dizendo à Turquia que a partir de junho [de 2015] 77 milhões deles podem viajar sem visto para o Espaço Schengen dentro da UE com a adesão acelerada. Portanto, se votarmos em permanecer na União Europeia, vamos acabar em uma união política com fronteiras abertas com a Turquia.

Susanna Reid: OK, embora George Osborne [então Primeiro Secretário de Estado do governo Cameron], falando ontem, tenha dito claramente que até que todas as condições estejam corretas, o Reino Unido tem poder de veto sobre isso e, portanto, não é um tipo de processo rápido.

Nigel Farage: David Cameron tem feito campanha para a adesão da Turquia à União Europeia desde 2005; é uma das coisas em que ele acredita firmemente.

Susanna Reid: OK, então você não acha que o Reino Unido vetaria?

Nigel Farage: Não, claro que não, claro que não, não.<sup>127</sup>

<sup>127</sup> No idioma original, segue a entrevista transcrita por mim:

Piers Morgan: do you feel when you have the Archbishop of Canterbury saying it's not racist to be concerned about immigration. Do you feel like suddenly you've become almost acceptable?

Nigel Farage: well, giving all the abuse I've been taking over the years for daring to touch on this [immigration]. Yeah, look, things have changed, you know. I think we have been the most tolerant country in Europe when it comes to immigration partly because of our *Commonwealth* links and history, but when you think sort of 1950 to 2000 about 30,000 people a year net came to Britain,

À medida que o assunto da imigração foi ganhando destaque ao longo da Campanha, tornando-se mais intenso no final desse período, a Campanha do *Leave*, inclusive Farage, foi frequentemente criticada pelo tom xenófobo e racista dos discursos no tocante à representação dos imigrantes e das propostas políticas para controlá-los. Um dia antes dessa entrevista, o Arcebispo da Cantuária Justin Welby, a favor do Brexit, disse que “não é racista opor-se à imigração” e que é “muito sensato” sentir-se ansioso em relação “a um dos maiores movimentos de pessoas na história humana”; desse modo, “as pessoas que levantam questões sobre o nível de imigração no Reino Unido não deveriam ser vistas como racistas” (WELBY, 2016 apud GOODMAN, 2016 n.p.)<sup>128</sup>.

Contudo, a Campanha do *Leave* representou negativamente os imigrantes, sobretudo quando a linguagem fazia parecer que o problema da imigração era apenas ligado a pessoas racializadas como não brancas. Quando o significante ‘imigrantes’ era mobilizado pelos discursos associados às figuras expostas, vemos que a construção do imigrante, enquanto um problema de segurança pública, era mais associada aos sujeitos não brancos que vinham de países de maioria islâmica como no exemplo da Figura 15.

Para responder ao apresentador, Farage adota uma perfunctória resposta que não nega nem afirma a pergunta feita; porém, ele se esquia para colocar-se discursivamente no lugar da vítima que há anos vem alertando a sociedade britânica o problema da imigração no Reino Unido e, mesmo assim, foi duramente criticado pela grande mídia. Naquele momento, no entanto, Farage tenta passar a impressão de que ele sempre esteve certo e que as pessoas estão começando a entendê-lo ao dizer que “as coisas mudaram, sabe?”.

---

it's now one over a third of a million a year and that's what the debate is about. It's about can we control the numbers that come? And my big worry with Turkey is there's a summit on Thursday, Mr. Cameron will be there, and we're saying to Turkey that from June [2015] 77 million of them can have visa-free travel to the Schengen zone within the EU and the stalk of fast-track membership. So, if we vote to remain in the European Union, we'll finish up in a political union with open borders with Turkey.

Susanna Reid: Okay, although George Osborne speaking yesterday said very clearly that until all the conditions were right UK has a veto over this and therefore it's not a kind of a fast track.

Nigel Farage: David Cameron has campaigned for Turkey to join the European Union since 2005; it's one of the things that he firmly believes in.

Susanna Reid: Okay, so you don't think that the UK would use a veto?

Nigel Farage: No, of course not, of course not, no.

<sup>128</sup> No original extraído do jornal Independent, “to be anxious about 'one of the greatest movements of people in human history' was 'very reasonable' e “people who raise questions about the level of immigration into the UK should not be seen as racist” (WELBY, 2016 apud GOODMAN, 2016, n.p.).

Em seguida, Farage traça uma representação positiva do ‘*self*’ britânico, como já vimos ao longo desta seção e para justificar isso, ele aponta a história imperial da *Commonwealth*, dos laços com as antigas colônias. No entanto, Farage dá a entender que a imigração da *Commonwealth* sempre se deu de modo coeso, harmônico e incentivado pelo Reino Unido; todavia, como vimos na discussão de Shilliam (2018), houve historicamente uma distinção e valoração dos imigrantes, mesmo da *Commonwealth*, baseada nas barreiras de cor, informal e implícita, para acessar vagas no mercado de trabalho e até para conseguir alguns benefícios na época do Compacto Nacional em meados do século XX.

Além disso, Farage insinua que o processo de adesão à UE é muito simples, que as negociações e o processo de votação são rápidos, sem que o país candidato à UE tenha que seguir os critérios de Copenhague. Traçando um paralelo entre a entrevista de Farage e as figuras anteriores, saliento, pelo menos, três inconsistências na Campanha do *Leave*. Primeiro, a necessidade de controlar as fronteiras é invocada com o intento de legitimar a escolha do voto *Leave* contra o alargamento da UE, ligado fundamentalmente à livre circulação de pessoas pelo continente. Essa falta de controle sobre as fronteiras é representada como uma ameaça ao bem-estar do Reino Unido:

[f]azer parte da UE facilita que os terroristas cheguem ao Reino Unido – a legislação da UE proíbe que **países do Espaço Schengen** realizem controles sistemáticos a qualquer pessoa com um passaporte da UE. **Isso torna muito mais fácil para os terroristas que lutam no exterior retornarem ao Reino Unido, que não precisam passar por um único controle de fronteira** desde a chegada às costas da Grécia até ao Canal da Mancha. Com grupos terroristas realizando ataques contra a Europa, mais e mais Estados da UE estão descobrindo que eles [os Estados] têm que desafiar a UE e reintroduzir controles de fronteira para manter as pessoas seguras<sup>129</sup> (VOTE LEAVE, 2016, n.p., grifos nossos).

<sup>129</sup> No original, “[b]eing in the EU makes it easier for terrorists to come to Britain - EU law forbids countries in the Schengen area from carrying out systematic checks on anyone with an EU passport from entering. This makes it much easier for terrorists fighting abroad to return to Britain, who need not pass through a single border control between arriving on the shores of Greece and reaching the English Channel. With terrorist groups launching attacks on Europe, more and more EU states are finding that they have to defy the EU and reintroduce border controls to keep people safe” (VOTE LEAVE, 2016, n.p.).

Entretanto, a representação da segurança doméstica como garantida por um sistema de fronteiras internacionais parece ainda mais inconsistente pela representação de terroristas que retornam ao Reino Unido se assumirmos, em primeiro lugar, que tais terroristas eram cidadãos britânicos; ao mesmo tempo, destaca-se a contradição da Campanha do *Leave* de querer controlar as suas fronteiras enquanto espera que os outros Estados europeus as fiscalizem também, mesmo que eles sejam retratados como corruptos por supostamente “venderem os seus passaportes e nós [o Reino Unido] não temos controle sobre o modo que os outros países da UE emitem seus passaportes”<sup>130</sup> (VOTE LEAVE, 2016, n.p.).

Em seguida, o argumento de que é impossível controlar as fronteiras estando dentro da Europa mostra-se inconsistente quando notamos que o Reino Unido nunca foi signatário do Acordo de Schengen, preservando as suas fronteiras e o controle da circulação de pessoas. Além disso, o Reino Unido também não fazia parte da zona do euro, o que evidencia que a própria participação do Reino Unido na UE comporta excepcionalidades que reforçam a independência ou autonomia que a Campanha do *Leave* alega ter perdido ao longo das décadas no bloco europeu.

A terceira inconsistência refere-se à adesão da Turquia. O Conselho da União Europeia precisa votar por unanimidade no que concerne a uma série de assuntos políticos que os Estados-Membros consideram ser de natureza sensível, o que engrada a adesão de novos Estados-Membros à UE<sup>131</sup>. Portanto, o Reino Unido teria legalmente o poder de vetar a adesão da Turquia à UE, contradizendo o argumento da Campanha e de Farage na entrevista acima.

Ao iluminar essas inconsistências, encontramos-nos diante do seguinte problema: se o Reino Unido nunca fez parte do Espaço Schengen e se tem o poder de veto na votação quanto à adesão da Turquia e outros Estados à UE, por que a chegada de imigrantes específicos desse país suscitou tanto temor e apreensão no debate do Brexit? Por isso, defendo que a presença da racialização e da defesa da branquitude de forma velada na Campanha do *Leave* pode nos oferecer uma resposta.

---

<sup>130</sup> No original, “EU countries sell their passports, and we have no control over the way other EU countries issue their passports” (VOTE LEAVE, 2016, n.p.).

<sup>131</sup> Para conferir os tratados e leis da UE na íntegra, acessar: <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/glossary/unanimity.html#:~:text=A%20unanimidade%2C%20que%20designa%20a,consideram%20ser%20de%20natureza%20sens%C3%ADvel>. Acesso em 20 ago. 2022.

Diante desse cenário, a Campanha do *Leave* aproveitou-se da ideia de que a culpa para o descontrole com as finanças internas, para a redução da sensação de segurança e ordem, para a diminuição das oportunidades de emprego, repousava no colo dos burocratas incógnitos, não eleitos e irresponsáveis de Bruxelas, que impediam, nessa lógica, os britânicos de se autogovernarem. Logo, a resposta do Brexit foi reafirmar os instrumentos e aparelhos nacionais de controle.

A ideia de tomar de volta o controle ou de resgatar a soberania traz, portanto, para o cerne desse debate a problemática da imigração, o controle político e securitário das fronteiras nacionais. Buscar o controle ou estar no controle, nesse sentido, dizia respeito à proteção da nação dos sujeitos vistos como indesejáveis e não merecedores, nomeadamente os sujeitos racializados como negros, ou de modo mais amplo como não brancos, uma vez que vimos que é recorrente, de modo velado, no discurso em apoio ao Brexit a hierarquização dos imigrantes consoante a noção de branquitude (*whiteness*); branquitude torna-se, pois, uma métrica ou uma régua que julga, classifica e categoriza corpos. Adam (2020, p. 95), sintetiza a noção do significativo controle no imaginário do Brexit da seguinte maneira:

*Vote Leave* espalhou a palavra que 70% de todas as leis britânicas foram feitas em Bruxelas, incitando ressentimento e o desejo de se libertar. Viver sob os comandos de outra pessoa era uma forma de escravidão? Nas palavras do refrão do hino *Rule Britannia*<sup>132</sup>, a resposta só poderia ser: **'Os britânicos nunca, nunca, nunca não de ser escravos!'**<sup>133</sup> (ADAM, 2020, p. 95, grifos nossos).

Com base nisso, pode-se refletir que viver sem controle sobre as suas próprias ações, sem soberania, sem independência é aproximar-se da condição de escravos e de um povo escravizado. Isso aproximaria, então, o povo britânico da figura de um escravo negro, processo esse que Shilliam (2018) trata por *'blackening'*, mostrando como alguns grupos sociais, nacionalidades e etnias, por

<sup>132</sup> Hino do colonialismo britânico da era vitoriana do século XIX.

<sup>133</sup> No original, "Vote Leave spread the word that 70% of all British laws were made in Brussel, inciting resentment and the urge to break free. Was living by somebody else's commands a form of slavery? In the words of the refrain of Rule Britannia, the answer could only be: 'Britons never, never, never shall be slaves!'" (ADAM, 2020, p. 95).

exemplo, são “denegridos” ou “enegrecidos”<sup>134</sup> historicamente, de modos diferentes e hierárquicos, tendo a branquitude como parâmetro superior e central para classificar os demais ‘outros’. Nesse caso, a racialização aparece aqui como possível racialização dos britânicos como negros: os britânicos se tornariam escravos se não controlassem suas fronteiras e suas políticas. Por isso, permanecer na UE é nutrir no povo britânico características essas características tidas como indesejadas, e que são racializadas como negras: a dependência, a falta de controle, a fraqueza.

Percebemos, pois, que os discursos da Campanha do *Leave* tratam não apenas da questão da economia, do bem estar e da segurança pública, questões explicitamente abordadas pela Campanha, mas também, existe subjacente a esses discursos a perda das características do povo britânicas racializadas como brancas, logo, merecedoras e dignas. Opera, pois, a lógica velada da defesa da branquitude que, estaria ameaçada e se perdendo, com a chegada desses imigrantes e que, permanecendo na UE, seria impossível de ser retomada.

O que se percebe, por meio desta análise, é que a linguagem da Campanha do *Leave* constrói-se em imprecisões e deslizamentos discursivos. No exemplo que abordei na seção anterior deste capítulo sobre Michael Gove, notamos como ele se distancia discursivamente dos experts e da elite política do país ao dizer que está ao lado do povo, que entende os interesses e necessidades do povo, que a política tradicional tem negligenciado o povo nacional e focado nas políticas e interesses da UE.

Por isso, convém dizer que a questão da raça também não passaria incólume às imprecisões e deslizamentos discursivos na Campanha do *Leave*. O dilema diante do qual nos encontramos é a representação positiva do povo como o mais tolerante em relação à imigração na Europa e como coesa e harmonicamente multiétnico e multicultural, como vimos na Figura 11, que apontava os motivos por que se deveria votar *Leave*. Em contrapartida, o modo pelo qual os imigrantes racializados como não brancos são representados, na Campanha, contradiz a própria representação do ‘self’ nacional. Essa contradição pode ser explicada porque a defesa da branquitude opera nos discursos da Campanha do *Leave* de modo velado. Por isso, convido-nos doravante a refletir sobre o seguinte dilema:

---

<sup>134</sup> Aqui eu utilizo duas possíveis traduções livres para a expressão “*blackening*”/“*blackened*” abordadas por Shilliam (2018).

de que modo podemos compreender a (re-)produção do racismo nos discursos da Campanha do *Leave* se ele opera de forma velada?

Acredito que tal problema pode ser compreendido a partir das construções discursivas contraditórias, dos silêncios em torno da questão da raça no debate do referendo e da negação do próprio racismo. Identifico, pelo menos, quatro pontos em que temos vestígios da branquitude enquanto significante mestre oculto na Campanha.

O primeiro ponto diz respeito ao impacto dos discursos e imagens supracitados no contexto, ou seja, a recepção desses discursos na sociedade britânica. Após o cartaz ‘Breaking Point’ entrar em circulação assim como após o resultado do referendo do Brexit, houve um aumento nas denúncias de crime de ódio, manifestação nacionalista extremista com apoiadores mais radicais:

[n]os dias seguintes à decisão do Reino Unido de deixar a UE, houve um aumento de 57% em todo o país em crimes de ódio, conforme relatado pelo Conselho Nacional de Chefes de Polícia. No entanto, o aumento em algumas das partes mais eurocéticas do país foi ainda mais agudo. Derbyshire teve, por exemplo, teve um aumento de 121% na primeira semana após o referendo, enquanto Nottinghamshire teve um aumento de 140%. Ambos os condados estavam entre aqueles da região central do Reino Unido com maioria de votos *Leave* (SUDARSHAN, 2017, n.p.).

Além da questão do contexto, Durrheim et al. (2018, p. 397) argumenta que há dois padrões nas falas de políticos defensores da Campanha do *Leave* que são exemplos do modo por meio do qual o racismo flutua veladamente por esses discursos e imagens: a “*discursive deracialization*” e a “*truth talk*”. “Ambos os dispositivos são maneiras de silenciar o racismo ao mesmo tempo que negam implicitamente o racismo”<sup>135</sup>.

No primeiro caso, a ‘desracialização discursiva’ diz respeito à maneira como os sujeitos no cartaz ‘Breaking point’ (Figura 15) são apontadas no discurso de Farage em termos de categorias socioeconômicas supostamente não raciais (migrantes econômicos, vindo de países mais pobres), de gênero (homens islâmicos), de nacionalidade (turcos, sírios, albaneses entre outros) quando as

<sup>135</sup> No original, “[b]oth of these devices are ways of silencing racism at the same time as implicitly denying racism” (DURRHEIM ET AL., 2018, p.397).

acusações contra a Campanha *Leave* tinham como alvo específico o racismo. Farage, por exemplo, evita qualquer menção à raça dos personagens ainda que a fotografia escolhida concentre imigrantes racializados como negros (“*brown-skinned*” – ‘pardos’ ou ‘marrons’ – destacadas pela crítica e pela mídia). No entanto, o foco do discurso de Farage é no potencial de perigo e ameaça de “homens islâmicos que podem estuprar mulheres britânicas” e jovens homens vindos de países mais pobres do que o Reino Unido insatisfeitos com suas vidas e, por isso, põem em risco a segurança de toda a sociedade britânica.

Ao ser redarguido por jornalistas de que, na verdade, as pessoas na fotografia eram refugiados, Farage (2016, apud STEWART; MASON, 2016, n.p., grifos nossos) contesta:

[v]ocê não sabe disso – eles estão vindo do mundo todo. Se você voltar à definição da Convenção de Genebra, descobrirá que pouquíssimas pessoas que vieram para a Europa no ano passado realmente se qualificariam como **refugiados genuínos** [...]. Nós acabamos de descobrir, nas últimas duas semanas, o plano da bomba de Dusseldorf – um plano muito, muito preocupante para ataques em massa ao estilo de Paris ou Bruxelas. Todas essas pessoas chegaram à Alemanha no ano passado **se passando por refugiados**. Quando o Estado Islâmico diz que vai usar a crise migratória para **inundar o continente** com seus **terroristas jihadistas**, provavelmente está falando sério<sup>136</sup>.

Ao mesmo tempo, Farage (2016) contesta a condição de refugiados a partir das construções racializadas dos imigrantes como dignos ou não dignos e dos refugiados como autênticos ou falsos, sendo estes terroristas jihadistas. Rebatendo as críticas de que o cartaz era racista e explorava a miséria humana, Farage insistiu que muito poucas pessoas que chegaram à Europa no ano de 2015 qualificar-se-iam como ‘refugiados genuínos’. Desse modo, Farage trata os imigrantes da fotografia de ‘*fake refugees*’ (falsos refugiados) que querem

<sup>136</sup> No original, “[y]ou don't know that—they are coming from all over the world. If you get back to the Geneva Convention definition, you will find very few people that came into Europe last year would actually qualify as genuine refugees [...] We have just had, in the last two weeks, the Dusseldorf bomb plot has been uncovered—a very, very worrying plan for mass attacks along the style of Paris or Brussels. All of those people came into Germany last year posing as refugees. When Isis say they will use the migrant crisis to flood the continent with their jihadi terrorists they probably mean it” (FARAGE, 2016, STEWART; MASON, 2016, n.p.).

aproveitar-se da abertura do povo britânico conforme observamos no excerto abaixo que – assim como a citação acima – foi retirado do jornal *The Guardian* no dia 16 de junho de 2016 quando Farage apareceu em frente ao cartaz para lançá-lo na Campanha do *Leave*:

[e]sta é uma fotografia autêntica, precisa e sem retoque, tirada em outubro de 2015, ano passado, após o apelo de Angela Merkel no verão e, francamente, se você acredita, como sempre acreditei, que devemos abrir nossos corações a refugiados genuínos isso é uma coisa [...]. Mas, francamente, com você pode ver nesta foto, a maioria das pessoas que vem são jovens do sexo masculino e, sim, podem vir de países que não estão em um estado muito feliz, podem vir de lugares mais pobres do que nós, mas a UE cometeu o erro fundamental que põe em risco a segurança de todos.<sup>137</sup>

Concomitantemente, outra estratégia de retórica da Campanha do *Leave* que mascara o racismo nesses discursos é a “*truth talk*” (DURRHEIM ET AL., 2018, p. 397) que se refere ao fato de Farage defender que o cartaz “*Breaking point*” é um reflexo apurado da realidade e a reação de medo e ansiedade perante essa chegada em massa de imigrantes é uma reação racional e prudente.

Os “fatos”, que Farage alega defender, são representações ambíguas de ameaças que podem surgir ao permitir que tais sujeitos adentrem o Reino Unido, por exemplo, na construção desse cenário discursivo de medo e insegurança, o mais assustador seriam os terroristas jihadistas do Estado Islâmico que inundariam o continente com terrorismo e violência generalizada, chegando ao país na condição de refugiados. Por intermédio da “*truth talk*”, baseada em ‘fatos reais’,

Farage esquiva-se da identidade do racismo [...]. Ele articula a visão do senso comum de que algo não é racista se for verdade [...] para contrariar a crença de que a oposição à imigração envolve um raciocínio falacioso e um discurso distorcido de que o medo das

<sup>137</sup> No original, “[t]his is a photograph, an accurate, un-doctored photograph, taken on October 15 last year following Angela Merkel’s call in the summer and, frankly, if you believe, as I have always believed, that we should open our hearts to genuine refugees, that’s one thing [...]. But, frankly, as you can see from this picture, most of the people coming are young males and, yes, they may be coming from countries that are not in a very happy state, they may be coming from places that are poorer than us, but the EU has made a fundamental error that risks the security of everybody” (FARAGE, 2016 *apud* STEWART; MASON, 2016, n.p.).

peças em relações aos imigrantes é irracional; e o que o cartaz ou a Campanha incitaram racismo<sup>138</sup> (DURRHEIM ET AL., 2018, p. 397).

Nesse viés, conforme foi dito anteriormente pelo Arcebispo da Cantuária Justin Welby, em apoio à Campanha do *Leave*, incomodar-se com o aumento da imigração não é racista, mas uma preocupação prudente e racional. Farage apresenta-se discursivamente como um homem razoável que considerou cuidadosamente os ‘fatos’, ponderou as evidências e tirou conclusões lógicas acerca das ameaças alegadas reais que submetem o povo britânico a uma situação de perigo e insegurança.

Vemos, pois, como a defesa da branquitude ameaçada do Reino Unido está presente na Campanha do *Leave* de modo implícito, já que o racismo atravessa essas construções discursivas ainda que de maneira velada. Farage nunca aceitou que o tom do discurso da Campanha e, sobretudo, do cartaz, era ‘racista’ e xenófobo. Em contrapartida, ao alertar sobre o problema da imigração em massa para o Reino Unido, a Campanha enfatiza a chegada de imigrantes racializados como não brancos, islâmicos violentos, pobres e refugiados, que estava supostamente fora de controle, tratando todos esses sujeitos sob o significante ‘imigrantes’ fazendo parecer que a imigração era apenas sobre sujeitos não brancos, embora em nenhum momento Farage tenha tocado, diretamente, na questão da raça. Aqui, temos mais um exemplo da ‘desracialização discursiva’ na Campanha do *Leave*.

A estratégia de informar a quantidade da população desses países assomada à fotografia do cartaz *Breaking point* que retrata de forma desumanizada uma onda de imigrantes contribuem para construir uma atmosfera de pânico moral, ansiedade e medo se misturam ante a ameaça à ordem simbólica e cultural do NHS e do status de ilha do Reino Unido (MANDELBAUM, 2020). A fotografia tem um peso particular pelo modo como ela retrata os imigrantes e também por seu apelo emocional, tendo em vista a sua exibição e veiculação. É importante comentar que essa fotografia, nos meses anteriores ao referendo de 2016, ficou exposta em um caminhão que circulava pelas ruas de Londres. Nigel

---

<sup>138</sup> No original, “Farage dodge[s] the identity of racism [...]. He articulates the commonsense view that something is not racist if it is true [...] to conter the belief that opposition to immigration involves faulty reasoning and a distorted view; that peoples' fears of immigrants are irrational; and that the poster or the campaign has incited racism” (DURRHEIM ET AL., 2018, p. 397).

Farage inclusive posou para fotos em frente a essa imagem. A estratégia de fazer essa imagem circular pelas ruas de Londres, a repetição da foto que coloca a nação como à beira de uma invasão iminente enfatizam a atmosfera de insegurança, medo e pânico moral.

Desse modo, ao aproximar a quantidade da população de países majoritariamente islâmicos que poderiam aderir à UE, a fotografia da onda de imigrantes que demandariam de políticas assistencialistas e serviços públicos e os custos de manter-se na UE, Mandelbaum (2020) argumenta que a presença desses dados econômicos serviria para mascarar ou desculpar o racismo e a xenofobia presentes na Campanha, uma vez que muitos eleitores reconheceriam a xenofobia desse discurso, mas estariam votando em sair da UE porque eles queriam ter o controle de volta sobre os gastos e a legislação. Assim, o fechamento de fronteiras para esses imigrantes estaria ligado ao fato de que não haveria dinheiro nem recursos materiais suficientes para atender às necessidades de toda essa população, sendo insustentável para os cofres públicos, sem que apoiassem explicitamente a xenofobia e racismo da Campanha.

De acordo com Mandelbaum (2020, p. 466), isso seria um exemplo de racismo por denegação (*Verleugnung*) no Brexit, cuja discussão abordei no segundo capítulo da presente pesquisa:

os eleitores do Brexit poderiam assim criticar a campanha *Leave.EU* e o seu tom racista, ao mesmo tempo que defendiam o Brexit por motivos presumivelmente neutros e jurídico-econômicos, ou seja, invocando o significativo vazio de “nós” e “nosso” para legitimar uma ruptura com a UE a fim de controlar as “nossas” fronteiras fazer “nossas” próprias leis e acordos marcantes com os “nossos” aliados<sup>139</sup> (MANDELBAUM, 2020, p. 466).

Isso reitera, portanto, a interpretação desta análise de que a branquitude opera como significante mestre oculto na Campanha do *Leave*. Em suma, “o obstáculo é, pois, a perda de controle, a mudança geográfica e a perda do

---

<sup>139</sup> No original, “Brexit voters could thus criticise the *Leave.EU* campaign and its racist tone, whilst at the same time argue for Brexit on presumably neutral and legal-economic grounds, that is, invoking the empty signifier of ‘us’ and ‘our’ so as to legitimate a break from the EU in order to control ‘our’ borders make ‘our’ own laws and striking deals with ‘our’ allies” (MANDELBAUM, 2020, p. 466).

*Britishness* (i.e., a perda da Branquitude), e uma sociedade caindo no caos”<sup>140</sup> (MANDELBAUM, 2020, p. 464). Essa descida da sociedade para o caos pressupõe que, anteriormente à entrada na UE, imperava uma estabilidade e harmonia domésticas.

Mesmo diante do cenário de críticas e denúncias de racismo por causa do cartaz “Breaking point”, Farage recusou-se a desculpar-se pela campanha dizendo que a fotografia refletia a verdade e os fatos daquilo que estamos vivendo na atual conjuntura. Ele desculpou-se, apenas, pelo *momento* em que o cartaz foi lançando, tendo em visto o assassinato da política do Partido Trabalhista Jo Cox poucas horas depois e, por essa razão, teria decidido retirar o pôster de circulação. Entretanto, Farage reiterou que “aquele cartaz reflete a verdade do que está acontecendo”<sup>141</sup> e que ele estava sendo perseguido e “vítima de ódio político”<sup>142</sup>. Assim, não somente Farage coloca-se no lugar da vítima, mas também busca ‘inverter’ o preconceito e a intolerância presentes no tom da Campanha como se, na verdade, aqueles que estivessem sendo intolerantes e preconceituosos eram as próprias pessoas que criticavam e denunciavam esses discursos.

Além de esquivar-se das acusações de racismo, outra postura que nos dá a impressão da lógica velada do racismo e do apelo implícito à branquitude presentes na Campanha do *Leave* é a ‘vitimização’. Essa representação discursiva do ‘self’ como no lugar de vítima desenrola-se de diferentes construções ao longo da Campanha: Farage perseguido politicamente pelo *establishment*, o povo britânico representado como vítima da violência perpetrada pelos imigrantes, a classe branca trabalhadora perdendo os seus empregos alegadamente por causa da imigração sem controle. A Campanha coloca-se como defensora das pessoas comuns, interpeladas através desses discursos:

Eu acho que **sou um político que tem sido uma vítima** disso, para ser honesto com você. Quando você desafia o *establishment* nesse

<sup>140</sup> No original, “the obstacle is therefore loss of control, demographic change and loss of Britishness (i.e. loss of Whiteness), and a society descending into chaos” (MANDELBAUM, 2020, p. 464).

<sup>141</sup> No original, “[t]hat poster reflects the truth of what’s going on” (FARAGE, 2016).

<sup>142</sup> No original, “victim of political hatred” (FARAGE, 2016). - Wright, Oliver. “Nigel Farage Says He is A Victim of Political Hatred in Response to Jo Cox Question from”. 2016. Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/nigel-farage-jo-cox-dead-murdered-peston-brexit-eu-referendum-ukip-political-hatred-a7089996.html> > Acesso em 24 ago 2022.

país, eles vêm atrás de você, **eles chamam você de todo o tipo de coisa**. Tudo o que nós dissemos na campanha desse referendo é que queremos retomar o controle das nossas vidas, retomar o controle das nossas fronteiras e colocar em prática uma política de imigração responsável<sup>143</sup> (FARAGE, 2016 apud BLOOM, 2016, grifos nossos).

Esses argumentos baseiam-se numa distinção entre uma suposta aliança de interesses das elites – a UE, Cameron, a elite política tradicional, o *establishment* – e os cidadãos comuns. O que outros criticam como *fearmongering*<sup>144</sup> da Campanha, Farage descreve como aquilo que o conecta com o povo britânico, que os une na luta contra o *establishment* representada pelo voto *Leave* (DURRHEIM ET AL., 2018, p. 397).

Vimos que Farage inverte as acusações de preconceito, pois, em vez de ser o próprio discurso da Campanha do *Leave* que alimenta o ódio, é o *establishment* que respondeu ao cartaz com preconceito e intolerância. Percebemos, mais uma vez, como é sutil e velada a presença do racismo nessa lógica discursiva, quando Farage diz “chamam você de todo tipo de coisa”, ele refere-se implicitamente às acusações de racismo anteriormente abordadas.

No excerto acima, as próprias acusações de racismo são retratadas como preconceito e expressões de ódio e pensamento falho. Vale, pois, ressaltar que, embora tenham sido direcionadas principalmente a Farage, o político do UKIP usa a segunda pessoa do discurso (você<sup>145</sup>) – com quem se fala –, sugerindo que o preconceito do *establishment* poderia ser direcionado a qualquer pessoa que desafie o próprio *establishment*: “eles vêm atrás de você, chamam você de todo tipo de coisa”. Seriam, dentro da lógica da Campanha, o preconceito e motivação políticos que impedem, portanto, os críticos do racismo de verem a ‘simples verdade’ representada pelo cartaz ‘Breaking point’ e que justificam o uso de fotografias e ‘fatos contundentes’ (DURRHEIM ET AL., 2018, p. 397).

<sup>143</sup> No original, “I think I have been a politician who has been a victim of it, to be honest with you. When you challenge the establishment in this country, they come after you, they call you all sorts of things. All we have said in this referendum campaign is we want to take back control of our lives, take back control of our borders and put in place a responsible immigration policy” (FARAGE, 2016 apud... BLOOM, 2016).

<sup>144</sup> Alarmismo, cf. nota 22.

<sup>145</sup> Na tradução do discurso de Farage, optei pelo pronome ‘você’ para manter o registro discursivo do idioma original na vertente brasileira do português. Ainda que o pronome ‘você’ corresponda à terceira pessoa gramatical, ele corresponde também à segunda pessoa do discurso.

É com base nesses deslizamentos discursivos da Campanha do *Leave* que Emejulu (2016) denuncia que a branquitude, no Brexit, consegue, ao mesmo tempo, operar como protagonista, que constrói o ‘outro’ imigrante com características indesejadas e indignas, que são racializadas como negras, e, quando questionada acerca do racismo e da xenofobia presentes nessas representações, consegue negar o racismo e se colocar como vítima inocente, que está mantida refém no seu próprio país pela chegada de imigrantes nutrindo características indignas à sociedade britânica, que ameaçam a segurança doméstica e ameaçam simbolicamente a cultura e tradição nacionais. A tautologia da construção da branquitude como vítima, além de dificultar deliberadamente a produção de análises que expliquem as próprias crises internas, impossibilita a articulação de críticas à condição de “vítima”, uma vez que a própria crítica reforçaria a condição alegada de vítima (EMEJULU, 2016). Esse argumento ajuda a explicar como se dá o processo através do qual a Campanha do *Leave* consegue colocar a branquitude nacional como vítima inocente no Brexit, responsabilizando e culpando tanto os imigrantes racializados como negros quanto a UE pelo mosaico de crises domésticas, ao mesmo tempo em que constrói discursiva e violentamente esses ‘outros’ como aliados para ver a nação fracassar.

#### **4.3.1 Nostalgia imperial**

Por fim, outro exemplo que pode nos auxiliar a compreender a lógica velada do racismo e do apelo à branquitude na Campanha do *Leave* diz respeito à ‘melancolia pós-colonial’. Percebemos, ao longo desta análise, que há uma tentativa de resgatar um passado idealizado de segurança e estabilidade que supostamente vigorava no Reino Unido antes da sua adesão ao bloco europeu. Simultaneamente, vimos que a linguagem da Campanha é rodeada de imprecisões e, por isso, a alusão ao império britânico não ocorre de forma direta, porém implícita na mobilização da imagem da Britannia – como observamos mais adiante na Figura 16 – e do significante da *Commonwealth* mobilizado por Farage na Campanha, o que nos leva a perceber uma determinada ‘nostalgia imperial’.

Como vimos no capítulo anterior, a melancolia é uma forma de tristeza que está relacionada à perda de algo estimado para o sujeito. Ao contrário do luto, que também envolve a questão da perda, a melancolia traz consigo o sentimento de impotência, de fracasso, de inutilidade. Por isso, podemos dizer que a melancolia é uma espécie de tristeza não enlutada, que gera sentimento tanto de culpa por ter perdido aquele objeto de afeto, fonte de prazer e satisfação, quanto de negação, uma vez que o sujeito não aceita tal perda (GILROY, 2005).

O argumento de Gilroy (2005) é que o Reino Unido está hodiernamente sofrendo de uma condição de melancolia resultante da negação do seu passado colonial violento. Em vez de transferir a culpa para o corpo de um soberano caído, são os corpos dos imigrantes britânicos racializados como negros que são alvos das ansiedades relacionadas ao passado e história imperiais da nação.

A melancolia pós-colonial, na Campanha do *Leave*, influi em fantasias nacionais sobre um passado grandioso e prazeroso, que foi perdido e distanciado do sujeito. Nesse viés, essas fantasias evocam imagens de uma nação romantizada livre da imigração, mas também intocada pelas forças da globalização e da influência de organizações internacionais como a UE.

Podemos perceber isso, também, na construção da *Commonwealth* enquanto um signifiante. Em outro momento da presente análise, apontamos que a *Commonwealth* foi mobilizada por Farage para a construção positiva do ‘self’ britânico como tolerante e inclusivo.

Articulada pela Campanha do *Leave*, a *Commonwealth* era representada em contraposição à UE:

[u]ma organização que promove valores, cultura, história e interesses comuns pode ser o catalisador para a criação de riqueza sem a necessidade de superestruturas políticas pesadas. **Fora da UE**, o mundo é a nossa ostra, e **a Commonwealth continua a ser aquela pérola preciosa dentro**<sup>146</sup> (CARVER, 2016 apud THE ECONOMIC VOICE, 2016, n.p., grifos nossos).

<sup>146</sup> No original, “[a]n organisation that promotes shared values, culture, history and interests can be the catalyst for wealth creation without the need for unwieldy political superstructures. Outside the EU, the world is our oyster, and the Commonwealth remains that precious pearl within” (CARVER, 2016 apud THE ECONOMIC VOICE, 2016, n.p.).

O excerto acima faz parte do discurso do porta-voz da *Commonwealth* do UKIP, James Carver, que falou da importância especial do Dia da *Commonwealth* do ano de 2016, especialmente porque se celebrou três meses antes do referendo britânico sobre a continuação da adesão à UE.

A alusão à história e império coloniais não se faz de modo explícita na Campanha, mas pode ser percebido por meio das imagens e significantes que são mobilizados como na referência à *Commonwealth* e também na figura abaixo que circulou durante a Campanha que tratava o dia do referendo como o dia da liberdade e independência do Reino Unido.



**Figura 16:** Brexit: Dia da Independência, 23/06/2016. Fonte: Adaptado de Hill, 2016.

O cartaz exposto à direita, na Figura 16, foi adaptado pela Campanha do *Leave*. O original, à esquerda, faz alusão ao dia da independência dos EUA em 4 de julho de 1776 e foi usado no começo do século XX como uma propaganda para recrutar voluntários estadunidenses para lutar na Primeira Guerra Mundial em 1918 e defender o Reino Unido.

Em contrapartida, em 2016, esse cartaz à esquerda sofreu uma releitura pelos apoiadores do voto *Leave* apelando valores que já tinham sido promovidos em 1776 e 1918 como os significantes ‘liberdade’ e ‘independência’. As mudanças no cartaz foram pontuais: apenas a data mudou, de 1918 para 2016, e as palavras “*mass meeting*” (reunião de massas) foram substituídas por “*independence*” (independência).

Vemos retratado na Figura 16 o Tio Sam segurando o braço da *Britannia*, representando respectivamente os EUA e o Reino Unido, um sinal de uma relação próxima e confiante. O Tio Sam parece orgulhoso e alegre, enquanto a *Britannia* é apresentada permanecendo bastante impassível, altiva e estoica. Cada um deles é acompanhado pelo símbolo animal do seu país. Além disso, o Tio Sam está a usar roupas com as cores da bandeira americana e a *Britannia* está a carregar um escudo que retrata uma bandeira britânica.

HILL (2016) lembra-nos, em sua análise, de que tanto durante o final do século XVIII como durante o período anterior ao referendo Brexit, houve uma preocupação sobre o lugar do Reino Unido no mundo. Uma das promessas dos discursos da Campanha do *Leave*, conforme analisamos, foi que o Reino Unido poderia recuperar o seu poder, o poder que costumava ter antes de aderir à UE. A grandeza idealizada britânica poderia ser recuperada, tal como era no passado. Outra questão foi levantada sobre como os acordos com a *Commonwealth* e com os EUA poderiam ser mais benéficos para o Reino Unido do que com a UE – acordos esses que eram impossíveis de serem celebrados se o país permanecesse no bloco devido à legislação da UE.

A articulação do cartaz modificado à esquerda (Figura 16) pela Campanha do *Leave* objetivou enfatizar que os britânicos constituem uma unidade ou entidade, simbolizadas na figura pela *Britannia*. Isso influi na exaltação de certos valores nacionais e, portanto, na ideia de que é absolutamente necessário salvaguardar os interesses britânicos.

Notamos que existe a ideia de que o Reino Unido é uma nação importante e única, em contraposição à Europa e, também, ao restante do mundo, que não possui as características valorizadas e distinguidas do povo britânico. Isso pode ser observado no discurso acima de James Carver (2016), porta-voz da *Commonwealth*, durante a Campanha. A *Commonwealth* é “a pérola do Reino Unido” porque ela mesma se torna um significante já saturado de afeto no

imaginário coletivo britânico, como a sensação de influência, poder e prestígio internacional; ela constrói-se a partir de valores tradicionais e características racializadas como branca. Associada à metáfora da ‘pérola’, enquanto o mundo é a ostra, vemos implicitamente uma superioridade e singularidade do Reino Unido conforme vimos também nos primeiros discursos analisados nesta seção.

Romantizam-se, desse modo, a história passada e os feitos do império à luz da branquitude como superior, estabelecendo uma identificação priorizada entre a nação e a branquitude, que forma uma cadeia de significantes ligados à superioridade, civilidade, independência, autonomia e liberdade. Essa sensação particular de perda de uma época passada idealizada e, por conseguinte, o desejo de suprir essa frustração compõem a ‘nostalgia imperial’ presente nesse cenário, uma forma de melancolia racializada na Campanha. Não quero com isso dizer que se pretende resgatar uma época específica ou pontuada na história, como à época vitoriana, por exemplo, mas se pode aludir a outros períodos no passado em que o Reino Unido disfrutava de prestígio e influência a nível internacional como, por exemplo, na primeira metade do século XX, período ao que o cartaz (Figura 16) faz referência.

Penso, portanto, não em um resgate cronologicamente localizado e nem na tentativa de refazer o império com a reconquista dos territórios, mas me preocupo em entender os afetos colocados em marcha pela alusão ou evocação dessa imagem romantizada do império, da *Commonwealth*, por meio dos discursos de apoio ao *Brexit*; os benefícios simbólicos do pertencimento a essa construção de império; os investimentos afetivos efetuados nessa tentativa de resgate da visão dominante da branquitude como promessa, não obstante vã, de estabilidade para a segurança doméstica e de solução para as crises nacionais.

Voltar-se a *Commonwealth* não é apenas uma questão econômica de celebrar mais acordos comerciais de livre comércio, mas comporta também uma dimensão simbólica e afetiva que busca retomar, ainda que veladamente, uma época anterior à imigração descontrolada, em que o Reino Unido caracterizava-se mais por uma nação de emigrados do que de imigrantes (BHAMBRA, 2017b). Nisso consiste a nostalgia imperial observada na Campanha do *Leave*, que é atravessada por essa melancolia, implicitamente racializada, que se ancora na defesa da branquitude britânica.

#### 4.4. Conclusão

Ao longo deste capítulo, desenvolvi uma análise de discurso afetiva sobre a Campanha do *Leave*, envolvendo imagens e discursos a fim de compreender o apelo emocional de significantes já saturados de afetos no imaginário coletivo britânico como o NHS, a *Commonwealth*, os imigrantes, a nação.

Dois momentos foram relevantes durante a análise de discurso afetiva da Campanha nesta seção. Primeiro, a articulação de sentimentos anti-imigração por meio dos discursos e como o racismo reproduz-se de modo velado por meio das contradições, das negações e dos silêncios e, segundo, a reprodução de uma ‘nostalgia imperial’ ancorada na *Commonwealth*, atravessada implicitamente por uma melancolia racializada.

A minha proposta foi que pensássemos o Brexit enquanto uma narrativa, em que há a presença de personagens como os protagonistas, papel desempenhado pelo povo britânico, que se encontrava em uma situação de perigo e insegurança causada pela invasão dos antagonistas, os imigrantes apoiados pela UE.

Assim, se por um lado, os imigrantes são retratados como uma ameaça à nação, o ódio destinado a eles também serve, por outro lado, para caracterizar os sujeitos da nação, os protagonistas nessa narrativa, como indivíduos feridos e machucados, que agem em legítima defesa. Essas narrativas sugerem, pois, que esses imigrantes estão “roubando” da nação, objeto de amor e de identificação dos protagonistas, implicando a sua decadência e perda de progresso e influência a nível internacional.

A Campanha do *Leave* buscou estabelecer uma relação triangular entre o povo britânico, o “*underdog*” – os imigrantes racializados como negros – e a elite política doméstica alinhada com os interesses da União Europeia. Para definir *underdog*, sigo a explicação proposta por Stavrakakis (2014, p. 506), aqueles que são “marginalizados da participação política, excluídos do gozo de direitos políticos e recompensas socioeconômicas”<sup>147</sup>. Ao estabelecer essa relação,

---

<sup>147</sup> No original, “marginalized from political participation, excluded from the enjoyment of political rights and socioeconomic rewards” (STAVRAKAKIS, 2014, p. 506).

percebo que tanto a elite quanto o *underdog* são posicionados discursivamente no lugar do outro ou do vilão nessa narrativa.

Simultaneamente, a UE desempenha também o papel de antagonista, e é responsabilizada pela sua incompetência ou falta de vontade, segundo a Campanha do *Leave*, em lidar com as crises, sobretudo a dos refugiados, que ameaçam a própria segurança da nação, expondo-a e ao seu povo a uma situação de vulnerabilidade. A UE é encarada como traidora por, supostamente, alinhar-se aos interesses do *underdog* e, assim, se aproveitar da abertura (*openness*) do Reino Unido e alijar-se dos interesses nacionais do povo britânico.

Para construir a narrativa, a Campanha do *Leave* construiu uma representação positiva do ‘self’ britânico como o povo mais tolerante, aberto, inclusivo da Europa e, quiçá, do mundo quando se trata de imigração, do respeito ao diferente. Isso se tornou visível na imagem do povo multiétnico e multicultural na Figura 11.

Em contrapartida, a fim de sustentar a visão positiva do ‘self’ britânico a Campanha do *Leave* representa negativamente os antagonistas, os inimigos da nação, sobretudo os imigrantes e refugiados racializados como negros vindos de países de maioria islâmica. Esses sujeitos foram associados a significantes ligados à pobreza, violência, criminalidade, má educação, terrorismo; estabelecendo uma atmosfera de medo, ansiedade e pânico moral.

Diante disso, aponte uma inconsistência nessa construção discursiva do povo britânico como uma nação tolerante em que as etnias vivem em harmonia e nos convidei a refletir sobre essa contradição. Para tanto, dedique uma atenção especial ao cartaz “*Breaking point: the EU has failed us all*” (Figura 15) por causa da polêmica e das críticas que suscitou no dia do seu lançamento, retirado logo de circulação pelo próprio Farage, que, no entanto, não admitiu nem reconheceu o tom racista e xenófobo do cartaz.

Percebemos que a representação negativa dos imigrantes, inclusive como uma ameaça simbólica às normas e cultura britânicas, contrasta com a própria representação positiva do ‘self’ britânico como o povo mais aberto e tolerante ao ‘outro’ do mundo. Por meio dessa lógica dicotômica da Campanha de ‘nós’ *versus* ‘eles’, os políticos engajam-se em um discurso racista e xenófobo sem torná-lo explícito ainda que de quando em vez seja necessária a negação explícita do racismo.

Outra inconsistência que me levou a defender a presença da racialização e da defesa da branquitude de forma velada na Campanha do *Leave* foi o fato de o Reino Unido nunca ter feito parte do Espaço Schengen e de ter, legalmente pela legislação da UE, o poder de vetar a adesão da Turquia e outros Estados ao bloco, mas mesmo assim a chegada de imigrantes específicos desse país desempenhava um apelo afetivo potente nos discursos da Campanha.

Em paralelo, propus que refletíssemos sobre este dilema: de que modo podemos compreender a (re-)produção do racismo nos discursos da Campanha do *Leave* se ele opera de forma velada?

Diante disso, identifiquei possíveis caminhos para compreender o racismo e o apelo à branquitude subjacentes à Campanha do *Leave*, a saber: o impacto no contexto social tendo em vista o aumento dos casos e denúncias de crimes de ódio e violência contra minorias étnicas (SUDARSHAN, 2017); a ‘desracialização discursiva’ associada à ‘*truth talk*’ (DURRHEIM ET AL., 2018); a denegação do racismo (MANDELBAUM, 2020); e a vitimização, ou seja, a estratégia de colocar-se discursivamente no lugar de ‘vítima’ quando acusado de racismo, intolerância e xenofobia, uma espécie de inversão discursiva, que foi bastante comum no discurso de Farage.

Percebemos, pois, que os discursos da Campanha do *Leave* tratam não apenas da questão da economia, do bem estar e da segurança pública, questões explicitamente abordadas pela Campanha, mas também, existe subjacente a esses discursos a perda das características do povo britânicas racializadas como brancas, logo, merecedoras e dignas. Opera, pois, a lógica velada da defesa da branquitude que, estaria ameaçada e se perdendo, com a chegada desses imigrantes e que, permanecendo na UE, seria impossível de ser retomada.

## 5 Considerações finais

Ao longo desta Dissertação, o meu objetivo foi compreender a mobilização, por parte de discursos a favor do Brexit, de imagens da cultura britânica, já carregadas de afetos, e as relações entre essas imagens, levando em consideração a categoria de raça. Concomitantemente, analisei o apego de alguns segmentos da população britânica a imagens dominantes de povo britânico, socialmente construídas e reproduzidas, inclusive por discursos pró-Brexit: o NHS, a fronteira nacional, a Commonwealth.

Para tanto, parti dos seguintes problemas: por que esses discursos tiveram tanto apelo e ressonância em certos segmentos da população? Quem foi interpelado por esse discurso, ou seja, quais os segmentos da população e grupos demográficos votaram a favor do Brexit? Quais emoções foram mobilizadas nesse processo?

A minha hipótese era que os discursos proferidos em prol do Brexit tiveram um relevante papel político para direcionar emotivamente determinados segmentos da população, por exemplo, uma classe branca trabalhadora ressentida, que foi discursivamente construída pelos próprios discursos da Campanha do *Leave*. Dito de outro modo, a campanha a favor do voto *Leave*, antes do referendo de 2016, e os discursos pró-Brexit, em geral, conseguiram entender e canalizar melhor uma determinada atmosfera afetiva.

Inicialmente, percebi, ao realizar uma revisão de literatura sobre as condições de possibilidade do Brexit que o argumento dominante sobre a vitória do voto *Leave* era de responsabilidade dessa classe branca trabalhadora, habitante, sobretudo, do norte da Inglaterra, deixada para trás do processo de globalização, interpretada também como perdedora da globalização (COYLE, 2016; GOODWIN; HEATH, 2016b). Uma crítica a essa perspectiva dominante foi o fato de as evidências mostrarem que, na prática, o apoio mais significativo ao voto *Leave* teria vindo de uma classe média em declínio econômico (ANTONUCCI ET AL., 2017). Contudo, ainda que essa perspectiva tenha contribuído para problematizar a homogeneidade e a centralidade da classe trabalhadora na literatura dominante, essa nova visão ainda reproduzia os mesmos termos

econômicos da ‘classe social’, continuava com a predominância dessa única categoria analítica.

Por isso, a fim de entender o silêncio da categoria de ‘raça’ no Brexit e sua imbricação com classe, trouxe o pensamento de Emejulu (2016), Bhambra (2017) e Shilliam (2018). A partir de uma análise diligente de Shilliam (2018, p. 154), observou-se que a ‘classe trabalhadora branca’ nunca foi um eleitorado autônomo e independente, mas sim, um artefato articulado pela elite política ao longo da história do Reino Unido, que construiu esse eleitorado como membros “merecedores” ou dignos da sociedade do Reino Unido que devem ser protegidos pela política anti-imigração como uma estratégia de dominação das elites políticas.

Além disso, durante a análise do material empírico, no capítulo 4, percebi que o lado dos apoiadores ao *Remain* não conseguiu oferecer uma resposta eficiente para a questão da chegada dos imigrantes, que acabou dominando o debate do Brexit e que foi retratada pelos políticos da Campanha do *Leave* como descontrolada e periclitante. O lado *Remain* não conseguiu defender a presença e importância dos imigrantes na sociedade britânica para além dos termos econômicos, dos gráficos e das estatísticas, argumentando que eles contribuíram para o crescimento da economia nacional e do progresso. O lado *Leave*, por sua vez, tratou de explorar o apelo afetivo em torno da representação negativa, por meio do discurso, da imigração e dos imigrantes, canalizando insatisfações populares em direção a esses sujeitos.

Diante disso, acredito que a análise afetiva que fiz sobre a Campanha corrobora com a visão de Shilliam (2018) acerca da instrumentalização política da classe trabalhadora branca por parte de discursos políticos da elite. Vimos que tanto Michael Gove quanto Nigel Farage, por meio de deslocamentos discursivos, colocavam-se deliberadamente como próximos do povo ou porta-voz do povo comum britânico ao mesmo tempo que se distanciavam da elite econômica e política do país, a qual, para tanto, foi associada ao *establishment*, ou seja, a Cameron e ao grupo *Remain* alinhados com os interesses da UE. Logo, o que os políticos apoiadores da Campanha do *Leave* fizeram foi sintonizar as suas próprias insatisfações com a atmosfera de insatisfação popular da classe trabalhadora.

Quanto à instrumentalização política da classe trabalhadora, aqueles que podem ser considerados parte desse grupo teriam votado menos por um interesse trabalhista de classe do que por uma melancolia racializada na tentativa de resgatar os benefícios simbólicos que essa classe gozava ao terem a sensação de pertencer à branquitude e às suas promessas.

A branquitude oferece proteções limitadas contra as perdas materiais e simbólicas das décadas de neoliberalização da econômica, da política e, até mesmo, da vida cotidiana. A perda dos deixados para trás associa-se ao ganho das elites mais cosmopolitas e internacionalizadas na Campanha do *Leave*. Ao mesmo tempo, as perdas materiais sentidas pela classe trabalhadora não se deu de modo uniforme, mas variam conforme a racialização dos corpos.

Os grupos deixados para trás, tanto as classes trabalhadoras racializadas como brancas quanto as racializadas como negras sofreram perdas significativas nesse processo de constante privatização onde impera os interesses mercadológicos do grande capital e do *business*. Ambos estão ligados pela humilhação, dor e perda; porém, as fraquezas e vulnerabilidades deles se diferem.

Primeiro porque há uma diferença radical “nas respostas (...) dadas pela classe trabalhadora branca e pela classe trabalhadora negra aos deslocamentos e rebaixamentos causados pelos efeitos econômicos neoliberais. Apenas aquela é lesada por seu destronamento” (BROWN, 2019, p. 215).

Segundo, porque, historicamente, a distribuição de vulnerabilidade social se deu de modo desigual entre os trabalhadores racializados brancos e os racializados negros. A vulnerabilidade social para Shilliam (2018) está intimamente atrelada à classe e à raça. Portanto, as oportunidades destinadas a trabalhadores brancos e negros já não eram as mesmas e tampouco os benefícios materiais e simbólicos das décadas do Estado de Bem-estar Social no Reino Unido contemplaram todos eles igualmente; na prática, prevaleceu uma série de restrições informais baseadas na cor da pele, na aparência e na nacionalidade, resquícios de séculos de escravidão.

A vitória do voto *Leave* se encaixa, por um lado, nas frustrações com décadas de políticas econômicas neoliberais responsáveis por dismantlar o compacto nacional, por impor uma agenda centrada na privatização, na desregulamentação e na austeridade que, por conseguinte, enfraqueceu os sindicatos e resultou na precarização do trabalho. Por outro lado, o Brexit também

resulta de uma insatisfação com as propostas e promessas não cumpridas dos governos da socialdemocracia na Europa que, de certa forma, corroboram com a hegemonia neoliberal, aceitando os termos do debate neoliberal e governando e fazendo política através do consenso.

Embora haja influência e responsabilidade do neoliberalismo nesse fluxo de descontentamento, a Campanha do *Leave* canalizou o ressentimento e as insatisfações populares em direção aos inimigos da nação – os imigrantes, a UE –, mantendo o sistema neoliberal incólume a críticas. Vimos que tanto os refugiados e imigrantes racializados negros que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social, cuja presença no território nacional é repudiada e vista como ameaçadora, quanto a UE foram emocionalmente construídos como os antagonistas da fantasia do Brexit.

De acordo com a Campanha do *Leave*, as ameaças vêm de fora, vêm dos imigrantes não brancos que tentam a todo custo beneficiar-se da abertura e compaixão da nação britânica; vêm da UE que também se beneficiou da nação britânica e traiu essa união ao impor políticas comuns que reduziram a autonomia e a capacidade do Reino Unido de criar suas próprias leis e administrar seus próprios recursos financeiros; vêm das elites domésticas que alinham a essas instituições europeístas e internacionais negligenciando, ou relegando para segundo plano, os interesses da sua própria nação.

Ademais, outra incongruência da Campanha do *Leave* que me levou a defender a presença da racialização e da defesa da branquitude de forma velada na Campanha foi o fato de o Reino Unido nunca ter feito parte do Espaço Schengen e de ter, legalmente pela legislação da UE, o poder de vetar a adesão da Turquia e outros Estados ao bloco, mas mesmo assim a chegada de imigrantes específicos desse país desempenhava um apelo afetivo potente nos discursos da Campanha.

A minha análise do discurso afetiva mostrou que a Campanha do *Leave* buscou estabelecer uma relação triangular entre o povo britânico, o “*underdog*” – os imigrantes racializados como negros – e a elite política doméstica alinhada com os interesses da União Europeia. O *underdog* seriam aqueles grupos, de acordo com Stavrakakis (2014, p. 506), que são “marginalizados da participação política, excluídos do gozo de direitos políticos e recompensas socioeconômicas”<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> No original, “marginalized from political participation, excluded from the enjoyment of political rights and socioeconomic rewards” (STAVRAKAKIS, 2014, p. 506).

Assim, na construção discursiva da Campanha, O *underdog* estaria associada à chegada descontrolada dos imigrantes representados como (portadores de características indignas ou não merecedoras que foram historicamente racializados como negras no Reino Unido. Dentro do *underdog* estariam os refugiados, os imigrantes de países de maioria islâmica, mobilizados pelas figuras da Campanha, nutrindo o pânico moral por representarem supostamente um perigo à segurança nacional e uma ameaça simbólica à nação.

Ao estabelecer essa relação, percebo que tanto a elite quanto o *underdog* são posicionados discursivamente no lugar do outro ou do vilão nessa narrativa, uma suposta coalizção, na lógica dos apoiadores do *Leave*, uma vez que a UE desempenha também o papel de antagonista e é responsabilizada pela sua incompetência ou falta de vontade, segundo a Campanha do *Leave*, em lidar com as crises, sobretudo a dos refugiados, que ameaçam a própria segurança da nação, expondo-a e ao seu povo a uma situação de vulnerabilidade. A UE é encarada como traidora por, supostamente, alinhar-se aos interesses do *underdog* e, assim, se aproveitar da abertura (*openness*) do Reino Unido e alijar-se dos interesses nacionais do povo britânico.

Observei que os discursos da Campanha do *Leave* tratam não apenas da questão da economia, do bem-estar e da segurança pública, questões explicitamente abordadas pela Campanha, mas também, a análise do discurso afetiva nos possibilitou entender que existe subjacente a esses discursos a perda das características do povo britânico racializadas como brancas, logo, merecedoras e dignas. Opera, pois, a lógica velada da defesa da branquitude que, estaria ameaçada e se perdendo, com a chegada desses imigrantes e que, permanecendo na UE, seria impossível de ser retomada.

Aponte que a linguagem da Campanha do *Leave* constrói-se em imprecisões e deslizamentos discursivos, o que foi observado no discurso de Michael Gove, que pretendia distanciar-se discursivamente dos experts e da elite política do país ao dizer que está ao lado do povo, que entendia os interesses e necessidades do povo, que a política tradicional tinha negligenciado o povo nacional e focado demasiadamente nos interesses da UE.

Tendo em vista essas flutuações no discurso da Campanha, defendi que a questão da raça/racialização também não passaria incólume às imprecisões e deslizamentos discursivos na Campanha do *Leave*.

Uma das incongruências que identifiquei na Campanha referia-se à representação positiva do povo britânico como o mais tolerante em relação à imigração na Europa e como harmonicamente multiétnico e multicultural. Em contrapartida, o modo pelo qual os imigrantes racializados como não brancos foram representados, na Campanha, contradiz a própria representação positiva do ‘self’ nacional. Percebi, pois, que essa contradição podia ser explicada porque a defesa da branquitude opera nos discursos da Campanha do *Leave* de modo velado. Sendo assim, propus que refletíssemos sobre este dilema: de que modo se pode compreender a (re-)produção do racismo nos discursos da Campanha do *Leave* se ele opera de forma velada?

Como a questão da raça não aparecia de modo explícito na Campanha, foi necessário lidar com essa contradição e entender como seria possível identificar o apelo afetivo da branquitude se a questão da raça estava oculta nesses discursos. Acredito que esse problema pode ser compreendido a partir das construções discursivas contraditórias, dos silêncios em torno da questão da raça no debate do referendo e da negação do próprio racismo. Identifiquei algumas características para tratar desse responder à pergunta levantada: a ‘desracialização discursiva’; a ‘*truth talk*’ associada à negação do tom racista e xenófobo da Campanha; o impacto desses discursos e figuras na sociedade britânica tendo em vista o aumento nas denúncias e casos de violência e intolerância com minorias étnicas e imigrantes; e a vitimização discursiva, por exemplo, a postura de Nigel Farage perante as críticas.

Vimos que a defesa da branquitude ameaçada do Reino Unido está presente na Campanha do *Leave* de modo implícito, já que o racismo atravessa essas construções discursivas ainda que de maneira velada. Os apoiadores da Campanha do *Leave* nunca aceitaram que o tom do discurso e figuras da Campanha era ‘racista’ e xenófobo. Em contrapartida, ao alertar sobre o problema da imigração em massa para o Reino Unido, a Campanha enfatiza a chegada de imigrantes racializados como não brancos, islâmicos violentos, pobres e refugiados, que estava supostamente fora de controle, tratando todos esses sujeitos sob o significante ‘imigrantes’ fazendo parecer que a imigração era apenas sobre sujeitos não brancos, embora em nenhum momento a Campanha tenha tocado diretamente na questão da raça; nisso consiste a ‘desracialização discursiva’ da Campanha do *Leave*.

Por significantes mestres, refiro-me a palavras, conceitos, termos privilegiados que se conectam a outras palavras e conceito para ordenar e estruturar o campo do discurso (LACAN, 1985). Eles possibilitam a estabilidade temporária das identidades. Esses significantes mestres são, em geral, explícitos já que tem essa função estruturante do sentido de um discurso; no entanto, conforme observamos nos discurso da Campanha do *Leave*, a branquitude tornou-se um significante mestres oculto pelo fato de não ser aberta e explicitamente evocada e defendida na Campanha, mas cuja presença e influência podem ser averiguadas por meio da análise de discurso afetiva e da contribuição da psicanálise lacaniana, como vimos: dos silêncios, da negação do racismo, da estratégia de colocar-se no lugar de ‘vítima’ ameaçada em seu próprio país e inclusive perseguida politicamente, da ‘desracialização discursiva’. Diante disso, temos vestígios de como opera o apego à branquitude enquanto significante mestre oculto na Campanha do *Leave*.

Acresce dizer que o meu objetivo com essa pesquisa não era esgotar o tema do Brexit, mas oferecer uma nova interpretação sobre esse fenômeno político complexo, buscando compreender a vitória do *Leave* a partir de uma análise afetiva que levasse em consideração o apelo emocional dos discursos e dos significantes já saturados de afeto no imaginário coletivo. Espero, destarte, contribuir para a área dos estudos de afetos e emoções em política mundial sobre a força emocional de discursos políticos e dos investimentos afetivos na nação além de apontar novas interpretações e investigações sobre o Brexit a partir de uma análise afetiva que ilumine a persistência da categoria de raça no discurso do Brexit.

A análise do discurso afetiva levantou algumas pistas para pesquisas futuras, por exemplo, o papel político desempenhado pelas emoções e a relevância das *fake news* – e o apego a elas durante a Campanha em 2016 – e a circulação dessas notícias pela mídia e pelas redes sociais a fim de entender a interação da população britânica com esse material e o os significantes mobilizados por essas ‘notícias falsas’. Compreender o apelo afetivo das ‘fake news’ faz-se relevante porque o próprio Dominic Cummings admitiu publicamente, um ano depois do referendo, que o voto *Leave* ganhou porque a Campanha mentiu para o público<sup>149</sup>.

<sup>149</sup> PEAT, JACK. Vote Leave director admits they won because they lied to the public. **The London Economic**, News, Politics, 02 ago. 2017. Disponível em: <

Outra pista levantada refere-se a uma abordagem historicista, que trace uma genealogia das emoções. Aqui proponho pensar o Brexit dentro da história do Reino Unido, mas tendo como foco o papel político das emoções ou a progressão histórica do apelo afetivo dos discursos dos políticos apoiadores do *voto Leave* anos antes do referendo. O resultado do Brexit se apresenta aqui como a expressão ou manifestação de uma sociedade que busca entender o seu lugar no sistema internacional em constante mudança, em um cenário em que vê diminuir a sua influência e o seu poder. Por conseguinte, a Campanha do *Leave* mobilizada a *Commonwealth* como um significante saturado de afeto que possa servir para superar essa crise e decadência nacional, tendo em vista os laços históricos com as antigas colônias ancorados na fantasia da grandeza nacional ou de uma época de ouro roubada do *self* britânico.

Por fim, a questão do gênero enquanto categoria analítica e a generificação do tom do discurso da Campanha como masculinista baseado em uma retórica de guerra da nação como um corpo vulnerável e dos imigrantes como inimigos invasores que precisam ser combatidos. A minha pesquisa centrou-se na categoria da raça, negligenciada na visão dominante sobre o Brexit, e nas representações racializadas dos imigrantes indesejados como negras e do *self* britânico como branco. Uma vez que esse apelo e defesa à branquitude nacional eram velados na Campanha do *Leave*, observei que a branquitude funcionava como um significante mestre oculto nos discursos e figuras da Campanha. Embora a minha pesquisa não tenha tratado da categoria de gênero através dos discursos da Campanha, essa análise levantou pistas para abordar em pesquisas futuras a triangulação raça, classe e gênero nos discursos da Campanha, uma vez que mostrei que Nigel Farage mobilização a imagem de imigrantes homens islâmicos como potenciais estuprados que colocariam não apenas as mulheres britânicas em risco, mas também a nação, que se torna um corpo feminilizado ameaçado.

Em suma, o Brexit tornou-se um significante, uma aspiração e uma demanda para os quais vários desejos – ainda que, às vezes, divergentes – de reparação e satisfação poderiam ser canalizados. Particularmente, a Campanha do *Leave* foi construída em torno de uma narrativa que prometia resgatar a liberdade, soberania e controle perdidos além da subjetividade e agência do povo britânico.

Essa narrativa explorou significantes historicamente já saturados de afeto no imaginário coletivo e que, portanto, exerceram um apelo afetivo com a qual segmentos da população favoráveis à retirada do Reino Unido da UE se identificaram.

## 6

### Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: \_\_\_\_\_ (Eds.). **Language and the politics of emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-23, 1990.

ADAM, Rudolf. **Brexit: causes and consequences**. Cham: Springer, 2020.

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

AHMED, Sarah. Declarations of whiteness: the non-performativity of anti-racism. **Borderlands** 3(2), 2004.

AISCH, Gregor; PEARCE, Adam; RUSSEL, Karl. How Britain voted in the E.U. Referendum. **New York Times**, 24 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/interactive/2016/06/24/world/europe/how-britain-voted-brexit-referendum.html> > Acesso em 08 dez. 2021.

ALABRESE, Eleonora; BECKER, Sascha; FETZER, Thiemo; NOVY, Dennis. Who voted for Brexit? Individual and regional data combined. **European Journal of Political Economy**, 56, 132-150, 2019.

ANTONUCCI, Lorenza; HORVATH, Laszlo. KUTIYSKI, Yordan. KROUWEL, André. The malaise of the squeezed middle: Challenging the narrative of the 'left behind' Brexiter. **Competition & Change**, 21(3), p. 211-229, 2017.

ASHCROFT, Lord Michael. How the United Kingdom voted on Thursday... and why. **Lord Ashcroft Polls**, Europe, Referendum, Friday, 24 June, 2016. Disponível em: < <https://lordashcroftpolls.com/2016/06/how-the-united-kingdom-voted-and-why/> > Acesso em 18 jul 2022.

BARR, Nicholas. Letter to friends: this is why I will vote Remain in the referendum. **The London School of Economics and Political Science**. Londres, 2016. Disponível em: < <http://blogs.lse.ac.uk/brexit/2016/05/27/dear-friends-this-is-why-i-will-vote-remain-in-the-referendum/> > Acesso em 17 out. 2018.

BBC – British Broadcasting Corporation. Migração: o drama que comoveu o mundo e dividiu a Europa. Internacional, **BCC Brasil**, 2021. Disponível em: < <https://bbc.in/3ByUe1C> > Acesso em 03 jul. 2022.

BBC News. “Migrant crisis: Farage says EU ‘mad’ to accept so many”. **BBC**, UK politics, 9 set. 2015. Disponível em: < <http://www.bbc.com/news/uk-politics-34197707> > Acesso em 22 ago. 2022.

BBC News. Immigration focus is turning point in EU campaign, says Farage. **BBC**, UK politics, 3 jun. 2016a. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/uk-politics-eu-referendum-36444014> > Acesso em 11 ago. 2022.

BBC NEWS. Labour MP Jo Cox 'murdered for political cause'. **BBC**, UK politics, 14 nov. 2016b. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/uk-37978582> > Acesso em 11 ago. 2022.

BECKER, Sascha; FETZER, Thiemo; NOVY, Dennis. Who voted for Brexit? A comprehensive district-level analysis. *Economic Policy*, Volume 32, Issue 92, 601-650, Outubro 2017.

BHAMBRA, Gurminder. Brexit, Trump, and ‘methodological whiteness’: on the misrecognition of race and class. *The British Journal of Sociology*, vol. 68 (S1), 2017. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-4446.12317> > Acesso em 15 jul. 2022.

BHAMBRA, Gurminder. Locating Brexit in the Pragmatics of Race, Citizenship and Empire. IN: OUTHWAITE, William (org.). **Brexit: Sociological Responses**. Londres: Anthem Press, 2017.

BLOOM, DAN. Nigel Farage complains HE’S the victim of hate as MPs unite to condemn his ‘Nazi propaganda’ poster. **Mirror UK News**, 19 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.mirror.co.uk/news/uk-news/nigel-farage-complains-hes-victim-8230011> > Acesso em 25 ago. 2022.

BOTTERILL, Katherine; BURRELL, Kathy. (In)visibility, privilege and the performance of whiteness in Brexit Britain: Polish migrants in Britain’s shifting migration regime. IN: BURRELL et al. *Brexit, race and migration. Environment and Planning C: Politics and Space* 1-38, 2018.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

CAMPOS, Nauro. Lousy experts: Looking back at the ex ante estimates of the costs of Brexit. IN: BALDWIN, Richard (org.). **Brexit Beckons**: thinking ahead by leading economists. Londres: Centre for Economic Policy Press, 2016, p. 35-

42. Disponível em: < <https://voxeu.org/content/brexit-beckons-thinking-ahead-leading-economists> > Acesso em 15 jul. 2022.

CHAKRABORTTY, Aditya. One blunt heckler has revealed just how much the UK economy is failing us. **The Guardian**. Economics, 10 jan 2017. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/10/blunt-heckler-economists-failing-us-booming-britain-gdp-london> > Acesso em 20 jun 2022.

CHANCELLOR, Alice. The impotent man: how constructed UK/EU gender identities legitimised Brexit. **E-relations**, 2020. Disponível em: < <https://www.e-ir.info/2020/08/06/the-impotent-man-how-constructed-uk-eu-gender-identities-legitimised-brexit/> > Acesso em: 14 jan. 2021.

CLARKE, Harold; GOODWIN, Matthew; WHITELEY, Paul. **Brexit: why Britain voted to leave the European Union**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

CLÉMENT, Maéva; SANGAR, Eric. Introduction: methodological challenges and opportunities for the Study of Emotions. In: \_\_\_\_\_. (orgs.) **Researching Emotions in International Relations: methodological perspectives on the emotional turn**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: the creation of the Mods and Rockers**. Londres: Routledge, 2022.

COLANTONE, Italo; STANIG, Pietro. Global competition and Brexit. **American Political Science Review**, volume 112, issue 2, p. 201-218, 25 mar 2018.

COLE, Neal. Psychology behind UK leaving EU. **Conversion Uplift**, 24 jun 2016. Disponível em: < <https://www.conversion-uplift.co.uk/psychology-behind-uk-leaving-eu/> > Acesso em 25 jun. 2022.

COLLINS, Jane. Muslim men have been carrying out sex attacks in the UK for over 20 years and that threat continues with migration from Muslim countries. **Twitter**: @Jane\_CollinsMEP, 5 jun. 2016. Disponível em: < [https://twitter.com/intent/like?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E739383161990316032%7Ctwgr%5E80dc12bf882e5145966fda8868dad1d17d677bb5%7Ctwcon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.theguardian.com%2Fpolitics%2F2016%2Fjun%2F05%2Fnigel-farage-migrant-sex-attacks-to-be-nuclear-bomb-of-eu-referendum&tweet\\_id=739383161990316032](https://twitter.com/intent/like?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E739383161990316032%7Ctwgr%5E80dc12bf882e5145966fda8868dad1d17d677bb5%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.theguardian.com%2Fpolitics%2F2016%2Fjun%2F05%2Fnigel-farage-migrant-sex-attacks-to-be-nuclear-bomb-of-eu-referendum&tweet_id=739383161990316032) > Acesso em 21 ago. 2022.

COSTA, Karla. **Science as feeling**: the emotions of the Flat Earth movement and its political alignments. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

COYLE, Diane. Brexit and globalisation. IN: BALDWIN, Richard (org.). **Brexit Beckons**: thinking ahead by leading economists. Londres: Centre for Economic Policy Press, 2016, p. 23-27. Disponível em: < <https://voxeu.org/content/brexit-beckons-thinking-ahead-leading-economists> > Acesso em 15 jul. 2022.

CRAWFORD, Neta. The Passion of World Politics. Propositions on Emotion and Emotional Relationships. **International Security** 24 (4): 116-156, 2000.

DAHLGREEN, Will. The British Empire is ‘something to be proud of’. **YouGov**, 2014. Disponível em: < <https://yougov.co.uk/topics/politics/articles-reports/2014/07/26/britain-proud-its-empire> > Acesso em 06 dez. 2021.

DE SENARCLENS, Pierre. Psychoanalysis and the Study of Emotions in IR. In: ARRIFIN, Yohan; COICAUD, Jean-Marc; POPOVSKI, Vesselin (orgs.). 2016. *Emotions in International Politics: beyond mainstream International Relations*. New York: Cambridge University Pres. P.168-183, 2016.

DOMINICZAK, Peter; MCCANN, Kate. Michael Gove: We are powerless to stop terror suspects coming to the UK because of EU rules. **The Telegraph**, 2 jun. 2016 Disponível em: < <https://www.telegraph.co.uk/news/2016/06/01/michael-gove-we-are-powerless-to-stop-terror-suspects-coming-to/> > Acesso em 19 ago. 2022.

DORLING, Danny. Brexit: the decision of a divided country. **BMJ**, 2016. Disponível em: < [https://www.dannydorling.org/wp-content/files/dannydorling\\_publication\\_id5564.pdf](https://www.dannydorling.org/wp-content/files/dannydorling_publication_id5564.pdf) > Acesso em 08 dez. 2021.

DOWLING, Emma. The social structure of Brexit and the crisis of globalisation. **Österreich Zeitschrift für Soziologie** 46, 257–277, 2021.

DURRHEIM, Kevin; MUKADDER, Okuyan; TWALI, Michelle; GARCÍA-SÁNCHEZ, Efraín; PEREIRA, Adrienne; PORTICE, Jenni.; GUR, Tamar; WIENER-BLOTNER, Ori; KEIL, Tina. How racism discourse can mobilize right-wing populism: the construction of identity and alliance in reactions to UKIP’s Brexit “Breaking point” campaign. **J Community Appl Soc Psychol.**, 28, p. 385-405, 2018.

EBERLE, Jakub. Narrative, desire, ontological security, transgression: fantasy as a factor in international politics. **Journal of International Relations and Development**, 2017.

EDINGER, Harald. Fear in International Relations. **E-IR**, 2020. Disponível em: < <https://www.e-ir.info/2020/11/01/fear-in-international-relations/> > Acesso em 03 maio 2021.

ELGOT, Jessica; MASON, Rowena. Nigel Farage: migrant sex attacks to be ‘nuclear bomb’ of EU referendum. **The Telegraph**, Brexit, 5 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/politics/2016/jun/05/nigel-farage-migrant-sex-attacks-to-be-nuclear-bomb-of-eu-referendum> > Acesso em 18 ago. 2022.

EMEJULU, Akwugo. On the hideous whiteness of Brexit: “let us be honest about our past and our present if we truly seek to dismantle white supremacy”. **Verso**, 28 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.versobooks.com/blogs/2733-on-the-hideous-whiteness-of-brexit-let-us-be-honest-about-our-past-and-our-present-if-we-truly-seek-to-dismantle-white-supremacy> > Acesso em 08 dez. 2021.

European Union Referendum Act 2015. Government Bill. House of Commons, session 2015-16. 18 dez 2015. Disponível em: < <https://bills.parliament.uk/bills/1570> > Acesso em 2 jul. 2022.

FARAGE, Nigel. Let June 23 be the UK’s Independence Day. **ITV NEWS**, 24 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JOOm31Y0wAE> > Acesso em 05 set. 2022.

FARAGE, NIGEL. UKIP'S Nigel Farage on the EU vote and mass immigration. Entrevista concedida a Piers Morgan e Susanna Reid. **Good Morning Britain**, 14 mar. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BINI3ef-j5M> > Acesso em 25 ago. 2022.

FERREIRA, Renata. **A ONU e a OMS no divã**: o movimento de securitização do trauma em processos de reconstrução de Estados pós- conflito. Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

FINLAY, Rob. et al. Race, place and young people in the age of Brexit. IN: BURRELL et al. Brexit, race and migration. **Environment and Planning C: Politics and Space** 1-38, 2018.

FISHER, Paul; NANDI, Alita. Poverty across Ethnic Groups through Recession and Austerity, **JRF - Joseph Rowntree Foundation**, 30 March 2015. Disponível

em: < <https://www.jrf.org.uk/report/poverty-across-ethnicgroups-through-recession-and-austerity> > Acesso em 24 jul 2022.

FOX, J.; MOROȘANU, L.; SZILASSY, E. The racialization of the new European migration to the UK. **Sociology** 46(4): 680-695, 2012.

GESTEL, Alex Van. Emotion gave *Leave* vote the advantage. **Campaign Live**. 29 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.campaignlive.co.uk/article/emotion-gave-Leave-vote-advantage/1400623> > Acesso em 2 jul. 2022.

GILROY, Paul. **After empire: melancholia or convivial culture?** Oxfordshire: Routledge, 2004.

GILROY, Paul. **Postcolonial melancholia**. New York: Columbia University Press, 2005.

GO – Grassroots Out. Disponível em: < <https://grassrootsout.co.uk> > Acesso em 27 jun. 2022.

GOODMAN, Simon. Is the Archbishop of Canterbury right to say it is not racist to oppose immigration? **Independent**, UK Politics, 13 mar 2016. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/news/uk/politics/immigration-archbishop-of-canterbury-justin-welby-is-it-not-racist-a6928701.html> > Acesso em 21 ago. 2022.

GOODWIN, Matthew; HEATH, Oliver. Brexit vote explained: poverty, low skills and lack of opportunities. **JRF**, Joseph Rowntree Foundation, 31 ago 2016a. Disponível em: < <https://www.jrf.org.uk/report/brexit-vote-explained-poverty-low-skills-and-lack-opportunities> > Acesso em 23 jul 2022.

GOODWIN, Matthew; HEATH, Oliver. The 2016 referendum, Brexit and the left behind: an aggregate-level analysis of the result'. **Political Quarterly** Vol. 87 (3), 323-332, July-September 2016b.

GOVE, Michael. Sky News – EU: In or OUT? Michael Gove Live – 3rd June 2016. **TV Live News**, 4 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-x3E5SE524Q> > Acesso em 27 jun 2022.

GREEN, David. Can the United Kingdom government legally disregard a vote for Brexit? **Financial Times**, 14 jun 2016. Disponível em: < <https://www.ft.com/content/5b82031e-1056-31e1-8e0e-4e91774e27f1> > Acesso em 2 jul. 2022.

GUNDERMAN, Richard. World's deadliest inventor: Mikhail Kalashnikov and his AK-47. **The Conversation**, 8 nov. 2019. Disponível em: <

- <https://theconversation.com/worlds-deadliest-inventor-mikhail-kalashnikov-and-his-ak-47-126253> > Acesso em 22 ago. 2022.
- HAGE, Ghassan. **White Nation**: fantasies of white supremacy in a multicultural society. Nova York: Routledge, 2000.
- HALDANE, Andy. ‘Whose Recovery?’ speech. 2016. Disponível em: < <https://www.bankofengland.co.uk/speech/2016/whose-recovery> > Acesso em 27 jun. 2022.
- HALL, Macer. MADDOX, David. Farage Speech: Controlling Mass Immigration While Britain Remains Part Of EU is Impossible. **Express**, News, Politics, 29 abr. 2016. Disponível em: < <http://www.express.co.uk/news/politics/665446/Nigel-Farage-Ukip-control-immigration-leave-EU-referendum-June> > Acesso em 27 ago. 2022.
- HAWKES, Steve. Stuffed by Turkey: more than 700,000 Turks ‘will flock to live and work in Britain after country joins EU’. **The Sun**, Politics, 12 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.thesun.co.uk/news/1271200/more-than-100000-turks-a-year-will-flock-to-britain-after-it-joins-the-eu-pushing-net-migration-to-a-staggering-420000/> > Acesso em 22 ago. 2022.
- HAWKINS, Monique. The ‘faceless bureaucrats’ of Brussels stood up for our rights while England’s defenders of liberty hung us out to dry. **Politics.co.uk**. 5 set. 2018. Disponível em: < <https://www.politics.co.uk/comment-analysis/2018/09/05/the-faceless-bureaucrats-of-brussels-stood-up-for-our-rights-while-englands-defenders-of-liberty-hung-us-out-to-dry/> > Acesso em 2 jul. 2022.
- HILL, Simon. Brexit, the American Revolution, and the problem with ‘independence day’. **CIGH Exter**, 26 jul. 2016. Disponível em: < <https://urlz.fr/9FDm> > Acesso em 26 ago. 2022.
- HOBBS, Thomas. 1998. **Leviathan**. Oxford: Oxford University Press.
- HOBOLT, Sara. The Brexit vote: a divided nation, a divided continent. **Journal of European Public Policy**, 23:9, 1259-1277, 2016.
- HOOK, Derek. What is Enjoyment as a political factor?. **Political Psychology**, Vol. XX, nº XX, 2017.
- HUTCHISON, Emma. ‘Why study emotions in International Relations?’. **E-IR**, 2018. Disponível em: < <https://www.e-ir.info/2018/03/08/why-study-emotions-in-international-relations/> > Acesso em 03 maio 2021.

HUTCHISON, Emma; BLEIKER, Roland. Theorizing Emotions in World Politics. **International Theory**, v. 6 (03), p. 491-514, 2014.

HUTTON, Robert. Brexit TV Special sees Cameron, Farage push core messages. **Bloomberg**, Business, 7 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-06-07/brexit-tv-special-sees-cameron-farage-focusing-on-core-messages> > Acesso em 26 ago. 2022.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash. **HKS**, Faculty Research Working Paper Series RWP16-026, August 2016. Disponível em: < <https://www.hks.harvard.edu/publications/trump-brexit-and-rise-populism-economic-have-nots-and-cultural-backlash> > Acesso em 20 jul 2022.

JOHNSTON, Ron.; MANLEY, David.; JONES, Kelvyn. Geographies of Brexit and its aftermath: voting in England at the 2016 referendum and the 2017 general election. **Space and Polity**, vol. 22 (2), p. 162–187, 2018.

JOHNSTON, Ron.; MANLEY, David.; JONES, Kelvyn. Geographies of Brexit and its aftermath: voting in England at the 2016 referendum and the 2017 general election. **Space and Polity**, 1–26. Doi:10.1080/13562576.2018.1486349, 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KINNVALL, Catarina. 'Ontological Insecurities and Postcolonial Imaginaries: The Emotional Appeal of Populism'. **Humanity & Society** 42 (4): 523–43, 2018.

KLERES, Jochen. Emotions and Narrative Analysis: a methodological approach. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 41, n. 2, p. 182-202, 01 jun. 2011.

KOSCHUT, Simon. Discourse and emotions in International Relations. **International Studies Review**, vol. 19(3), p. 481–508, September 2017.

KOSCHUT, Simon. Speaking from the Heart: Emotion Discourse Analysis in International Relations. In: CLÉMENT, M.; SANGAR, E. (orgs.) **Researching Emotions in International Relations: methodological perspectives on the emotional turn**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018a.

KOSCHUT, Simon. The Power of (Emotion) Word: on the importance of emotions for discourse analysis in IR. **Journal of International Relations and Development**, 21, p. 495-522, 2018b.

LACAN, Jacques. God and the *jouissance* of the woman. **Feminine Sexuality: Jacques Lacan and the École Freudienne**, eds. In J. Mitchell & J. Rose. Nova York: Macmillan Press, 1982.

LACAN, Jacques. **O Seminário**, livro II, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **The Seminar of Jacques Lacan: Book XVII: The Other Side of Psychoanalysis**. Tradução de Jacques-Alain Miller. Norton, 2007.

LAWSON, Nigel. 2016. Britain Outside the EU Would Stand Tall as a Free and Prosperous Nation. **The Telegraph**. Disponível em: < <https://www.telegraph.co.uk/news/newstopics/eureferendum/12162009/Britain-outside-the-EU-would-stand-tall-as-a-free-and-prosperous-nation.html> > Acesso em 11 ago. 2022.

MANDELBAUM, Moran. ‘Making our country great again’: the politics of subjectivity in an age of national-populism. **International Journal for the Semiotics of Law – Revue internationale de Sémiotique juridique** 33: 451-476, 2020.

MANDELBAUM, Moran. The Brexit Fantasy. **E-IR**. 2016. Disponível em: < <https://www.e-ir.info/2016/06/28/the-brexit-fantasy/> > Acesso em 11 abr. 2021.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução por Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

MASON, Rowena. Nigel Farage: British Muslism ‘fifth column’ fuels fear of immigration. **The Guardian**, UK, UK politics, 12 mar. 2015. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/politics/2015/mar/12/nigel-farage-british-muslim-fifth-column-fuels-immigration-fear-ukip> > Acesso em 27 ago. 2022.

MATHIS, Carole. National symbols and emotions in the Brexit *Leave* Campaign. 30 ago 2019. Thesis for Political Sciences. Université Grenoble Alpes, Sciences Po Grenoble, 2019.

MCKENZIE, Lisa. ‘It’s not ideal’: Reconsidering ‘anger’ and ‘apathy’ in the Brexit vote among na invisible working class. **Competition & Change**, 21(3), p. 199-210, 2017.

MENON, Anand. Uniting the United Kingdom. **Foreign Affairs**, 6 jul. 2016. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-kingdom/2016-07-06/uniting-united-kingdom> > Acesso em 2 jul 2022.

MERCER, Jonathan. 'Emotional beliefs.' **International Organization** 64 (1): 1-31, 2010.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. Tradução por Daniel de Mendonça. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUFFE, Chantal. The 'End of Politics' and the Challenge of Right-Wing Populism. In: PANIZZA, Francisco (org.). **Populism and the mirror of democracy**. Londres: Verso, 2005.

MÜLLER, Jan-Werner. 'The people must be extracted from within the people': reflections on populism. **Constellations**, Vol. 21, Nº 4, 2014. Disponível em: < <https://www.princeton.edu/~jmueller/Constellations-Populism-JWMueller-March2014-pdf.pdf> > Acesso em 09 jan. 2021.

NAGEL, Caroline. Populism, immigration, and the Trump phenomenon in the U.S. 2018. IN: BURRELL et al. Brexit, race and migration. **Environment and Planning C: Politics and Space**, 2018.

NEW, Ash. Brexit: The Uncivil War showed us how the EU Referendum was won with Data Science. **Towards Data Science**. 11 jan. 2019. Disponível em: < <https://towardsdatascience.com/brexit-the-uncivil-war-showed-us-how-the-eu-referendum-was-won-with-data-science-3d727ee03fc0> > Acesso em 28 jun 2022.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ÖZLEM, Ece; NADEAU, Richard; BÉLANGER, Éric. Framing risky choices: how the *Leave* Campaign convinced Britain to take a leap into the unknown. **LSE**, 3 nov. 2020. Disponível em: < <https://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2020/11/03/framing-risky-choices-how-the-Leave-campaign-convinced-britain-to-take-a-leap-into-the-unknown/> > Acesso em 2 jul. 2022.

PARKER, George. Brexit: the uncivil war, Channel 4 – review. **Financial Times**, 3 jan. 2019. Disponível em: < <https://www.ft.com/content/8c0fac12-0f56-11e9-a3aa-118c761d2745> > Acesso em 24 ago. 2022.

PARUTIS, V. White, Europeans, and hardworking. East European migrants' relationships with other communities in London. **Journal of Baltic Studies** 42(2): 263-288, 2011.

PETTIFOR, Ann. Brexit and its consequences. **Globalizations**, 14(1), 127-132, 2016.

REUTERS. Triumph for ‘Brexit’ Nigel Farage, British scourge of the EU. 24 jun 2016. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/us-britain-eu-farage-triumph-idUSKCN0ZA2JT> > Acesso em 11 ago. 2022.

ROBERTS, Sara. Fireworks, flags and signs: voices from the street of post-Brexit Britain. **Dossiê**, Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(59.1): 491-506, jan./abr. 2020.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANDBU, Martin. **The Economics of Belonging**: a radical plan to win back the left behind and achieve prosperity for all. Oxford: Oxford Press, 2020.

SANDRIN, Paula. Symptomatic Enjoyment: a postcolonial and psychoanalytic interpretation of Turkey’s relations with the European Union. **Journal of International Relations and Development**, February, 2020.

SANDRIN, Paula. The rise of right-wing populism in Europe: a psychoanalytical contribution. In: GUILHERME, B. et al. (orgs.). **Financial crisis management and democracy**, 2021.

SHILLIAM, Robbie. **Race and the undeserving poor**: from abolition to Brexit. Newcastle upon Tyne: Agenda Publishing, 2018.

SILVA, Pedro Henrique. “**Whatever you say, say nothing**”: o impacto do Brexit no processo de paz da Irlanda. Dissertação Mestrado. PUC-RIO, 2019. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/45724/45724.PDF> > Acesso em 05 dez. 2021.

SOLOMON, Ty. “I Wasn’t Angry, Because I Couldn’t Believe It Was Happening”: Affect and Discourse in Responses to 9/11’. **Review of International Studies** 38 (4): 907–28, 2012.

SOLOMON, Ty. **The politics of subjectivity in American foreign policy discourses**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

STAVRAKAKIS, Yannis. **Lacan and the Political**. New York: Routledge. 1999.

STAVRAKAKIS, Yannis. **The Lacanian Left**. New York: Routledge, 2020.

STEPEHENS, Angharad. Feeling “Brexit”: nationalism and the affective politics of movement. **GeoHumanities**, 2019.

STEWART, Heather. MASON, Rowena. Nigel Farage’s anti-migrant poster reported to the police. **The Guardian**, Brexit, 16 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/politics/2016/jun/16/nigel-farage-defends-ukip-breaking-point-poster-queue-of-migrants> > Acesso em 24 ago. 2022.

SUDARSHAN, Rohit. Understanding the Brexit Vote: the impact of Polish immigrants of Euroscepticism. **Humanity in Action**, 2017. Disponível em: < [https://humanityinaction.org/knowledge\\_detail/understanding-the-brexit-vote-the-impact-of-polish-immigrants-on-euroscepticism/](https://humanityinaction.org/knowledge_detail/understanding-the-brexit-vote-the-impact-of-polish-immigrants-on-euroscepticism/) > Acesso em 26 ago. 2022.

THE ECONOMIC VOICE. Outside the EU, the world is our oyster, and the Commonwealth is its pearl. 14 mar. 2016. Disponível em: < <https://www.economicvoice.com/outside-the-eu-the-world-is-our-oyster-and-the-commonwealth-is-its-pearl/> > Acesso em 26 ago. 2022.

TROITIÑO, David; KERIKMÄE, Tallinn; CHOCHIA, Archil. Introduction. IN:\_\_\_\_\_. **Brexit: history, reasoning and perspectives**. Cham: Springer, 2018.

UKIP PARTY. UKIP MANIFESTO, 2015. Disponível em: < <https://d3n8a8pro7vnm.cloudfront.net/ukipdev/pages/1103/attachments/original/1429295050/UKIPManifesto2015.pdf> > Acesso em 16 ago. 2022.

UKIP PARTY. UKIP MANIFESTO. 2015. Disponível em: < <https://d3n8a8pro7vnm.cloudfront.net/ukipdev/pages/1103/attachments/original/1429295050/UKIPManifesto2015.pdf> > Acesso em 22 ago. 2022.

VAN RYTHOVEN, Eric; SUCHAROV, Mira. Introduction: Parsing the passions. In:\_\_\_\_\_. (orgs.) **Methodology and Emotions in International Relations**. Nova York: Routledge, 2019.

VOTE LEAVE. Briefing: Security – vote Leave is the safer option. **Why vote leave**, 2016. Disponível em: < [http://www.voteleavetakecontrol.org/briefing\\_safety.html](http://www.voteleavetakecontrol.org/briefing_safety.html) > Acesso em 18 ago. 2022.

VOTE LEAVE. Briefing: The EU immigration system is immoral and unfair. **Why vote leave**, 2016. Disponível em: < [http://www.voteleavetakecontrol.org/briefing\\_immigration.html](http://www.voteleavetakecontrol.org/briefing_immigration.html) > Acesso em 18 ago. 2022.

VOTE LEAVE. **Why Vote Leave**, take back control, 2016. Disponível em: < [http://www.voteleavetakecontrol.org/why\\_vote\\_leave.html](http://www.voteleavetakecontrol.org/why_vote_leave.html) > Acesso em 24 ago. 2022.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. **The Anatomy of Prejudices**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Looking Awry**: an introduction to Jacques Lacan through popular culture. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

ŽIŽEK, Slavoj. **Tarrying with the negative**: Kant, Hegel and the critique of ideology. Durham, NC: Duke University Press 1993.